

#1 DA SÉRIE MEDINA-BECKER COM MAIS DE
TRÊS MILHÕES DE LEITURAS NO WATTPAD

BRUNA • FONTES

SOB O

MESMO TETO





SOB O

MESMO TETO

BRUNA • FONTES

3ª edição



SOB O MESMO TETO

Título original: Sob o mesmo teto
Copyright © 2016 by Bruna Fontes

Todos os direitos reservados pela editora Duplo Sentido Editorial. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

1ª edição – Agosto de 2016
3ª edição – Maio de 2017

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Diretor Editorial
Juliana Sobreira Catalão

Preparação de texto e revisão
Marcele Cambeses
Tamara Soares

Revisão
Juliana Sobreira Catalão
Vanessa Monteiro

Ilustrador
Vanessa Leal Nunes

Diagramação e capa
Gabriella Regina

Projeto gráfico
Bruna Fontes
Gabriella Regina

ISBN
978-85-92815-05-9

Créditos completos: páginas 30-31, 309.

Poema de Carlos Drummond de Andrade 1902-1987, usado com permissão da Agência Riff.

www.carlosdrummond.com.br

NO MEIO DO CAMINHO – In: Alguma Poesia, de Carlos Drummond de Andrade,
Companhia das Letras, São Paulo; Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond

DUPLO SENTIDO EDITORIAL
E-mail: duplosentidoeditorial@gmail.com
www.duplosentidoeditorial.com



@duplosentidoED

*A todos os habitantes
da Cova Coletiva.*

Índice

PARTE 1

1. ____ [Marido Número Três](#)
2. ____ [Ponte Aérea](#)
3. ____ [Pedra no Caminho](#)
4. ____ [Pegadinha](#)
5. ____ [Inimigo de Estado](#)
6. ____ [Banheiro](#)
7. ____ [Borboletas Sempre Voltam](#)
8. ____ [Tiro no Escuro](#)
9. ____ [Voltando pro Futuro](#)
10. ____ [Cinco Sílabas](#)
11. ____ [Família](#)
12. ____ [Interesse Romântico](#)
13. ____ [Sensação Adolescente](#)
14. ____ [Perdida](#)
15. ____ [Amantes Desafortunados](#)
16. ____ [Nós Não Somos Irmãos!](#)
17. ____ [Parque de Diversões](#)
18. ____ [No Escurinho do Cinema](#)
19. ____ [É Loucura](#)

PARTE 2

20. ____ [Encontros](#)
21. ____ [A Máscara Caiu](#)
22. ____ [Nosso Planeta](#)
23. ____ [Nota Vermelha](#)
24. ____ [Cama de Gato](#)
25. ____ [O Presente](#)
26. ____ [O Rio de Janeiro Continua Sendo](#)
27. ____ [Lobo Mau](#)
28. ____ [Relações Familiares](#)

- [29. _____ Ruínas](#)
- [30. _____ Irrefreável](#)
- [31. _____ Batalha de Bandas](#)
- [32. _____ Gatilho](#)
- [33. _____ Prazo de Validade](#)
- [34. _____ 21 de Outubro de 2015](#)
- [35. _____ Pesadelo](#)
- [36. _____ Tortura](#)
- [37. _____ Somos Tão Jovens](#)

[PARTE 3](#)

- [38. _____ Desnamorar](#)
- [39. _____ Final Feliz](#)
- [40. _____ O Futuro](#)
- [41. _____ Vida Que Segue](#)
- [42. _____ Meu Lar](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

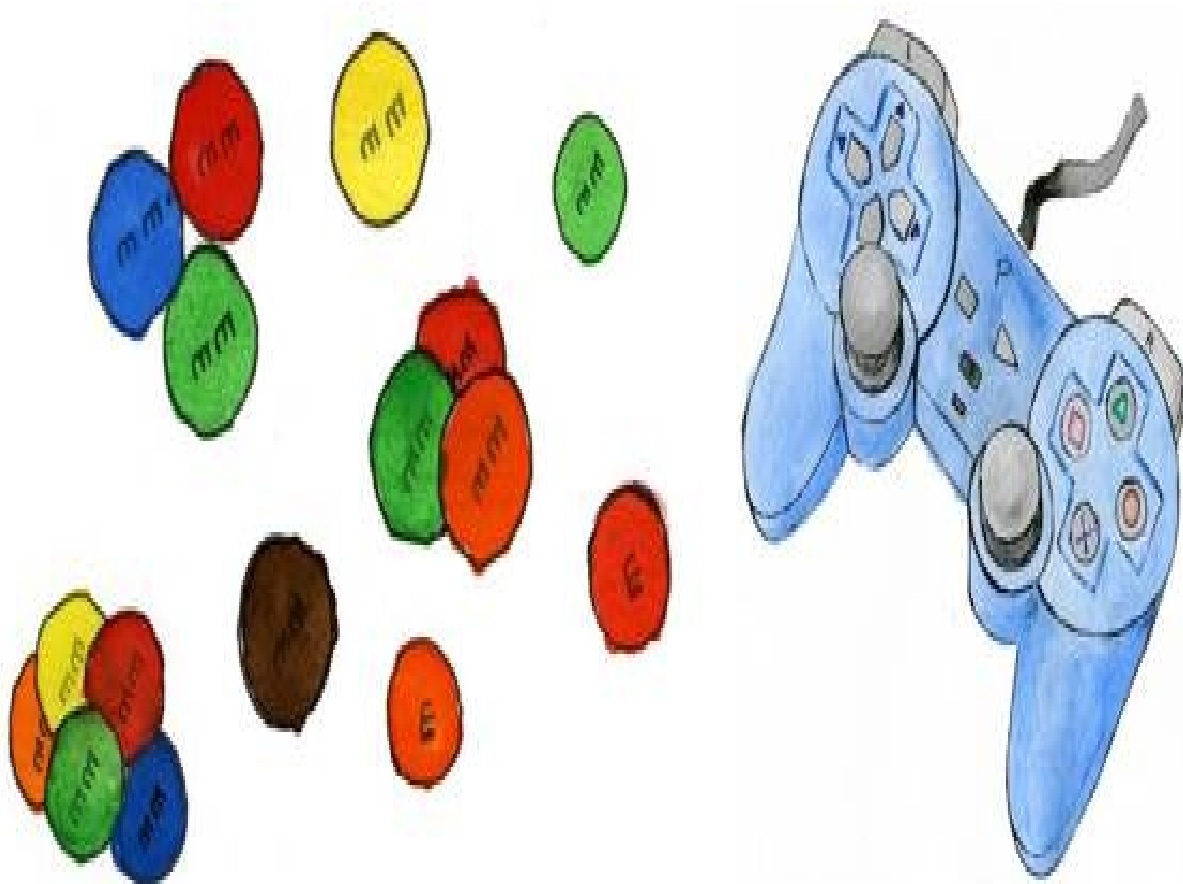
[Sobre a autora](#)

[Conteúdo Extra](#)

[Próxima Parada](#)



PARTE 1



Bem, o que eu posso dizer? Não acredito em coincidências.

Também não acho que toda a nossa vida esteja escrita em um livro divino, mas acredito que as coincidências, na verdade, são oportunidades. São portas que a vida abre para coisas boas ou ruins acontecerem, como uma placa escrito “ei, olhe só para isso” e aí cabe a ti ignorar ou não.

Geralmente eu não ignoro. Porque a vida é curta demais para ser desperdiçada com hesitações.

Meu nome é João Augusto e tudo o que eu sempre quis foi ser livre.

Talvez seja errado eu dizer isso, dá a impressão de que eu vivo em algum tipo de prisão. A verdade é que eu tenho uma vida muito boa. Tenho uma casa confortável, amigos leais, uma família grande e unida. Meu pai é o meu maior herói e, mesmo que a minha mãe não esteja mais entre nós, minha família

continua sendo bonita.

Mas há algo no mundo que eu vejo que me faz querer ser grande como ele. Tenho vontade de conhecê-lo, de contar histórias de outras culturas. De ver com meus próprios olhos as realidades tão distantes da minha que parece impossível vivermos no mesmo planeta.

Tudo o que eu nunca quis foi viver uma vida medíocre, igual à de todo mundo, porque é “assim que tem que ser”.

Quem foi que disse isso, camarada? Da minha vida cuido eu. Ninguém chega a lugar nenhum pensando dentro de uma caixa e nem todo o dinheiro do mundo é capaz de comprar felicidade.

Mas tudo o que eu tenho ouvido desde que comecei o último ano do colégio é o mesmo discurso batido: “estude, passe em uma universidade boa para que tu possas trabalhar pelos próximos quarenta anos e ganhar um salário gordo”.

Decida o seu futuro, João Augusto.

O tempo está passando.

O tempo está passando, decida seu futuro.

Dezessete anos de vida aparentemente são o tempo limite para se escolher como ela será até que eu morra. Tudo está acelerado, vinte e um anos já é velho, trinta é muito idoso. Ai de mim chegar aos trinta sem ter minha vida completamente estabelecida e enraizada em um lugar qualquer, trabalhando muito, ganhando muito, vivendo muito... Pouco.

O que eu quero pra mim é ser livre.

Livre pra poder escolher e fazer o que eu quero no meu próprio tempo.

— Então nos conte sobre a nova família, eles já chegaram? — Ingrid perguntou, dando um gole em seu milk-shake de banana com canela.

Ah, a nova família.

Eu ainda não os conhecia, mas eles já deveriam ter chegado lá em casa. Meu pai estava tão feliz que parecia ter virado criança de novo. No início eu achava estranhas as idas repentinas dele ao Rio então nem me surpreendi quando ele disse que estava namorando a professora do Eduardo.

Mas quando ele deu a notícia de que juntaria as escovas de dente com ela e traria não só ela, mas também os seis filhos, pra morar conosco, foi um choque generalizado dentro de casa. Quer dizer, quem faz uma coisa dessas? Juntar dez crianças e adolescentes desconhecidos dentro da mesma casa tendo que aprender a conviver como irmãos assim do nada?

Ele só podia estar mesmo muito apaixonado. E, apesar de eu ter ficado meio abalado com a coisa toda, também não conseguia não ficar feliz pelo meu pai ter achado alguém especial de novo.

É claro que nem todos os meus irmãos pensavam como eu.

Eduardo sempre foi a favor, afinal, ele idolatrava aquela professora. Patrícia também não se opôs, mas Stella estava muito magoada e Leo muito emburrado. Acho que não é fácil para todo mundo ter a família mexida e revirada de cabeça para baixo assim tão de repente.

De qualquer maneira, por mais que eu apoiasse o meu pai e tudo mais, eu não estava realmente interessado na nova esposa e nos novos irmãos. Meu pai sempre reclamou da minha falta de interesse pelas coisas e talvez ele estivesse certo. Talvez eu fosse relaxado até demais, até mesmo um pouco irresponsável.

Mas todo mundo tem os seus defeitos.

— Acho que sim, mas eu ainda não os conheci — respondi, encolhendo os ombros. — Vou fazer isso quando chegar em casa.

— Não satisfeito em ter te comprado uma cidade, seu pai também comprou uma nova família. Como te sentes? — disse Diogo no seu humor negro característico.

Eu revirei os olhos, fazendo-o rir. Ele era um desgraçado fanfarrão. Mas o melhor amigo que já tive na vida.

Eu não tinha culpa se meu pai era um grande latifundiário e dono de muita coisa dentro de Assunção, a nossa cidadezinha. Ele foi esperto e soube usar o dinheiro e as terras que meu avô deixou de herança, transformando o legado da família em algo muito maior do que já era antes.

Eu não gostava muito da atenção que recebia por causa disso. Quer dizer, o meu pai é o cara foda, não eu. Eu sou apenas o segundo filho, aquele que é

desinteressado e vive a vida sobre as rodas de um skate e atrás das cordas de um violão. Aquele que vai rodar o mundo e tentar encontrar a si mesmo, pra enfim saber o que fazer dali pra frente.

Eu não era Eduardo, o grande prodígio. Nem meu pai, o grande investidor bem-sucedido.

Eu era apenas o João e também o Guto.

— Estou brincando, velho. Você sabe, né? — Diogo sorria para mim com todos os seus dentes.

— Eu sei. Tu não consegues evitar ser um idiota.

Ele apontou um dedo para mim e piscou.

— Esse é o meu piá, me conhece como ninguém.

— Ei! — Ingrid, a namorada, protestou, e ele lhe deu um beijo na têmpora.

Era estranho que os meus melhores amigos fossem namorados? Era. Mas tu te acostumas com o tempo.

— Eita, olha só aquela guria entrando no pátio — Ramon, meu outro grande amigo e a terceira ponta da tríplice masculina, disse. Todos nós o seguimos com o olhar e encontramos uma guria baixinha, de cabelos vermelhos, que eu nunca tinha visto na vida.

— O que exatamente...

— A camisa dela — ele começou a rir. — Tem a mesma frase tosca da camisa que o João está usando.

Desci o olhar para a camiseta da garota e notei que lá estava escrito “tinha uma pedra no meio do caminho”, frase do poema do Carlos Drummond de Andrade que também estava na minha roupa — só que na minha era “no meio do caminho tinha uma pedra”.

Simpatizei com ela logo de cara.

Ela tinha um olhar meio fascinado no rosto e seu cabelo vermelho brilhava intensamente. Que cabelo *bonito* ela tinha, era daquele tipo que tu não conseguias não ficar olhando, mesmo quando ela se virou de costas e entrou no

prédio do cinema.

— Coincidência, hein? — disse Ingrid enquanto fazia cafuné no namorado idiota. — Sua alma gêmea.

Eu não acreditava em coincidências.

— Tu devias ir falar com ela — Ramon sugeriu, pegando as últimas batatas fritas da nossa porção. — Os dois têm o mesmo gosto estranho para camisetas.

Eu ri, ainda olhando para a porta do prédio onde ela havia entrado. Será que iria assistir algum filme?

— Ah é, eu vou chegar na guria e dizer “ei, olha só, nossas camisas são iguais!”. Ela vai me achar um imbecil.

— Nada que não seja verdade — Diogo me provocou e eu mostrei meu dedo do meio pra ele.

Mas confesso que fiquei tentado a ir mesmo falar com ela. Não sou o tipo de cara envergonhado.

— Vamos tornar isso divertido. — Diogo estava tendo ideias e isso nunca era bom. — Aposto vinte dilmás que tu não *tem* coragem de ir lá recitar esse poema aí pra ela.

Ramon e Ingrid entraram na brincadeira, se entusiasmando com a oferta do Diogo.

— Não vou apostar dinheiro contigo, seu merda — eu joguei uma batata frita em cima dele, que não se deixou intimidar.

— Bom, eu duvido que você vá — Ramon me provocou também.

— Pois eu não vou mesmo — falei, embora estivesse pensando em ir.

— Melhor, esqueça o dinheiro. Se ela aparecer agora na porta do prédio, tu vais. Se não, tu não vai.

— Muito justo — Ingrid botou pilha.

— Aposto que ela não vai aparecer — eu falei, mas queria que ela aparecesse então eu poderia ir.

— Eu aposto que ela vai — Diogo e Ramon falaram quase em uníssono e eu ri.

— Pois bem — descansei na cadeira, cruzando os braços. — Vamos esperar.

Nós quatro encaramos a porta do cinema em expectativa.

— 5...

Diogo começou a contagem e eu senti vontade de rir de novo porque aquilo era ridículo.

— 4...

Ingrid continuou e eu fiquei impaciente.

— 3...

Foi a vez de Ramon e eu me peguei pensando que ficaria decepcionado se ela não aparecesse.

— 2...

Ela não vai aparecer.

— 1...

Ela não v... *Lá estava ela.*

Com seus cabelos ruivos e a camisa azul com a frase do Drummond que a destacou no meio das outras pessoas. Que coincidência eu ter escolhido justo aquele dia para usar aquela camisa e ela ter pensado a mesma coisa quando saiu de casa.

Hoje é um bom dia para vestir poesia.

Só que eu não acreditava em coincidências. E eu simplesmente não as ignorava.

De modo que me levantei daquela cadeira pensando que faria papel de palhaço recitando um poema que eu amava para uma completa estranha, mas me senti ansioso para fazer isso. Empolgado, até.

Eu não sabia quem ela era, eu não sabia nada sobre ela além da sua baixa estatura, os cabelos ruivos e o seu gosto por poesias e camisetas engraçadinhas.

Ela devia ter um bom senso de humor e me parecia ser o tipo de pessoa que tem sempre uma resposta afiada na língua, pelo modo como olhava ao redor de um jeito intenso, expressando uma personalidade forte.

É claro que eu poderia estar muito enganado, mas naquele momento em que senti um frio na barriga antes de abrir a boca, ao olhar os olhos castanhos dela, o que eu mais gostava sobre ela era o fato de não conhecê-la.

— Tinha uma pedra no meio do caminho — falei diante da guria, que precisou levantar a cabeça para me fitar diretamente nos olhos.

A expressão de confusão em seu rosto me divertiu, mas levou apenas um segundo para ela se dar conta do que eu estava fazendo. Ela olhou para baixo, para sua própria camisa e soltou uma risada entretida. Quando percebi que suas bochechas estavam coradas, no momento em que ela encontrou meu olhar de novo, a minha simpatia inicial se transformou por completo em atração.

Naquele pequeno momento eu tive certeza de que fiz a coisa certa em vir até aqui fazer papel de bobo diante dela.

Talvez fosse só isso, um momento que chega e se esvai e quando ela abriu a boca para responder eu percebia que vir até aqui não foi grande coisa assim. Talvez o encantamento inicial de se apresentar a uma estranha se encerre e eu volte para meu grupo de amigos apenas com um trabalho cumprido.

Mas pode ser que esses cabelos ruivos se mostrem um enigma que vale à pena ser desvendado. Pode ser que essa coincidência, que na verdade é uma oportunidade, seja uma das que eu penso “graças a Deus eu não ignorei”.

Enquanto eu olhava nos olhos castanhos dela e adorava suas bochechas coradas por minha causa, meu instinto dizia que esse seria um caso da segunda opção.

Ela disse:

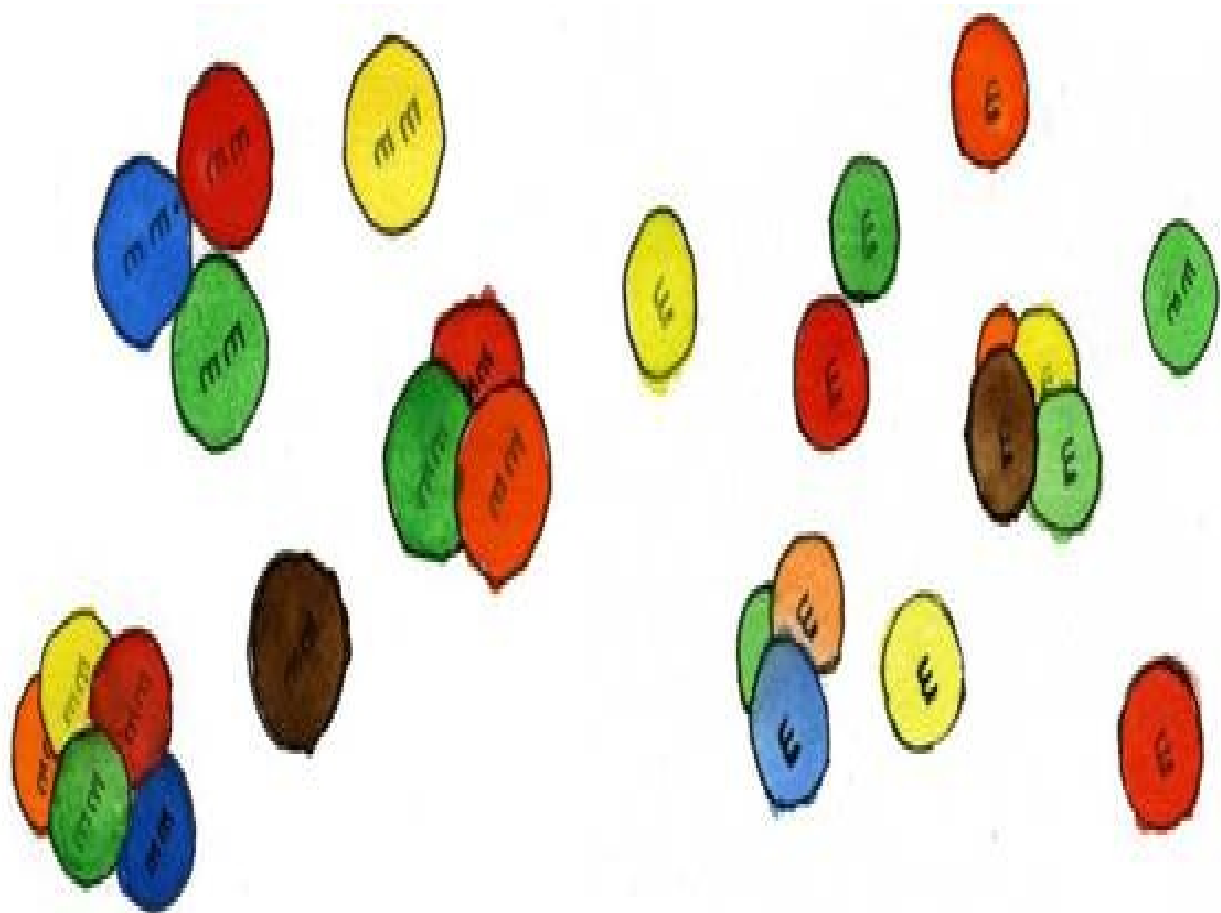
— Muito bem, o poema está na ponta da língua.

Uma pessoa que tem respostas afiadas, de fato. Eu quase ri com o meu palpite certo. Mas o que fiz em seguida foi abrir o meu casaco e mostrar a ela que nossas camisas eram gêmeas.

— Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas

fatigadas — eu continuei o poema, recitando sem tirar os meus olhos dos dela.

E o resto é história.



1. Marido Número Três

A verdade é que não existe dignidade em passar duas horas fuxicando as redes sociais da sua celebridade favorita.

Eu sei, eu admito. Eu tenho um problema e preciso de ajuda psicológica, mas saber que a Pixie Roxy ^[1] ganhou um flamingo de jardim da mãe no último natal e que ela e o namorado passaram bronzeador achando que era protetor solar na viagem ao Havaí é muito mais interessante.

Isso já aconteceu comigo uma vez. Não no Havaí, na praia da Barra mesmo. Meus amigos dizem até hoje que a pele laranja combinou bastante com meu cabelo castanho-avermelhado, que eu deveria investir nesse visual e tal. E foi assim que eu descobri que há pessoas falsas entre nós.

Meu irmão Hélio abriu a porta do meu quarto como se respeito não existisse mais nesse mundo. Ficou olhando pra mim com aquele olhar de desaprovação de pai enquanto eu o encarava de volta, deitada na cama com o notebook no meu colo sem mexer um músculo sequer.

Pega no flagra.

— O que você acha que está fazendo? — ele perguntou. Eu tinha medo daqueles olhos azuis na pele morena, principalmente porque ele era exatamente igual ao meu pai mesmo. Bonito, estatura mediana, maxilar saltado, cabelo castanho. Hélio e Apolo eram gêmeos idênticos, mas eu podia jurar que Apolo não parecia tanto com meu pai quanto Hélio. Vai entender.

— Não darei nenhuma declaração sem a presença do meu advogado.

Ele revirou os olhos e apertou mais a maçaneta da porta. Andava tão estressado ultimamente que parecia estar em um estado crônico de TPM, o que não era nada legal. Eu sabia que ele tinha razão em ficar deprimido, mas pelo amor Deus! A Julia não foi a primeira e nem será a última namorada que ele arranjará na vida.

— O caminhão chegou, a gente precisa levar as caixas lá pra fora. Mamãe está tendo um ataque nervoso e você aí deitada se graduando na vida da Pixie Roxy.

Culpada.

Sentei num pulo e fechei o notebook antes que ele entrasse e fizesse um escândalo sobre eu não ter comprometimento com nada na vida nem ajudar a família quando é preciso.

Em primeiro lugar, isso é uma grande mentira.

Como todos podem ver, sou muito comprometida em saber o que a Roxy comeu no café da manhã. Além do mais, eu fui a primeira a encaixotar tudo o que eu queria levar para a nova casa e não fiquei reclamando da lerdade de ninguém.

Mas Hélio estava de coração partido. E como todo irmão mais novo, quem pagava o pato era eu.

— Já estou indo. Mas pode mandar dizer a Hipólita que não vou carregar as coisas dela.

— Quem foi que te pediu alguma coisa, Quatro Olhos? — Hipólita apareceu atrás de Hélio como se tivesse ouvido o próprio nome. Ele deu passagem para nossa irmãzinha de quatorze anos e ela se agachou para pegar a primeira das suas caixas de coisas preciosas. Virou-se para mim, balançando os cachos falsos do cabelo loiro falso e me mediu dos pés à cabeça.

Tão patética.

— Você precisa de um bronzado — ela disse desdenhosa. Eu esquivei uma sobancelha.

— Se eu precisasse de um bronzado, teria nascido bronzeada.

— Calíope, vamos *logo* — Hélio me apressou impaciente e Hipólita empinou aquele nariz insuportável. Os dois saíram do meu quarto enquanto eu me levantava, sem a mínima vontade de viver.

Eu não estava exatamente animada para me mudar assim tão de repente, mas quando a gente tem uma mãe maluca, é isso o que acontece. Minha mãe está indo para o marido número três e eu não sei como ela pensa que isso dará certo. Uma mulher com seis filhos deveria descartar o cara no momento em que descobrisse que ele já possui cinco por si próprio. Mas não a minha mãe, aposto que foi aí que ela começou a se apaixonar pelo Otávio e cogitar começar uma

família com ele.

Uma família de onze filhos. Morando na mesma casa.

A não ser que eles estejam planejando montar um time de futebol, isso não soa muito bem.

É claro que todo mundo surtou quando mamãe veio com a novidade sobre a mudança. Depois de ter se casado com o Uruguaio sem teto que fazia malabarismo no sinal perto de casa, e feito duas filhas com ele, era difícil acreditar no bom senso da minha mãe para escolher maridos. Principalmente quando isso envolvia deixar tudo pra trás e mudar para tão longe sem nenhum plano B.

Essa mulher, ao invés de entrar na menopausa, estava ficando louca.

Alejandro era *mesmo* muito bonito, assim como o meu pai e o Marido Número Três. Mas o meu pai sempre foi um idiota, Alejandro... Bem, ele era contra tomar banho de chuveiro, parecia estar chapado vinte e quatro horas por dia, usava coletes de franjinha e... Não, eu não preciso dizer mais nada. Encerro o meu caso aqui e agora com esse comentário.

Levei minhas caixas para o quintal e ajudei minha irmã de onze anos, Maia, a terminar de carregar as suas. Apolo passou o braço pelos meus ombros, com aquele sorriso sacana nos lábios que fazia todas as meninas da face da Terra que não fossem eu, Hipólita, Maia e mamãe se derreterem. A gente não pode escolher a família que tem, mas crescer com um irmão gostoso (essa é a opinião dos outros, não a minha, que fique claro) que traz pra casa os amigos do time de futsal ainda mais gostosos (essa opinião sim pertence a mim) é sacanagem.

Hipólita e eu éramos como água e óleo, mas em uma coisa nós duas concordávamos: Diga *não* à política masculina de impedir os amigos de pegarem as suas irmãs mais novas.

— Que cara de bunda é essa, Cali?

— É a única cara que eu tenho — respondi de mau humor. Tudo o que eu menos precisava era o positivismo do Apolo numa hora dessas. Era fácil ser positivo quando você não liga de verdade pra nada além de manter o estoque de sorvete sempre cheio no congelador.

Não que eu esteja reclamando desse detalhe específico.

— Anime-se — ele sacudiu meus ombros. — Vai dizer que você nunca teve vontade de recomeçar em um lugar onde ninguém sabe quem você é? Conhecer outras pessoas...

Outras bocas, ele quis dizer.

— Sim. Mas eu vou sentir saudade dos meus amigos e do Rio — falei. Tentei não deixar transparecer o quanto aquilo importava, até porque nem eu mesma havia percebido isso até agora. Mas *importava*. Eu *iria* de verdade sentir saudade, até mesmo da minha casa e do quarto que dividi com Hipólita desde a infância. Era toda uma vida sendo deixada para trás, de certa forma, e aquilo era um tanto assustador para mim. Encolhi os ombros e Apolo puxou minha cabeça para dar um beijo.

— Eu nunca vi a mãe tão feliz assim — ele comentou, olhando para ela enquanto organizava as coisas. — Ela é doida, mas acho que dessa vez está fazendo a coisa certa.

Eu esperava realmente que sim.

— Está tudo aí dentro? — perguntou a doida, se controlando para não roer as unhas. Ela andava de um lado para o outro checando se estava tudo certo. O cabelo ruivo estava preso em um rabo de cavalo e ela pegou a última caixa das mãos de Hipólita e entregou para o motorista do caminhão.

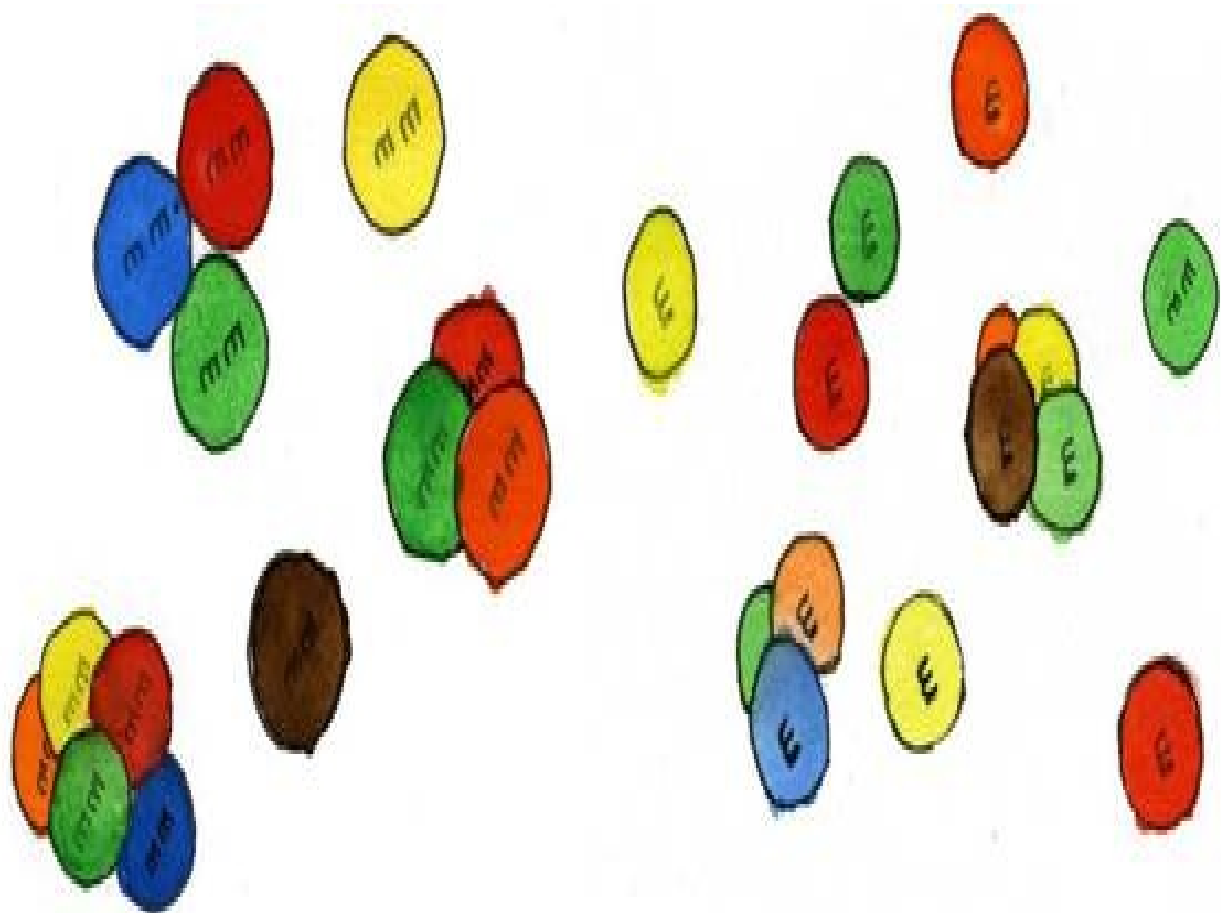
— Fique calma, Clara. As crianças já estão todas aqui — disse o meu avô, com toda sua tranquilidade, segurando Selene no colo. Ele se encarregaria de cuidar da nossa casa em Jacarepaguá enquanto nos estabilizávamos em Assunção, a cidadezinha no Paraná onde Marido Número 3 morava com sua prole.

Mamãe soltou um longo suspiro e olhou para cada um de nós. Os olhos dela se encheram d'água, pra variar, e ela abriu os braços e puxou todos para um abraço de família que amassou a minha cara e prendeu meu braço esquerdo em uma posição muito estranha.

— Vou pegar a minha bolsa e então podemos ir.

Tirei meu iPod do bolso da calça jeans e coloquei os fones de ouvido

enquanto entrávamos no carro. Tínhamos umas três horas de viagem pela frente e eu não fazia ideia do que encontraria quando chegasse lá. Talvez eu esteja seguindo em direção ao purgatório ou essa seja a melhor coisa que vai me acontecer na vida. Mas, no momento, a única coisa que eu queria era apoiar a cabeça no vidro do carro e pegar no sono até chegarmos ao aeroporto, ao som do *Mumford and Sons*.



2. Ponte Aérea

Meu nome é Calíope Medina e eu gosto de colecionar coisas. Coleciono marcadores de livros, cartões postais, chaves e ingressos de cinema. Também tenho um monte de *bottons*, paletas de violão, moedas de diferentes países, e muitas miniaturas de balões de ar quente — o que só tornou arrumar a mudança muito mais difícil.

Meu iPod ainda estava ligado quando pousamos no aeroporto de Curitiba às 14h45 de um sábado. Otávio estava lá, todo sorridente, quando saímos pelas portas de vidro da sala de desembarque com nossas malas. Nós já o conhecíamos de todas as vezes em que ele foi jantar lá em casa para tornar as coisas mais “oficiais”. Todo mundo gostava dele, pra ser sincera. O cara era o máximo. Mas ainda era estranho vê-lo como o futuro marido da minha mãe.

Talvez seja *exatamente* porque ele era decente demais. Ia contra todos os padrões que eu conhecia.

Bem, mas aqui estava eu. E aqui estava Otávio. E aqui estava Curitiba.

Ele e minha mãe trocaram um selinho e Apolo fingiu que ia vomitar do meu lado. Eu empurrei sua cabeça e ele começou a rir. Hélio revirou os olhos porque não conseguia entender como ainda poderia haver felicidade nesse mundo injusto que separa almas gêmeas. Pobrezinho.

— Como é bom vê-los todos de novo — ele disse com aquela simpatia toda e sotaque sulista. Até os olhos daquele homem sorriam, isso não podia ser possível. — As crianças estão ansiosas para o jantar de hoje. Finalmente toda a gangue estará reunida.

Eles bem que tentaram fazer isso antes, mas dois dos filhos do Otávio não puderam ir ao jantar preparado lá em casa. O menino pegou uma virose dessas horríveis e a menina tinha um compromisso qualquer. Foi um pouco estranho (ok, foi muito estranho), mas o filho mais velho do Otávio era tão político quanto o pai. Ele era o aluno preferido da minha mãe — o que também ajudava bastante — e manteve a conversa ativa na mesa do início ao fim. Ele queria ser professor de história assim como mamãe e continuaria morando no Rio pelo menos até terminar a faculdade.

Aqui vai o que eu sei sobre os outros quatro novos irmãos:

- 1) As meninas se chamavam Stella e Patrícia e eram gêmeas, mas não idênticas. Fariam dezesseis anos em agosto e Otávio estava preparando uma festa *daquelas*. Nós conhecemos a Patrícia e ela até que era legal, apesar de muito quieta.
- 2) Havia um garoto de dezessete anos, o que ficou doente, que eles chamavam de Guto e estava no último ano da escola igual aos meus irmãos.
- 3) O mais novo era Leo, doze anos. Parecia um futuro astro do futebol, mas quando abria a boca se tornava uma anomalia infantil que usava palavras como “formidável”.

E isso era tudo.

— Vamos andando porque ainda temos duas horas e meia pela frente até chegarmos a Assunção. Ah, eu tenho certeza de que vocês vão amar a cidade. — Otávio pegou a mala que Maia carregava e colocou Selene no colo, com uma intimidade assustadora. Minha irmãzinha de seis anos passou o braço pelo pescoço dele e fomos todos andando para o elevador.

Minha mãe e Otávio foram tagarelando no carro do início ao fim da viagem. Hipólita tentava ser agradável, daquele jeito falso dela que não me enganava nem um pouco. A verdade é que Hipólita puxava o saco do Marido Número 3 desde que descobriu que ele era um desses ricos de cidade pequena. Eu nunca tive muita paciência para essa irmã específica e os outros estavam tão interessados em conversar quanto eu. O que foi bom, porque desse jeito eu não seria a única.

Meu celular estava pipocando de mensagens dos meus amigos e eu respondi os grupos de conversa com a mesma resposta:

Nenhum terrorista sequestrou meu avião, para a felicidade geral.

Helô foi a primeira a responder, porque éramos melhores amigas e ela estava com o coração tão partido pela minha mudança quanto Hélio estava em relação à sua namorada. O que poderia soar meio perturbador, mas Helô sempre foi muito dramática. Ela fazia teatro e achava que o palco se estendia a qualquer lugar que ela pisasse.

Incluindo a internet.

Sua resposta foram cinco carinhas tristes e um protesto em letra maiúscula

sobre como era MUITO INJUSTO QUE EU FOSSE EMBORA.

Eu também achava injusto, principalmente porque eu finalmente iria desencilhar com o menino por quem tive uma queda durante dois anos inteiros. Era ele quem deveria ter sido o meu primeiro beijo, quem deveria ter me chamado para ir ao cinema assistir um filme de ação idiota qualquer e me pedido em namoro uma semana depois. Porque se fosse ele, eu teria aceitado ao invés de ficar pensando *nele*.

E agora, quando ele finalmente decide demonstrar interesse pela minha pessoa, eu estou indo embora. Sete anos de amizade e o cara escolhe o pior momento pra se tocar sobre o quanto eu sou incrível.

Minha mãe tinha todo o direito de encontrar o amor verdadeiro — pela terceira vez —, mas não é nada legal sabotar a vida amorosa da filha adolescente. Nada legal.

Cali: Vc sabe do Maurício?

Helô: Ele comentou com o Danilo que comentou comigo que ele ficou triste com sua partida. Acho que ele tinha comprado um presente pra vc.

Eu estava lendo direito? Meus olhos se arregalaram e eu digitei com rapidez.

Cali: UM PRESENTE PRA MIM? O QUE É?

Esperei impacientemente enquanto Helô digitava; aquela lerda. Meu coração deu um salto quando a mensagem veio.

Helô: Eu não sei! O inútil do Danilo não quis me dizer. Mas eu achei super fofo, miga. Ele não falou com vc?

Na mesma hora fui checar as outras conversas pra saber se tinha chegado alguma coisa, mas a última vez que nos falamos foi ontem às 22h53. Um papo estranho sobre discos voadores e viagens para Marte em um futuro próximo. Ele esteve online hoje às 9h, mas não me mandou nenhuma mensagem espertinha com frases de músicas de sertanejo universitário. Esse era o nosso lance. Mas ele estava tão quieto quanto eu gostaria que os cantores de sertanejo universitário ficassem.

E o meu coração doeu com a injustiça.

Outra mensagem da Helô chegou e eu abri rapidamente.

Helô: Ele sabe que vc embarcou hj e deve tá todo tristonho. Tenho certeza. Certeza absoluta.

Isso não parecia exatamente o que eu imaginava que ele faria, mas me deixei acreditar nas palavras da minha amiga. Afinal ela tinha muito mais experiência do que eu com meninos. E só de pensar nos cachinhos do Maurício, nos olhos castanhos dele tristes por minha causa, bem, isso me deixava feliz. O que me deixou preocupada logo em seguida porque eu estava feliz com a tristeza do cara que eu gosto.

Pessoas apaixonadas não fazem sentido. Vejam só a minha mãe.

— Olha Assunção aí! Chegamos, pessoal — anunciou Otávio, me tirando do transe de mais de duas horas em que estive conversando com Helô por mensagens.

Olhei pela janela bem na hora em que atravessamos um portal que dava as boas vindas à cidade. Passamos pelo centro charmoso enquanto Marido Número 3 bancava o guia turístico. Assunção era uma típica cidade de interior com uma praça simpática e uma igreja que toca suas badaladas a cada hora. Era toda arrumadinha, com várias árvores e bicicletários, faixas frescas pintadas na rua e pontos de ônibus organizados. As ruas eram lisas e o ar era gelado, apesar das flores. Embora se situasse no Paraná, ficava mais próxima de Santa Catarina do que da capital paranaense, e os seus habitantes tinham o sotaque carregado no famoso “sulistês”.

Eu não sabia o que esperar, mas certamente fui surpreendida.

— É aqui o cinema que você construiu, querido? — mamãe apontou para sua janela e eu olhei na mesma direção. Do lado de dentro de um muro de grades havia uma espécie de pracinha com um chafariz e um quiosque funcionando a todo vapor. O prédio em formato de L ficava ao lado e atrás, onde provavelmente reinava o cinema.

Eu sabia que Otávio era um bem feitor na cidade. Usava seu dinheiro para trazer lazer e cultura aos cidadãos e só não se candidatava a prefeito porque detestava política. Ele nos mostrou também o Skate Park que construiu e o Teatro que reformou, mas o cinema foi o grande vencedor a conseguir toda a minha atenção. Porque filmes eram praticamente a minha vida.

— Está funcionando hoje? — eu abri a boca pela primeira vez desde que entramos no avião e todo mundo olhou pra mim.

— Mas é claro — Otávio parecia exultante por eu ter dado uma abertura. Droga, agora ele conhecia a minha fraqueza. — Hoje é sábado, o cinema fica sempre cheio. Tu deverias passar aí mais tarde.

Ele virou uma curva e paramos em frente ao portão de um condomínio de casas. Abaixou o vidro e fez uma saudação para o porteiro, que nos deixou passar sem nenhum problema quando reconheceu Marido Número 3. Em pouco tempo paramos em frente à enorme casa de três andares que abrigaria uma família de dez filhos (já que o filho mais velho de Otávio não mora mais com ele), e descemos do enorme carro que só conseguiria transportar metade.

— Você conseguiu reformar tudo a tempo, hein? — mamãe comentou enquanto admirava a casa do lado de fora do portão, toda emotiva. Otávio se juntou a ela, pousando uma mão na parte de baixo das suas costas e lhe dando um beijo na têmpora. Eu os observava com a curiosidade de uma criança que descobre as coisas pela primeira vez.

— Tinha que ser perfeito — ele disse. — Eu e as crianças nos mudamos ontem, ainda está um pouco bagunçada. Mas é nossa.

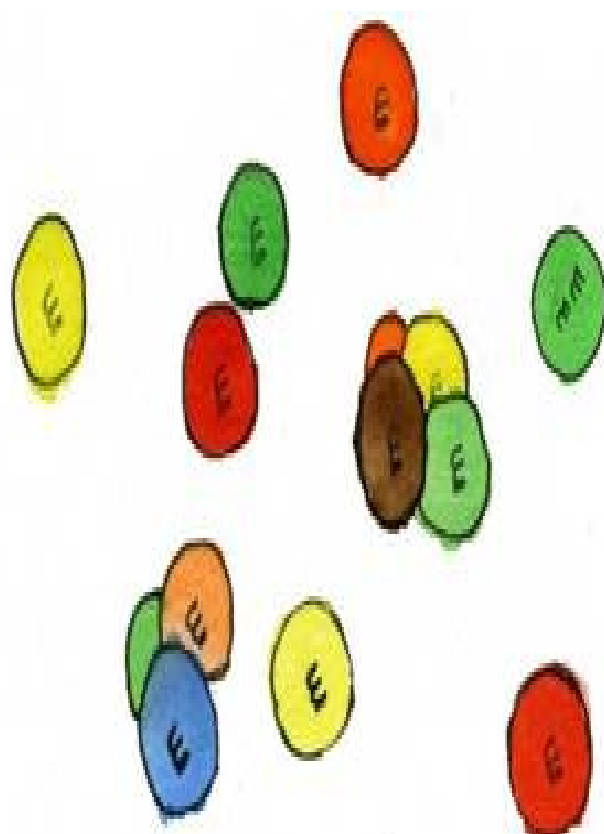
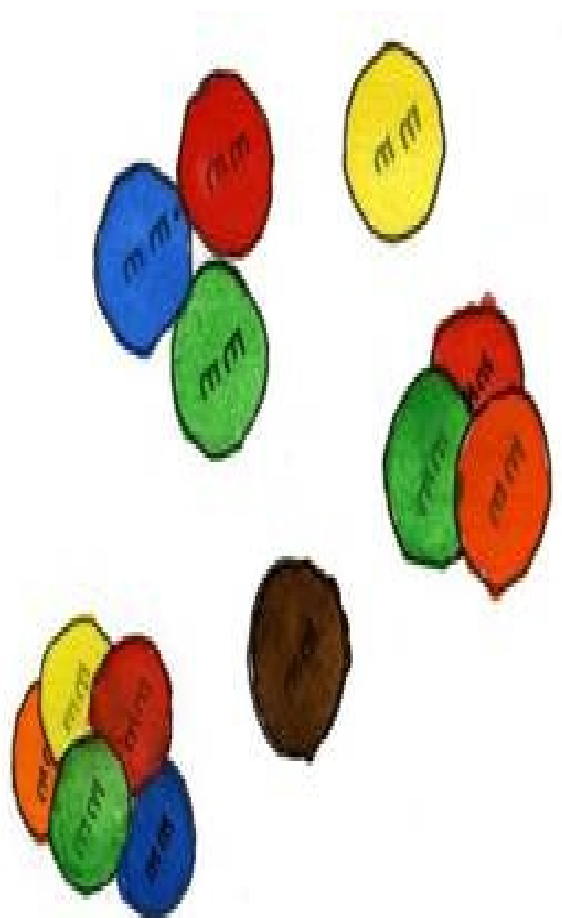
Mamãe assentiu e abriu um sorriso que seria capaz de iluminar o Mundo Inferior. Eu e meus irmãos nos aproximamos, Selene segurava minha mão, Hipólita parecia ter chegado ao paraíso e Apolo estava tão chocado quanto eu com o tamanho da casa. Ela parecia uma mansão de filme de terror, só que azul e feliz.

— Wow. Definitivamente eu vou gostar daqui — Apolo comentou de um jeito que só eu escutasse.

— Não banque a Hipólita agora — eu impliquei, brincando com ele. Hélio guardou o celular no bolso e Maia apontou para a porta quando Leo colocou a cabeça para fora.

Eu mordi o lábio e chequei meu celular de novo para saber se Maurício havia me respondido. Nada. Suspirei e deixei meus ombros caírem. Eu precisava me desapegar de qualquer maneira.

— Vamos entrar? — chamou Otávio.



3. Pedra no Caminho

Veja bem, eu não estou interessada no dinheiro do Marido Número 3, mas eu também não sou de ferro. Seu precioso dinheiro pôde comprar um quarto só pra mim e pela primeira vez na minha vida eu não teria que dividi-lo com Hipólita.

Fizemos um *tour* pela nossa nova residência recém-reformada por Otávio. A cozinha e a sala de estar eram gigantescas e nós agora tínhamos uma sala de jantar e uma biblioteca. Chique.

No segundo andar ficava a suíte do casal, o quarto dos gêmeos, o das gêmeas e o das crianças. O meu, o de Hipólita, o do Leo e o do Guto ocupavam o terceiro. Nós pegamos nossas malas no carro e levamos para nossos respectivos cantinhos sagrados e eu não consegui esconder o quanto estava feliz com a privacidade repentina. Pela primeira vez.

Uma garota pode degustar a vitória iminente de conseguir ficar sozinha em uma casa de doze pessoas. Ah, pode sim.

Mas eu não tinha muito que fazer, já que não estava a fim de desfazer as malas e o caminhão com o resto das nossas coisas só chegaria amanhã. Tirei meu notebook da mala e o coloquei em cima da escrivaninha, assim como minha luminária em formato de boca que jamais viajaria para outro estado dentro de um caminhão de mudança. Tentamos não ficar ofendidas com a insinuação da minha mãe sobre isso, mas felizmente estávamos superando juntas.

Olhei ao redor das quatro paredes, satisfeita demais por tudo ali dentro ser apenas meu. Ele ainda estava praticamente vazio, fora a cama, a escrivaninha, a estante e a porta do armário embutido, mas em breve teria toda a minha personalidade. Não era o quarto mais espaçoso da casa, mas a enorme janela dava para o telhado em cima da pequena varanda do segundo andar. De modo que eu poderia sair e sentar no telhado, se eu quisesse.

Bem, essa era uma teoria que eu iria testar assim que voltasse para casa. Porque o cinema da cidade me esperava.

Desci as escadas saltitando e cruzei com Hipólita antes de sair.

— Aonde você vai? — ela questionou.

— Se mamãe perguntar, eu fui dar uma volta.

Não esperei que minha irmã respondesse e bati a porta na cara dela. O condomínio do Otá... O nosso novo condomínio era grande, mas eu não estava interessada nele no momento. Dei um sorriso ao porteiro quando saí e refiz o caminho que percorremos do cinema até aqui. Era pertinho. Eu segui adiante com um olho na cidade e outro no celular — caso Maurício resolvesse, sei lá, me mandar uma mensagem dizendo que a vida dele jamais seria a mesma sem mim.

Passei pelo Skate Park, cheio de garotos e garotas fazendo manobras, e pela pracinha da cidade. Apressei o passo quando cheguei perto das barras de ferro dourado do cinema, até passar pelo portão. Era fim de tarde e as mesas do quiosque estavam metade cheias — principalmente de jovens. Algumas crianças corriam pelo pátio e um casal flertava sentado na borda do chafariz. Havia um segurança na porta de vidro que dava para dentro do prédio em formato de L.

Fui até lá e o cheiro de pipoca com manteiga me invadiu no momento em que pisei no carpete vermelho. A bilheteria ficava de um lado e a *bomboniére* do outro. Dei uma olhada nos filmes e fiquei surpresa por serem os mesmos dos cinemas das cidades grandes. Ponto para Assunção.

Li todos os cartazes: os das próximas estreias, os sobre as sessões especiais de filmes franceses, os dias especiais de filmes antigos. O Rei Leão passaria nesse domingo e eu soube naquele momento que precisava vir assistir. As luzes e as cores abundantes me deixaram impressionada, como se eu estivesse no meio de um desses cinemas de rua tão raros hoje em dia. Na verdade, eu estava. O que me impressionava mesmo era o cinema ser em Assunção.

Marido Número 3 era o cara.

E ele estava certo, o lugar estava cheio. As filas e o barulho abafado eram grandes. Eu sabia que não poderia assistir nada hoje de qualquer maneira, então saí de volta para o pátio. Um garoto estava se exibindo com o skate para os seus colegas e uma criança voltava chorando com o joelho ralado para a mesa onde os pais conversavam com outros adultos. O sotaque sulista ecoava para todos os lados e o vento de inverno estava gelado. Eu suspirei, pegando meu celular e mandando uma mensagem para Helô. Era mais fácil lidar com um novo e desconhecido lar enquanto eu conversava com a minha melhor amiga.

— Tinha uma pedra no meio do caminho — falou uma voz na minha frente e eu levantei a cabeça, assustada.

Um garoto muito mais alto do que eu estava parado diante de mim com uma cara inegável de skatista. Ou seja, cabelo bagunçado, tênis Adidas, bermuda caindo levemente da cintura e um casaco de moletom. Skatista escrito de cima a baixo.

— O que você disse?

— Tinha uma pedra no meio do caminho — ele repetiu e abriu um sorriso de lado como se estivesse achando graça de uma piada que eu não entendia.

Eu estava prestes a perguntar qual era o problema dele quando o raio da sabedoria me atingiu. Olhei para baixo, para minha própria camisa com a frase icônica do Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra”. Soltei uma risada e minhas bochechas coraram quando meus olhos se encontraram com os dele novamente.

— Muito bem, o poema está na ponta da língua.

Ele estendeu um dedo me pedindo para esperar um minuto e começou a abrir o zíper do seu casaco. Eu congelei. Ele estava se despindo bem na minha frente, será que esse era algum tipo de saudação sulista que eu desconhecia? Eu não sabia para onde olhar, mas quando ele afastou o casaco, a frase na sua camisa ficou visível.

Tinha uma pedra no meio do caminho.

— Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas fatigadas — ele continuou e meus olhos saltaram para fora. — O resto do poema — ele explicou, balançando a cabeça e fechando o zíper do casaco de volta. — Pelo visto eu sou o único que o tem na ponta da língua — ele me provocou, rindo de mim.

— Ora, me desculpe pela minha ignorância — respondi um pouco mais nervosa do que eu gostaria. E não soube mais o que dizer. Ele era bonito, eu notava agora. Não um galã de novela mexicana, mas... Bonito. E alto. E falando comigo. Cocei a garganta. — Na verdade você pode culpar o próprio Drummond por escrever uma frase tão icônica que ofusca as outras.

— A maioria das pessoas nem se lembra de quem é o autor, então eu te perdoo por isso — ele disse. — E também porque meu pai só me deixava andar de skate se eu recitasse um poema pra ele quando eu era criança.

— Que pai legal você tem — fui sincera. — Até mesmo os esportistas precisam de cultura.

Ele ficou me olhando por um segundo inteiro que fez todo o sangue do meu corpo migrar para minhas bochechas.

— Obrigado por reconhecer que skate é um esporte.

— Na verdade eu só não consegui pensar numa palavra melhor — as palavras saíram da minha boca rápido demais e o meio sorriso estava de volta no canto dos lábios dele.

— Essa doeu.

Eu dei de ombros, como se não pudesse evitar o inevitável.

— É o meu jeitinho — eu disse. — E já que estamos agradecendo, obrigada por notar a minha camiseta. Estou lisonjeada.

— Na verdade — ele levantou uma sobrancelha, feliz por ter a sua vingança — foram meus amigos que notaram. Eu perdi uma aposta e precisei vir recitar o resto do poema pra ti.

— Você é bom em revidar — admiti, mas não consegui evitar o sorriso no meu rosto. Pisquei e me recompus quando me dei conta de que deveria estar parecendo uma idiota. E disse: — Bem, mas você não cumpriu a aposta.

Ele enrugou a testa, sem entender como é que poderia não ter cumprido se estava falando comigo.

— O poema. Você não recitou o poema inteiro. — Fiquei muito satisfeita em explicar. — Estou esperando.

Ele esquivou novamente uma das sobrancelhas grossas e seus olhos se fixaram nos meus. Resisti ao impulso de desviar o olhar, mordendo o lábio e mexendo os dedos dos pés dentro do tênis. Por um segundo pareceu que o olhar dele se desviou para os meus lábios, mas não sei se foi só impressão. Ele coçou a garganta e deu um passo para trás, estufando o peito.

— No meio do caminho tinha uma pedra — ele começou.

“tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.”

Fiquei ali olhando para aquele garoto estranho e inegavelmente atraente recitando um poema pra mim e não soube exatamente o que fazer além de continuar encarando. Meu peito batia forte, preenchido por uma sensação quente e assustadoramente boa. Ele recitava tão bem quanto se lembrava das palavras, fazendo o sentido dado a elas ser ainda mais impactante. E eu fiquei sem saber se aquilo estava mesmo acontecendo ou era alguma espécie de fantasia louca.

Porque esse tipo de coisa definitivamente *não* acontecia na minha vida.

— Uau — foi o que eu consegui enfim dizer. Ele não se intimidou. — Isso foi...

— Impressionante? Eu sei.

Eu estreitei os olhos e ele deu um passo de volta para frente. Suas mãos estavam nos bolsos da bermuda e o pomo de adão subiu e desceu quando ele engoliu.

— Meu pai fez um bom trabalho.

— Eu estou vendo que sim.

— Eu me expus pra ti e ainda não sei nem o teu nome. Isso não é justo.

Estendi minha mão em um impulso e ele a encarou por um segundo ou dois antes de apertá-la. Sua mão era grande e quente, muito branca, mas sem palidez. Ele não era pálido, ele explodia saúde. E seus olhos verdes estavam me matando.

Malditos sejam esses olhos que insistem em ser verdes.

— Calíope.

— João.

— Esse sotaque não é daqui — ele pontuou, mas eu não conseguia pensar em nada além do fato de que as nossas mãos ainda estavam se tocando. Apertadas. Eu rezei para não começar a suar, mas sabia que era isso o que aconteceria. Quando me dei conta eu já estava puxando meu braço de volta e cruzando-os na frente do peito.

As mãos de João voltaram para os seus bolsos enquanto ele esperava pela minha resposta, sem desviar os olhos do meu rosto.

Meu coração acelerou.

— Por que tu achas uma coisa dessas? — brinquei, em uma tentativa frustrada de imitar o modo dele de falar. O que o fez rir de mim. Mais uma vez.

Isso é bom, certo?

— Eu tenho um dom. Uma espécie de sexto sentido.

— Você tem talentos demais pra ser de verdade.

— Oh, mas é verdade — ele garantiu e balançou a cabeça pra jogar o cabelo castanho. — Tu estás só de passagem?

Eu me encolhi, balançando o pé direito e apertando os braços cruzados porque o vento estava me deixando com muito frio.

— Não. Eu vim pra ficar — respondi mais séria do que eu gostaria. Era a primeira vez que eu dizia aquelas palavras e elas surtiram um efeito dentro de mim.

Mas João pareceu gostar da notícia, o que me deixou com vontade de sorrir novamente. Ele deslizou aqueles olhos verdes pelo meu rosto e engoliu de novo, fazendo seu pomo de adão subir e descer mais uma vez.

— Talvez eu possa te mostrar a cidade, então. Se tu *quiser* — ele ofereceu.

Ele queria me mostrar a cidade?

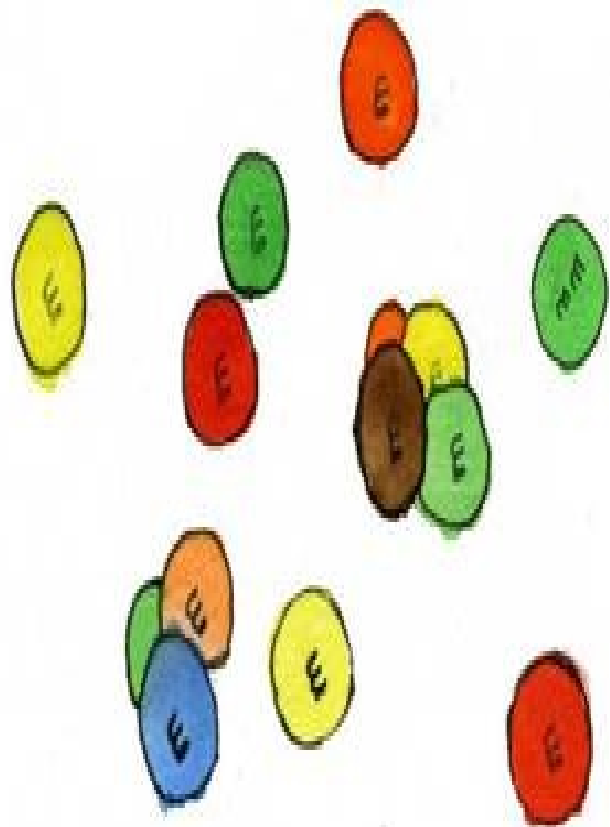
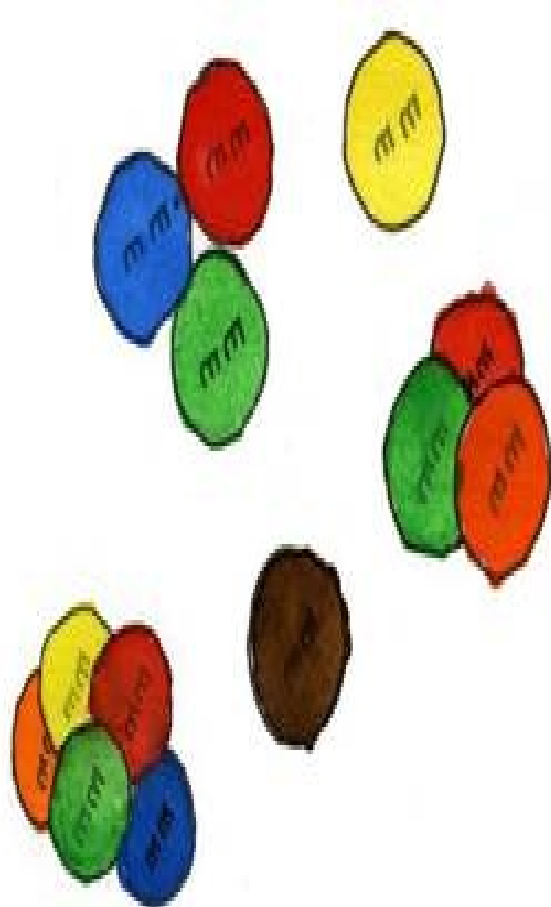
Isso *realmente* não é o tipo de coisa que acontece na minha vida.

Mas é o que dizem, existe uma primeira vez pra tudo.

— Eu adoraria — foi o que respondi.

Porque era verdade.

E porque eu não deixaria essa primeira vez passar em branco.



4. Pegadinha

Não sei o avô de vocês, mas o meu sempre me diz que quando a esmola é demais, o santo desconfia.

O meu santo, entretanto, está de bem com a vida, obrigada. De modo que troquei números de telefone com João antes de voltar pra casa — porque já estava escurecendo e eu ainda não sabia andar pela cidade direito. Ele me deu um beijo no rosto de despedida e voltou para seus amigos enquanto eu saía do pátio do cinema e caminhava de volta para a nova residência.

Nem dez minutos se passaram quando meu celular vibrou com uma mensagem chegando. Era o João. Mandando um *emoji* de um homem caminhando e outro de um cogumelo na frente. Ele disse:

João: Cogumelos no meio do caminho. As pedras estão em falta.

Se o Maurício não estava interessado em toda a minha *maravilhosidade*, ele estava em desvantagem.

Passei pelo portão do condomínio com um sorriso idiota de quem estava flertando e digitei minha resposta rapidamente.

Hahaha Cogumelos? Se isso for uma sugestão pra me deixar chapada, não vai funcionar.

Verdade seja dita, eu não sabia como flertar. Eu estava aterrorizada enquanto digitava no meu celular, sem saber se estava dizendo a coisa certa. Mas o que eu poderia fazer? Helô não me respondia e ela era a única pessoa capaz de me ajudar a ser um ser humano decente, romanticamente falando.

Ela sempre diz que eu sou intimidadora demais para o flerte. Que de vez em quando a gente precisa ser um pouco vulnerável ao invés de dar uma resposta espertinha.

Mas eu não consigo ser *menos* espertinha.

Não consigo dar risadinhas e tocar o bíceps do cara assim sem mais nem menos. Só que eu também nunca me interessei por ninguém além do Maurício e mantive esse sentimento escondido por dois anos, até o idiota se dar conta de que o nosso lance não era um lance de amigo comum.

Homens são tão lerdos. Deveria ser crime.

O fato é que agora eu não estava segura sobre o que dizer. Eu queria manter o papo aceso sem levar o João pra *friendzone*, mas não sabia como proceder porque eu sou praticamente a rainha dela.

Enquanto João digitava de volta, eu cliquei no seu nome para conferir a foto de contato. Ele estava com uma máscara de mergulho na testa e fazia uma careta, o nariz estava vermelho de sol e os olhos brilhavam com a luz.

Ele era tão *fofo*.

Meu Deus, no que eu estava pensando pra dizer a palavra “chapada” na nossa primeira conversa online? Ele vai me achar uma retardada. No mínimo, vai me achar uma pessoa psicótica por sugerir que ele estaria me oferecendo drogas. Sabe, daquelas que andam com spray de pimenta na bolsa e acreditam em profecias de fim de mundo.

Entrei em casa e dei de cara com Apolo, Patrícia, Maia e Leo brincando com um gato listrado. Todos eles olharam pra mim e aposto que puderam notar meu estado de pânico total através dos meus olhos arregalados. Porque Apolo disse:

— Você foi atropelada ou algo assim? Parece que passou por uma experiência de quase morte.

Meu irmão realmente era um poço de sensibilidade.

— Tu estás bem, guria? — perguntou Patrícia. O cabelo muito loiro dela estava preso em uma trança lateral. Seu rosto muito branco tinha sardas por todos os lados e ela usava óculos de grau discretos na frente dos olhos castanhos claros, iguais aos do pai. Leo era tão diferente dela quanto Apolo e Hélio eram de mim. O menino era moreno e tinha um cabelo castanho e espesso. Os olhos, entretanto, eram iguais, e todos os dois eram altos.

Não que isso fosse importante no momento.

Porque outra mensagem de João chegou e eu avancei para o celular, aflita, ignorando as perguntas.

João: Haha boa tentativa. Não me venha com estereótipos de skatista.

Suspirei alto e meu rosto se contorceu em um sorriso aliviado. Foi então que

eu notei que os quatro pares de olhos ainda me encaravam, curiosos.

— Problemas com o meu traficante — aponte para o celular.

Patrícia arregalou os olhos e Leo deixou escapar uma risada nervosa. Apolo balançou a cabeça enquanto fazia carinho no gato.

— Essa é a primeira impressão que você quer causar nos nossos novos irmãos? — ele disse, fingindo me repreender. — Vem conhecer o gato.

Eu digitei uma resposta rápida e guardei o celular no bolso, me agachando até o tapete onde eles estavam. O gato subiu na mesinha de centro e ficou me encarando como se estivesse tramando um plano para possuir a minha alma. Eu fiz carinho debaixo da sua cabeça e ele começou a ronronar baixinho.

— Esse é o Buzz — Leo fez as devidas apresentações. — Nós o resgatamos do abrigo de animais no ano passado.

— Ele gostou de ti — Patrícia foi simpática. — Se bem que ele ronrona pra qualquer um que fizer carinho.

— Conheço pessoas iguaizinhas — lancei um olhar implicante para Apolo, que abriu um sorriso sacana.

Um barulho de coisas caindo fez um estrondo vindo da cozinha e todos nós olhamos naquela direção. A risada da minha mãe ecoou como um canto de sinos.

— Está tudo bem! — Otávio gritou. — Foram só as panelas.

— Ele está tentando cozinhar — explicou Patrícia de um jeito que dizia que aquela, infelizmente, não era a primeira vez. — Daqui a dez minutos a gente pede comida em algum restaurante, fiquem tranquilos.

— Meu pai tem o bom senso de nunca seguir em frente com sua ideia de cozinhar por muito tempo. Motivo pelo qual ainda estamos vivos — Leo nos confidenciou. O gato, ouvindo a voz do menino, virou de costas pra mim e pulou bem no colo dele.

— Pelo visto ele já escolheu seu preferido — Maia disse.

— Tudo isso pode mudar agora que ele nos conhece — Apolo lançou o desafio e Leo riu para o meu irmão.

— Eu tenho um dom com animais, não tenha tanta certeza.

Eu tenho um dom. João havia me dito essas mesmas palavras poucos minutos atrás. Franzi a boca para evitar que um sorriso se expandisse pelo meu rosto e peguei o celular sorrateiramente no bolso da calça. Ele havia me respondido.

Ai, meu Deus. O que está acontecendo nesse mundo? Eu estou flertando com um cara sem a ajuda de ninguém. E sendo eu.

— Cali, por que você não vai tomar banho antes de jantarmos? — Maia sugeriu.

— É uma boa ideia — Patrícia concordou. — Eles estão agindo como se esse jantar fosse um encontro com o presidente dos Estados Unidos. Stella está lá em cima se arrumando também.

Eu assenti e me levantei em um pulo do tapete. Limpei a calça jeans dos pelos brancos que grudaram e guardei o celular de novo.

— Ok. Estou indo colocar meu vestido Chanel. Se eu demorar é porque preciso fazer uma limpeza reforçada para esse evento tão importante.

Eles riram de mim e eu me virei pra subir as escadas da casa. Peguei uma toalha e uma muda de roupas na minha mala e rumei até o banheiro do terceiro andar trocando mensagens com João.

Mas eu o deixei falando sozinho enquanto tomava meu banho. Eu estava mesmo precisando de um e aproveitei a ducha quente e forte que caía nas minhas costas. Coloquei uma calça *legging* preta e uma camiseta qualquer com um casaco de moletom por cima porque fazia *muito frio*. Não queria nem saber qual era a temperatura pra não me assustar.

Prendi o cabelo em uma trança igual à de Patrícia e peguei o celular de volta, mas não havia ainda nenhuma mensagem nova do João. Guardei-o dentro do bolso do casaco e me olhei no espelho uma última vez antes de sair do banheiro. Estava na hora de conhecer os últimos dois novos irmãos que faltavam, o tão esperado momento em que toda a família *Buscapé* se reuniria para a primeira refeição.

Que a Força esteja conosco. E que os jogos comecem.

Desci as escadas saltitando, consideravelmente menos emburrada do que eu

estava quando cheguei aqui algumas horas atrás. Do segundo andar eu já podia ouvir o burburinho de uma dezena de vozes falando ao mesmo tempo e estremeci ao pensar que a partir de agora provavelmente sempre seria assim.

Um time de futebol na minha sala de estar.

Desci os últimos degraus que faltavam e me juntei ao Hélió, sentado no sofá *ainda* tão deprimido quanto quando chegou aqui. Hélió era um caso perdido quando se tratava das dores do coração.

— Estava falando com a Julia?

— Não. — ele suspirou. — A gente decidiu se separar. Nem posso culpá-la por não querer um relacionamento à distância.

— Mas era o que você queria? — perguntei.

Meu irmão me fitou com um olhar desconsolado que quase partiria meu coração se eu não fosse, bem, a irmã mais nova e implicante dele.

— Eu não sei. Mas é assim que vai ser.

Dei uma tapinha solidária em seu ombro e puxei o celular do moletom, mas ainda não tinha nenhuma mensagem nova do João. Será que eu finalmente o havia afastado?

Hipólita e Stella — a filha que eu ainda não conhecia — conversavam no outro sofá, e Patrícia ainda estava brincando com Maia, Leo e o gato Buzz no tapete. Selene se juntou a eles e dava gritinhos de empolgação toda vez que o gato ronronava.

Tudo parecia muito claustrofóbico, para ser sincera. Tenho certeza de que no estatuto da criança e do adolescente havia algo sobre isso ser ilegal. Eu cruzei meus braços e me afundei naquele sofá, pensando que talvez fosse uma boa ideia voltar lá em cima para buscar o meu iPod. Eu estava prestes a levantar quando Otávio apareceu vindo da cozinha com mamãe.

— Vamos jantar? — ele chamou e a concordância na sala foi geral. — A lasanha já está pronta.

— Tu realmente cozinhas? — Stella perguntou parecendo chocada. Ela e Patrícia tinham os mesmos olhos e a mesma estatura, mas os cabelos loiros de

Stella eram mais escuros e glamorosos. Ela era visivelmente mais vaidosa e desinibida, mas eu não era perceptiva o suficiente pra sacar mais nada além disso, assim de primeira.

Se bem que ela estava conversando com Hipólita. Isso dizia muito sobre uma pessoa.

Otávio pousou as mãos na cintura, muito orgulhoso de si mesmo.

— Tive uma pequena ajuda dessa vez — ele olhou para minha mãe, que corou como uma adolescente. Ai, meu Deus. Me matem.

— Então vamos comer — Leo levantou do chão em um pulo e Maia fez o mesmo.

— Cadê o Guto? — perguntou Patrícia.

— Lasanha passando! — uma voz gritou da cozinha e o garoto apareceu segurando uma travessa fumegante de lasanha recém-saída do forno. Eu olhei na sua direção, sendo chamada pelo cheiro maravilhoso da comida, mas a expressão no meu rosto derreteu no exato momento em que olhei pra cara dele.

Guto era alto, tinha os cabelos castanhos e os olhos muito verdes. Usava um casaco azul de moletom e tinha “skatista” escrito da cabeça aos pés.

Insira aqui um palavrão de cinco sílabas.

Nossos olhares se encontraram e o sorriso no rosto dele sumiu instantaneamente. Ele apertou a travessa com força e seus olhos quase saltaram da órbita. Apolo, ao lado dele segurando outra travessa de lasanha, percebeu minha expressão de puro terror e abriu a boca pra dizer alguma coisa, mas felizmente Otávio foi mais rápido:

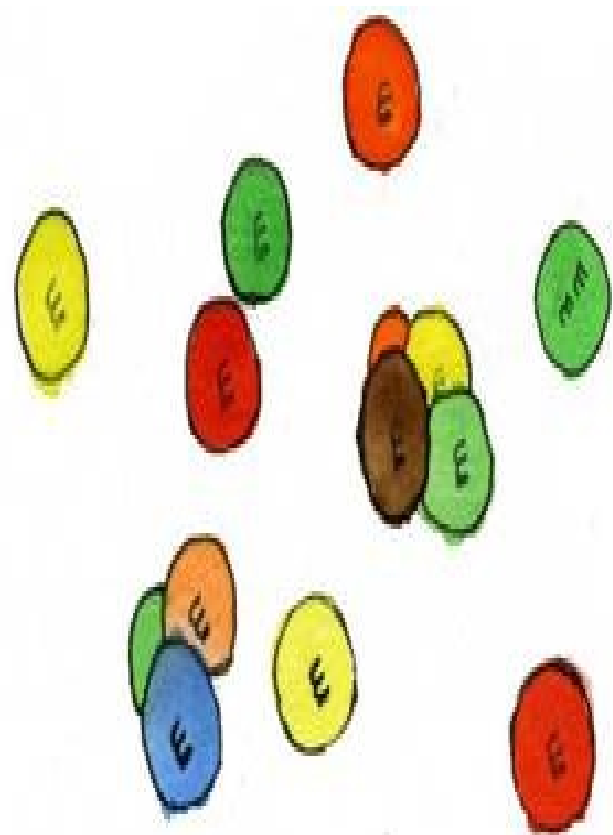
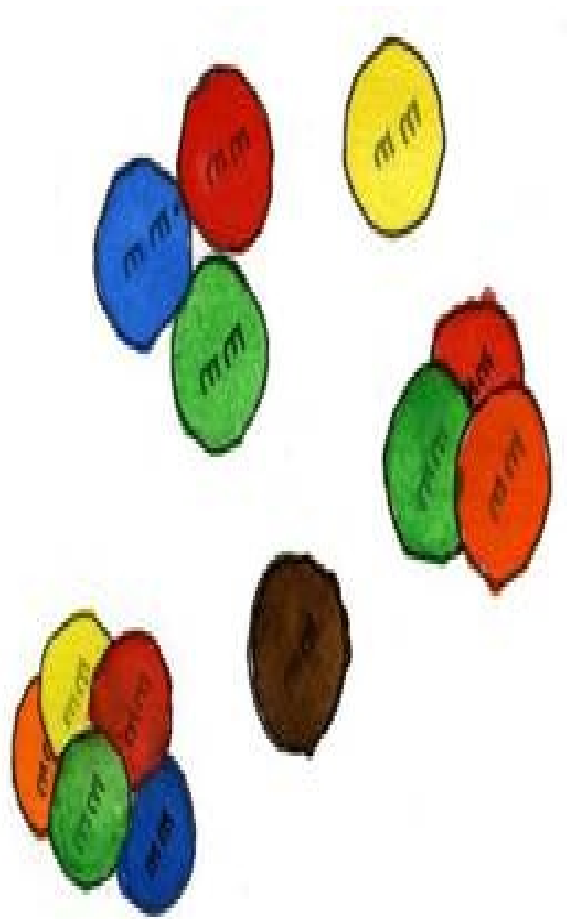
— Vamos pra sala de jantar antes que os meninos deixem isso cair no chão.

— Boa ideia, querido. Vamos, crianças.

Todo mundo se levantou e começou a ir para a sala de jantar, mas eu ainda estava petrificada no sofá esperando pelas câmeras da pegadinha.

Quer dizer, isso *só podia* ser alguma pegadinha e eu apareceria com cara de idiota no programa do Silvio Santos.

Porque aquele ali parado no meio da minha nova sala de estar, segurando o jantar da minha nova família, era João.



5. Inimigo de Estado

Vamos dar as mãos e fazer uma corrente de oração pra minha vida poder sair da trilha do mau agouro. Porque tem algo de errado, muito errado, acontecendo.

Certo. Deve haver alguma explicação plausível para tudo isso. Depois de eu me dar conta de que não havia pegadinha alguma, o terror da situação me deixou petrificada. Quer dizer, de zero a dez quais eram as chances de uma coisa assim acontecer? Dentre todos os garotos de dezessete anos que vivem nessa cidade, como é que eu fui esbarrar justo *nesse*?

Eu estou dizendo, alguém fez um despacho muito do poderoso contra mim. Só pode ser.

Estávamos jantando havia trinta minutos e, enquanto o resto da mesa se perdia entre conversas, eu estava ocupada demais tentando entender como é que pode alguém ser tão azarada desse jeito. João — ou melhor, *Guto* — parecia tão chocado quanto eu, mas isso não era nenhum consolo. Ele e Stella foram devidamente apresentados a mim e aos meus irmãos, e foi então que eu descobri que seu nome completo era João Augusto.

Oh, certo, *agora* vocês me dizem isso.

Mas como é que *ele* não sabia o meu nome? Como é que *ele* conhece uma carioca perdida em Assunção e não se dá conta de que pode ser um dos quinhentos filhos da sua nova madrasta?

Por acaso ele era imbecil?

Em determinado momento, meu choque e completa falta de capacidade de raciocinar como foi possível isso ter acontecido se transformaram em raiva. Sim, raiva pela idiotice do João, Guto, ou seja lá qual for o nome deste infeliz. Respirei fundo enquanto cortava um pedaço da minha lasanha e tentava não fulminá-lo com os olhos.

Eu esperava que ninguém notasse a tensão entre nós dois, mas quando se trata de uma família de doze pessoas, é fácil passar despercebido. Estávamos um de frente para o outro na mesa de jantar e nossos olhares não se desgrudavam. Eu estava sentindo tanto calor que considerei tirar aquele moletom antes que a minha pele derretesse junto com o meu cérebro.

— Cali, você está passando bem? — Hélio, sentado ao meu lado, se curvou na minha direção para perguntar discretamente.

Eu pisquei e me virei para o meu irmão, só então me dando conta de que eu estava segurando o garfo como se fosse um tridente.

— Claro, eu estou ótima, por que eu não estaria bem?

— Talvez porque seu rosto está tão vermelho que parece que seu sangue inteiro está concentrado nele.

Espetei um pedaço da lasanha com meu tridente e apontei para Hélio, com um olhar ameaçador.

— Eu estou *ótima* — fui clara e coloquei o pedaço na boca. Mastiguei com força e meu olhar foi novamente atraído para o João.

Ele também estava mastigando, mas eu não conseguia ler os seus olhos verdes. Tudo o que eu conseguia fazer era me lembrar de como eles haviam me atraído e do modo como minha barriga ficou infestada de borboletas depois que ele recitou aquele poema. Eu gostei dele. Meu Deus, eu *flertei* com o meu mais novo irmão postiço.

De repente aquela lasanha começou a me deixar enjoada.

Afastei o meu prato semiacabado e esperei pacientemente até que fosse adequado sair da mesa. Pedi licença e levei o meu prato, alegando uma dor de cabeça qualquer das que sempre me atacam quando estou naqueles dias. Para minha sorte, todo mundo começou a se retirar também e eu usei minhas habilidades ninja para ir da sala de jantar para a cozinha e depois para o meu quarto sem ser notada.

Fechei a porta atrás de mim e deixei todo o ar dos meus pulmões sair.

Vamos recapitular o meu glorioso dia de inverno: Acordei no Rio de Janeiro e empacotei todos os bens materiais que tinha na vida. Voei até Curitiba, fiz uma longa viagem até a minha mais nova cidade, com os meus mais novos irmãos, na minha mais nova casa. Casualmente conheci um garoto por quem me interessei e me senti naturalmente atraída... Só pra descobrir que ele é um dos filhos do novo marido da minha mãe.

Tirei o moletom e me joguei de costas na cama. Meu sangue ainda estava

quente e veloz, mas eu fechei os olhos na esperança de pegar no sono sem perceber e só acordar no próximo milênio.

Fiquei olhando para o teto e tentando neutralizar o misto de sentimentos dentro de mim naquele momento. Chequei o celular e finalmente Jo... *Guto* havia lido minhas mensagens. Mas era óbvio que ele não iria responder. Assim como Maurício não respondia, nem Helô nem ninguém que fosse relevante. Aos poucos meus músculos foram relaxando e meus ombros amoleceram, de modo que eu não parecia mais um pedaço de madeira.

Eu fechei os olhos. Alguém bateu na porta. Abri os olhos e meus músculos endureceram de novo. Levantei da cama como um raio e abri a droga da porta para encontrar Guto do outro lado.

Mas é claro.

Meu coração acelerou enquanto ele ficava ali parado olhando pra mim. Estava usando uma calça de dormir xadrez preto e branco, e uma camisa de flanela cinza. Agora eu me dava conta do quanto, além de toda a altura, os ombros dele eram largos e me faziam sentir minúscula, apesar de ele ser magro. Notei que eu estava mordendo meu lábio inferior quando o olhar dele parou ali por alguns segundos a mais do que o necessário, me fazendo ficar vermelha. Aqueles olhos eram tão bonitos e estavam interessados na minha boca.

Cruzei os braços na frente do meu corpo, em uma tentativa de cortar a atração entre nós dois. Eu me recusava, eu não era obrigada.

E ainda assim aqui estava eu.

— Precisamos conversar — ele finalmente disse, segurando o batente da minha porta com uma das suas mãos. *Que seguraram as minhas fazia menos de duas horas.*

— Eu não tenho nada pra dizer — falei. Porque era verdade. E porque a raiva por ele ter sido tão idiota voltava com tudo. Porque isso nunca teria acontecido se eu o tivesse conhecido durante o jantar, o conhecido por quem ele é de verdade. Eu *não* o veria como um garoto e sim como um ser assexuado, se ele não tivesse se apresentado para mim hoje mais cedo.

E eu certamente *não* sentiria vontade de saber como era o toque das mãos dele nas minhas de novo.

Que grande filho da mãe.

— Eu não fazia ideia de que tu *era tu* — ele desabafou. Pela sua cara dava pra ver que ele precisava falar pra poder ir dormir tranquilo. Eu revirei os olhos e o puxei pra dentro do meu quarto, fechando a porta atrás de nós. Me virei pra ele de novo e João estava passando os dedos pelos cabelos castanhos, tão perturbado quanto eu estaria se não estivesse fumegando de raiva. — Isso não deveria ter acontecido.

— Bem, tecnicamente não aconteceu nada — eu sou uma vaca, às vezes. E eu não me arrependo de nada.

Ele piscou umas duas vezes com aqueles *malditos* olhos verdes, me encarando como se lutasse pra compreender o que eu estava dizendo.

— Não exatamente — ele concordou um pouco relutante.

Assenti e quase mordi o lábio de novo, mas me impedi no último minuto.

— Então você pode sair do meu quarto agora — fui seca. Ele merecia. E eu não queria ficar olhando pra cara dele e sentindo meu corpo e a minha cabeça entrarem em ebulição.

— Calíope, eu...

— Como é que você não reconheceu o meu nome? — não aguentei e fiz a pergunta que não saía da minha cabeça. — Quer dizer, quantas Calíopes você conhece? Não é exatamente um nome popular no Rio.

— Eu não sabia que tu se chamava Calíope.

Temos um diagnóstico: Ele é imbecil.

Nem tentei esconder meu choque com esse absurdo.

— Pela primeira vez vou ter que concordar com o meu pai sobre a necessidade de eu ser mais interessado nas coisas — ele desabafou.

— Não me diga — eu obviamente concordei.

— Tu estás brava comigo — ele observou. *Não, eu não estou brava. Eu só queria que você entrasse em combustão instantânea.*

— Não me digas.

— Tu podias dizer alguma coisa.

— Acredite em mim, você não vai gostar de nada do que eu tenha pra dizer e eu prefiro evitar a fadiga — minhas palavras saíam como tiros de metralhadora.

As sobrancelhas castanhas dele se uniram e João pareceu irritado pela primeira vez.

— Tu não podes agir como se eu tivesse culpa de alguma coisa.

— Não venha ditar regras dentro do meu reino — reagi, insultada pela petulância do rapaz. — Aqui dentro, se eu quiser eu posso te acusar de abuso sexual e te declarar inimigo de Estado.

Ele arregalou os olhos para mim e disse:

— Tu é louca.

— Eu sou *muito* louca! E seu visto para permanecer no meu reino acabou de expirar. — Me virei e puxei a maçaneta da porta com toda a força, respirando fundo e tentando conter o dragão que existe em mim. Estava difícil. Meus olhos já estavam vermelhos e os ouvidos fumegando.

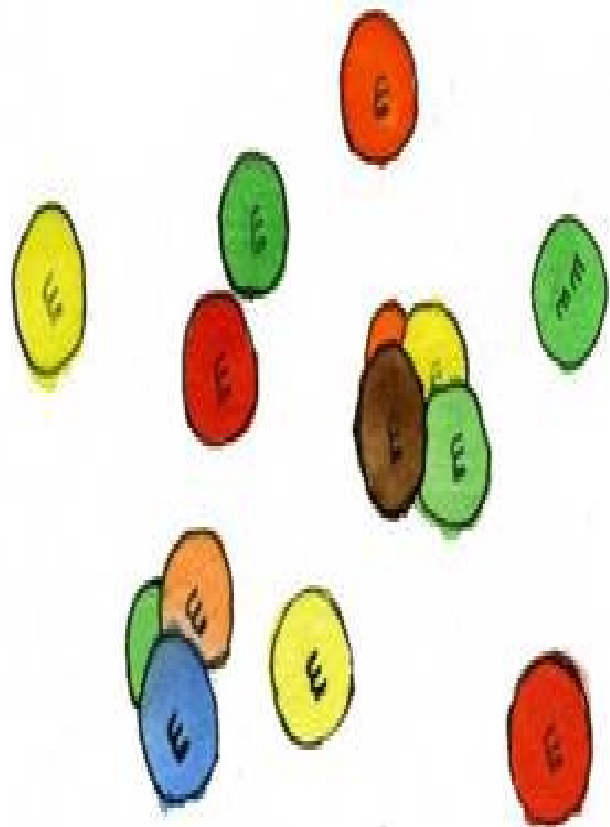
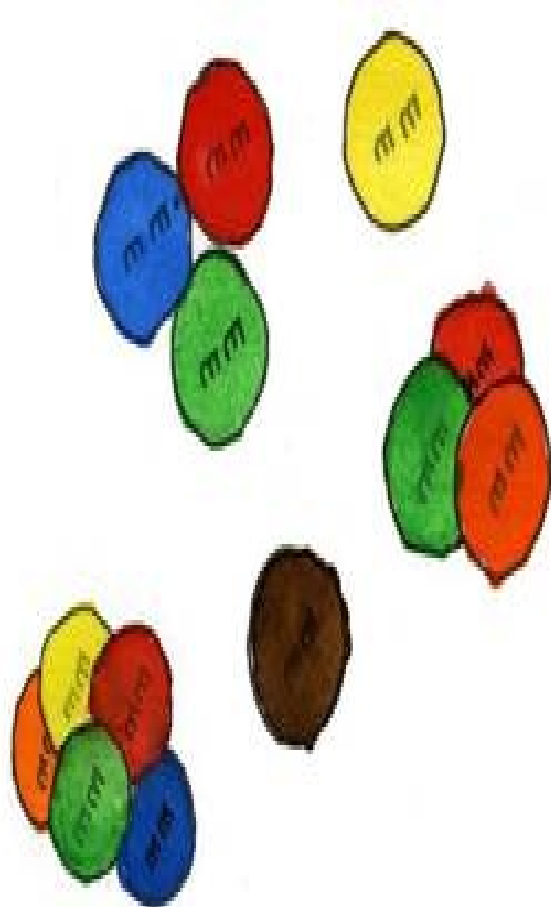
João intercalou o olhar entre mim e a porta aberta com uma cara de quem gostaria de me ensinar uma lição.

— Ótimo. Tu se pareces muito mais como uma *irmãzinha* agora.

Abri a boca para responder, mas João saiu andando como um foguete para fora do meu quarto. Fechei a porta com um estrondo e um som ininteligível de fúria e frustração saiu dos meus pulmões enquanto eu me jogava de volta na cama.

Como ele se atreve.

Irmãzinha é o cacete!



6. Banheiro

Eu posso ser maluca, mas eu também sei reconhecer quando estou errada.

De modo que acordei no domingo me sentindo estúpida e infantil por ter tratado João daquela maneira. É óbvio que ele não estava facilitando nada com a sua lerdice crônica, mas eu não tinha o direito de ser uma vaca tão grande. E não tinha nada que eu odiasse mais do que me arrepender de alguma coisa.

Acordei com gritos vindos do quintal de trás, que era a vista da minha janela. Eu havia ignorado a música alta às oito da manhã e voltado a dormir com o travesseiro na cabeça e fones de ouvido auriculares. Consegui ignorar também os estrondos de pés que pareciam de elefante subindo e descendo as escadas. Eu estava finalmente conseguindo neutralizar os gritos do quintal e voltar para minha inconsciência, mas quando a porta do meu quarto explodiu e um bolo humano entrou rolando pelo chão, eu dei um salto da cama.

Leo e Maia se levantaram às gargalhadas e só então notaram minha expressão de desespero segurando meu travesseiro, colada na parede mais próxima da cama. Eles vestiam uma armadura plástica e capacete na cabeça, o que não respondia o motivo pelo qual estavam se atracando por aí, mas dava uma ideia.

Aparentemente tudo o que minha irmãzinha tímida precisava para virar um Neandertal era outra criança da sua idade dentro de casa.

— Desculpa, Cali — ao menos ela tinha a decência de se desculpar e parecer arrependida. Não totalmente. — Nós estávamos jogando rugby.

— Jogar rugby dentro de casa não parece uma boa ideia — eu adverti quando minha pulsação se estabilizou. Os gritos e risadas vindos do quintal fizeram meu corpo tremer de novo e eu fechei os olhos, contei até dez, e respirei fundo. Abri os olhos e um sorriso forçado para Maia e Leo. — Tudo bem. Só parem de tentar arrancar a minha porta.

Eles assentiram e saíram aos tropeços, ansiosos para se nocautearem por aí novamente. Eu resmunguei e peguei uma roupa pra ir tomar banho, já que dormir era impossível. Girei a maçaneta da porta do banheiro do terceiro andar, mas ela estava fechada. Bati com a testa na madeira, tão apertada que não conseguia ficar com as pernas paradas, pensando que me mijar nas calças era só o que me faltava naquela manhã.

Bati na porta, sem conseguir conter a impaciência.

— Hipólita, se for você, acelera isso aí.

Ouvi o barulho da descarga e dei graças a Deus, mas quando a porta abriu e eu dei de cara com João, minha vontade foi sair correndo de volta para o meu quarto. O cabelo dele estava todo bagunçado e seu rosto sonolento denunciava que ele também havia acabado de acordar. Ele piscou e eu abri a boca pra dizer alguma coisa, pedir desculpas pelo meu comportamento na noite anterior, não sei. Mas nada saiu. Eu só consegui ficar congelada olhando pra ele e sentindo meu coração acelerar.

O olhar de João baixou do meu rosto para o meu pescoço e ameaçou descer um pouco mais, mas ele foi decente o suficiente para não fazer isso. Eu corei de qualquer maneira, consciente demais da minha camiseta apertada e meu shortinho curto, e uma sensação de calor começou a subir pelas minhas pernas.

— Pode usar agora — ele disse.

E então me lembrei de que eu estava a um segundo de fazer xixi nas calças na frente dele.

Corri para o banheiro e fechei a porta rapidamente, expulsando-o de lá dizendo “sai, sai, sai”. Corri pra me aliviar e foi como se o céu tivesse se aberto de novo... Até a última gota sair do meu organismo e a vergonha pelo modo como pareci desesperada pra usar o banheiro na frente do João me atingir.

Mandou bem, Calíope. Nada mais glamoroso do que mostrar mais interesse pela privada do que pelo cara à sua frente.

Não que eu *devesse* mostrar interesse por ele. Eu não devia. Mas quando eu pensava no calor que senti quando ele segurou a minha mão... Depois de ter recitado aquele poema olhando nos meus olhos...

Oh, não.

Expulsei o pensamento da minha cabeça, me forçando a pensar nos cinco patinhos que foram passear além das montanhas para brincar. Cantei a música durante todo o meu banho e cogitei inventar as piores cólicas pra poder ficar enfurnada no meu quarto o dia todo fazendo maratona de *De Volta para o Futuro*. Mas o caminhão da mudança chegou e a maior confusão se instalou

dentro de casa.

Passamos o dia inteiro desempacotando caixas, arrumando coisas e ocupados demais para qualquer outra atividade. Decidi terminar a arrumação do meu quarto, colocando toda a minha coleção de balões de ar quente nas prateleiras, colando os pôsteres dos meus filmes preferidos — incluindo *De Volta Para o Futuro* e *Clube dos Cinco* —, e pregando o pisca-pisca branco na parede da minha escrivaninha com as fotos dos meus amigos presas do jeito como eu fazia na casa antiga. Arrumei meus livros e DVDs na estante e aos poucos meu quarto foi virando, bem, o *meu* quarto. Sem nenhuma irmã mais nova para dividir e reclamar de tudo.

E no final eu estava exausta. Capotei na cama como se tivesse trabalhado na lavoura. Mas o despertador da segunda-feira foi ainda pior do que o do domingo.

Todo mundo acordou ao mesmo tempo. Na mesma hora. Com o intuito de se arrumar para sair para o mesmo lugar.

Não é preciso dizer que a fila do banheiro estava maior do que a fila do Bolsa Família.

Veja bem, eu tenho cinco irmãos, mas os dois banheiros da minha casa antiga mais o lavabo adjacente dava uma média de 2,3 pessoas para cada. E já era insuportável. Agora havia um banheiro em cada andar para dividir entre 10 filhos, resultando em 3,3 pessoas para cada e eu *ainda* precisava dividir com Hipólita. O que multiplicava o transtorno por mil.

De modo que, quando vi Leo e João parados na porta com cara de quem não sabia mais o que fazer, eu tive vontade de colocar meu uniforme e deixar para usar o banheiro da escola.

— Pelo visto a princesa ainda está aí dentro — falei, me juntando a eles. Os dois me fitaram em desespero.

— Ela está trancada há mais de dez minutos. Eu não sei mais quanto tempo posso aguentar — Leo parecia prestes a chorar.

Ouvi o estrondo de alguém batendo na porta vindo do andar de baixo e a voz de Patrícia surgiu em seguida:

— Stella se tu não saíres em trinta segundos eu vou colocar essa porta abaixo.

E essa não é mais uma ameaça impossível porque eu tenho dois gêmeos musculosos prontos pra te arrancarem daí! — ela gritava.

— O que está acontecendo aqui? — a voz de Otávio se juntou à dela.

— Mamãe! — Selene começou a chorar e acho que correu para os braços da minha mãe, pelos sons que eu ouvia.

— Vocês já bateram? — perguntei, voltando ao meu andar, um pouco atordoada com a cacofonia de vozes vinda de lá de baixo. Meus irmãos gêmeos estavam falando e agora era Otávio quem tentava tirar Stella de dentro do banheiro.

— Duas vezes — João disse, sem olhar diretamente pra mim, e bateu mais uma vez. — Hipólita? Nós precisamos nos arrumar também.

— Falando mansinho desse jeito? — balancei a cabeça e o afastei pra tomar a frente da situação. Coloquei o rosto quase colado na porta e disse. — Hipólita, se você não sair daí agora eu conto pra mamãe que foi você quem pegou emprestada e manchou a blusa rosa caríssima dela que “desapareceu”.

Não precisei nem contar até três antes da porta se abrir e minha irmã aparecer com seus olhos castanhos tão arregalados que pareciam saltar do rosto. Havia batom rosa apenas no seu lábio de baixo.

— Você não faria isso.

— Eu não me desafiaria se fosse você.

— Mas foi um *acidente* — ela choramingou. — E eu ainda não terminei de fazer meus cachos.

— E eu ainda não ganhei na loteria. Grandes problemas do mundo moderno. Agora chispa daí.

Ela protestou, mas pegou suas coisas e deixou o banheiro tão enfezada que parecia que ia explodir a qualquer momento. Eu abri um sorriso triunfante para os meninos e esquivei uma sobranceira.

— Viram? Essa é a mágica da chantagem. E agora me deem licença porque eu tenho um banheiro para usufruir.

Fechei a porta antes que eles comessem a protestar e fiz tudo muito

rapidinho porque, ao contrário de certas pessoas, eu tinha consciência sobre precisar dividir as coisas.

O café da manhã foi ainda mais enlouquecedor e barulhento com todo mundo querendo fazer seus sanduíches e encher seus copos de leite ao mesmo tempo. Hipólita e Leo travavam uma disputa pelo pote de Nescau e Hélio colocava novos pães na torradeira enquanto João distribuía os que ficavam prontos. Minha mãe ainda consolava Selene, que se recusava a comer e não parava de chorar. Marido Número 3 estava em uma ligação no celular e as gêmeas brigavam pelo último pedaço de bolo de chocolate.

Eu peguei uma maçã na fruteira e fui para a sala, colocando meus fones de ouvido e finalmente ficando surda para aquela loucura matinal. Suspirei e me joguei no sofá até dar a hora de todos se dividirem entre os dois carros. Um dirigido por Otávio, outro por... João?

Mas ele não tinha dezessete anos?

— A fiscalização de trânsito é bem precária por aqui — Patrícia me explicou quando viu minha cara de interrogação. Ela abriu a porta do carro e indicou para que eu entrasse primeiro. — Coisa de cidade pequena.

Mas é claro.

A viagem não demorou nem cinco minutos, o que foi bom, pois já estávamos quase ficando atrasados. Era o primeiro dia de aula depois das férias de julho e a escola parecia um formigueiro. Aparentemente o segundo ano do Ensino Médio tinha duas turmas, mas eu estava na das gêmeas. A turma estava cheia e as amigas de Stella deram um gritinho quando a viram entrar. Patrícia me indicou com o olhar para que eu a seguisse e eu fui sem pensar duas vezes. Nós sentamos em duas cadeiras livres no meio da sala, onde os amigos dela estavam.

— Gente, essa aqui é a Calíope. Calíope, esses são Vanessa, Sabrina, Gabriel e Bruno.

— Oi — eu disse para os quatro rostos estranhos. — Podem me chamar de Cali.

— Pode me chamar de Gengibre — disse Bruno. E então ele fitou Patrícia muito sério. — Como tu te atreves a trazer outra ruiva? Eu me sinto traído.

A menina de cachos castanhos e pele morena, ou melhor, Vanessa, bagunçou os cabelos de tonalidade quase laranja do Bruno. Ele tinha sardas pelo rosto inteiro, pescoço, braços... Era quase uma mancha ambulante. E seus cílios conseguiam ser ainda mais claros do que o cabelo. Além do mais, seu sotaque parecia diferente do das outras pessoas que ouvi até agora.

— Nos perdoe, Cali. Gengibre é muito sensível com relação a cores de cabelo — Sabrina explicou. Ela parecia uma boneca com aquela franja bem cortada e cabelos negros.

— Tu não *disse* que estava encalhado porque só se permitia ficar com ruivas? Olha aí a tua chance — Gabriel riu, apontando pra mim de um jeito brincalhão.

— Tecnicamente meu cabelo é castanho-avermelhado — eu me defendi e encolhi os ombros. — Desculpe, Gengibre. Não posso te ajudar.

— A essa altura da Seca ele não está em condições de negar nada — Vanessa retrucou e Gengibre piscou como se não estivesse acreditando no ultraje que ouvia. Ele olhou diretamente para mim e segurou minha mão, como se estivesse prestes a me dar um conselho.

— Você ainda tem uma última chance de ficar longe dessas pessoas horríveis.

— Corta essa, você ama a gente — Patrícia disse e Sabrina assentiu. — E a Cali precisava ser apresentada às melhores pessoas dessa sala.

— Nisso tu *tem* razão — Gabriel concordou. Ele parecia muito alto sentado naquela carteira azul. Era como se suas pernas muito longas estivessem espremidas em um espaço pequeno demais. Mas ainda assim seus olhos castanhos eram calorosos.

— Tu deste sorte de ter sido acolhida pela Gêmea Boa — Vanessa disse e os olhos sorridentes de Gabriel se reviraram.

— Existe uma Gêmea Má? — perguntei ingênua.

— Existe a encarnação do demônio cor-de-rosa — Gengibre me explicou, e tanto Vanessa quanto Sabrina gargalharam. Eu me virei para Patrícia, mas ela fez que não tinha problema seus amigos falarem desse jeito da sua irmã.

— Você é carioca da gema mesmo? — Gabriel mudou o assunto e eu assenti, apesar de ainda estar curiosa com o que exatamente eles queriam dizer com

“Gêmea Má”. — Legal. Sempre quis conhecer o Rio.

— É uma cidade bonita. Você iria gostar, apesar de eu não fazer ideia de quais são seus gostos pessoais. Mas acho que o Rio é fácil de se curtir.

— Eu jogo tênis e tenho um PlayStation 4 — ele me disse.

— Eu sou fã da Pixie Roxy! — Sabrina levantou a mão, como se estivéssemos jogando um jogo.

— Eu também! — falei com um brilho nos olhos, e o rosto dela se iluminou de volta.

É assim que se começa uma amizade.

— Eu... Sei fazer a *Cup Song* sem errar — a frase de Patrícia soou mais como uma pergunta do que uma afirmação. — Juro.

— Meu negócio são os livros — Vanessa esclareceu, mostrando seu exemplar de *Os Garotos Corvos* em cima da mesa.

— Eu tenho um sapo de estimação — foi a vez de Gengibre e todo mundo riu. — O quê? É verdade! O nome dele é Príncipe.

— Qual é o teu problema, piá? — Vanessa bagunçou o cabelo dele de novo.

— Falta de mulher — Gabriel se contorceu no seu espaço pequeno demais e sorriu. Ele era bonito. Principalmente quando sorria e apareciam aquelas covinhas. — Só pode ser isso.

Antes que Gengibre pudesse se defender, o professor entrou na sala e, pelo modo como todo mundo se calou na mesma hora, eu entendi que aquele não era um cara muito legal. Ensinando Química. Um sonho de consumo. Era a primeira vez que eu começava o segundo semestre em uma escola diferente e me empenhei para acompanhar a turma sem ficar perdida.

Durante o intervalo eu continuei na companhia de Patrícia e seus amigos, que estavam sendo muito legais comigo. Avistei meus irmãos, como sempre rodeados de meninas e parecendo já estarem muito bem enturmados. João estava no mesmo grupo que o deles, mas eu desviei minha atenção de lá na mesma hora em que o vi.

Notei, entretanto, que alguém entre eles me observava e não consegui conter

a curiosidade de saber *quem*. Surpreendi-me ao sentir que já o havia visto antes e fiquei ainda mais cismada quando ele comentou alguma coisa com João, ainda olhando pra mim. João, por sua vez, perdeu a cor do rosto por um segundo antes de abrir um sorriso nervoso e dar uma resposta que eu xinguei muito por não ser capaz de ouvir. Mas todos os meus sentidos estavam em alerta.

Eles estavam falando sobre mim. *O que eles estavam falando sobre mim?*

— Ok, *aqueles* são os teus irmãos gêmeos? — Vanessa indicou Apolo e Hélios com a cabeça, com uma cara de chocada.

Eu olhei pra ela, ainda pensando no que diabos João estava falando sobre mim com garotos estranhos, e demorei um segundo a mais para entender do que é que ela estava falando.

— Ah. Sim. Apolo e Hélios, como eu disse mais cedo.

— Qual é a desses nomes esquisitos? — Gabriel perguntou curioso.

— Minha mãe não achou que era suficiente ser doutora em Mitologia grega, ela teve que dar o nome de todos os seis filhos em homenagem aos personagens.

— Tu *tá* brincando? — Gabriel riu, mas de um modo bom. Não foi como se ele achasse aquilo uma piada, mas interessante. — E o que Calíope significa?

— Musa da poesia épica, da ciência e da eloquência. A rainha das musas, na verdade. A mais velha, a mais sábia e filha de Zeus.

Ele assobiou, impressionado, e eu fiz uma reverência de brincadeira.

— E eu achando que era legal ser o “Mensageiro de Deus”.

— Por favor, eu sou o nome de um dos templos de Isis — Patrícia resmungou. — Me senti humilhada.

— Eu não faço ideia do que Sabrina signifique.

— Eles são *tão* gostosos — Vanessa disse do nada, ainda olhando para os meus irmãos com desejo. Ai, ai. Lá vamos nós.

— Quem, criatura? — quis saber Gengibre.

— Os irmãos da Cali. Entre o Deus do Sol e a própria Personificação dele eu não faço ideia de quem seja mais *quente*.

Apolo: O Deus do Sol.

Hélio: A Personificação dele.

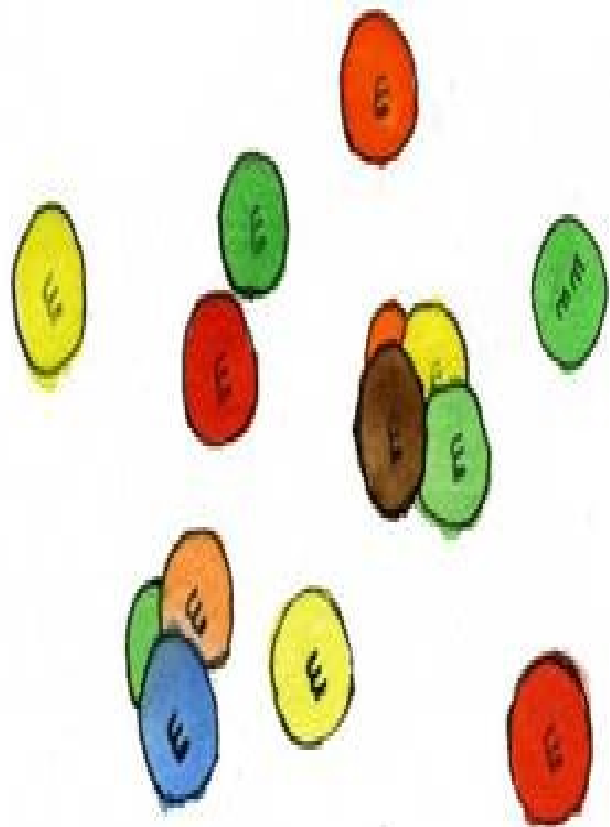
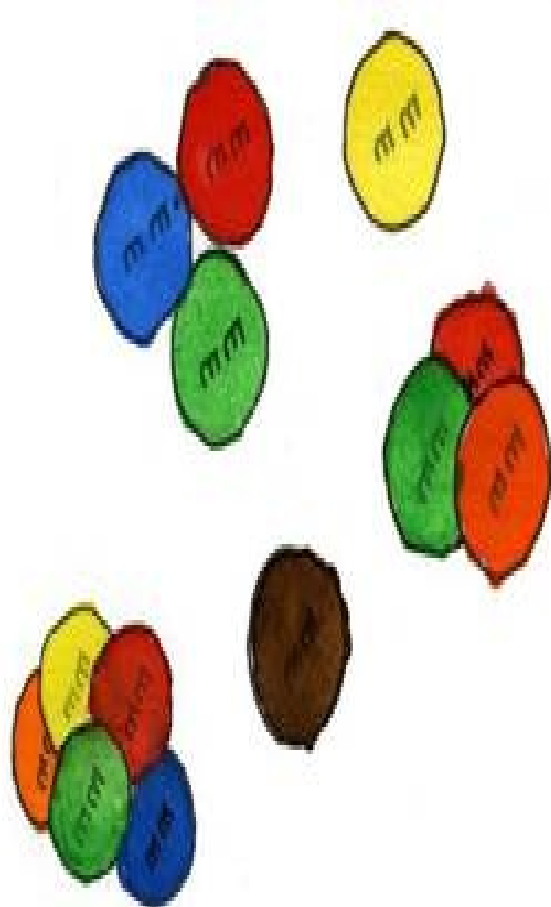
— Estou impressionada com seus conhecimentos sobre a Mitologia Grega — falei, botando a mão no peito para dar ênfase à minha emoção.

— Pelos teus irmãos eu aprendo até grego antigo se for preciso, guria — ela se abanou e mordeu o lábio, fazendo todo mundo rir.

Subimos juntos para a sala quando o sinal tocou, mas não antes de eu vagar meu olhar uma última vez na direção do João. Dessa vez ele estava me espiando também e meu coração deu um pulo quando nossos olhares se encontraram. Desviei na mesma hora e dei as costas para ele, sentindo minha nuca queimar com as faíscas que eu sabia que vinham do seu olhar.

Meu cérebro começou a querer me sabotar mais uma vez, deixando-se ser dominado pelo João Augusto. Eu me forcei então a mergulhar na aula de história e no Holocausto porque era isso ou a música da Xuxa, e eu já estava cansada daqueles malditos patinhos.

Conversei com Sabrina sobre a Pixie Roxy e contei a Helô pelo celular que eu estava fazendo novos amigos mais fácil do que imaginava. Então, quando eu menos esperava, durante a explicação do professor sobre o exército de Stalin, uma mensagem nova chegou.



7. Borboletas Sempre Voltam

Eu sei que você está aí achando que a mensagem que chegou veio do João. Mas antes que você crie expectativas eu já vou dizendo que não teve nada a ver com ele.

Como todos nós saímos em horários diferentes da escola, somente Patrícia, Stella e eu voltamos para casa juntas. Minha mãe deve ter buscado as crianças, e os rapazes do terceiro ano só voltariam pra casa à tarde, por causa das aulas pré-vestibular. Eu passei o resto da manhã, desde a mensagem, querendo que o tempo corresse logo e, agora, eu me perguntava como é que as gêmeas conseguiam andar tão devagar.

Eu e Patrícia estávamos nos dando bem. Ela perguntava todo o tipo de coisa sobre mim, mas eu não tinha tempo de fazer perguntas também além de responder. Ela gostava mais de falar do que pareceu naquele primeiro jantar na minha casa, o que foi uma surpresa. Eu também não esperava que ela fosse me acolher entre seus amigos e que fosse, bem, ser uma garota legal. Nós poderíamos muito bem ter feito amizade mesmo se tivéssemos nos conhecido em outras circunstâncias.

Stella, por outro lado, permanecia um enigma.

Enquanto eu e Patrícia conversávamos no caminho para casa, a outra gêmea teclava em seu celular. Ela era a única dentre os novos irmãos que não havia se dirigido diretamente a mim, e eu não posso negar que fiquei curiosa depois dos comentários nada amigáveis dos amigos da Patrícia. Eu não sabia se podia *perguntar* a Patrícia qual era a da sua irmã, porque nós não éramos íntimas.

Mas se você parar pra pensar que estamos dividindo o banheiro e a dignidade, eu tenho todo o direito de saber se a cota de vacas narcisistas será aumentada por metro quadrado lá em casa.

Hipólita era o meu limite até agora.

Eu sabia que o aniversário delas estava chegando e o usei como desculpa para começar uma conversa que envolvesse nós três.

— Minha mãe falou que vocês vão ter uma festança no fim do mês.

O nariz de Stella finalmente se levantou do celular e ela olhou pra mim. Eu

havia acertado seu ponto fraco em cheio.

— Ah, sim — Patrícia, entretanto, não parecia *tão* animada. Ela deu de ombros. — Sempre temos, na verdade. Não que eu tenha alguma escolha — ela lançou um olhar provocativo pra irmã, que apenas abriu um sorrisinho e voltou a digitar.

— Tu deverias me agradecer por trazer movimento à tua vida social — Stella disse. E não foi de um jeito malvado como eu estava esperando. Ela simplesmente falou como uma irmã implica com outra irmã.

E Patrícia fez uma careta.

— A festa é mais tua do que minha de qualquer maneira.

— Porque tu não se *importa* e eu me importo — Stella não parecia abalada. — Parece justo pra mim.

Eu tinha que concordar, parecia justo.

— Aliás, os convites estão para chegar essa semana. É bom que você me ajude a distribuir.

— Vocês vão convidar muita gente?

Stella me encarou como se tivesse alguma coisa errada com o meu cabelo. Eu quase me senti amedrontada.

— Mas é *claro*. Senão não seria a maior festa de aniversário dessa cidade.

Ok. Certo.

Eu deixei escapar um riso e ela levantou uma das sobrancelhas bem feitas. Patrícia parecia piscar em código vermelho, prestes a me dar um beliscão pra eu parar de falar. Aparentemente Stella levava a coisa toda da festa muito a sério. Eu olhei para Patrícia pedindo ajuda.

Havia duas opções possíveis: Ou essa menina tinha complexo de grandeza e viajava na maionese, Ou eu me *teletransportei* sem saber para dentro de um filme adolescente americano e ela é a abelha rainha das meninas *mais populares da escola*.

Ou talvez a festa seja mesmo muito famosa por causa do Marido Número 3 e

eu não faça ideia da dimensão do poder do nome dele nessa cidadezinha. Quer dizer, ok, o cara é influente e um bom samaritano que constrói cinemas e Skate Parques. Mas se essa influência se estendia às suas filhas adolescentes é porque o buraco é mais embaixo.

Quem, afinal, é Marido Número 3?

De repente comecei a entender o que Jo... *Guto* dissera sobre precisar “ter mais interesse sobre as coisas da família”. Eu mesma não tive o mínimo interesse em ir procurar saber a fundo quem eram essas novas pessoas na minha vida. Talvez por eu estar em negação sobre ter que me mudar ou por não conseguir aceitar esses estranhos como parte da minha família.

Eu ainda não conseguia. Era muita informação ao mesmo tempo para se adaptar tão rápido. Mas a minha raiva por *Guto*, infelizmente, estava perdendo a sua força. Porque não havia sentido.

Por sorte eu não tive muito tempo para ficar pensando nisso, já que estávamos chegando em casa. Corri os últimos metros da rua até o portão com o coração fazendo um verdadeiro ensaio de Escola de Samba, e subi as escadas da varanda já gritando pela minha mãe. Estava uma barulheira na sala, onde os pequenos brincavam de *Twister*, e eu procurei minha mãe em todos os cômodos até encontrá-la na cozinha.

— Onde está? — perguntei eufórica.

Ela levantou os olhos do livro que estava lendo, encostada na bancada da pia, e indicou a mesa da cozinha com o queixo.

Lá estava.

Soltei um gritinho que negaria até a morte e avancei para o pacote como uma leoa caçando a sua presa. Rasguei o embrulho e abri a caixa de papelão, tirando lá de dentro alguma coisa dura embrulhada em plástico-bolha. Quando desembulhei e encontrei uma miniatura de balão de ar quente super colorida do tamanho do meu antebraço, eu me derreti por dentro.

Minha mãe já havia se aproximado e estava bisbilhotando por cima do meu ombro.

— Alguém acertou em cheio no presente — ela disse, com sua voz de quem

diz “tá namorando!”.

E eu não conseguia eliminar o sorriso do meu rosto, pra piorar a situação.

— Só estou curiosa, como foi que seu admirador descobriu nosso endereço? Nós nos mudamos ontem.

— A Helô deve ter dado pra ele — era a única opção lógica. — Lembra? Eu fiz você pegar o endereço com o Marid... Com o Otávio assim que ele comprou a casa porque a Helô estava histérica.

— Olha, tem um cartão! — ela exclamou feliz como se fosse ela a presenteada. Minha mãe às vezes parecia ter quinze anos e estava prestes a bater palminhas.

Eu deixei meu novo amor em cima da mesa e peguei o cartão lilás dentro da caixa. Abri e quase caí na gargalhada com a mensagem.

Borboletas sempre voltam e o seu jardim sou eu.

Uma mensagem espartinha com a frase de uma música de sertanejo universitário. Não era nem preciso assinatura.

Minha mãe franziu o cenho, um pouco confusa, enquanto eu me afogava no mar da paixão e pressionava o cartão contra o meu peito. Onde é que estava o meu celular?

— Dona Clara, a senhora quer que eu lave a roupa branca agora ou depois?

Olhei para a mulher entrando na cozinha pela porta que vinha do quintal de trás.

— Olha Inês, minha filha chegou — mamãe me deu um abraço apertado. — Cali, essa é a Inês, nossa ajudante.

Certo, nós tínhamos uma ajudante agora? E toda a política da minha mãe sobre não ter ajudantes? Sobre dividir as tarefas entre os filhos? Tenho até a desconfiança de que ela gerou tantas crianças justamente com o intuito de nos escravizar. Então entendam minha confusão quando a Inês se apresentou pra mim e me perguntou se eu tinha alguma roupa branca pra lavar.

Olhei pra minha mãe buscando explicações quando a Inês voltou para o quintal.

— Ela está com o Otávio há quase vinte anos. Você não queria que eu fosse a responsável pelo desemprego dessa senhora, queria? — mamãe parecia magoada por eu pensar que ela seria capaz de um ato tão cruel. — Além do mais, logo eu volto a trabalhar e agora a casa está mais cheia do que o habitual.

Pois é, isso eu já havia percebido. Mas espere um minuto...

— Onde você vai trabalhar?

Os olhos da minha mãe se iluminaram e aquilo foi o suficiente para minha espinha gelar de medo.

— Parece que um professor de história está para sair da escola e o Otávio falou sobre mim com a diretora. Amanhã vou me encontrar com ela. O plano era começar no ano que vem, até porque estamos em agosto. Mas uma porta se abriu e eu não sou do tipo que vira as costas para o Destino!

Ela tinha que ser sempre tão dramática. Mas espere um minuto...

— Em *que* escola você vai trabalhar?

O sorriso dela quase me fez querer sair correndo da cozinha.

— Na sua, bobinha. É a melhor escola de Assunção.

Era só o que me faltava. Eu estava absolutamente sem palavras. Eu precisava de Apolo e Hélio pra poder lidar com essa situação.

— Aliás, por falar em história, o Eduardo vem pra casa nessa quinta-feira. Você quer que ele traga alguma coisa do Rio que tenha esquecido? Seu avô pode pegar.

Eduardo, o filho mais velho do Marido Número 3. Estudante de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro e ex-aluno da minha mãe, antes de ela largar tudo e vir morar com o pai dele.

A culpa era toda dele por tê-los apresentado.

Bom, talvez ele pudesse trazer de volta a minha paz.

Eu não precisava de mais nada, então peguei meu balão e meu cartão e subi até o meu quarto, ainda atordoada com as últimas notícias. Balancei a cabeça para afastar isso e me concentrar no que realmente importava no momento. E

meu peito se preencheu de um sentimento de puro deleite. Eu puxei meu celular do bolso da calça e comecei a digitar.

Cali: Victor e Leo — Borboletas.

Deitei na cama, abraçada ao meu mais novo — e preferido — balão de ar quente enquanto fazia o maior esforço para não roer as unhas. Esperar era uma tortura. Principalmente quando você se sente tão cheia de felicidade que precisa colocar isso pra fora.

Um minuto depois o meu celular vibrou e eu abri a mensagem nova tão rápido que quase deixei o aparelho cair.

Maurício: Finalmente haha já tava achando que tinha sido extraviado

Cali: Quando foi que você mandou? Eu ainda tô meio chocada.

Maurício: Segredo. O importante é que chegou... E vc gostou?

Cali: Estou apaixonada.

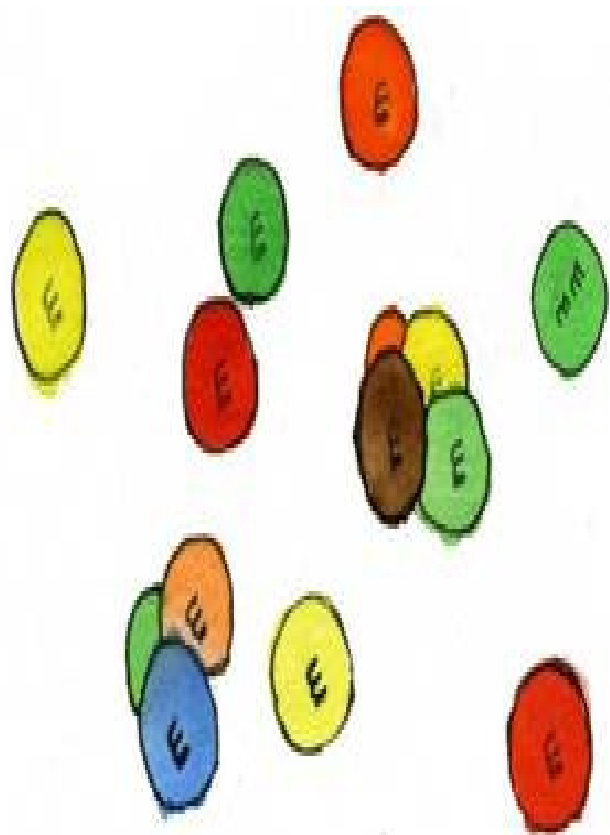
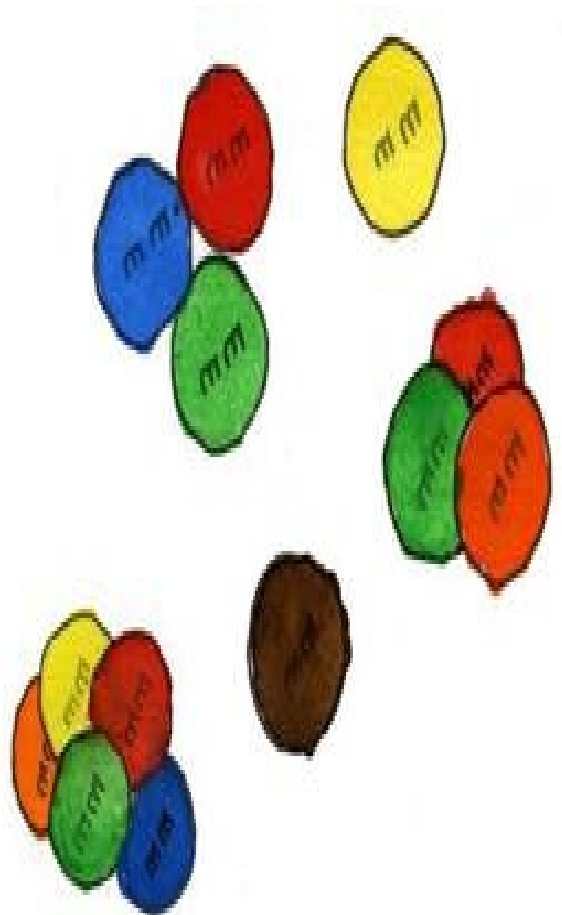
Maurício: É pra pensar em mim quando olhar pra ele ;)

Deixei escapar uma risadinha e comecei a me debater na cama, não conseguindo controlar a euforia. Respirei fundo e mordi o lábio sorridente, com medo de que eu fosse explodir a qualquer momento.

Maurício: Você tá fazendo falta.

Cali: Eu queria poder voltar): Mas me conta, como foi o primeiro dia sem a minha maravilhosa pessoa?

E essa foi uma conversa que durou pelo menos uma hora, até o Maurício precisar sair para o seu treino de natação. E eu jamais me senti tão injustiçada por ter tido que me mudar quanto agora.



8. Tiro no Escuro

Meu nome é Calíope Medina e eu tenho dezesseis anos. Eu estou no segundo ano do Ensino Médio e ainda não tenho a menor ideia do que quero fazer da vida.

Ao contrário da minha mãe, que sempre foi apaixonada por contar histórias e por Mitologia Grega — o que é algo totalmente desnecessário de se dizer, visto que a mulher deu aos seus seis filhos nomes estranhos como *Calíope* e *Hipólita* porque eram de personagens mitológicos.

Ela sabia desde criança que queria ser professora. Só não precisava ser na *minha* escola.

Apolo e Hélio obviamente pensavam o mesmo que eu.

— Você tem certeza que ela disse isso? Na nossa escola?

Eu assenti, confirmando pela décima vez.

— Com todas as letras.

Apolo assobiou e Hélio passou as mãos pela cabeça. Ele estava de óculos, a única coisa que o diferenciava de Apolo.

Eu estava com meus óculos de leitura também.

— Será que ela vai ser *nossa* professora? — Apolo proferiu as palavras que nós três temíamos.

— Eu prefiro a morte — disse, sem conseguir imaginar a minha mãe louca me dando aula.

Meu Deus. Ela seria aquele tipo de mãe professora que lambe o dedo pra ajeitar as minhas sobrancelhas no meio da sala e, com certeza, falaria coisas indiscretas quando achasse que ninguém estivesse ouvindo como “não se esqueça de lavar as suas calcinhas”.

Mas é óbvio que alguém ouviria. É assim que funciona a Lei de Murphy.

Sacudi a cabeça, afastando as ideias torturantes que provavelmente me dariam pesadelos à noite.

— Eu não acho que isso vai acontecer — Hélio, a voz da razão, começou a dizer. — Quer dizer, eles dão preferência para não colocar parentes na relação aluno-professor.

Respirei um pouco mais aliviada com esse fio de esperança. Notei que Apolo fez o mesmo.

— Bem, eu só precisava de um pouco de apoio moral de vocês. Agora que todos nós sabemos que estamos possivelmente ferrados, eu vou indo.

Os dois me encararam com olhares curiosos e desconfiados.

— Aonde exatamente você vai? — Hélio perguntou.

Deixa eu contar uma coisa sobre os meus irmãos mais velhos: eles são extremamente sociáveis. Talvez isso aconteça por eles serem (eca) bonitos e estarem sempre rodeados de garotas (Apolo principalmente, ele adorava). Mas o fato é que ambos sempre tiveram uma vida social agiadíssima.

Ao contrário de mim, que tinha preguiça de sair.

Então quando eu estou pronta pra sair de casa e eles não têm nada pra fazer é como se o Cosmo estivesse nos dando o aviso do Apocalipse.

Abri um sorrisinho vitorioso.

— Patrícia me chamou para ir ao Beco com os amigos dela. Eu só espero que Beco seja o nome de algum lugar e não um *beco* de verdade.

— É o *point* da galera aqui em Assunção — Apolo esclareceu. — O Beco é o quiosque do cinema.

— Então basicamente se eu for a algum desses lugares eu vou encontrar toda a população jovem dessa cidade?

Hélio deu de ombros e riu.

— É o que acontece quando se mora em uma cidade pequena.

Suspirei e Apolo passou o braço pelo meu ombro.

— Às vezes é bom. Quer dizer que é certo você encontrar o cara pra quem estava dando mole pelo telefone no sábado.

Os olhos de Hélio cresceram curiosos.

— Essa história ninguém me contou.

Ok, certo. Apolo é um babaca. Me afastei dele, sentindo meu estômago se embrulhar e minha corrente sanguínea acelerar. Um segundo depois e eu já estava vermelha, eu tinha certeza.

Óbvio que minha mente voou direto para João e para o fato de que eu podia mesmo encontrá-lo no Beco, já que ele foi pra casa de um amigo depois da escola. Mas esse era o menor dos meus problemas visto que, bem, eu esbarrava com ele *todos os dias* debaixo do meu próprio teto.

— Eu não estava dando mole pra ninguém — fui taxativa, mas sabia que eles podiam ouvir o nervosismo na minha voz. Era minha deixa para ir embora. — Eu vou indo, antes que a Patrícia ache que eu desisti.

Me virei de costas para os meus irmãos, deixando-os rindo da minha cara e provavelmente indo ligar o vídeo game do quarto. Desci as escadas como se estivesse com raiva do chão e encontrei a Patrícia me esperando na sala.

No fim das contas o Beco era uma espécie de lanchonete-bar que, realmente, estava superlotado. Era aconchegante e grande ao mesmo tempo, embora não desse pra perceber. Mas o lugar era dividido em dois ambientes: as pistas de boliche e o palco que, eu fiquei sabendo, recebia todo tipo de bandas.

— Em outubro tem a batalha de bandas, é super legal — Vanessa me contou, dando uma golada no seu milk-shake de morango. O cabelo cacheado dela estava maravilhoso.

Estávamos em uma das mesas de madeira do canto, rodeada por uma poltrona de vinil vermelho. Peguei uma batata com queijo da porção que a gente pediu antes que o Gengibre acabasse com tudo.

— Qualquer um pode se inscrever nessa batalha? — perguntei.

Gabriel me lançou um olhar sacana.

— Não me diga que você canta.

— Eu? — arregalei os olhos. — Não. Cantar não faz parte do meu extenso arsenal de talentos.

— Qualquer um pode se inscrever sim — Sabrina passou uma mecha do seu cabelo preto para trás da orelha. — Mas nem todo mundo faz isso porque o nível das bandas é bem alto. Sabe? Medo de ser humilhado.

— O Guto vai participar esse ano de novo — Patrícia mordeu uma batata. E lá estava eu sendo obrigada a falar sobre ele mais uma vez. Tentei não transparecer nenhuma alteração, embora ouvir o nome dele ativasse um gatilho dentro de mim. — Ano passado a banda dele ficou em segundo lugar.

Mordi minha língua antes de perguntar. Eu estava curiosa, mas de jeito nenhum iria perguntar e continuar falando sobre ele.

— Eu bem acho que devíamos montar uma banda — Gengibre disse como quem diz “me passa o sal” e enfiou cinco batatas com queijo na boca.

Será que ele tocava algum instrumento ou era o vocalista? Meu Deus, eu não sabia qual era a alternativa mais assustadora. Skatista, amante de poesia e *músico*? E meu irmão postiço.

Certo, vida. Você está fazendo isso *certo*.

Engoli o gemido de protesto que estava já na porta da minha garganta com uma porção de batatas ainda maior que a do Gengibre. Seria bom se eu conseguisse engolir João da minha mente de uma vez.

— Eu o vi por aí com os amigos dele — Sabrina comentou.

— Eu vou ao banheiro.

Levantei depressa, antes que alguém falasse mais alguma coisa, e parti em disparada para o banheiro feminino.

Não é a atitude mais madura do mundo se trancar dentro de uma das cabines do banheiro e ficar sentada no vaso sanitário fechado, trocando mensagens com sua melhor amiga, enquanto você evita as pessoas.

Definitivamente não foi o meu melhor momento.

Mas quando voltei para a mesa, eu estava consideravelmente mais calma.

Até a hora de ir embora e Patrícia anunciar que nós voltaríamos pra casa de carona com o João.

Meu primeiro instinto foi correr para o banheiro de novo, mas me lembrei do que a Helô havia dito. Eu não podia fugir dele pra sempre, simplesmente porque nós morávamos na mesma casa. Eu precisava aprender a lidar com a situação e em algum momento ela iria parar de me incomodar.

Então respirei fundo e disse:

— Tudo tranquilo.

João se aproximou da nossa mesa e cumprimentou os amigos da Patrícia. Eu o fitei de relance, no exato momento em que ele me encarava também. Prendi a respiração e desviei o olhar, indo me despedir do pessoal. Eu estava tão alerta que comecei a duvidar de que houvesse sido mordida por uma aranha radioativa e ganhado superpoderes sensoriais.

Fiquei inquieta durante todo o caminho até em casa. Eu tentava evitar, mas os olhos de João me seduziam através do espelho retrovisor dentro do carro. Era impossível não ficar olhando, impossível não admirar seus dois faróis verdes atentos à estrada e, de certo modo, tensos. Eu não sabia no que ele estava pensando, mas daria tudo para mergulhar na sua mente e descobrir em primeira mão. Eu ainda não havia me desculpado e ele provavelmente deveria achar que eu era maluca.

Eu podia *agir* como maluca quando fico nervosa, mas essa definitivamente não era a minha versão regular.

Patrícia ia tagarelando sobre a batalha de bandas, mas eu não estava prestando atenção em uma palavra do que ela dizia. Quando o olhar de João se encontrou com o meu no espelho, estremeci. Fui pega no flagra, meu coração deu um salto assustado e eufórico.

E eu me rendi.

Seu olhar era intenso e parecia querer me dizer alguma coisa que eu não podia me dar ao luxo de escutar. Fez todo o meu corpo ficar tenso e ir amolecendo aos poucos, como se ele estivesse me perfurando lentamente e percorrendo as minhas veias.

Ah, eu me permiti mergulhar, senão na mente, mas naqueles mares verdes. E me senti culpada no segundo depois, mas não totalmente.

Ele estacionou o carro e Patrícia saiu falando ao telefone com alguém. Eram quase onze horas e todo mundo na casa ainda estava acordado e tentando não fazer tanto barulho, sem sucesso. Meu coração se acelerou quando me vi sozinha com João dentro do carro e pensei que, se eu quisesse pedir desculpas a ele, o momento era aquele.

Ele piscou antes de desviar o olhar do meu e pousou a mão na maçaneta da porta do motorista. Antes que ele pudesse abrir, eu disse:

— Espera um minuto.

Ele voltou a olhar pra mim através do espelho e a consciência do espaço pequeno em que estávamos confinados fez o meu corpo se aquecer. Eu me aproximei do banco dele, conseguindo contar cada molécula de ar que nos separava, mas João não se mexeu. Embora pudéssemos ficar cara a cara com somente um movimento, estávamos presos um ao outro através do espelho novamente.

— Eu sinto muito pelo modo como falei com você no sábado à noite. — deixei as palavras saírem sem filtro. — Eu sei que você não planejou nada do que aconteceu e eu sei que você só estava tentando ser um cara legal quando foi conversar comigo.

Ele demorou um segundo torturante para esboçar algum tipo de reação. Por um momento eu achei que ele fosse me mandar sair do carro e que não queria saber de desculpa alguma. Mas João suspirou e balançou a cabeça, como quem se rende. Ele estava me dando o seu perdão?

— Tudo bem — ele disse e eu respirei aliviada.

Então novamente o silêncio constrangedor.

Eu não sabia mais o que dizer e ele também não parecia interessado em acrescentar mais nada. Minhas mãos começaram a suar de nervosismo quando eu me vi ali tão perto dele e sem saber o que fazer ou como agir, como impedir que eu tivesse tanta consciência do seu corpo a centímetros do meu. Mais um movimento e eu poderia cheirar a sua nuca.

Que tipo de pensamento é esse?

Foi a minha deixa para escapar do transe e sair do carro.

Antes que eu pudesse me mexer, porém, João se virou para mim e nossos rostos ficaram a uma molécula de ar e meia de distância. Eu prendi a respiração enquanto sinais de alerta vermelho piscavam e buzonavam na minha cabeça.

O olhar dele desceu para os meus lábios, como ele sempre parecia fazer quando estava perto de mim. Tive que segurar minhas mãos para impedir a vontade de tocar os fios castanhos bagunçados dele ou sentir o calor da sua pele.

O calor que a sua respiração fazia no meu rosto.

O calor que subia pela minha barriga.

O calor dos seus olhos lutando uma batalha silenciosa com os meus. Verde e Marrom. Marrom e verde.

Meu Deus.

Ele piscou, se dando conta do que quase estava acontecendo entre nós (*O que diabos quase está acontecendo entre nós?*). Ele se virou para frente de supetão e eu fiquei ali submersa demais naquela sensação abafada para esboçar qualquer outra reação.

A reação do meu corpo era gritante o suficiente.

Puxou o gatilho da minha mente e, de repente, o estouro. E tudo se apagou em pólvora.

João saiu do carro apressado e abriu a porta pra mim.

Ele não olhava mais pra mim. Parecia tão acertado por um tiro quanto eu.

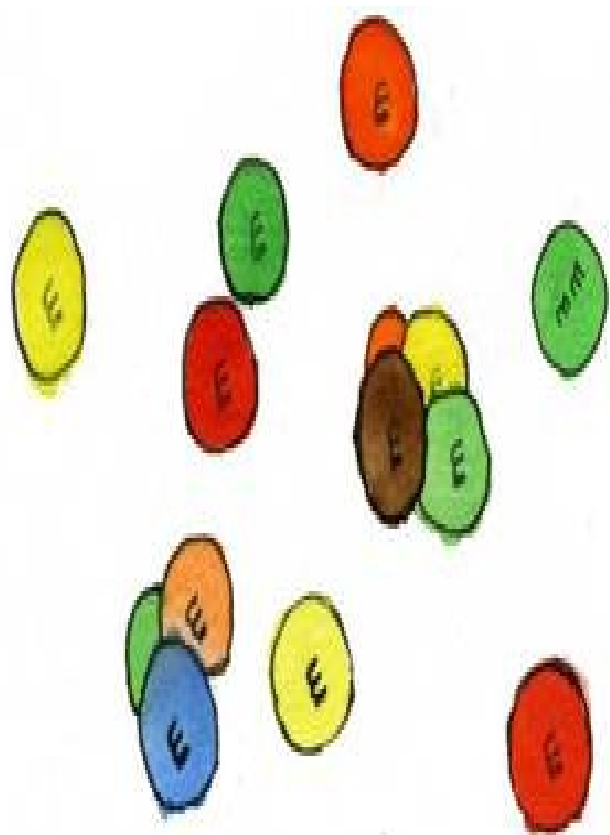
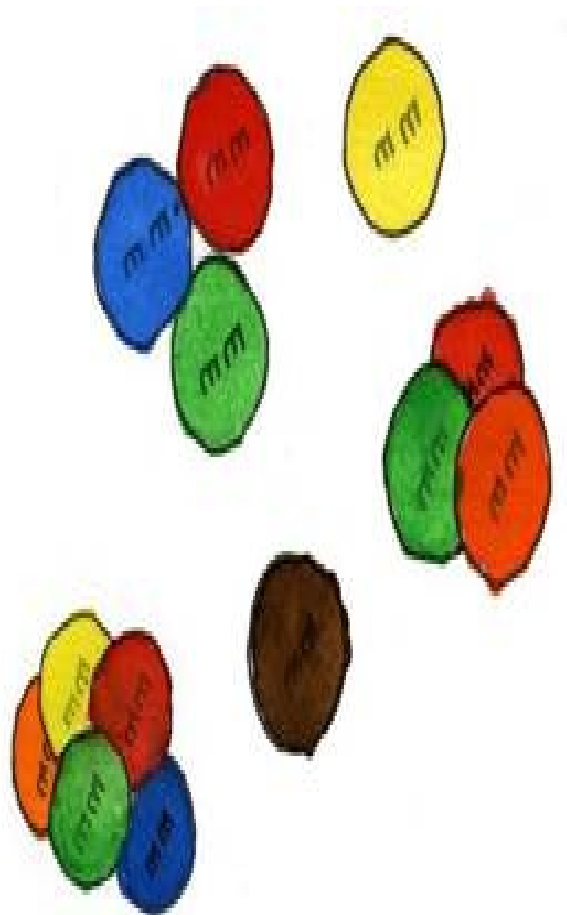
— Vamos. Daqui a pouco alguém vem aqui procurar por nós dois.

Nós dois.

Eu assenti, ainda muda, ainda sem conseguir lidar com o meu sistema emocional descontrolado depois de... Depois do *quê?*

Saí do carro e passei por ele sem dizer mais nenhuma palavra.

Eu ainda precisava me *lembrar* como é que se fazia para dizê-las.



9. Voltando pro Futuro

A pior coisa sobre morar com homens desconhecidos é que não existe liberdade pra andar pela casa do jeito que eu bem entender. Não posso, por exemplo, descer para tomar café da manhã usando meu pijama de shortinho colado porque eu ia ficar mortificada pelo Marido Número 3 e suas crias masculinas terem uma ampla visão das minhas coxas.

Mas hoje, eles não estavam em casa.

Eduardo chegara na quinta-feira e seu pai estava tentando passar todos os momentos junto do filho até ele voltar pro Rio amanhã, no domingo. Hoje, aliás, fazia exatamente uma semana que eu e minha família havíamos nos mudado para Assunção. E, vou te dizer, a sensação é de que se passaram dois anos.

Ontem Marido Número 3 chamou meus irmãos para a tradicional Escapada Masculina da família Becker, e todos os homens da casa estavam fora desde antes de eu acordar.

O que significa: pijama a manhã inteira!

As gêmeas e Hipólita estavam ocupadas na mesa da cozinha com uma pilha de convites para dobrar e colocar no envelope roxo. Eu passei por elas, espiando o trabalho, e abri a geladeira para pegar um *toddynho*. Patrícia bufava a cada dois minutos, parecendo não aguentar mais fazer aquilo. Enquanto sua irmã deslizava os dedos rapidamente entre os envelopes e se dedicava com tensão e euforia ao mesmo tempo.

A festa seria em duas semanas e eu já começava a sentir o clima ficando mais pesado dentro da casa.

— Bom dia — eu disse enquanto furava a caixinha com o canudo. Ver Hipólita ajudando em alguma coisa sem reclamar era, no mínimo, suspeito. Ela não fazia nada sem segundas intenções ou que não fosse beneficiá-la de alguma maneira.

E aqui estava ela toda sorridente.

— Bom dia, Cali — foi ela quem me respondeu. Alguém acordou de bom humor. — Você não quer ajudar?

Hã...

— Não precisa. Nós já estamos terminando — salva pela Stella. Ela tinha um jeito de quem gostava de controlar tudo. Ou talvez fosse apenas o efeito da festa. Eu não sei.

O que eu sei é que ela continuava a agir como se eu praticamente não estivesse na sala. Ela mal olhava na minha direção e nunca dirigia a palavra a mim. Veja bem, eu não sou sensível e nem estou interessada em chamá-la para fazer as unhas juntas, mas quando todos os filhos do Marido Número 3 são simpáticos comigo menos uma, a diferença fica gritante.

Ok, talvez nem *todos*.

Mas existia um motivo para João e eu estarmos nos evitando.

Eu as deixei em sua atividade e voltei para o meu quarto com meu *toddynho* e um pedaço do bolo de cenoura dos deuses que a Inês havia feito ontem. Finalmente eu poderia fazer minha maratona de *De Volta Para o Futuro* em paz, aproveitando o silêncio atípico de metade da casa *fora* de casa.

Mas antes que eu pudesse me instalar na minha cama, o celular vibrou. E eu voei em cima dele achando que era uma mensagem de bom dia do Maurício.

Não era.

Gabriel: O que vc tá fazendo?

De todos os amigos da Patrícia, o Gabriel era com quem eu estava me dando melhor. Ele era fácil de conversar e muito engraçado. Gengibre também era muito legal, mas parecia viver no mundo da lua. E as meninas, bem, eu gostava delas, mas me sentia sobrando quando estava entre elas. Por mais que a Patrícia tentasse fazer parecer o contrário.

Cali: Me preparando pra assistir filme. Pq?

Gabriel: Eu tô entediado e ngm tá respondendo. Vamos ao cinema? Rei Leão ainda tá em cartaz.

Pensei por um minuto se era melhor ficar em casa com *Marty McFly* ou sair para encontrar Gabriel e Simba. Bem, eu poderia fazer os dois. Combinamos de nos encontrar depois do almoço e eu me joguei na cama com meu notebook,

meus filmes e meu pedaço de bolo.

— Tu *comeu* muito? Porque eu comprei um pacote enorme de pipoca — Gabriel me mostrou o saco Mega em suas mãos com uma cara de garoto levado quando cheguei ao cinema. Dei um abraço nele e enchi a mão de pipoca com manteiga. — Acho que isso é um não.

— Chamei a Patrícia pra vir, mas ela estava ocupada com coisas da festa.

— Então era por isso que ela não me atendia.

Eu fiquei olhando pra ele e suas covinhas, pensando no quanto ele era cara de pau.

— Você deixou bem claro que eu fui a sua última opção. Isso magoa.

— Isso não é verdade!

Estreitei meus olhos, nem um pouco convencida da inocência desse rapaz.

— Tudo bem. Vou fingir que acredito pra não gerar conflitos posteriores.

Nós entramos na sala, que estava metade cheia, e sentamos em nossos lugares. O filme começou, mas nós passamos mais tempo fazendo observações engraçadinhas e imaginando como seria se, na verdade, o Scar fosse o grande herói e Mufasa o vilão que se fez de bonzinho para os outros. O que chegava a ser uma heresia, mas a imaginação ainda era livre.

As pessoas nos mandavam calar a boca o tempo todo, até o momento em que Gabriel começou a ter uma crise de risos e eu tentei enfiar pipoca goela abaixo dele para fazê-lo ficar quieto. Sem resultado.

Nós fomos os últimos a sair da sala, recebendo olhares de crítica de todo mundo que passava pela gente. Havia pipoca para todos os lados, inclusive no meu cabelo e dentro da camisa dele. Nós nos limpamos antes de sair, ainda rindo.

— Me lembre de sempre te chamar para ir ao cinema comigo — ele disse, comendo a pipoca que estava no meu cabelo. Eu joguei fora o saco vazio e os copos de refrigerante.

— Eu sempre disse que filmes são a minha praia.

Nós sentamos na beirada do chafariz e continuamos a conversar.

— Minha mãe conseguiu mesmo o emprego. Eu estou aterrorizada.

Gabriel fez uma careta, se compadecendo da minha dor.

— Eu não queria estar na sua pele — ele foi sincero. — Mas ela se casou com Otávio Becker, era certo que conseguiria a vaga.

— Prefiro pensar que ela conseguiu a vaga porque é doutora em História e costumava ser professora de uma das melhores Universidades do Brasil — alfinetei e lancei um olhar desafiador a ele. — Não defina uma mulher pelo marido que ela tem.

— Não foi isso o que eu quis dizer, guria — ele estendeu as mãos, se defendendo. — Mas seu padrasto é praticamente o dono dessa cidade.

Ok, *certo*.

Eu deixei escapar uma risada, mas, quando Gabriel não riu junto, eu cogitei a possibilidade de ele não ter feito uma piada.

— O que você quer dizer com *dono* da cidade? — fiz a pergunta que não queria calar. Finalmente eu teria uma resposta específica.

— Dono do tipo proprietário-de-metade-das-terras-da-cidade. Inclusive todas as casas da rua onde eu moro. O cinema onde estamos. Bem, metade do que existe em Assunção paga aluguel para o seu padrasto. Fora a fazenda.

— A fazenda?

Essa não era *mesmo* a resposta que eu estava esperando.

— É, ele é dono da maior fazenda da região. Onde tu achas que vai ser a festa de aniversário das garotas?

Wow. Eu estava sem palavras.

Quer dizer, ninguém está preparado para descobrir que seu novo padrasto é uma espécie de barão proprietário da cidade onde ele mora. Isso explicava muita coisa, inclusive a obsessão de Stella por essa festa. Todo mundo em Assunção sabia quem eles eram. Todo mundo *mesmo*.

E isso era assustador.

Porque quer dizer, então, que todo mundo sabe quem *eu* e meus irmãos somos também?

Estremeci só com a ideia.

— Qual é o problema da Stella? — já que eu estava tirando minhas dúvidas com Gabriel, eu tiraria logo todas de uma vez. — Por que seus amigos não gostam dela?

Ele não parecia muito confortável em falar sobre esse assunto específico. Coçou a cabeça e deu de ombros, provavelmente pensando no que dizer pra mim. Bem, eu era toda ouvidos e não tinha pressa. Curiosidade sempre foi um dos meus maiores pontos fracos.

— Digamos que são problemas passados. A Stella... Bem. Ela não é uma pessoa muito empática — uma forma amena de dizer que ela era egoísta, eu suponho. Gabriel continuou. — Ela e uma das gurias tiveram um problema no passado. Eu não sei se eu deveria dizer mais do que isso, já que ela é tua irmã agora.

— Oh, ela *não* é minha irmã — fui mais enfática do que eu gostaria. Mas, bem, ela não era. Nenhum dos filhos do Otávio era. *Nenhum*.

Mas eu entendi que a conversa estava encerrada ali e eu precisaria sanar minha curiosidade de outra forma, se quisesse. Gabriel não queria fazer fofoca e eu entendia o lado dele.

Nós continuamos a conversar sobre coisas triviais e ele me contou sobre como me invejava por ter tantos irmãos, porque ser filho único podia ser muito solitário. Eu acreditava que sim, mas ele não sabia o que estava dizendo. Ter irmãos é uma coisa, ter cinco é outra bem diferente.

Ter cinco irmãos mais outros cinco postiços é de outro mundo.

Mas eu não entrei nesses detalhes.

Já estava escuro quando Gabriel e eu nos despedimos. Cruzei meus braços apertados contra o peito, sentindo frio, pra variar. Meus passos faziam barulho no asfalto da calçada e eu levei um susto quando um carro preto parou ao meu lado. Apertei o passo, desconfiada, mas o carro continuou a me seguir. Ele buzinou e eu parei, dando uma conferida. A janela do carona se abaixou e João

apareceu no banco do motorista, olhando pra mim.

— Qual é o seu problema? — perguntei, botando a mão no peito. Ele havia me dado um susto. Era por isso. Minha pulsação não estava acelerada por nenhum outro motivo.

— Sua mãe está louca atrás de ti. Disse que teu celular está desligado.

Tirei o celular do bolso e constatei que eu estava sem sinal. Minha mãe era uma mulher paranoica então eu imaginava que ela devia ter entrado em crise quando tentou falar comigo e não conseguiu. Principalmente porque, na cabeça dela, eu podia me perder a qualquer minuto em um ambiente novo.

— Meu pai me pediu pra vir te procurar no cinema, já que a Patrícia disse que tu estavas lá — ele explicou. — Então eu vim.

Assenti e João destravou a porta. Eu fiquei olhando pra ele lá dentro, sem a mínima vontade e com muita vontade de entrar naquele carro ao mesmo tempo. Eu poderia ir andando tranquilamente, mas ele havia saído de casa só pra me procurar. Além do mais, estava absurdamente frio e o meu casaco não estava sendo suficiente para me manter devidamente aquecida.

Puxei a maçaneta da porta e sentei no banco do carona, dando graças a Deus por estar menos congelante lá dentro. João reparou no modo como eu alisava minhas mãos uma na outra e ligou o aquecedor do carro. Ele usava o aquecedor do carro, meu Deus, e nós vivemos no mesmo país? No Rio, ter uma fritadeira de batata frita no carro seria mais útil do que um aquecedor.

Eu o fitei de soslaio enquanto o ar ao nosso redor começava a esquentar e minha mandíbula parava de tremer. Respirei mais devagar, relaxando no banco do carona o máximo que eu conseguia com João ali ao meu lado, derramando seus olhos verdes na minha direção. Ele apertava o volante com força, mas não parecia ter pressa de ir embora. Os músculos do seu braço estavam tensos, eu notei, e a linha do seu maxilar estava saltada. Eu não sabia no que ele estava pensando, mas não parecia nada que ele gostasse de ter na cabeça.

Disso eu entendia muito bem.

E a ideia de que ele pudesse estar pensando o mesmo que eu... Sobre a última vez em que estivemos sozinhos em um carro...

Nós definitivamente não podíamos ficar sozinhos.

Uma das mãos dele foi para a marcha. Eu estava alerta a todos os seus mínimos movimentos, até mesmo o subir e o descer do seu peito. O ar estava abafado, misturando-se à minha respiração e à dele, embaçando o vidro do carro. Eu tombei a cabeça no encosto do banco e virei o rosto para ele, totalmente imprudente.

João encontrou meu olhar e foi como se as células da minha pele tivessem ganhado vida. Agitaram-se tanto quanto uma descarga elétrica.

— Que filme tu *visse*?

Fui pega de surpresa pela voz grossa dele cortando o silêncio. Tive que piscar umas duas vezes para processar a informação e poder responder.

— O Rei Leão.

Um sorrisinho surgiu no canto dos seus lábios e eu baixei o olhar, de repente me sentindo muito tímida. Eu não sabia o que diabos estava acontecendo comigo, cada hora uma reação diferente. Eu não tinha o mínimo controle sobre mim mesma quando ficava perto dele assim.

— Meu pai me contou que tu *gosta* de cinema. Qual o teu filme favorito?

O que ele estava *fazendo*?

— O que você está fazendo? — não consegui me conter. E o rosto de João ficou sério de novo. Eu quase me arrependi de ter falado. Mordi o lábio e os olhos dele desceram para a minha boca, muito rápido. Ele fez questão de desviar, mas não antes de me fazer ter ideias.

— Seria bom se a gente conversasse e pudesse se entender. Já ficou claro que não dá pra gente ficar se evitando.

Eu sabia que ele tinha toda a razão, mas eu não tinha muita certeza de que conversar sobre nossos gostos cinematográficos resolveria o problema.

Mas talvez, conhecendo-o, fosse mais fácil de lidar com esses sentimentos que ele causava dentro de mim. Talvez, conhecendo-o, ele finalmente se transformaria no Guto aos meus olhos. E deixaria de ser o João que recitou o poema do Drummond só pra mim.

Eu não tinha nada a perder.

— Eu gosto de muitos filmes. Não consigo escolher um favorito — pensei no assunto. — Mas *De Volta Para o Futuro* é um dos meus queridinhos.

A cara do João caiu como se eu tivesse dito alguma coisa errada. Repeti na minha mente a minha fala e não compreendi qual era o problema.

— Eu amo *De Volta Para o Futuro*. Tenho um pôster no meu quarto e tudo.

Foi a vez da *minha* cara cair. Quer dizer, quais eram as chances? Eu estava muito surpresa com a coincidência.

Se é que eu ainda acreditava nessa palavra.

— Não brinca! Eu também tenho!

João sorriu de novo, dessa vez um sorriso largo, de ponta a ponta nos lábios. E isso me fez derreter só um pouquinho.

— Qual pôster?

— Do segundo filme, é óbvio. Adoro o modo como eles imaginaram o futuro naquela época. — O segundo filme da trilogia é quando McFly vai para o futuro. Mais precisamente, para 2015.

— O meu pôster é do terceiro. Mas sim, eu gostaria que o futuro fosse como eles imaginaram. Não ia reclamar de ter um *Hoverboard* — disse o skatista. E eu, obviamente, ri.

Hoverboard: Um skate voador que as pessoas usam no “2015” do filme.

— Acho que seria mais fácil de aprender do que esses que você anda.

— Ei, te lembras de que o McFly vem pra 2015, né? O ano em que estamos. Em outubro.

Eu assenti, empolgada. Ele parecia tão elétrico quanto eu, como se o Marty McFly realmente fosse aparecer aqui em 2015 a qualquer momento.

— Vai ter um evento no Rio sobre isso. Tipo uma convenção de fãs, sabe? Eu com certeza iria, mas agora...

Eu ainda não tinha pensado sobre isso, mas agora que me dava conta de que

não poderia mais ir ao evento... Isso dói.

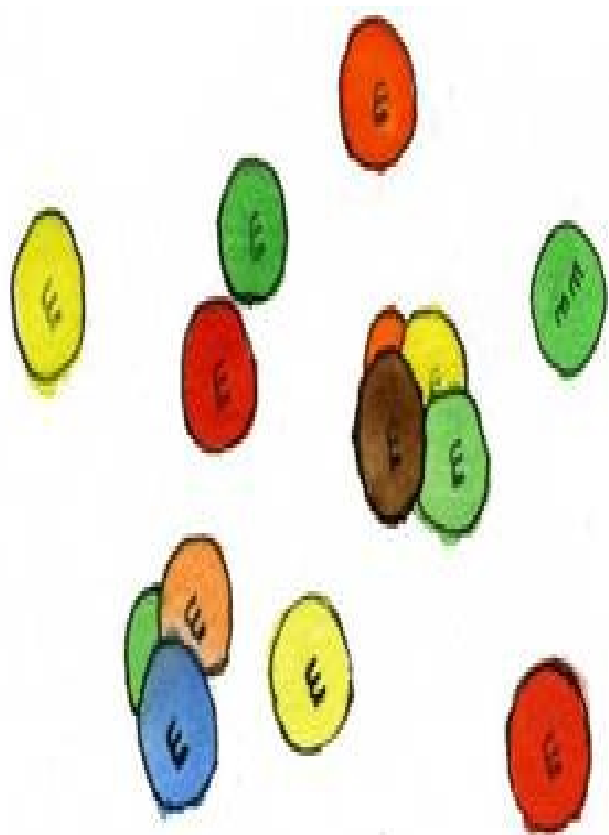
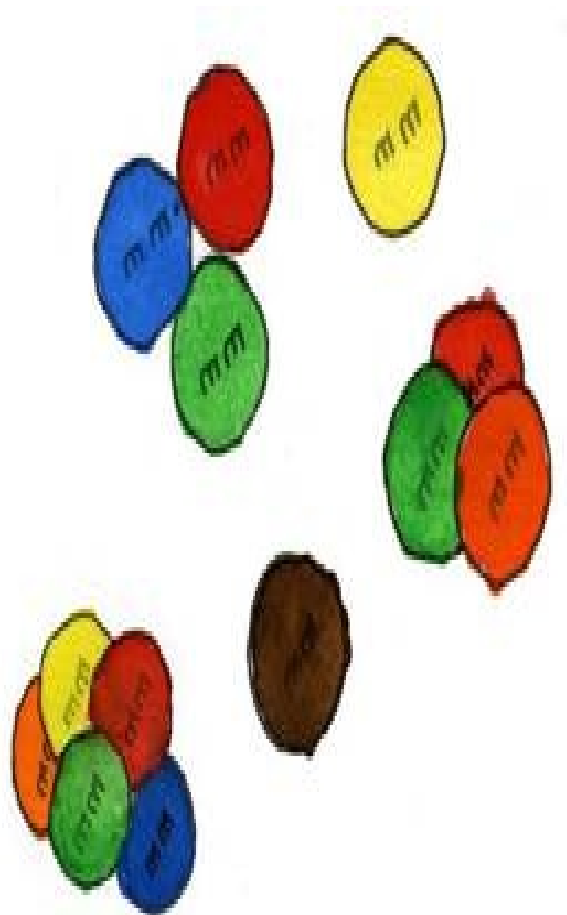
João e eu engatamos numa conversa interminável sobre *De Volta para o Futuro* e viagens temporais que me fez esquecer totalmente de que estávamos dentro de um carro, parados na rua, com minha mãe louca de preocupação esperando por mim em casa.

A verdade é que eu não queria parar de conversar com ele e eu não queria ter que ir pra casa porque lá dentro eu não sabia se essa bolha de paz iria continuar.

E eu não queria que ela se estourasse.

Mas nós precisamos voltar e nós paramos de falar no momento em que chegamos à garagem, como se tivesse sido combinado. Eu olhei para João e ele olhou para mim e, por um segundo, esqueci totalmente de que ele era filho do Marido Número 3.

Mas ele era.



10. Cinco Sílabas

Se tem uma coisa que eu gostaria de ter herdado do meu pai, eram os seus olhos azuis. Apolo e Hélios foram os únicos sortudos a conseguirem essa proeza, até porque eles eram a cópia esculpida de carbono do senhor nosso pai.

Eu, por outro lado, era uma versão empobrecida da minha mãe. Herdei a cor do cabelo, só que bem menos vermelho. Herdei o tom de pele branco, só que menos saudável. Herdei o corpo bem distribuído, só que com menos peitos. Ou seja, se a minha mãe era a Barbie, eu era a genérica barata do camelô da Uruguaiana.

A única coisa que mantive foram os quadris largos, assim como Hipólita. Ela era a mistura entre os nossos pais: Cabelos escuros como ele, olhos castanhos como ela. Maia também era a mistura entre mamãe e Alejandro, mas Selene puxou totalmente o pai.

Alejandro morreu um pouco antes de ela nascer e foi como se ele tivesse voltado ao mundo na forma dela, de tão parecidos.

O que era muito assustador.

Meu pai se mudou para São Paulo quando ele e minha mãe se divorciaram e, depois disso, o máximo de tempo que conseguimos passar com ele de uma só vez foi um final de semana inteiro. Fazia tempo que eu não o via — pensem em meses — e, teoricamente, ele deveria entrar em contato com seus quatro filhos pelo menos uma vez por semana.

Mas não é exatamente assim que a banda toca.

Ele disse que assim faria — como se uma ligação uma vez por semana fosse algo aceitável, pra início de conversa. Mas aparentemente esse senhor que doou espermatozoides para minha mãe entre 1997 e 2001 sofria de amnésia.

Quando eu digo que meu pai é um babaca, entretanto, a sua paternidade lamentosa não é nem o motivo principal. Ele era uma pessoa egoísta. Não me lembro de um grande evento de egoísmo que ele tenha protagonizado pra contar, ele simplesmente era assim vinte e quatro horas por dia. Estava no seu DNA. Em todas as suas ações.

E é por essas e outras que tenho tolerância zero para egoísmo.

E para o meu pai.

Todas as nossas conversas se davam mais ou menos assim:

— Oi, filhota — dizia ele, com uma animação forçada que me fazia revirar os olhos.

— Oi, pai.

— Como vão as coisas? Como vai a escola? — sempre a escola.

— Hum. Bem. Notas boas e tal.

— Que ótimo! Continue com o bom trabalho.

— É.

Silêncio constrangedor.

Mais um pouco de silêncio constrangedor e impaciência da minha parte.

— Ok, passe pra sua irmã porque eu ainda não falei com ela. Um beijo, filha.

E era assim. Toda santa vez.

Não que eu esteja reclamando, eu não estou. Fico feliz pelo meu pai não tentar forçar um relacionamento que não existe e simplesmente me deixar no meu canto. Nós nunca precisamos dele de verdade.

Mas naquele dia de agosto, a situação foi diferente.

— Oi, filhota — lá estava a animação mentirosa e lá estavam meus olhos sendo revirados.

— Oi, pai.

— Como vão as coisas? Como vai a escola? — sempre a escola.

— Hum. Bem. Notas boas e tal.

— Então, filha...

Ele começou a dizer e eu congelei. Arregalei os olhos para Hipólita, Apolo e Hélio, que esperavam esparramados no sofá enquanto eu terminava o telefonema. Ninguém nunca ficava ansioso para esse momento e geralmente eu

não era a primeira. A gente só queria terminar logo com a burocracia paternal pra poder voltar à programação normal das nossas vidas.

Mas meu pai não estava colaborando. Ele havia mudado o *script*.

Meus irmãos me encaravam de volta, de repente atentos à ligação.

— Sim? — eu disse, e estendi um dedo para que eles três esperassem.

— Tenho uma notícia para dar a vocês.

Ele finalmente decidiu tirar as costeletas?

— Uma notícia — eu repeti e vi três pares de sobrancelhas se unirem em confusão.

Meu pai ficou em silêncio do outro lado da linha, como se estivesse pensando no melhor jeito de me dar a tal notícia. E é óbvio que eu fiquei não só curiosa, mas em pânico.

Porque se meu pai estava querendo me dizer alguma coisa importante era porque lá vinha bomba.

Da última vez que ele decidiu se pronunciar sobre algo foi quando mamãe anunciou que estávamos nos mudando para cá. Ele, eu não sei com que cara de pau, se sentiu na autoridade de reclamar e dizer que “não estava de acordo com isso e gostaria de ter sido notificado antes”.

Piada.

— Certo, pai, eu estou ouvindo.

A ansiedade tomou conta da sala enquanto aguardávamos ele desembuchar.

— Bem, vocês conheceram a Suze da última vez em que estive no Rio. Você se lembra da Suze?

A mulher loira e legal demais para estar com o meu pai, sim, eu me lembrava.

Não sei como é que ele conseguia fazer essas mulheres tão bonitas, independentes e esclarecidas como a minha mãe, a Suze e a última namorada séria caírem na sua lábia mau-caráter.

Talvez fossem os olhos azuis.

E, bem, meu pai era advogado. Enganar pessoas inocentes fazia parte da sua profissão.

— Me lembro da Suze — falei olhando nos olhos dos meus irmãos.

Hipólita de primeira odiou a pobre da Suzana, por puro recalque, eu aposto. Mas Hipólita, como vocês já sabem muito bem, é conhecida por ser facilmente comprável. E a Suze, que é uma publicitária muito bem-sucedida, não deixou essa passar.

— Nós estamos grávidos! A Suze e eu. Ela descobriu nessa última semana, mas eu estava esperando decidirmos o próximo passo antes de fazer o comunicado. Nós vamos nos casar!

E é assim, meus amigos, que se tiram as palavras de uma garota.

Meu pai esperava minha resposta do outro lado da linha e meus irmãos aguardavam impacientes para saber o que estava acontecendo. Mas eu não sabia *como* expressar uma reação diante dessa situação que não fosse um palavrão de cinco sílabas.

Put a que pariu.

Eu não era de falar palavrão, mas ocasiões especiais pediam medidas especiais.

Porque COMO ASSIM EU VOU GANHAR OUTRO IRMÃO?

A ficha finalmente caiu e eu pisquei e cocei a garganta, ouvindo meu pai chamar meu nome e meus irmãos perguntarem um monte de coisas.

— Você ainda está aí? Calíope?

— Eu estou aqui, eu... — lá se foram as palavras de novo. O que é que se fala pro seu péssimo pai quando ele diz que vai ter o quinto filho? Você dá um sermão, você diz que ele é maluco, você sente pena da futura mamãe que não sabe onde está se metendo?

— Mas que merda, Calíope, me passa esse telefone.

Apolo pegou o aparelho da minha mão e começou a falar com o meu pai. Eu soube o exato momento em que ele ouviu as boas novas, porque seu rosto moreno perdeu toda a cor.

Ele também precisava de um palavrão.

— Ele vai ter um filho com a Suze e eles vão se casar — Apolo disse mecanicamente para Hipólita e Hélio, que reagiram com um sonoro e histérico:

— *O quê?*

Foi a vez de Hélio roubar o telefone, mas Hipólita ficou ali de boca aberta, como se tivesse levado um soco no estômago. Notei que seus olhos começaram a lacrimejar e a minha irmãzinha deu as costas para nós, saindo em retirada.

Eu quase fui atrás dela, mas Apolo me segurou pelo pulso. Hélio era a pessoa mais diplomática entre nós e, portanto, aquele que conseguia conversar melhor com nosso pai. Ele estava fazendo um monte de perguntas. Mas Hipólita... Bem, é complicado. Dentre todos nós, ela sempre foi a que mais sentiu a ausência dele. O que era irônico porque ela tinha apenas dois anos quando ele foi embora.

Hipólita precisava dele de um jeito que eu nunca compreendi.

— Ela não vai falar com *you* sobre isso. Só vai fazer ela se fechar e ela precisa digerir o que está acontecendo.

Eu fitei Apolo como se não o estivesse reconhecendo.

— Desde quando você virou o Mestre Yoda da família?

— Eu uso minha sabedoria apenas quando ela é necessária. Senão é cansativo.

Ele largou meu punho e nossa atenção se voltou para Hélio quando ele desligou o telefone.

— Ela está com dois meses e meio.

— A mãe já sabe disso? — perguntei.

Como se ela tivesse ouvido seu nome (o que eu não duvidava ser o caso, já que ela tinha um fraco por escutar atrás da porta), minha mãe saiu da cozinha com um olhar incerto no rosto.

Ele devia ter contado pra ela quando ligou, porque foi ela quem atendeu o telefone.

— Nós apoiaremos o pai de vocês, não é, filhotinhos? — ela começou

docemente e abraçou Hélio pela cintura. Parecia uma anã perto dele, visto que ela era baixinha. Até eu havia passado sua altura em alguns poucos centímetros.

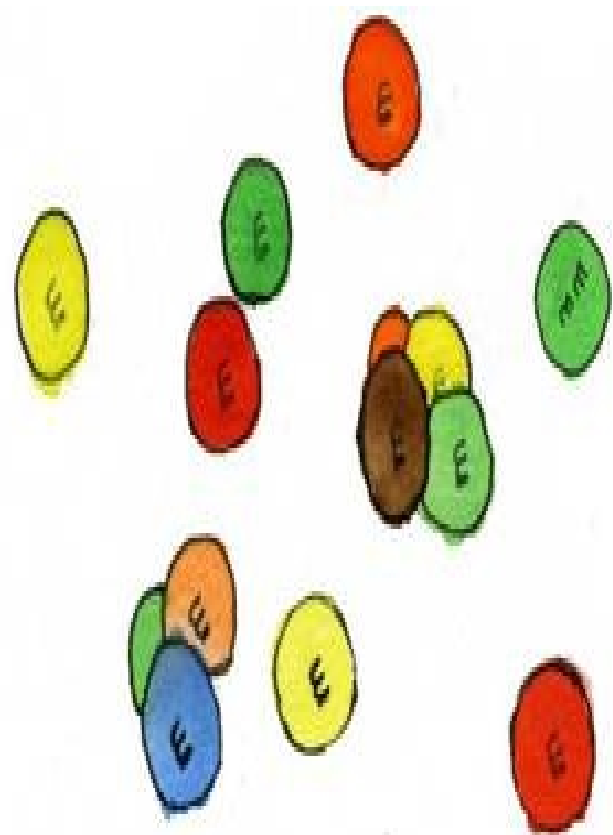
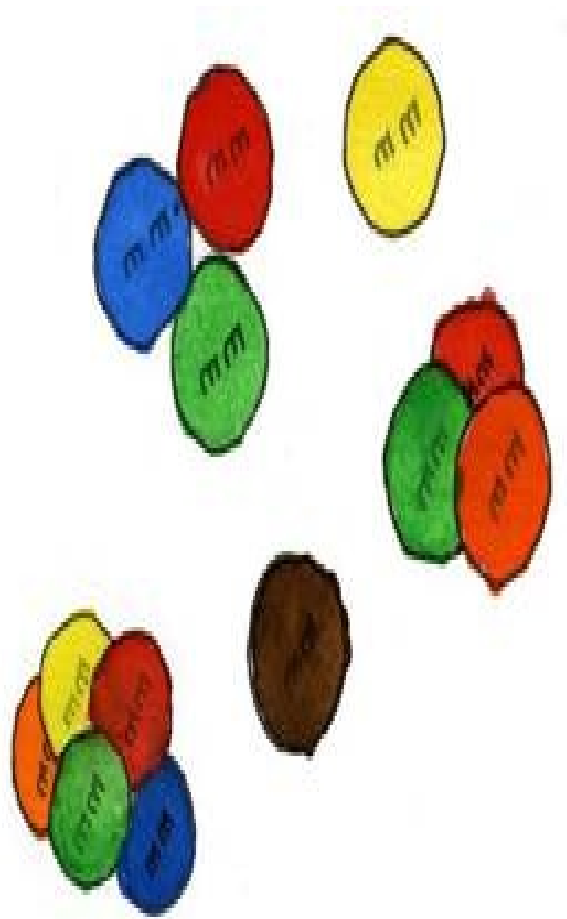
Hélio a abraçou de volta e ela estendeu a mão para mim e para Apolo, que apertamos, ainda um pouco chocados com tudo o que estava acontecendo.

Primeiro somos arrastados para o interior do Paraná, obrigados a dividir a nossa casa, nossa vida, nossa privacidade com completos estranhos. E agora temos a notícia de que nosso pai, aquele que nunca deu muita bola pra nossa existência, vai começar outra família e nos dar mais um irmão.

Eu não sabia muito bem o que pensar sobre isso tudo.

Eu não sabia como me sentir.

Mas aceitei o abraço grupal quando minha mãe me puxou para os seus braços.



11. Família

Mamãe contou ao Marido Número 3 tudo o que estava acontecendo e os filhos dele em breve saberiam também. Não que fosse da conta deles, mas Hipólita ainda se recusava a sair do quarto, e meus irmãos gêmeos e eu ainda estávamos um pouco chocados.

Mamãe também ficou encarregada de contar a Maia e a Selene, e eu realmente não tinha ideia de como seria isso. Porque, bem, os quatro de nós teriam um irmão que não seria nada delas duas. Nosso sexteto da família Medina teria uma rachadura, embora um bebê não fosse uma coisa ruim.

Mas era alguma coisa. Uma muito delicada.

Eu me refugiei no meu reino e finalmente testei minha teoria sobre o telhado debaixo da minha janela. Eu estava sentada nas telhas, apoiada na parede da minha janela, só que do lado de fora. Meu iPod tocava *Cough Syrup* em *looping*, porque essa era a música em que eu estava viciada no momento.

Música sempre me acalmava. Se não, ao menos me fazia refletir sobre o que estivesse acontecendo na minha vida. E isso sempre era bom.

Eu soltei um suspiro e tirei um dos fones para coçar a minha orelha, e só então percebi que alguém estava batendo na porta. Praguejei um pouco enquanto pulava a janela para dentro do quarto e pausei a música, jogando o iPod em cima da cama antes de atender.

Dei de cara com João.

Era sempre impactante dar de cara com ele, não importava onde estivéssemos. Eu olhava pra ele e ele olhava pra mim e *pronto*, lá estava. Uma conexão assustadora.

Eu não sabia o que ele estava fazendo ali na minha porta, o que ele queria comigo, mas agradei por ser ele e não outra pessoa. Abri passagem para que ele entrasse e então reparei em como ele estava vestido. Usava meias, uma bermuda caindo na cintura e uma camisa vermelha.

O cabelo desgrenhado dava vontade de passar a mão. Era tão liso e castanho, parecia ser tão macio. Nós estávamos tentando nos conectar através das palavras, mas era estranho dentro de casa. Também era estranho no colégio ou em

qualquer lugar onde pudéssemos ser vistos. Era como se estivéssemos infringindo alguma lei, fazendo algo muito errado, embora fosse apenas conversa.

A culpa estava no que não era dito. No que ficava entre linhas, escondido nas entrelinhas. Ninguém sabia o segredo que a gente escondia, nem nós mesmos. Eu nunca disse pra ele e ele também nunca verbalizou, mas as palavras não eram necessárias. Nós simplesmente sabíamos.

Os ombros largos do João relaxaram, mas seu olhar era intenso. Eu fechei a porta e me aproximei. Ficamos parados no centro do quarto, nos olhando. Eu gostava do formato do rosto dele, do seu queixo triangular e do nariz perfeito. Os lábios eram cheios, as sobrancelhas escuras e os olhos... Aqueles olhos. Ele deveria ser preso por ter olhos tão sedutores. Sua íris era um arco-íris de verdes, um caleidoscópio de tons claros e escuros que se misturavam em um só brilho.

Eu não sabia onde enfiar minhas mãos, não sabia como reagir. Era errado que meu coração palpitasse toda vez que eu o encarava, que eu sentisse esse magnetismo me puxando quando estava em sua presença?

Eu era uma pecadora.

Mas não podia evitar.

— Meu pai me contou sobre o teu pai e eu precisava saber... Tu estás bem?

Três simples palavrinhas:

Tu estás bem?

E meu peito desabrochou.

Algo dentro de mim deu um clique e eu me desarmeí completamente. O ar saiu dos meus pulmões como se tivesse estado preso lá dentro pelas últimas três horas em que estive na solitária.

Um pouco hesitante, assenti.

— Estou. Eu acho. É estranho — tentei explicar, embora eu não soubesse exatamente como. João esperou pacientemente enquanto eu organizava meus pensamentos. — Não estou revoltada nem magoada, eu nem gosto muito do meu pai, mas... Não sei. — E então, de repente, as palavras começaram a sair como

uma enxurrada. — Eu vou ter mais um irmão e eu provavelmente nem farei parte da vida dele. Não o verei crescer, não saberei quando ele aprender a andar ou seu primeiro dente cair. Porque para isso eu precisaria conviver com o *meu pai* também. Meu pai que nunca teve nenhuma voz ativa na minha vida, que é só uma ligação telefônica de duas em duas semanas e agora vai ter *outra* família. — Eu não sabia que tinha tudo aquilo guardado dentro de mim. Olhei pra João, sentindo a indignação aquecer as minhas veias. — *Como?* Como se ele não deu conta nem de uma, pra início de conversa? Como ele vai criar uma criança se ele já teve quatro e mesmo assim não sabe nada sobre ser pai? E eu fico irada com isso porque, bem, eu sou bem-resolvida, eu não sinto nenhuma falta dele na minha vida, eu juro que cresci sem nenhum problema quanto a isso. Mas Hipólita sente. Apolo sente. E eles sim são minha família. Eu não sei mais direito como definir família.

Me joguei sentada na cama, deixando os sentimentos assentarem e tomarem seus devidos lugares dentro de mim. João se sentou ao meu lado e não forçou. O silêncio entre nós era bem-vindo, era um apoio não dito. E eu fiquei agradecida por João compreender que ele era necessário.

— A minha mãe morreu então não sei como é ter um dos pais perdido no mundo.

Eu olhei pra ele, pega de surpresa. Até o momento eu não fazia ideia de que a primeira esposa do Otávio havia morrido. Acho que, por ser filha de pais separados e por achar tão normal minha mãe casar e descasar, eu inferi que com Otávio tivesse acontecido o mesmo.

— Eu sinto muito.

Fiquei com vontade de tocar a mão dele, pousada convidativamente em sua perna, bem ao meu lado, bem ao meu alcance.

Mas mordi o lábio e me contive. Olhei pra frente.

— Tudo bem — ele parecia sincero e eu relaxei um pouco. — Eu tinha dez anos quando aconteceu. Ela teve meningite, foi muito rápido. Tão rápido que foi chocante. Não sei se seria melhor uma doença em que tivéssemos tido tempo pra nos preparar, porque daí ela teria sofrido mais, né?

— Deve ter sido difícil pro seu pai cuidar de vocês sozinho depois de um baque como esse.

— Meu pai é um cara incrível — ele disse com um orgulho na voz que me fez olhar pra ele de novo. Havia brilho em seus olhos. — Não sei o motivo dos teus terem se separado, mas não deve ser muito fácil.

Eu dei de ombros.

— Na verdade, eu não sofri muito. Eu tinha quatro anos e a minha mãe nos disse que meu pai estava indo embora porque eles não se encaixavam mais como nas peças de lego — eu ri. — Mas acho que ele nunca foi um pai muito bom porque foi como se ele nunca tivesse estado lá, depois que foi embora. Hipólita sempre foi mais ligada a ele do que todos nós. E Apolo teve uma época de rebeldia. Não porque eles se separaram, sabe? Isso é normal, eles têm o direito de serem felizes. Mas pelo meu pai simplesmente ter esquecido de que era *pai*.

João assentiu e sua mão se fechou e se abriu. Os pés dele balançavam pra frente e pra trás.

— Eu entendo. Pelo menos eu sei que a minha mãe me amava.

— E agora eu vou ter outro irmão — eu expirei o ar com força. — Meus irmãos são importantes pra mim, caramba. A minha mãe criou a gente pra ser unido, por mais que eu tenha vontade de matar a Hipólita muitas vezes. Todos nós nos defendemos quando precisamos. Mexer no meu conceito de irmandade é dar um nó na minha cabeça.

Eu sabia que *isso* ele iria entender.

Nós trocamos um olhar cúmplice e ele abriu um sorrisinho no canto da boca que me fez corar. Estávamos tão perto um do outro que eu sentia a sua respiração quente no meu rosto. O peito dele subia e descia com rapidez e meus ouvidos zumbiam com o sangue que percorria meu corpo em uma rapidez exagerada. As mãos dele se apertaram em punho de novo e ele se virou um pouquinho, só um pouquinho, na minha direção.

Eu me virei também.

— Eu gosto dos teus irmãos — ele disse e eu assenti, presa demais na imagem dos seus lábios se movendo. — Gosto das meninas também... E gosto de ti.

Eu olhei em seus olhos e uma tocha se acendeu dentro de mim.

— Mas...?

— Eu estava tranquilo sobre ter irmãos postiços, eu juro que estava. Eduardo e eu fomos os mais compreensivos com tudo isso — ele molhou o lábio antes de continuar e eu quase fiz uma loucura. — Mas tu...

— Eu...

Os olhos do João estavam nos meus lábios também, eu tinha certeza. Fantasiei por um minuto qual seria o gosto dos dele nos meus.

Ele balançou a cabeça.

Sua mão espalmou meu colchão de modo que ele pudesse apoiar seu corpo, e foi quando meus fones de ouvido começaram a gritar.

Ele levou um susto e tirou a mão da cama na mesma hora. Eu ainda não podia acreditar que o momento havia sido cortado dessa maneira. Peguei o iPod e o desliguei, mas João já havia se levantado. Eu olhei pra cima, em sua direção, mas ele parecia envergonhado. Seu rosto e seu pescoço estavam vermelhos.

Ele não olhava mais pra mim.

— Tu *escuta* isso muito alto, vai acabar estourando um tímpano.

Eu não ri.

Ele passou a mão pelos cabelos, inquieto no centro do quarto, e checkou o seu relógio de pulso.

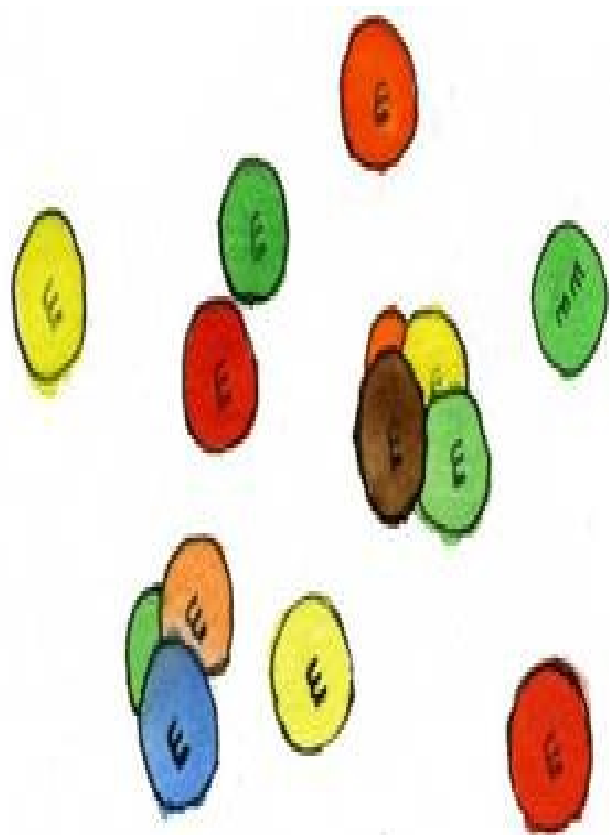
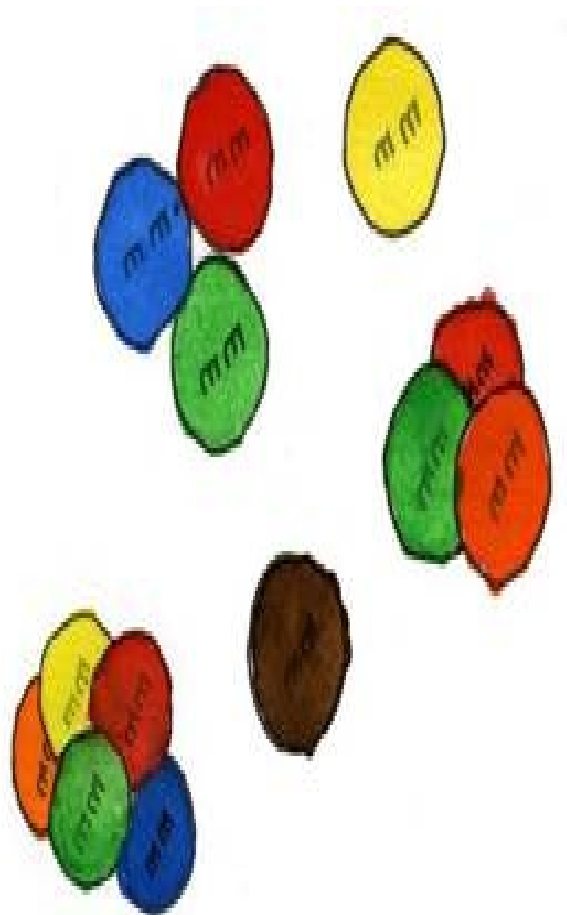
— Bom, eu só queria mesmo saber se você estava bem, guria. Se estava precisando de algo.

— Eu estou bem — garanti e me levantei, ficando cara a cara com ele de novo. — Mas obrigada por se preocupar.

Seu rosto se suavizou um pouquinho e eu esbocei um sorriso sem dentes encorajador.

— Vou te deixar em paz então. Mas se precisar, eu estou na porta ao lado.

Eu fiz que sim e ele se demorou só mais um segundinho mapeando meu rosto antes de sair.



12. Interesse Romântico

Pelo resto da semana, Hipólita agiu como se não tivesse acontecido nada. Se fosse qualquer outra pessoa eu até acreditaria, mas em se tratando da minha irmã eu sabia que era uma grande mentira. Os gêmeos e eu estávamos mais tranquilos depois do susto inicial, mas ela era a mais sensível, a mais dramática, a mais ligada ao nosso pai.

E eu não fazia ideia do que se passava na sua cabeça porque ela não conversava comigo.

Sempre tive um relacionamento muito melhor com os gêmeos do que com ela, para ser sincera. Nós éramos muito diferentes e às vezes eu achava que Hipólita era um caso perdido na sociedade. Mas, no fim do dia, eu me importava com ela e bateria em qualquer engraçadinho que a fizesse sofrer.

Mesmo ela sendo uma vaquinha narcisista.

Eu não fazia ideia de até que ponto a chegada desse bebê afetaria as nossas vidas. Não sabia se meu pai passaria a ser mais presente, quebrando todo o nosso protocolo habitual. Também não sabia se nada mudaria e se a gente deveria querer que mudasse ou não. O que eu sabia é que o casamento seria no fim do ano e a nossa presença já fora requisitada.

Graças a Deus a minha mãe não podia mais engravidar.

— Cali, diz você que é antenada. Harry Potter ou Jogos Vorazes? — perguntou Vanessa.

— Sou adepta da não comparação para evitar transtornos futuros — falei e todo mundo riu. — Mas eu prefiro Jogos Vorazes.

— Nós não somos mais amigas depois dessa — ela deu uma mordida em seu hambúrguer para enfatizar.

Nós estávamos no quiosque do cinema comendo hambúrgueres com batata frita depois de termos assistido ao mais recente filme de ação em cartaz. Eu estava me dividindo entre conversar com Maurício e meu grupo de amigos do Rio pelo celular, e com a galera de Assunção ali na mesa. Era uma droga ver que meus amigos estavam vivendo coisas entre eles sem mim, mas não havia escapatória. Eu queria tanto estar lá com eles e fazer parte das novas piadas

internas que a dor chegava a ser física.

Mas eu teria que aprender a aceitar essa injustiça.

— Eu te contei? Meus amigos da 22 — a outra turma do segundo ano do nosso colégio — estão amando a sua mãe. Eles disseram que ela sempre para a aula pra falar sobre um mito grego — disse Gabriel. — Eu estou te odiando agora por ser filha dela.

Sendo filha da minha mãe, ela não dava aulas para a minha turma, como Hélio dissera. Ela, já que estamos falando sobre isso, também estava totalmente empolgada por voltar a dar aula em escolas. Segundo minha mãe, o magistério no ensino superior podia até ser mais lucrativo e mais estável, mas ela gostava mesmo era das crianças e adolescentes.

Vai entender essa mulher.

— Eu sabia que ela daria um jeito de fazer isso — comentei, passando uma batata no molho de maionese caseira. — Minha mãe não seria a minha mãe se não falasse sobre mitologia.

— Ah, guria. Você não pode, sei lá, se transferir de turma pra ela poder substituir o chato do André? — Gengibre, a sensibilidade em pessoa, disse tudo isso de boca aberta, e ainda abriu um sorriso cheio de hambúrguer mastigado no final.

Sabrina, Vanessa e eu fizemos um coro de nojo, o que só o fez rir mais, mas da nossa cara.

Patrícia é que estava estranhamente quieta naquele dia.

Eu a fitei de rabo de olho e flagrei o momento em que ela espiava o Gabriel do outro lado da mesa. Congelei por uma fração de segundo, reconhecendo algo ali que eu não tinha percebido antes. Foi muito rápido. Em um piscar de olhos ela desviou o olhar para responder à pergunta de Sabrina sobre a festa deste fim de semana.

Ninguém percebeu.

Mas eu vi.

Dediquei minha atenção aguçada a Gabriel também, mas ele estava muito

ocupado passando ketchup no que ainda restava do seu hambúrguer. Ele era desengonçado, mas eu reconhecia sua beleza. Reparei isso na primeira vez em que o vi, com todas as suas covinhas e simpatia. Ele era um cara legal e fazia todo sentido se a Patrícia estivesse interessada nele.

Mas a grande pergunta era: Será que ele sentia o mesmo?

Não parecia. Mas eu também acharia isso dela se não estivesse olhando no exato momento em que ela deixou transparecer... Bem, não sei direito o que foi aquilo. Mas *foi*.

E quem era eu na fila do pão pra julgar uma paixonite: dois anos amando o Maurício secretamente e ninguém nunca desconfiou. Dois anos sendo trouxa e, agora que finalmente ele repara em mim, estou a centenas de quilômetros de distância.

Sem contar que, ultimamente, as habituais borboletas no estômago que eu sentia toda vez que conversava com ele haviam desaparecido parcialmente. Estavam de férias, talvez. Ou migraram pra barriga da Patrícia.

Droga, eu queria *tanto* perguntar a ela o que estava havendo. Mas não sabia como fazer isso sem parecer intrometida ou fazê-la se sentir desconfortável. Será que as meninas sabiam sobre isso ou ela estava levando o segredo ao nível James Bond? Porque olha, não era fácil. Falo isso por experiência própria.

Principalmente quando sua melhor amiga te conhece melhor do que você mesma.

Era inútil esconder qualquer coisa da Helô, porque ela sempre sabia quando algo estava errado. Talvez fosse eu uma péssima mentirosa, mas acho que aquela garota tinha um sexto sentido dos bons. Isso só podia ser coisa de fofoqueiro, sempre com a antena ligada pra detectar qualquer história pairando no ar.

Apesar disso, ela sempre foi muito leal e nunca contou meus segredos para ninguém. De outra forma não poderíamos ser amigas, convenhamos.

O fato é: Eu estava tentando manter a minha cabeça ocupada, e Patrícia havia dado algo sobre o qual divagar e ficar curiosa.

Não que isso fosse muito difícil quando se tratava de mim.

Dessa vez João não levou a gente pra casa de carona. Eu nem sabia onde é

que ele estava, mas não era muito tarde e o cinema era bem mais perto de casa do que o Beco. Em quinze minutos nós já estaríamos no condomínio. Eu, pra variar, estava passando frio porque descobri que não tinha casacos quentes o suficiente para aguentar o Paraná. Pelo menos não esquentavam uma pessoa do Rio de Janeiro.

— A gente poderia sair pra fazer compras, o que você acha? — Patrícia sugeriu quando notou que eu estava encolhida e de braços cruzados. — Posso te emprestar umas roupas, mas acho que é bom tu *ter* as tuas.

— Compras seria ótimo. Só preciso pedir dinheiro à minha mãe.

— Não esquento, meu pai cuida disso. Eu tenho um cartão e quase não uso. Aliás, acho que ele estava pensando em fazer um pra você e seus irmãos.

Hum. Marido Número 3 queria me dar um cartão.

— Minha mãe está de acordo com isso? — eu perguntei. Eu duvidava que estivesse. Eu mesma me sentia muito desconfortável só com a ideia.

Patrícia deu de ombros.

— Vocês são da família agora. Nada mais justo.

Não era bem assim que as coisas funcionavam, eu queria dizer a ela. Ou talvez fosse, eu não sei. O que eu sei é que não conseguia imaginar um quadro em que uso um cartão para minhas necessidades e futilidades e Otávio paga a conta depois. Ele já arcava com a maioria das despesas, já que mamãe não ganhava mais o salário gordo da UFRJ. Não era exatamente conveniente que ele pagasse até pelas minhas calcinhas.

Acho que eu era mais moralista do que imaginava.

— De qualquer forma, vamos comprar uns casacos pra ti e camisas de manga comprida — ela concluiu, já empolgada com a ideia. — Tudo bem que o inverno está acabando, mas nunca se sabe.

— Ah, eu duvido que aqui faça calor como eu estava acostumada, nem mesmo em janeiro.

Patrícia riu.

— Tu ficarias surpresa.

Mas chega de falar do tempo, pensei com os meus botões. Estávamos sozinhas e era a ocasião perfeita para jogar o assunto Gabriel na mesa. De forma discreta, é claro. Como uma profissional.

Cocei a garganta.

— Mas então... Você sabe se o Gabriel está ficando com alguém?

A expressão no rosto da Patrícia endureceu e eu tentei esconder meu sorriso de triunfo. Eu estava certa. Ela gostava dele, *ela gostava dele*.

Ela deu de ombros, tentando parecer casual e falhando epicamente.

— Não sei... Por quê?

— Ah, sei lá, me veio isso na cabeça hoje. Ele é muito bonito, você não acha?
— eu acho que não sei fazer isso direito.

— Ora, se tu não sabes, como é que eu vou saber? — ela foi seca e pareceu meio emburrada.

— Como assim? Vocês são amigos há muito mais tempo do que eu.

— Mas vocês não se desgrudam agora — é impressão minha ou Patrícia estava com ciúmes de *mim*? Fiquei chocada. — Se ele está ficando com alguém, contaria pra ti e não pra mim. Até porque ele é muito discreto.

Você sabe que a pessoa está com ciúmes quando ela acha que a sua amizade de duas semanas com o cara vale mais do que a dela de anos.

Eu quase soltei uma gargalhada e dei um abraço nela dizendo que ela era uma boboca adorável.

— Ah, eu não sei, eu não contei sobre o cara que eu gosto pra ele — tratei de deixar claro que eu não queria nada com o Gabriel e Patrícia pareceu relaxar. Um segundo depois, se deu conta do que eu havia dito.

— O cara que tu *gosta*? *Como assim*? Eu não sabia que tu *tinha* um namorado no Rio.

— Bem, ele não é meu namorado. Mas estava rolando... Alguma coisa antes de eu me mudar pra cá. — Era estranho falar sobre o Maurício com ela, principalmente porque as palavras pareciam uma mentira.

— Que azar. Mas vocês ainda se falam, certo?

— Sim, praticamente todo dia. Regularmente.

Eu estava nervosa. Por que eu sentia que não era certo fazer isso? A Patrícia assobiou, aparentemente feliz pelo fato de eu ter um interesse romântico.

— Tu *super* devia aparecer lá de surpresa em um fim de semana qualquer, guria. Teu avô não mora no Rio?

Por que eu não tinha pensado nisso antes?

— Isso não tinha passado pela minha cabeça — eu confessei. — Acho que porque não ia dar pra ficar gastando com passagem sempre que me der na telha. Até porque, tem os meus outros irmãos...

— Ora, o meu pai pode pagar. Não é nada de mais.

E lá vem a história do dinheiro de novo.

Mas uma ideia surgiu na minha mente.

— Ou então eu poderia arranjar um emprego.

— Um emprego? — ela torceu o nariz. — Você acha que daria conta?

— Se for muito cansativo, eu saio depois de um mês. Daqui pro Rio não é tão caro, dependendo de onde eu trabalhar, pode ser que...

— Tu podias trabalhar no cinema! — ela praticamente gritou no meio da rua. Mas ela era realmente *genial* e eu entrei na onda sem precisar de esforço. — Ia ser divertido e você veria a galera o tempo todo porque nós sempre estamos por lá. E ia ganhar dinheiro por isso.

— Você acha que eu consigo um emprego lá?

Patrícia começou a rir da minha cara enquanto empurrava o portão de casa. Eu passei e ela veio atrás.

— Cali o meu pai é o dono. O emprego já é teu.

Mas é *claro*.

Nós entramos em casa e eu tinha um sorriso estampado de lado a lado no rosto. Patrícia ainda estava tagarelando sobre como seria o máximo se eu

trabalhasse no cinema e como eu poderia comer pipoca e doces de graça — porque Marido Número 3 de jeito nenhum descontaria do meu salário — e como tudo isso seria romântico, como se eu estivesse querendo ir pro Rio única e exclusivamente para encontrar o Maurício.

— O que é romântico? — perguntou Leo. Ele, Apolo, Hélio, João e Maia estavam amontoados na sala, concentrados em um jogo de vídeo game. O barulho da televisão era ensurdecedor. Principalmente quando Apolo conseguiu concluir um desafio do jogo e começou a gritar na cara do Hélio, enquanto a TV gritava de volta com o barulho de uma explosão.

Eu e Patrícia tampamos o ouvido.

— Meu Deus, vocês estão surdos ou o quê? — eu reclamei, mas meus irmãos gêmeos me mandaram calar a boca.

Encontrei o olhar de João por uma fração de segundos, mas desviei quando Leo fez a pergunta de novo. Maia também parecia interessada na resposta e Patrícia estava muito satisfeita em poder dá-la. Eu senti um frio na espinha pelo que ela acabaria dizendo, mas não consegui interrompê-la.

— Cali vai arranjar um emprego pra poder comprar uma passagem para o Rio e encontrar o namorado.

Nesse momento, meu queixo caiu no chão e o jogo foi pausado por Hélio, que voltou toda a sua atenção para mim e disse:

— O quê? Namorado?

— *Namorado?* — foi a vez de Apolo. — Espero que você não esteja falando daquele moleque, como é o nome? *Maurício*. Eu soube do presente que ele te mandou.

— Do que vocês estão falando? Quem está namorando aí, hein? — Marido Número 3 perguntou, entrando na sala com um balde de pipoca na mão.

— A Cali — responderam Leo e Maia em uníssono e eu quis abrir um buraco na terra para me enterrar e não sair de lá nunca mais.

Qual era o problema da Patrícia? Ela empolgada era um verdadeiro perigo ao bom senso!

Eu já estava mortificada, sentindo a humilhação me derrotar em uma arena gladiadora. Mas quando me dei conta do olhar de João sob o meu rosto, meu coração explodiu em um milhão de pedacinhos.

Entrei em pânico.

Ah, caramba, o que foi que eu fiz pra ter um carma tão maldito?

— Não, espera, eu não estou...

— Mas *já* arranjou um namorado? — Marido Número 3 parecia entretido. — Gostei de ver, Calíope.

MEU DEUS. NÃO.

— Não, eu...

— Não, pai, é do Rio — Patrícia fez o favor de explicar e eu tentei falar de novo, mas fui cortada pela minha mãe descendo as escadas. Isso não está acontecendo.

Isso não está acontecendo.

— *AiMeusDeusesEstamosFalandoSobreONamorado?* — ela perguntou, parecendo uma adolescente que esperava por esse momento há muito tempo.

Eu agradeceria se alguém tivesse uma arma e pudesse atirar em mim agora.

Meu olhar se encontrou com o do João, mas o meu nervosismo estava me fazendo perder o fio da meada. Eu não queria que ele achasse que eu tinha um namorado, mas do jeito que a minha mãe e o Apolo estavam agindo, dava a entender que o Maurício tinha inclusive me pedido em casamento.

Eu nunca me senti tão humilhada em toda a minha vida.

— Eu não gosto desse cara — Apolo era um poço de sinceridade, sempre. — Nunca fui com a cara.

— Espera um minuto, você disse que vai arranjar um emprego? Mas onde? — Hélio estava interessado nas técnicas, mais do que eu imaginaria.

Minha mãe e Marido Número 3 me encararam ao ouvirem a novidade. Os dois agora estavam abraçados, eles sempre arranjavam um jeito de se tocarem quando estavam no mesmo cômodo.

— Um emprego, filhinha? De onde surgiu essa ideia?

— Tu não precisas de um emprego, eu ficarei feliz em te dar a passagem para se encontrar com seu namorado — Marido Número 3 então olhou para minha mãe. — Se a minha senhora estiver de acordo.

Eu queria gritar para que eles calassem a boca e eu pudesse *falar*.

— Ora, se ela quer trabalhar, deixe-a trabalhar. É bom dar valor ao dinheiro — minha mãe piscou pra mim.

— Onde, Cali? — Hélio foi enfático. Ele estava tão sério que olhar pra ele fez os meus pensamentos se reorganizarem.

— No cinema, se não tiver problema — dessa vez fui eu quem fitou Otávio, fazendo o pedido. Ele assentiu feliz em ajudar.

— Considere-se empregada, mocinha.

— Obrigada, mas vocês estão entendendo tu...

— Ai, meus Deuses! — minha mãe largou seu amor e me deu um abraço de urso que me esmagou inteira. Eu tentei me esquivar, mas aquela mulher era mais forte do que aparentava. — Patrícia está certa, isso é muito romântico.

— Não, não é isso, eu...

— Mulheres são tão melosas — Leo comentou e franziu o nariz. Apolo estendeu a mão para que ele batesse, e assim foi feito.

— Ei, eu sou mulher e não sou nada melosa — Maia se defendeu.

— Vocês estão entendendo tudo errado — tentei explicar, sentindo o coração bater na garganta. João não havia dito uma palavra sequer e não havia expressão nenhuma em seu rosto. Eu sei que não fazia sentido, mas o fato de ele achar que eu tinha um namorado estava me deixando louca de angústia. Eu queria gritar bem na cara dele que era tudo exagero da Patrícia e que Maurício e eu...

Maurício e eu o quê? Até pouco tempo atrás ir vê-lo e poder ficar com ele não era exatamente o que eu queria?

Eu engoli em seco.

— Eu só quero ir ver os meus amigos, é só isso — tentei explicar, mas todos

me encararam com aquelas caras de “sabemos muito bem quais são suas reais intenções”.

Exceto que eles *não* sabiam.

— De qualquer maneira, tu *será* muito bem-vinda no cinema — Marido Número 3 disse.

E então todo mundo começou a se dispersar. Ele e a minha mãe trocaram beijinhos e subiram as escadas com a vasilha de pipoca. Os meninos voltaram para o jogo de vídeo game e Patrícia pegou o celular para responder as mensagens que estavam chegando. Eu me sentia tão frustrada que não havia um nome certo para me descrever. João fazia esforço para não olhar pra mim, para prestar atenção no jogo na TV, enquanto eu queria desesperadamente *falar* com ele.

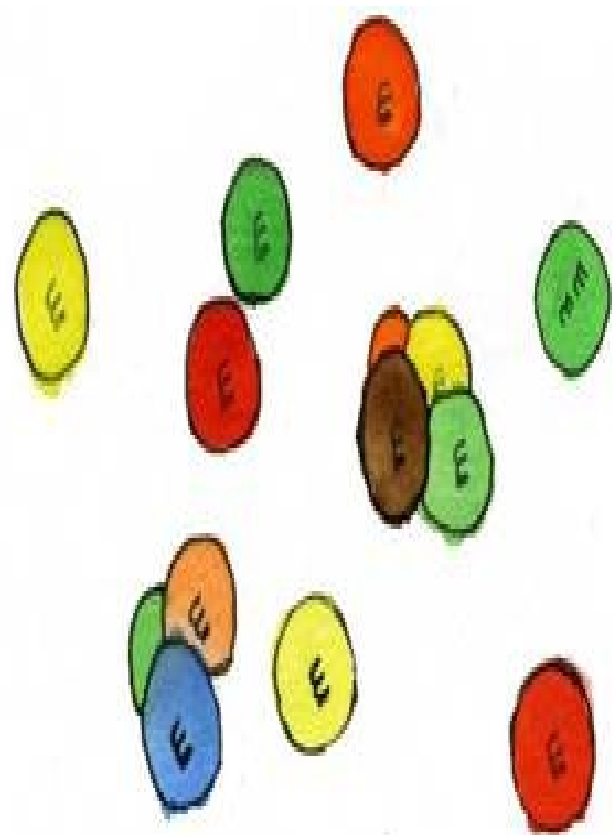
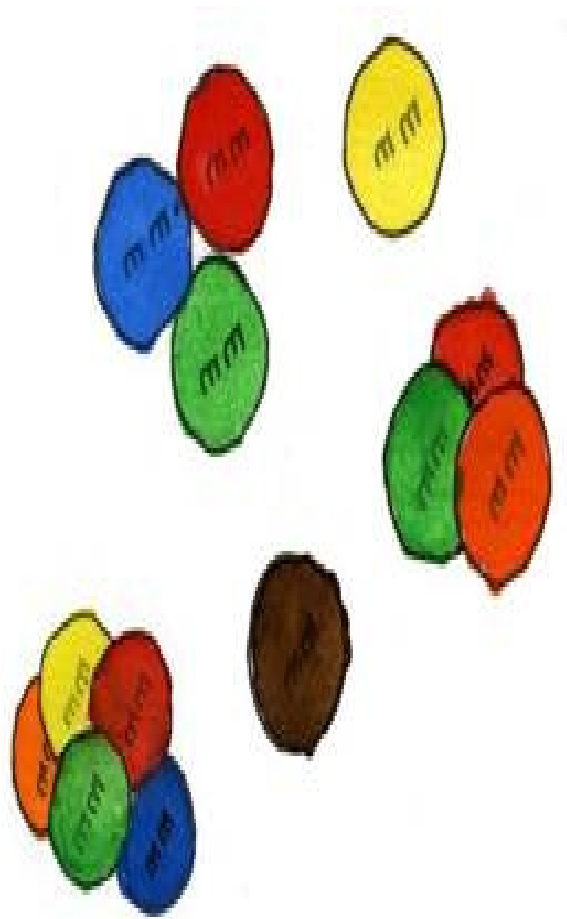
Mas dizer o quê?

Eu não tinha o que dizer, nós não tínhamos e nem poderíamos ter nenhum envolvimento. Se eu estava ficando com o Maurício ou com o Papa isso não era da conta dele e vice-versa. Certo?

Entretanto, eu ouvia essa voz sussurrando nos meus ouvidos que ele saber dos meus interesses românticos não era correto, quebrava alguma coisa entre nós, feria alguma regra não dita.

Eu simplesmente não queria.

Mas poucas coisas na vida acontecem do jeito que a gente quer.



13. Sensação Adolescente

Eu não estava pensando quando me levantei da cama. Não estava pensando quando pousei os pés no chão e fui até a porta. Não estava pensando quando abri a porta e atravessei o terceiro andar até parar em frente ao quarto do João. Muito menos quando bati na porta dele e esperei que abrisse.

Mas quando ele abriu, eu me dei conta do quanto aquela tinha sido uma péssima ideia.

Vamos começar pelo fato de eu estar usando meias 3/4 listradas coloridas, porque eu não gostava de dormir de calça de moletom e, no frio de Assunção, eu precisava de um apoio além das cobertas. Aquele era o único par que eu possuía, embora fosse humilhante. Mas ninguém me via dormindo, então não havia problema.

Exceto quando você se deita pra dormir e não aguenta ficar nem dez minutos na cama porque sua cabeça parece que vai explodir e você precisa fazer alguma coisa.

Essa coisa, no caso, seria falar com João.

E foi assim que eu parei aqui diante dele com uma cara de tacho, camisola de manga comprida sem sutiã e meias coloridas até o joelho.

João me encarava confuso, esperando eu abrir a minha boca. Mas eu estava paralisada demais para falar porque todo o meu foco se dispersou para o espaço sideral quando dei de cara com seu abdômen nu.

Ele estava sem camisa.

Eu engoli em seco porque, primeiramente, minha cabeça ficava na altura do peito dele então, mesmo se eu quisesse, não teria como não ter olhado para lá. E, bem, ele definitivamente cuidava do seu corpo. Não era *totalmente* definido, mas *era* definido. As curvas dos músculos em seu peito e abdômen me deixaram de boca aberta.

E então havia aqueles *braços*.

Eu só poderia descrevê-los pela vontade que me deram de João passá-los ao redor do meu corpo e me *segurar*. Eles pareciam tão *seguráveis*, tão seguros.

Eram tonificados de um jeito natural, e eu não sabia se gostava mais do amigo direito ou do amigo esquerdo.

João era rígido. Sua pele era lisa. Seu peito era largo.

E eu estava pegando fogo.

Ele olhava pra mim com aqueles olhos verdes que pareciam cortar a minha alma, e eu precisei de um segundo a mais para recuperar o fôlego. Minha mãe poderia muito bem ter se casado com um cara que só tinha filhas mulheres ao invés de trazer pra dentro da minha casa uma sensação adolescente. Teria sido muito mais fácil para o meu psicológico, para os hormônios dentro do meu corpo que pareciam ter criado vida própria.

Eu encarava João sem saber o que dizer, apenas sentir.

Sério, o que se diz numa hora dessas? “Ei, você está uma delícia e eu não consigo me concentrar no que dizer porque estou com vontade de lambar o seu abdômen inteiro.” “Ei, se você não fosse filho do marido da minha mãe, eu não sairia desse quarto sem que você me beijasse e me segurasse com esses braços”.

“Ei, mesmo você sendo filho do marido da minha mãe, eu ainda quero que você me beije”.

Meu coração acelerou somente com a hipótese, e eu tive que cruzar os braços na frente do peito porque eu tinha certeza de que meus faróis tinham ficado acesos. Malditos mamilos.

João estava tenso, eu podia notar pela sua postura. Eu precisava dizer alguma coisa antes que a situação ficasse ainda mais constrangedora.

— Seu pôster. Eu queria muito ver o seu pôster.

Eu sabia que ele não havia caído na minha desculpa esfarrapada, mas mesmo assim abriu passagem para que eu entrasse em seu quarto. Era a primeira vez que eu botava os pés lá dentro e pareceu como se eu estivesse invadindo um local sagrado. Tudo estava muito limpo e organizado. O skate e o violão ficavam no canto, e havia um enorme mapa mundi na parede atrás da sua cama. O pôster do terceiro filme de *De Volta Para o Futuro* se destacava na parede azul atrás da escrivaninha.

Eu parei diante do pôster, notando com o rabo de olho que o computador

estava ligado na área de trabalho. Era a foto de um pôr do sol laranja incrível na praia. João parou atrás de mim e a consciência do seu corpo seminu quase se encostando ao meu fez com que minha respiração cessasse.

Ele falou, com sua voz grave, e toda a extensão da minha pele se arrepiou.

— Era só isso? — foi a pergunta.

Era só isso?

O que era mesmo?

Sua respiração na minha nuca tornava impossível conseguir pensar.

Era só isso?

Balancei a cabeça e me virei para ele. Seu rosto não tinha expressão, estava do mesmo jeito quando ouviu toda a conversa maluca sobre eu querer um emprego para me encontrar com meu *namorado*. Eu não sabia se ele tinha ficado incomodado ou se isso não afetara em nada a sua vida. João não dissera uma única palavra sobre o assunto e eu queria desesperadamente perguntar, queria dizer que não era nada disso, mesmo essa minha vontade não fazendo sentido algum.

Ficar perto dele era um erro inconsequente e sem nenhum propósito. Mas aqui estava eu.

— Não — consegui dizer, sem saber pra onde olhar. Eu podia escolher entre o rosto e o abdômen nu, mas não sabia qual opção seria a mais devastadora. — Eu não conseguia dormir e fiquei inquieta, só isso.

— Sei.

Apenas essa palavra seguida pela linha fina dos seus lábios pressionados um no outro. Nós tínhamos começado a tentar ser amigos para que situações constrangedoras como essa jamais acontecessem de novo. Para que tivéssemos assuntos, para que nossas palavras preenchessem a sala ao invés desse silêncio tenso, que era muito mais ensurdecedor.

Eu não devia ter vindo até aqui. Deveria ter dormido e só voltado a me comunicar com outros seres vivos quando eu começasse a raciocinar direito. Ao invés disso, corri para o olho do furacão. Eu não sabia o que eu esperava indo até

João agora. Eu queria que ele dissesse alguma coisa? Queria. Mas não cabia a ele, e eu sabia que ele não falaria nada se eu não fizesse isso primeiro.

Ele parecia incomodado, eu percebi vagamente. Ele parecia incomodado por achar que eu tinha um namorado e essa percepção fez meu coração dar um pulo. Fez o torpor da minha confusão dar lugar a uma euforia que não deveria existir. Eu saboreei cada segundo dela com satisfação e com culpa, mas sem pedir perdão.

— Tu desejas fazer um tour pelo meu reino? — ele foi sarcástico. Estava implicando comigo, referindo-se ao modo como o tratei na primeira vez em que conversamos depois que eu descobri que Guto era João.

Eu quase sorri, mas ele se afastou de mim, como se tivesse se arrependido de me dar qualquer tipo de abertura.

Eu recebi aquilo como um balde de água fria.

— Já está tarde, eu preciso dormir e tu também.

— Eu sei — respondi rápido. Tentava buscar em seus olhos alguma certeza de que ele estivesse mesmo incomodado, mas João se fazia impossível de ler naquele momento. — Eu só queria conversar e você me disse que eu podia bater aqui, caso precisasse.

Ele se desarmou um pouco.

— Mas você não está dizendo nada. Está parada aí agindo feito uma louca.

Fale, Cali. Fale de uma vez. Diga a ele que você está mais solteira do que número ímpar.

Havia, entretanto, alguns motivos para que eu não fizesse isso.

Em primeiro lugar, qual era o propósito? Não é como se *ele* pudesse ser meu namorado e ao dizer isso eu estivesse abrindo a porta para que ele tentasse. Isso jamais seria possível por motivos óbvios.

Em segundo lugar, Maurício podia não ser meu namorado, mas se eu fosse mesmo visitar o Rio, eu não sabia o que poderia acontecer entre nós. Era complicado porque agora nós morávamos em Estados diferentes? Sim. Mas Helô sempre dizia que beijar não tira pedaço.

Mas o principal motivo pelo qual eu não conseguia dizer a verdade a João era pura e simplesmente porque: Eu não tinha *certeza* se isso, de fato, era relevante na vida dele. Ele poderia estar mais do que cagando para a minha situação amorosa, e eu não queria fazer papel de idiota na sua frente.

Mais uma vez.

Deste modo, embora eu tivesse seguido o impulso de ir até o quarto do João — porque pensar que ele achava que eu tinha namorado estava me matando — eu não consegui dizer que não tinha.

Complicado, eu sei. Ultimamente tudo na minha vida tem sido assim.

— Eu já te disse que sou meio louca.

— E eu não tenho como discordar disso.

Esquivei uma sobrancelha.

— Eu tenho uma pergunta pertinente — falei e ele cruzou os braços, esperando. — Por que a sua família te chama de Guto, mas você se refere a si mesmo como João?

Seus ombros caíram aliviados, como se ele estivesse esperando uma pergunta muito pior.

— Minha mãe me chamava de Guto, é um apelido de família. Mas na escola e em todos os outros lugares, todo mundo sempre me chamou de João.

— E você prefere João, eu suponho.

— Não tenho preferência, mas se conheço alguém novo, sou João. É mais fácil, já que é assim que todos me conhecem. Guto é muito íntimo.

Eu assenti, concordando. Fazia total sentido.

— Eu gosto de Augusto — deixei as palavras escaparem. — É um nome bonito.

Ele me lançou um olhar cético.

— Nós estamos realmente discutindo meu nome à meia-noite e meia de um dia de semana?

Eu encolhi meus ombros e notei quando o olhar dele desceu para o desenho que meus seios sem sutiã estavam fazendo na camisola. Seu rosto ficou rígido e todos os músculos do seu corpo se tensionaram na mesma hora. João Augusto engoliu em seco enquanto eu corava com vergonha tanto por ele estar olhando, quanto por eu querer que ele continuasse.

Involuntariamente meu olhar voou para seus ombros largos e desceu pelo seu abdômen até a barra da calça. Quando encontrei seu rosto de novo, ele estava me encarando de volta.

Eu também havia sido pega em flagrante. E ele também não parecia se importar. O sangue em minhas veias parecia estar entrando em combustão.

Isso estava ficando cada vez mais complicado.

Guto fez menção de se aproximar, mas acabou parado no mesmo lugar. Ele era um cara decente o suficiente para não tentar nada com uma menina comprometida. Decente o suficiente para também não tentar nada com a filha da sua madrasta? Será que *isso* tinha alguma coisa a ver com decência? Porque eu me sentia mesmo um pouco indecente no momento.

— Acho melhor tu ir dormir.

Eu assenti, mas nenhum de nós dois conseguiu se mover. Era como se tudo nele chamasse por tudo em mim e eu não conseguisse me afastar. Como o bichinho da luz que, aconteça o que acontecer, é atraído para a lâmpada do quarto. Eu queria passar meus dedos por ele, eu queria...

— *Cali.*

Ele enfatizou, soando como uma advertência. *É melhor você fazer isso logo ou senão...*

Senão...

Eu jamais saberia. Porque eu era sensata demais para ficar ali e deixar o que vinha depois do *senão* acontecer. Dei boa noite e saí do quarto dele sem olhar para trás, conseguindo me libertar do feitiço. Fechei a porta com cuidado e caminhei pelo terceiro andar na ponta dos pés para que ninguém ouvisse.

— Cali — a voz do meu irmão veio da escada no momento em que alcancei a minha porta, e a minha espinha gelou.

Será que ele viu de onde eu havia saído?

Engoli em seco e me virei para ele, enquanto Hélio — agora eu podia vê-lo — vinha em minha direção. Ele parecia perturbado e meu coração batia até nos meus ouvidos de tanto que eu estava me borrando de medo. Se ele me viu saindo do quarto do João de madrugada tentando não ser vista, eu estava lascada.

— Oi? — minha voz saiu tremida e eu engoli o nervosismo.

Hélio geralmente era uma pessoa observadora e perspicaz, mas naquele momento ele parecia perdido nos próprios pensamentos. Havia uma nuvem em seus olhos e eu rezei muito pra isso não ter nada a ver com ele ter me visto.

— Eu não consegui dormir. Precisava falar com alguém e vim ver se você estava dormindo.

O alívio tomou conta de mim e eu assenti. Abri minha porta e o convidei para entrar no meu quarto, onde poderíamos conversar melhor. Hélio não era o tipo de pessoa que fazia essas coisas e a situação inusitada me preocupou. Ele esteve esquisito desde o papo sobre eu trabalhar pra ir ver o Maurício.

Eu me sentei na cadeira da minha escrivaninha, mas meu irmão ficou de pé. Meu Deus, ele estava com cara de quem tenta resolver um problema matemático impossível. Uma ruga se formou na minha testa enquanto eu o esperava achar as palavras.

— Eu fiquei pensando sem parar sobre a sua ideia de trabalhar pra voltar ao Rio e me senti um *idiota* — ele desabafou. Eu ainda não estava entendendo, mas a linguagem corporal dele me dizia que ele estava sofrendo.

Convenhamos, Hélio estava sofrendo desde que descobrimos sobre a mudança. Ele estava tão apaixonado pela Julia que não conseguia imaginar castigo pior do que ficar longe dela e agora eles nem estavam mais juntos.

Ah.

A Julia.

Agora eu começava a compreender.

— Você quer dizer, tipo, que você está se torturando por não ter pensado nisso antes? Em arrumar um jeito de ir e voltar pro Rio pra encontrar com ela?

Ele assentiu e se sentou na minha cama. Parecia derrotado, o coitado. Eu sempre achei muito nojento pensar no relacionamento amoroso do meu irmão, mas naquele momento não pude ser a Calíope-irmãzinha-implicante. Nem se eu quisesse. Naquele momento eu era a pessoa que o daria conforto, mesmo não sabendo muito bem como fazer isso.

Mas é isso o que define ser irmão.

Eu suspirei e me arrastei através das rodinhas da cadeira até parar de frente para ele. Seus olhos azuis encontraram os meus, e eu sabia que ele, pra variar, estava se culpando.

— Hélio, você não pode fazer isso consigo mesmo. A Julia também não pensou em uma solução e ela ainda desistiu de você.

— Ela está com medo, Cali. De não dar certo e ela se magoar.

Eu assenti, pois sabia disso. Eu gostava da Julia, pra ser sincera. Ela era uma garota legal e parecia corresponder aos sentimentos do meu irmão da mesma maneira nesses últimos oito meses em que estiveram namorando.

— Eu sei. Acho que é normal ficar insegura quando seu namorado gato vai morar em outro estado. — Ela já se sentia insegura com ele no Rio de Janeiro, quem dirá em Assunção.

— E agora que a ideia apareceu, nós não estamos nem mais juntos e não faz sentido eu aparecer por lá.

Dessa vez eu tive que discordar.

— Fala sério, o Rio é a nossa casa. Você faz uma visita e conversa com ela cara a cara, talvez ela te vendo faça com que perceba que vocês não precisam terminar. Ainda mais você tendo como voltar lá regularmente.

Ele parecia um pouco mais confiante agora.

— Até porque ano que vem eu volto a morar por lá, se eu passar no ENEM pra alguma Universidade carioca. Nunca tive a pretensão de sair do Rio.

A verdade é que nenhum de nós nunca teve. Mas aqui estávamos.

— Você vai passar — eu revirei os olhos e dei um soco no ombro dele. Se Hélio não passasse no vestibular então todo mundo poderia simplesmente largar

os livros e desistir agora mesmo. Meu irmão era um maldito inteligente que estudava como se todas as matérias fossem a coisa mais fácil desse mundo.

Eu consegui arrancar um sorrisinho dele.

— Você acha que o Otávio pode me dar um emprego também?

— Eu acho que ele deve ter um cardápio de empregos disponíveis pra você escolher — eu brinquei. — Mas o problema é: como você vai estudar pro ENEM e trabalhar ao mesmo tempo? A prova é daqui a dois meses.

Hélio coçou o queixo e deu de ombros, pensando sobre o assunto.

— Sei lá, eu me viro. Vou ficar cansado, não vou ter vida social. Mas eu preciso tentar.

Eu concordei e estreitei meus olhos para ele.

— Você já sabia que iria fazer isso antes de vir falar comigo, não sabia?

Meu irmão mordeu o lábio inferior, escondendo um sorriso maroto, e passou a mão pelo seu cabelo castanho despenteado.

— Acho que sim. Acho que eu só precisava de um empurrão.

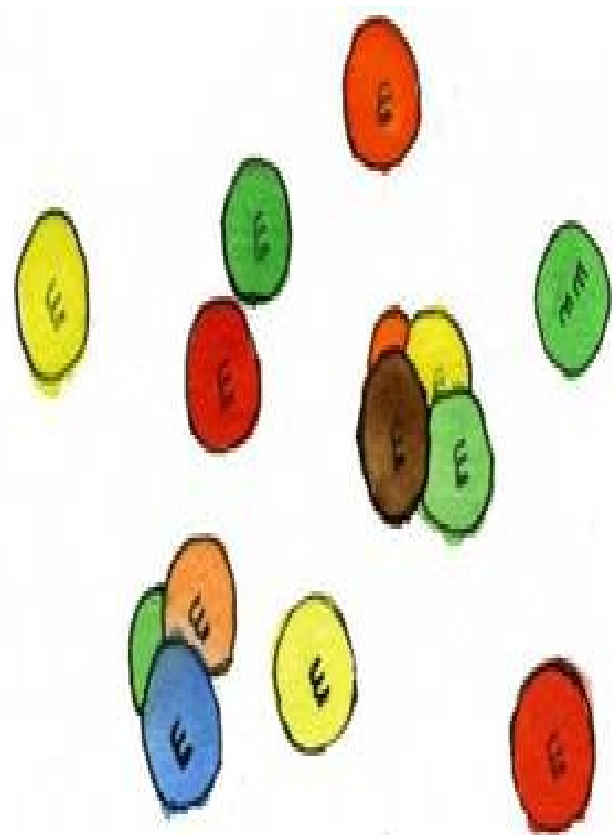
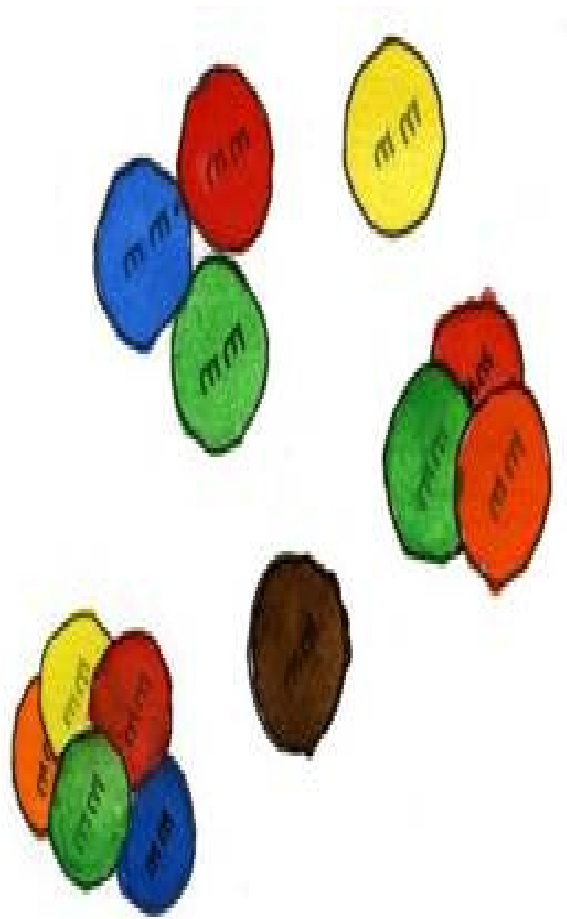
Então era essa a minha identidade secreta hoje: Calíope, a empurradora de destinos.

Me afastei dele, empurrando a cama com o pé pra dar impulso, e saí rolando na cadeira pelo meu pequeno quarto até bater na escrivaninha de volta.

— Ok, agora que você já resolveu o que fazer da sua vida, eu preciso tomar minhas próprias decisões também. A primeira delas é: ir dormir.

Hélio sorriu e se levantou como se tivesse tirado o peso de um camelo inteiro das suas costas. Ele me deu um abraço apertado antes de eu enxotá-lo para fora do quarto, mas me joguei na cama me sentindo uma pessoa melhor. A boa ação do dia estava feita e talvez servisse para se equiparar aos meus pecados.

De qualquer maneira, eu expulsei tudo isso da minha mente e soltei um longo suspiro cansado antes de mergulhar na inconsciência.



14. Perdida

O grande dia havia chegado e eu não poderia estar mais estressada.

Uma coisa que você deve saber sobre mim é: eu não gosto de salão de beleza. Eu detesto salão de beleza. Eu gosto sim de ficar bonita, mas odeio, *odeio* salão de beleza.

Não consigo pensar em nada mais enervante do que passar horas com a bunda na cadeira enquanto mulheres adultas tiram pedaços do meu corpo, assam meu couro cabeludo, mutilam minha dignidade e me fazem passar por sessões de tortura inimagináveis. Tudo isso enquanto fofocam sobre a vida alheia e perguntam coisas pessoais sobre mim que eu jamais diria a um estranho.

Era assim que eu estava me sentindo agora. Como se minha mãe, na verdade, estivesse me aplicando uma punição.

É claro que quando olhei no espelho e vi meu rosto melhor desenhado por causa das sobrancelhas feitas, meu cabelo castanho-avermelhado brilhando depois da chapinha e minhas unhas pintadas de azul anil, eu me senti bem. Pensei “ei, afinal de contas vale a pena sentir dor e um incômodo angustiante por três horas e meia e ouvir a voz anasalada da cabelereira contando sobre a vida sexual da cliente anterior”.

Mas não. Não vale. A vaidade é que tira o bom senso das pessoas, incluindo eu.

De modo que levantei minhas nádegas dormentes com cuidado para não borrar as unhas e me afastei da cabeleireira para me olhar no espelho de corpo inteiro. Eu havia repicado um pouco os cabelos, mas eles ainda eram longos. A cor estava maravilhosa, eu não poderia negar. E essa maquiagem preta esfumada nos olhos fazia a minha íris castanha parecer mais clara.

Quase levantei um polegar de aprovação para a minha própria imagem.

Todas as mulheres da família Medina-Becker estavam nesse salão chique se arrumando e eu, por sorte, fui a primeira a ficar pronta. Bebi um copo de água que uma das funcionárias me ofereceu e tirei o celular do bolso para passar o tempo enquanto esperava. Patrícia olhava pra mim como se estivesse sentindo inveja da minha liberdade, mas mantinha uma conversa amigável com minha

mãe e as manicures delas. Seus cabelos já estavam prontos e os da Stella e Hipólita estavam sendo terminados. Era barulhento lá dentro, em meio a tantas vozes e secadores, e eu queria muito ir embora.

Mas a aventura só estava começando.

Helô: Como está a gêmea má? Já surtou hoje?

Dei uma risadinha e fitei Stella de relance. Ela esteve tensa durante a semana inteira, mas nessa manhã a menina parecia prestes a ter um ataque de nervos. Não falava com ninguém se não fosse para dar uma ordem ou fazer uma reclamação, e eu estava me divertindo às suas custas.

Cali: Parece que recebeu uma injeção de adrenalina. Tá tão tensa que ela nem consegue mexer o pescoço direito.

Helô: hahaha e eu achava que eu fosse dramática. Ela continua ignorando vc e sua mãe?

Cali: E você é! Continua. Acho que ela tem problemas de aceitação.

Helô: Acho que ela tem problemas com outras mulheres na casa.

Cali: Vc não vale nada.

Helô: E não me arrependo. #dextruidora

Não demorou muito e uma a uma delas foi ficando pronta. Nós estávamos aqui desde as 14h45 da tarde e agora já eram quase 19h. Marido Número 3 ficou encarregado de coordenar a equipe organizadora da festa e tanto ele quanto os rapazes e as crianças já estavam na fazenda da família.

— Oh, o Eduardo chegou! — Patrícia anunciou, para alívio geral. O voo do irmão mais velho havia atrasado e foi um drama hoje pela manhã. Finalmente ele chegou a Assunção. — Nós vamos direto pra fazenda ou vamos parar em casa? — ela perguntou pra minha mãe assim que nos instalamos dentro do carro.

— Seu pai me disse para irmos para a fazenda de uma vez. Tudo de que precisamos já está lá.

— Tu tens certeza de que ele levou o meu vestido e o sapato certo? Tu *checou* com ele? O cordão da minha mãe também? — Stella de repente se lembrava da existência da sua madrasta.

Mamãe abriu um sorriso tranquilizador para ela, que não surtiu efeito algum, e disse:

— Sim, meu bem. Está tudo lá.

Eu olhei para ela através do vidro retrovisor e fiz de tudo para esconder o meu riso. Hipólita estava no meio das gêmeas no banco de trás, agindo como se fosse a fiel escudeira da Maria Histórica. Patrícia trocava mensagens com alguém e a única coisa que eu queria naquele momento era um hambúrguer gigante.

— Vamos indo então. Coloquem os cintos, garotas.

A fazenda não ficava muito longe do centro da cidade, mas era o suficiente para ser isolada. Quando chegamos, tudo já estava praticamente pronto no extenso gramado ao redor da casa grande. As mesas redondas com toalhas brancas e cor-de-rosa se espalhavam com arranjos de vela em cima. A decoração era toda baseada em balões de luz japoneses e estrelas. A mesa do bolo e doces ornamentada com perfeição ficava debaixo de uma tenda lilás, e a equipe organizadora ia e vinha dando os últimos retoques sem parar. A pista de dança estava montada com direito até a luzes fluorescentes e máquina de fumaça.

Aquela seria uma *senhora* festa. Com tudo do bom e do melhor. E, a julgar pelo número de mesas, o que não faltaria eram pessoas para curtir-la.

Nós chegamos já subindo para terminarmos de nos arrumar. Otávio havia dado vestidos de presente para mim e minha irmã, mas ele não acertara totalmente o meu estilo. Bem, o meu vestido era preto e apertado no busto, de modo que ressaltava os meus seios. Ele tinha uma pequena abertura nas laterais e amarrava na parte de trás. A saia era leve e batia um pouco abaixo da metade das minhas coxas. O de Hipólita era bem menos revelador, um tomara que caia verde que também não a deixou muito satisfeita.

Já Stella estava deslumbrante em um vestido prateado estilo sereia. Ela parecia pronta para matar com aquele batom vermelho e o cabelo loiro escuro descendo em ondas bem feitas. Patrícia também estava bonita no seu vestido azul, mas era inegável o quanto Stella se destacava dentro daquele quarto.

Aquela era a noite dela; e ela não mediria esforços para brilhar.

Ela estava retocando sua maquiagem quando eu decidi descer para ver se conseguia comer alguma coisa. Meu estômago roncava alto e eu sentia que

poderia cair de fome a qualquer momento — também por causa do salto alto. Olhei para o número de degraus que precisaria descer e praguejei baixinho.

— Quer ajuda?

Meu olhar seguiu a direção da voz, vinda lá de baixo, e eu preendi a respiração quando o vi.

João estava vestido em um terno preto que caía perfeitamente em seu corpo alto e nos ombros largos. Dava-lhe um ar de seriedade diferente do que eu estava acostumada até agora, com aquelas roupas de skatista e o cabelo desgrenhado. O cabelo, aliás, tentava ficar penteado e ajeitado com um pouco de gel, mas havia uma mexa rebelde que combinava perfeitamente com sua personalidade.

Ele estava absolutamente *lindo*.

Elegante e esguio, parado no início da escada com as mãos no bolso da calça e os olhos verdes travando uma batalha com os meus. Ele também parecia impressionado com a minha imagem. Havia uma expressão meio boba em seu rosto enquanto ele me fitava de cima a baixo. Sua boca se abriu e, por um minuto, meu coração parou quando achei que ele fosse dizer alguma coisa.

Mas ele não disse nada.

— Eu estou bem, obrigada.

Como que para reafirmar minhas palavras, agarrei o corrimão e descii lentamente, degrau por degrau, as escadas da casa grande. Ele não se mexeu de onde estava, e a consciência de seus olhos me acompanhando enquanto eu me aproximava fizeram tudo dentro de mim se agitar.

Me recusei a olhar pra ele enquanto descia, mas no minuto em que cheguei perto o suficiente, ele estendeu a mão para me ajudar. Deslizei meus olhos pelo seu rosto bonito e vi um sorrisinho involuntário brotar no canto da sua boca.

Peguei sua mão e o calor da sua pele contra a minha fez o meu coração se explodir em um milhão de pedacinhos.

Aquela era a primeira vez em que nos tocávamos desde o dia em que nos conhecemos, duas semanas atrás. Era a primeira vez que João entrava em atrito comigo, sua pele diretamente na minha, e eu não fui capaz de reagir bem a isso.

Porque meus joelhos pareceram ter virado líquido.

Ele pousou a outra mão na parte de baixo das minhas costas e eu não sei com que forças consegui descer até o piso do primeiro andar. Mas, quando o fiz, ele não me soltou.

Ele me agarrou mais ainda com aquele seu olhar silencioso e magnético.

Ele me agarrou de um jeito que transcendia o físico.

E eu o agarrei de volta.

Sua mão soltou a minha, mas os seus dedos deslizaram das minhas costas para minha cintura. O ponto em que ele encostava em mim parecia dormente e, ao mesmo tempo, mais vivo do que qualquer outra parte do meu corpo. Eu queria estender as minhas mãos pelo seu peito, queria eliminar o restinho de espaço que ainda havia entre nós e misturar a nossa respiração em uma só.

O cheiro dele estava tão incrível.

— Obrigada — eu disse.

— Disponha — ele disse.

Seus dedos ainda estavam me tocando. Seus dedos ainda estavam *me tocando* no meio da sala de estar da casa. Onde as outras dez pessoas que compunham nossa família poderiam nos ver a qualquer momento.

— Tu estás linda — ele balbuciou.

— Obrigada — eu repeti, porque de repente não conseguia formular frases coerentes e inteiras. Cocei a garganta. — Você também não está nada mal.

João Augusto Becker riu e eu me senti a pessoa mais sortuda do mundo naquele momento.

Foi quando eu soube que estava perdida.

Se alguém nos visse...

Ele apertou minha cintura um pouquinho. Eu estava com tanto medo e, ao mesmo tempo, tão envolvida. Não conseguia sequer olhar nos olhos dele.

— Preparada para conhecer toda a minha família?

— Minha mãe está nervosa — eu confessei, tentando não pensar no quanto *eu* estava nervosa por estarmos sendo tão imprudentes, nos tocando em público.

— Cali? — minha irmãzinha me chamou e eu me virei para ela na hora. João tirou os dedos de mim ao mesmo tempo e eu quase chorei em lamento.

— Oi, bebê — tentei fingir que nada estava acontecendo, que dentro de mim não estava havendo nenhuma revolução de hormônios enquanto Selene se aproximava e me abraçava pela cintura.

— A gente pode comer alguma coisa?

Eu virei a cabeça para João e acho que vi um animal dentro dele. Tenho certeza de que vi alguém prestes a me puxar de volta, me apertar contra ele, me segurar de um jeito como ele nunca tinha feito com ninguém antes.

Eu fiquei paralisada, querendo que aquele olhar não fosse embora, mas morrendo de medo de que ficasse.

— Podemos comer alguma coisa? — perguntei a ele, sentindo o coração reverberando na garganta, na ponta dos dedos dos pés, em cada fio de cabelo.

Ele assentiu, sem tirar os olhos dos meus em nenhum momento.

— O Buffet está na cozinha, mas podemos entrar e pegar as pizzas que meu pai comprou. Deve ter algum pedaço ainda.

Ótimo.

Eu ainda não conseguia me mexer.

Minha irmãzinha olhava pra mim em expectativa e começou a reclamar impaciente.

— Vamos, Cali — ela disse. — Eu estou com muita fome e mamãe ainda está se arrumando. A Maia e o Leo estão brincando e nem me deram bola.

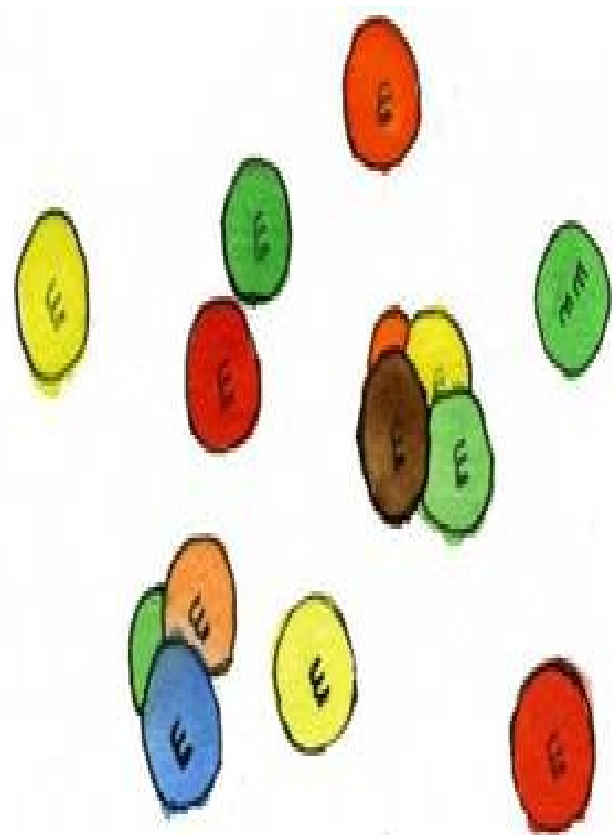
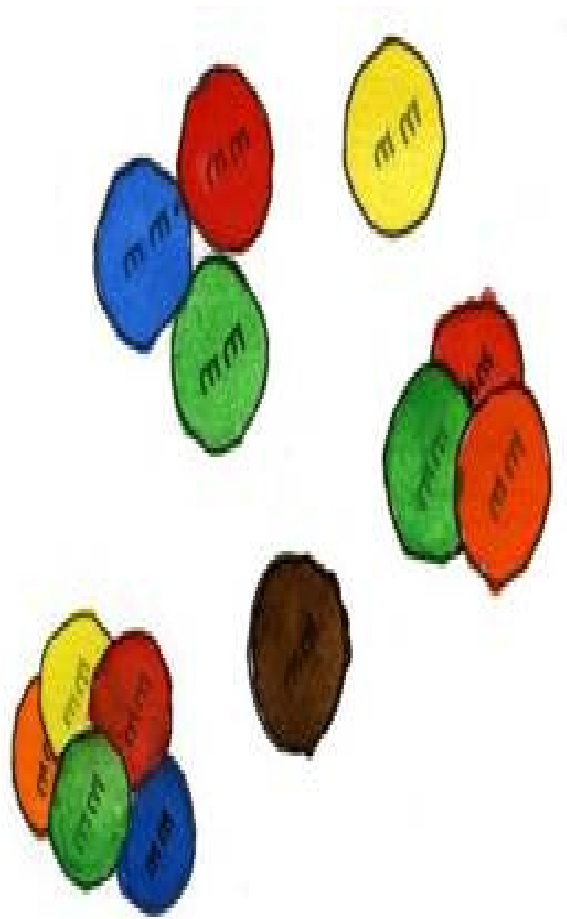
Embora cada pequena *partezinha* de mim implorasse para que eu mandasse Selene para a cozinha sozinha e me jogasse nos braços do João, eu não podia fazer isso. Não no meio da sala de estar.

Com muito esforço, desviei o olhar dele e encarei a minha irmã.

— Vamos comer umas pizzas.

Ela se animou na mesma hora.

Eu encarei João uma última vez antes de me virar.



15. Amantes Desafortunados

Eu não consegui tirar os olhos dele a noite inteira.

E ele estava passando pelo mesmo problema que eu porque nossos olhares se encontravam a todo o momento. Grudavam-se de um jeito que fazia todo o resto da festa desaparecer e só restar nós dois. Mesmo quando ele estava conversando com os primos às gargalhadas em uma mesa e eu estava dançando loucamente com Gabriel, Gengibre e Sabrina.

Mesmo quando Vanessa, Patrícia e eu tirávamos *selfies* engraçadas e ele estava bebendo com os amigos no open bar. Ou quando eu e meus irmãos gêmeos roubávamos docinhos da mesa e ele dançava com as suas irmãs gêmeas ao mesmo tempo.

Não importava o que estivéssemos fazendo, nossos olhares se encontravam. E eu estava me sentindo preenchida, bêbada, descontrolada durante toda a noite. Em uma espécie de euforia e nervosismo pelo jogo que estávamos jogando.

Gato e rato. Sempre nos rodeando, trocando olhares, mas sem nos aproximarmos para o bote.

Marido Número 3 apresentou minha família aos seus sobrinhos, aliás. Aos seus dois irmãos, à vovó Becker e aos pais e irmã da sua esposa falecida também. A irmã tinha uma filha de cinco anos que virou a melhor amiga de Selene em cinco minutos, e os avós maternos da família ficaram apaixonados pela minha mãe.

Parecia que as coisas estavam dando certo nesse sentido, pelo menos. Eu imaginei como seria ter meu avô aqui e fiquei com saudade dele na mesma hora. Ele sempre foi presente nas nossas vidas, sempre ajudou mamãe desde que ela se separou do senhor meu progenitor. Então eu poderia dizer com toda a convicção que ele era a figura paterna que eu idolatrava.

Eu gostava de pessoas idosas. Sempre achei que elas tinham as melhores conversas e muita história de vida pra contar. Então me julgue por eu ter passado uns bons vinte minutos conversando com a vovó Becker enquanto minha galera se acabava na pista de dança.

A festa estava sendo um sucesso e Stella parecia desfilar como a rainha do

Egito. Ela finalmente estava se divertido, sorrindo e dançando com seus amigos. Mas enquanto todo mundo começava a dispensar o salto alto, ela se mantinha na altura dos seus quinze centímetros adicionais.

Dei um gole no meu coquetel de frutas e fiquei observando as coisas acontecerem à minha frente.

— Pensativa?

Levei um susto com aquela voz no meu ouvido e me virei para trás para encontrar os olhos de João mais uma vez. Seu cabelo já havia se rendido e ele tirara o terno e dobrara a camisa até os cotovelos. Estava um pouco suado, assim como a maioria dos jovens — incluindo eu. Mas de alguma maneira aquilo só o deixava mais atraente.

Meu coração se acelerou no momento em que ele se colocou ao meu lado, observando a festa igual a mim. Fitei-o de soslaio e cruzei os braços.

— Às vezes é bom se afastar por alguns minutos.

Ele assentiu, concordando comigo.

— Eu também acho. Mas tu já *está* afastada há muito tempo da pista de dança.

Eu olhei pra ele, diretamente agora, e levantei uma sobrancelha.

— Você está me chamando pra dançar, Augusto? — perguntei sem pensar, e me arrependi no momento seguinte porque *Meu Deus, Calíope*.

Eu sabia que meu rosto estava ficando vermelho e que meu coração nem deveria existir mais de tão acelerado. Ele me lançou um olhar divertido, mas eu sabia que aquele olhar era um iceberg. Muito mais profundo, muito mais intenso do que eu seria capaz de lidar. Em seus lábios estava o sorrisinho que eu já havia me acostumado a adorar.

— Você *quer* dançar comigo, Calíope? — ele me provocou.

Pensei no quanto eu queria sim dançar com ele. No quanto queria os braços dele ao redor da minha cintura e o quanto eu queria descansar minha cabeça no seu peito e sentir o seu cheiro de pertinho. O quanto eu queria sentir o movimento da sua respiração e a sua voz profunda com a orelha no seu peito.

Queria as mãos dele alisando meu cabelo, eu queria...

Eu estava arrepiada. Totalmente fora de órbita só com a ideia. E não fui capaz de responder porque parecia que eu estava me afogando.

João virou o corpo para mim e se aproximou um pouco mais, de modo que a sua respiração invadia totalmente o meu espaço. A mão dele quase se encostou à minha cintura, mas ele parou no meio do caminho. João parecia travar uma luta interna na sua mente, entre o certo e o errado. Entre o querer e o poder.

Entre como seria adequado agir na frente de todo mundo ou não.

— Eu preciso te fazer uma pergunta, mas eu não acho que eu tenha nenhum direito — ele disse lentamente, baixinho.

— Pode perguntar — eu dei permissão e o olhar de João deslizou por toda a extensão do meu rosto. Meus olhos, meu nariz, minhas bochechas, minha boca. Ele parou na minha boca por alguns segundos a mais e eu me desfiz.

— Antes de ontem... Aquilo que a Patrícia disse. Tu tens mesmo um namorado?

Ah.

Fiquei com vontade de sorrir. Fiquei com vontade de dizer pra todo mundo que ele se importava. Tentei esconder minha satisfação com aquela perguntinha simples, mas estava muito difícil. Ele aguardava ansiosamente pela minha resposta, bravo consigo mesmo por ter perguntando, mas sem conseguir evitar.

— Não. Eu não tenho um namorado.

A expressão em seu rosto era ilegível. Ele estava sério e eu comecei a cogitar a ideia de que eu não o havia interpretado bem sobre a pergunta. Ele ficou me olhando em silêncio por tempo de mais — o suficiente para eu começar a achar que havia algo de errado.

Mas quando eu abri a boca para perguntar qual era o problema, ele olhou ao redor e agarrou a minha mão de surpresa. A partir daquele ponto o calor se espalhou por todo o resto do meu corpo. Eu estava *tão* viva.

— Vem comigo.

Ele entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para longe do quintal, muito

decidido. Eu o segui porque não saberia como dizer que não. De jeito nenhum eu me soltaria do João enquanto ele segurava a minha mão com tanta firmeza. Eu não fazia ideia de para onde ele estava me levando, mas tanto faz.

Eu iria pra qualquer lugar com ele naquele momento.

Nós entramos na casa grande, deixando o barulho e as luzes da festa para trás. Ele diminuiu o passo quando chegamos ao segundo andar e abriu a porta de um dos quartos com cuidado. Entramos no aposento escuro e ele fechou a porta atrás de si, mas não acendeu a luz. De modo que eu conseguia enxergar devido à claridade que vinha do lado de fora, mas João ainda era apenas uma silhueta. Seus olhos estavam escondidos, mas eu conseguia definir onde começavam e terminavam os seus ombros, os seus braços, o seu tronco.

E ele estava vindo em minha direção.

Senti minhas costas baterem em um armário de madeira e uma das mãos de João se espalmou ao lado da minha cabeça. Eu podia sentir o seu cheiro e a sua respiração e a sua cabeça curvada na minha direção. Um centímetro ou dois o separavam de mim e o nosso calor se misturava um no outro.

— Eu não consigo mais — ele desabafou e eu preendi minha respiração. Minha cabeça girava em uma espiral de sentimentos sem fim. — Eu tentei, mas eu não consigo.

Corri minha mão pelo seu abdômen até parar em seu peito, sem saber direito o que é que eu estava fazendo. Eu estava seguindo o instinto que me dizia que eu precisava tocá-lo.

Ele estava certo, eu também não aguentava mais fingir que isso não existia. Fingir que eu não ficava louca toda vez que seu olhar se encontrava com o meu e que meus pensamentos se resumiam a isso, a tocá-lo, sempre que eu pudesse.

Estávamos sozinhos agora. Estávamos no escuro. Ninguém estava vendo o que estava acontecendo, nem mesmo nós dois.

Ele pousou a outra mão na minha cintura e me puxou para mais perto. Me apertou contra ele como se me reivindicasse, como se ele tivesse resistido por muito tempo e agora finalmente se rendesse ao desejo de me segurar.

Ele estava me segurando.

E o meu coração não se aguentava dentro do peito.

— O que eu faço agora? — ele perguntou. Ele estava pedindo a minha permissão. — Se eu fizer isso agora, eu não sei...

— O que você quer fazer?

Eu não podia ver, mas sabia que seus olhos estavam no meu rosto. Estavam nos meus lábios.

Ele tirou a mão do armário e a encaixou na lateral da minha cabeça, roçando seu polegar por toda a extensão do meu maxilar até o queixo, deixando um rastro de dormência e incêndio pelas minhas células.

— Isso.

No momento que seus lábios se encostaram aos meus, o tempo parou. Eu achei que o mundo inteiro tivesse acabado, que meu corpo tivesse parado, que toda a energia tivesse se extinguido desta Terra.

Mas tudo voltou à vida muito mais intensamente quando esses mesmos lábios se moveram entre os meus.

E eu caí no buraco do coelho, em queda livre até o País das Maravilhas.

Segurei sua camisa e ele apertou a minha cintura enquanto nossos lábios dançavam juntos em uma valsa devoradora. Nós demos um passo para trás e a minha cabeça bateu no armário de novo. E então a sua língua me invadiu e eu entrei em combustão instantânea.

Minha língua na dele, alisando uma a outra como se tivéssemos sido feitos para isso. Minha língua na dele e as minhas veias se vaporizaram, não havia um centímetro de mim que não tivesse sido tomado por aquele sentimento de preenchimento e desejo. Suas mãos percorriam o meu corpo e eu envolvi seu pescoço com meus braços, nossas cabeças se mexendo para um lado e para o outro. Segurei sua nuca e, quando apertei meus dedos entre seus cabelos castanhos, João arfou nos meus lábios.

A energia havia sido sim extinguida da Terra. Toda a energia do mundo estava concentrada entre João e eu.

E esse mesmo mundo parava para admirar.

Ele me pressionava contra si e eu o pressionava contra mim, beijando-o de um jeito como nunca beijei ninguém antes na vida. Como se estivesse desesperada para que aquele momento jamais terminasse. Ele mordeu o meu lábio e eu não consegui evitar que um som escapasse de dentro de mim.

— Desde que te conheci estou pensando em fazer isso — ele me confidenciou e eu sorria se não estivesse tão entorpecida pelo que estava acontecendo agora. Pelos braços dele me segurando, suas mãos subindo e descendo pelas minhas costas.

Avancei para os seus lábios de novo e saboreei o seu gosto mais uma vez. Eu desconfiava de que seria impossível me sentir satisfeita. Eu não sabia o que estava acontecendo ali, mas aquilo já começava com jeito de que não terminaria bem. Aquilo já começava com jeito de que estávamos, os dois, perdidos e condenados a um fim horrível.

Um fim terrível. Um amor proibido. Romeu e Julieta ficariam orgulhosos.

A flor se desabrochava e seu perfume era doce, doce. Era sedutor e entorpecia os amantes desafortunados em todos os séculos. Eu me desfiz em pétalas cor-de-rosa, amarelas e vermelhas, me tornando um jardim de sementes coloridas onde o sol banhava o dia inteiro.

João e eu nos beijando num quarto escuro enquanto nossos pais casados recebiam os convidados da festa das irmãs gêmeas dele. João e eu *finalmente* nos beijando, finalmente libertando aquilo que tentamos reprimir por duas semanas inteiras.

João e eu.

A luz do quarto se acendeu e nós nos soltamos imediatamente. Mas não rápido o suficiente para que pudéssemos fugir. Não rápido o suficiente para não sermos pegos no flagra e...

Ah, meu Deus.

Havia outro casal naquele quarto, *entrando* naquele quarto aos beijos. A mão do rapaz ainda estava no interruptor e eu não consegui fazer nada além de arregalar os meus olhos e pensar em um palavrão de cinco sílabas em *looping*.

Porque aqueles ali se fundindo em um bolo apaixonado eram Gabriel e Stella.

Gabriel e Stella se beijando.

Ele se afastou dela no momento em que percebeu que havia mais gente ali dentro. Nossos olhares se encontraram e ele não foi tão sutil quanto eu.

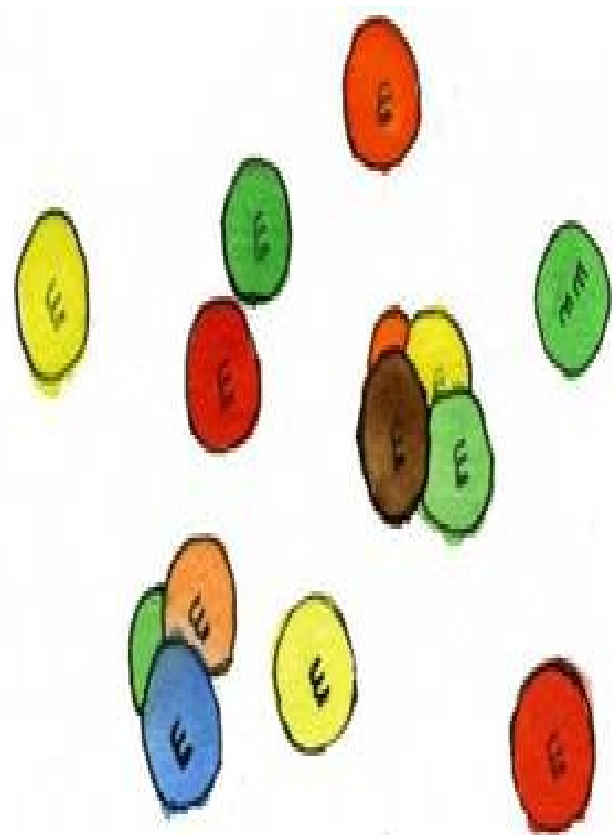
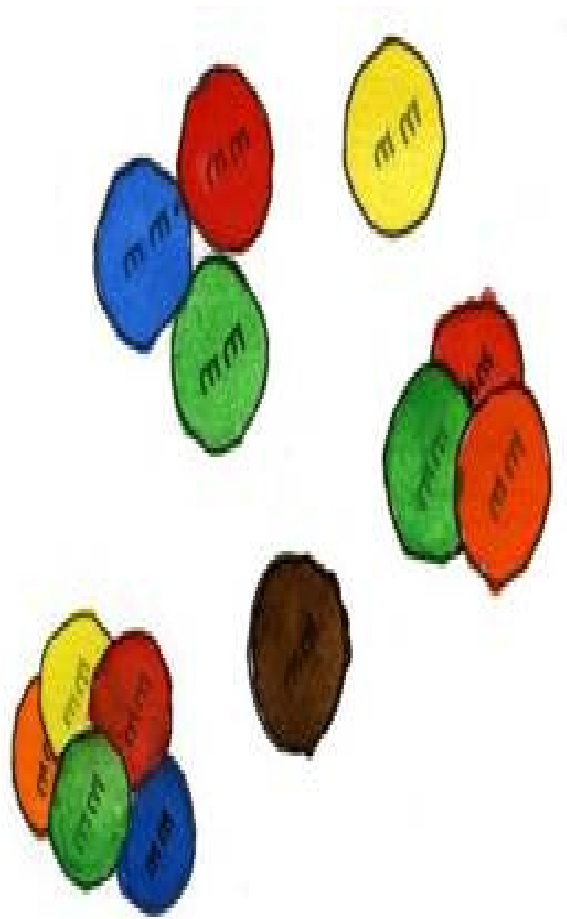
Ele não pensou, ele disse.

— *Put a que pariu.*

Stella e João abriram a boca em choque e eu fiquei paralisada, processando o fato de que Gabriel e Stella não só estavam juntos, como acabaram de pegar João e eu também com a boca na botija.

Porque a desgraça não pode vir aos poucos, ela tem sempre que vir como uma avalanche.

E eu não sabia se existia água suficiente no mundo pra apagar o incêndio desse circo em chamas.



16. Nós Não Somos Irmãos!

Ok, certo. Deve haver alguma força superior no universo que me faz sempre estar no lugar errado na hora errada. Porque não é *possível* que esse tipo de coisa aconteça comigo por mera coincidência.

Stella e Gabriel estavam tão chocados quanto eu e João. Eu não fazia ideia do que se passava na cabeça deles, mas, apesar de eles não terem de fato visto João e eu aos beijos como nós dois testemunhamos, seria impossível negar o que estávamos fazendo sozinhos aqui dentro.

Principalmente porque a boca dele estava toda manchada com o meu batom.

Merda.

Tentei ficar calma, mas a verdade é que eu não era uma pessoa muito boa para esse tipo de coisa. Eu provavelmente era a pessoa mais nervosa que existia na face da Terra, porque eu simplesmente não conseguia me acalmar quando era pega no flagra ficando com meu irmão-postiço pela minha irmã-postiça e meu mais recente amigo.

Que também estavam aos beijos.

Stella estava aos beijos com o cara por quem sua irmã tinha uma paixonite.

Gabriel estava aos beijos com a garota que seus amigos aparentemente detestavam.

Desde quando Gabriel e Stella eram um *lance*?

O mundo estava todo de cabeça para baixo!

Eles quase me faziam sentir menos lascada por querer beijar João o tempo todo.

— Que merda está acontecendo aqui? — a voz da Stella saiu tão fina quanto sua histeria permitia. Ela olhava de mim para João e vice-versa como se aquilo estivesse dando um nó na sua cabeça. — Vocês dois...? — ela apontou pra gente.

— Nós não somos irmãos — João se defendeu. Eu podia notar que ele estava tão tenso quanto todo mundo ali naquele quarto, mas conseguia manter a

compostura.

Eu queria beijá-lo de novo só por isso.

— Oh, aposto que meu pai vai *adorar* saber que tu *anda* pegando a filha da nova esposinha dele — ela ironizou, pousando uma das mãos na cintura.

Espera um minuto aí!

— Ei, não fale assim da minha mãe — eu me ouvi dizer. Quem era ela pra chamar minha mãe de *esposinha* do pai dela?

Mas Stella não se intimidou com a minha revolta.

— Não se sinta de fora, tua mãe também vai *adorar* a novidade.

Eu sabia que ela estava super nervosa, mas não precisava agir como uma tremenda vaca por causa disso. Não que eu não fizesse isso também quando saía dos eixos, mas... Bem. Ela não tinha o direito de contar nada pra ninguém.

— Assim como meu pai também vai ficar encantado de saber que a sua filha preciosa trouxe um piá aos beijos para o quarto — João entrou no jogo e eu cruzei os braços, me posicionando do lado dele nessa briga insana mesmo não sabendo o que “piá” significava. Pela interpretação, deveria ser “garoto”.

— Não se esqueça da Vanessa, Sabrina, Gengibre e Patrícia. — falei diretamente para o Gabriel, que engoliu em seco.

— Espera um minuto, vocês não podem contar nada a ninguém — ele parecia meio desesperado. Stella lançou um olhar assassino para o meu amigo, mas ele a ignorou completamente. — Parece óbvia a nossa situação. Nada do que aconteceu nesse quarto deve sair desse quarto. Estamos todos uns nas mãos dos outros.

Eu respirei fundo e passei a mão pelo rosto, pensando no que ele havia dito. Ele estava certo. Todos nós sabíamos disso.

— Tu estás certo — João verbalizou os meus pensamentos, passando a mãos pelos cabelos em sinal do seu nervosismo. — Embora ninguém tenha feito nada de errado.

Stella deixou escapar um riso muito, muito tenso.

— *Eu* não fiz nada de errado. Mas vocês dois ultrapassaram todos os limites.

— Nós *não* somos irmãos — João repetiu, ficando irritado com o comportamento da sua irmã. — Diga o que tu *quiser*, não vai mudar o fato de sermos dois desconhecidos até duas semanas atrás — ele completou, apontando o dedo para ela.

Embora eu concordasse e estivesse irada com Stella também, não podia deixar de pensar que ela tivesse algum grau de razão. Não estávamos cometendo nenhum crime, mas tínhamos sim ultrapassado todos os limites impostos pelas convenções sociais. E se nossos pais descobrissem o que andava acontecendo...

Estremeci de medo só de pensar.

— Nós precisamos prometer que não vamos contar nada a ninguém — Gabriel tentava ser sensato.

— Eu estou dentro — João respondeu, mas sua atenção era toda da Stella.

Ela respirava devagar, tentando se acalmar e falhando drasticamente. Todos ali tinham motivos para não querer que o resto do mundo descobrisse esse segredo, mas eu não estava certa sobre qual era o dela. Quer dizer, ela estava beijando Gabriel, e daí? Nada a impedia de fazer o que ela bem entendesse com quem ela bem entendesse. A ameaça de Otávio ficar irritado por ela estar aos beijos com um cara no quarto não parecia tão ruim quanto a situação dos outros três de nós.

Mas mesmo assim ela parecia insanamente amedrontada que alguém descobrisse.

E isso serviria a meu favor.

— Está bem, eu sei, nós temos um trato. Ninguém conta o que viu e tudo isso morre aqui — ela concluiu e tanto João quanto Gabriel soltaram um suspiro aliviado. — Eu preciso voltar lá para baixo e acho bom tu *fazer* o mesmo — ela deu um aviso ao irmão.

Ele assentiu e se virou pra mim.

— Cali, eu...

— Eu sei. A gente conversa depois — foi o que eu consegui dizer. Porque eu

não tinha a mínima cabeça para debater nada agora, eu estava nervosa e tensa demais, e meu coração parecia que ia sair pela boca.

Ele entendeu e deu um aperto na minha mão, que eu correspondi. Lançou um olhar para Gabriel e saiu do quarto atrás da sua irmã, deixando eu e o Senhor Covinhas sozinhos.

A porta bateu e Gabriel caiu sentado na cama do quarto. Passou a mão pelo rosto e a enganchou na sua nuca, ainda com cara de quem havia levado um susto. Eu o entendia muito bem.

— Isso é *loucura* — ele disse. — Tantos cômodos e fomos escolher o mesmo.

Ri sem conseguir me conter e Gabriel me fitou como se tivesse alguma coisa errada comigo.

— De todas as coisas que aconteceram é isso que você acha loucura?

Ele balançou a cabeça, conseguindo ver a graça, mas sem me acompanhar na risada.

— Tu e o João juntos, hein? Tu és mais maluca do que eu — ele assobiou e suas sobrancelhas se levantaram.

Eu deixei escapar um som de lamento e sentei ao lado dele, me sentindo dentro de um filme hollywoodiano de baixo orçamento.

— Eu não pedi por nada disso, simplesmente aconteceu. Você o ouviu, nós não somos irmãos.

— Ei, eu não estou julgando — Gabriel se defendeu. — Só é uma droga de situação complicada.

— Bem, eu me sinto aliviada por poder falar sobre isso com alguém que não esteja a quilômetros de distância — eu me referia a Helô. — Me sinto um pouquinho menos mentirosa e sufocada.

— Nem me fale...

Eu bati com meu ombro no braço dele.

— Quando foi que isso começou? É por isso que você não gosta de falar mal dela com seus amigos?

— Sim — ele confirmou e ficou olhando para um ponto invisível à sua frente.
— Se a galera descobre eles vão ficar putos.

— Bem, eles não podem decidir com quem você fica ou deixa de ficar — eu falei. Mas entendia o medo dele, afinal, aqueles eram os seus amigos. A última coisa que alguém pode querer é criar tensão com as pessoas que te importam por causa de quem você gosta. Sejam esses os amigos ou a própria família.

— Eu não sei por que eu gosto dela, mas eu *gosto*. — ele me confidenciou. Parecia tão aliviado por poder conversar sobre isso com alguém quanto eu estava. — Já deve fazer um mês e meio.

Imediatamente meu pensamento voou até Patrícia, no modo como ela olhava para ele e ele nem fazia ideia. Ninguém nem desconfiava além de mim e eu, a única pessoa que sabia o que estava acontecendo em ambos os lados, não podia abrir a boca pra falar nada.

As duas irmãs acabaram atraídas pelo mesmo cara. Que maldição do destino.

— Bem, eu acho melhor a gente voltar pra festa antes que alguém dê pela nossa falta.

Ele concordou e se levantou na mesma hora. Estendeu a mão para me ajudar e eu assim fiz. Saímos do quarto de braços dados, mas sem dizer mais nenhuma palavra.

— Cali? Gabriel? O que vocês estão fazendo aqui em cima?

Só podia ser brincadeira.

— Pat — a tensão de Gabriel era visível e eu sabia que a Patrícia ia entender isso tudo errado. — Não estávamos fazendo nada.

Resposta *errada*.

Ele não sabia que ela tinha sentimentos por ele, não fazia ideia de que ela sentia uma pontada de ciúmes da nossa amizade e nem imaginava que nos encontrar saindo sozinhos de dentro de um quarto vazio a atingia diretamente.

Mas eu sabia.

Eu só queria que a minha vida voltasse a ser fácil só por um minuto.

— Eu estava me sentindo mal e o Gabriel estava me ajudando a achar o banheiro porque o lá de baixo estava ocupado.

— Mas esse não é o banheiro — ela ainda soava desconfiada, embora minha resposta tenha sido bastante plausível. Eu não podia culpá-la, a paixão cega as pessoas.

— Por isso estamos saindo — tentei sorrir, mas a tensão do Gabriel não estava ajudando em nada no nosso caso. Dei uma cotovelada na barriga dele, que forçou um sorriso também. — Você pode me ajudar?

Patrícia ainda não estava convencida, mas não poderia contestar a veracidade das minhas palavras. Ela me indicou o banheiro do segundo andar e eu me despedi dos dois, indo até lá. Tranquei-me lá dentro e foi só então que eu consegui respirar direito. Deixei todo o ar sair dos meus pulmões e sentei no chão frio, encostada à porta.

Como é que eu fui me meter numa confusão dessas? Tudo começou com o mal entendido de conhecer Guto antes da hora e isso estava virando uma bola de neve. Cada vez aumentando mais e ameaçando explodir.

Toquei meus lábios me lembrando do beijo dele e do modo como ele me fez sentir. Foi como se eu tivesse beijado pela primeira vez, todos os beijos anteriores pareciam insossos e sem nenhum significado. Eles não existiam. Apenas o gosto dos lábios de João existia, apenas o toque das suas mãos em mim existia.

Eu era realmente uma *idiota*. Atraída dessa maneira pelo filho do meu padrasto.

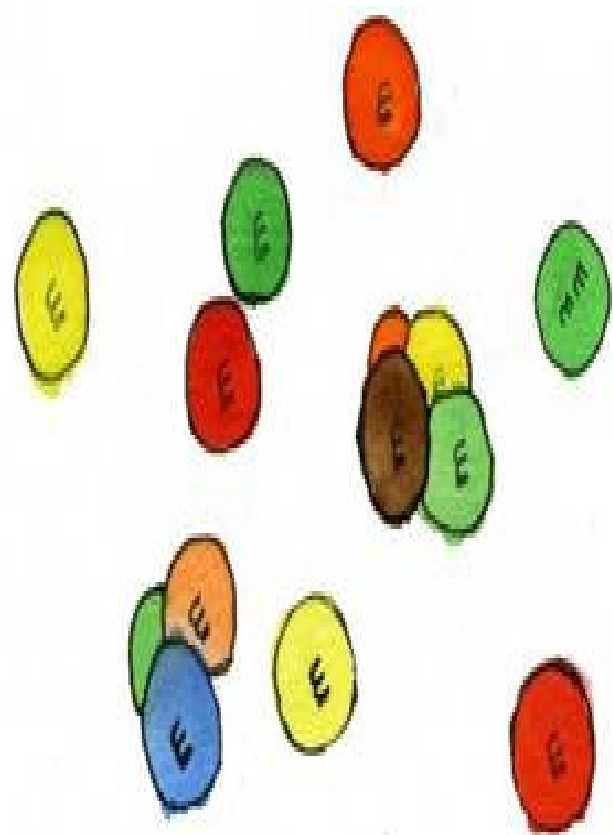
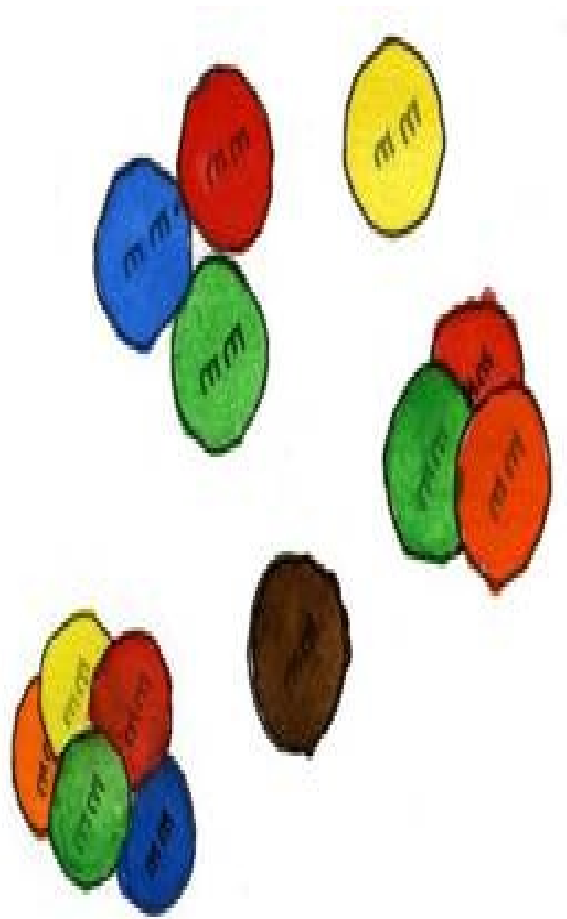
Mas o que eu podia fazer se não conseguia controlar aquilo que eu sentia?

O que eu sinto é João. São as borboletas no estômago quando estou perto dele.

É a vulnerabilidade de querer tanto estar em seus braços e me sentir culpada por isso.

Eu me sentia culpada. Isso era verdade.

Mas eu queria de novo.



17. Parque de Diversões

Acordei no dia seguinte sem saber o que havia sido sonho e o que era realidade.

Quer dizer, não seria a primeira vez que eu fantasiava os lábios do João nos meus, as mãos dele em mim, os braços dele me segurando... Mas dessa vez tinha sido diferente. Dessa vez tinha sido *real* e perceber isso me fez ficar entorpecida na cama quando acordei.

Eu não fazia ideia do que iria acontecer quando eu me encontrasse com ele. Pior: Não sabia o que iria acontecer quando eu encontrasse com Stella. Nós tínhamos um trato, isso era verdade. Mas esse fato não tornava a situação nem um pouco mais fácil.

É claro que eu também estava ansiosa para ver o João. De um jeito como nunca tinha me sentido antes. E estava me deixando meio sem saber o que fazer comigo mesma.

Olhei para o lado e notei que tanto Stella quanto Patrícia ainda estavam em sono profundo. A família toda foi dormir muito tarde na madrugada anterior e eu desconfiava que não fosse haver movimento dentro de casa antes da hora do almoço.

Peguei o celular e resmunguei quando vi que ainda eram nove e vinte. Eu deveria estar ansiosa demais pra conseguir dormir e sabia que não adiantaria nada fechar os olhos. Por isso, me levantei, ainda me sentindo muito cansada e sem a mínima vontade de ficar de pé. Fui até o banheiro do quarto, tentando não fazer barulho, e só consegui acordar melhor depois de umas boas lavadas na minha cara.

Quando meu estômago roncou, decidi descer para pegar alguma coisa pra comer. Durante todo o resto da festa a tensão tomou conta de todos os quatro envolvidos no “episódio do quarto”. Stella, entretanto, conseguia disfarçar melhor do que o resto de nós. Gabriel e eu tentamos agir normalmente, mas ele parecia um robô com defeito e eu não conseguia parar de encarar o João.

Felizmente, ele passava pelo mesmo problema.

Não achei que seria prudente ir falar com ele, porque eu não sabia se

conseguiria manter as mãos longe dele. E foi por isso que mantivemos o máximo de distância possível, até mesmo quando todos os convidados foram embora e nós fomos dormir.

Abri a geladeira e comecei a vasculhar pelas sobras de ontem. Tirei o bolo lá de dentro e coloquei sobre a pia, já salivando só com a ideia do gosto do chocolate e das nozes. Peguei uma faca e cortei um pedaço gigante que poderia me fazer desenvolver diabetes, mas quando me virei para me sentar à mesa da cozinha, quase deixei o prato cair.

João estava no portal do cômodo, olhando para mim com olhos ferventes.

Engoli em seco, consciente demais das minhas pernas nuas e da minha falta de sutiã.

Oh não, de novo *não*.

Era *muito* difícil morar com um cara que não fosse meu parente. Principalmente quando eu estava irrevogavelmente atraída por ele.

Engoli em seco e me aproximei da mesa, sem desviar os olhos dele. A julgar pelo cabelo amassado, ele também acordou agora. Tentava ser sutil e não ficar olhando pra mim descaradamente, mas o modo como isso exigia um esforço tremendo dele era muito visível. E muito sexy. E eu queria dizer “não seja tímido, pode olhar, eu deixo”.

Acesso livre ao Parque Cali De Diversões.

Obviamente, eu não disse nada. Porque havia me esquecido de como é que se falava, só conseguia me lembrar de como é que se derretia. Eu estava virando purê de batatas enquanto o olhar dele descia pelas minhas pernas e o peito dele subia e descia e o pescoço ficava vermelho.

Eu me sentei e enfiei uma colher de bolo na boca. João piscou e seu sorrisinho de canto de boca estava estampado no seu rosto.

O que me fez paralisar.

O que me fez corar.

O que fez meu cérebro começar a gritar na minha cabeça.

Ele se aproximou de mim e pousou uma das mãos na mesa à minha frente.

Ficou olhando pra minha cara com uma expressão divertida.

— O que foi? — perguntei assim que engoli o bolo.

João balançou a cabeça, parecendo um menino travesso.

— Tem bolo na tua boca — ele disse e eu imediatamente tapei minha boca com a mão pra tentar tirar a humilhação em forma de bolo com a língua.

Mas João foi mais rápido e segurou minha mão. Eu olhei pra ele. Ele olhou pra mim. Então se aproximou e meu coração simplesmente parou de bater.

Assim. Parado.

A próxima coisa que percebi foram os lábios dele nos meus, docemente, muito suaves. Eu fechei os olhos, me entregando à sensação, e ele mordeu meu lábio inferior da mesma maneira que havia feito na noite anterior.

Senti um calafrio e a mão de João estava agora na minha nuca, segurando minha cabeça para cima enquanto nossos lábios se tocavam no beijo mais meigo da minha vida. Ele estava todo curvado em cima de mim, enquanto eu continuava sentada, me sentindo mole, agarrando a mesa como se fosse cair se eu a soltasse.

João abriu os olhos e eu levei um choque por encará-los assim tão próximos a mim. Era uma maravilha, uma magia, uma força da natureza me prendendo ao chão.

Ele me soltou e puxou uma cadeira para se sentar ao meu lado.

— Pronto — suas palavras saíram como quem diz “trabalho cumprido”. Ele pegou minha colher e colocou um pedaço do meu bolo na sua boca, ainda com seu modo travesso ligado.

Alguém havia acordado de bom humor.

Meu Deus, que ele acordasse de bom humor assim pra sempre.

As batidas do meu coração ainda estavam descontroladas, mas eu continuei comendo o meu bolo e tentando agir normalmente. João cruzou os braços, me contemplando com seu olhar de uma maneira que me deixava lisonjeada e cheia de vergonha ao mesmo tempo.

— Você perdeu alguma coisa aqui? — perguntei. Minhas palavras transpareciam o meu nervosismo.

Ele mexia os dedos no próprio lábio inferior, como se estivesse pensando. Mas em seu olhar havia apenas desejo, não havia nada que chegasse nem perto da razão. João se inclinou para mais perto de mim e eu me virei para ele, em uma dança que parecia ensaiada. O calor dele me envolvia como se fosse feito pra mim.

— Eu não sei como me controlar — ele admitiu, encarando a minha boca. Ele parecia muito elétrico e feliz. Seus dedos migraram dos seus lábios para se engancharem em seu pescoço, e ele balançou a cabeça, mapeando meu rosto inteiro. — Eu olho pra ti e só tenho vontade de...

Eu sorri sem nem perceber. Meus lábios se abriram em um sorriso que eu não poderia impedir nem querendo muito.

O que eu queria, na verdade, era pular em cima dele.

— O que estamos fazendo? — ele perguntou, apoiando na mesa o cotovelo do braço que segurava o seu pescoço. A minha mão se deslizou para o seu ombro e a mão livre dele puxou meu braço até que nossos rostos ficassem a um centímetro um do outro. A respiração dele aquecia minhas bochechas, a tensão dele era a minha tensão.

Eu fechei os olhos.

— Eu não sei. Eu só não sei como parar — admiti.

— Tu criaste um monstro — ele disse e eu abri os olhos, intrigada. Ele beijou meu queixo e eu passei meus braços pelo seu pescoço, deixando escapar uma risadinha boba. Ele me segurou pela cintura com as duas mãos. Eu estava morrendo de medo de que alguém nos pegasse ali daquela maneira, mas não conseguiria soltá-lo.

— Ora, então agora a culpa é toda minha?

— Foi *tu* quem permitiu — ele apertou minha cintura e eu mordi o lábio. — Você me deixou te beijar.

— Bem, não posso negar que gosto de ser quem está no controle — brinquei e João avançou para os meus lábios, dessa vez de um jeito mais intenso. Dessa

vez, sua língua me invadiu e eu apertei a gola da sua camisa com muita força enquanto ele fazia meus olhos se revirarem.

Dessa vez ele me puxava para ele com suas mãos firmes, me segurava em seus braços como se eu lhe pertencesse de alguma maneira. Eu deixei escapar um som de satisfação quando ele beijou a base do meu pescoço e foi aí que a razão falou mais alto.

— Se alguém nos pega aqui, seremos dois cadáveres antes do pôr do sol — eu disse, mas João depositou mais um beijo no meu pescoço. Eu tentei ter forças para me soltar dele, mas não consegui. O cheiro dele era bom demais, ele todo em volta de mim era a minha versão mais próxima do paraíso.

— Acho que eles vão demorar a levantar ainda — ele parecia esperançoso.

Passei meus dedos pelos cabelos desgrehados e macios dele.

— Eu gosto tanto do seu cabelo.

João deixou escapar um riso pelo nariz.

— Obrigado. É natural.

Foi a minha vez de rir.

— Você jura? Eu super ia te perguntar onde foi que fez essa escova permanente.

— No mesmo lugar onde tu *comprou* essa tinta vermelha aí — ele me provocou de volta.

— É castanho-avermelhado — eu corrigi e João beijou meus lábios. Nossas bocas pareciam ser atraídas involuntariamente uma para a outra. E a cada toque dos lábios dele eu parecia me afogar mais e mais no João.

Eu estava inundada em João, perdida em João, eu só via João e...

Ouvimos um barulho vindo da escada e nos afastamos imediatamente, como se fôssemos tóxicos. Encaramo-nos, alerta aos sons vindos da sala. Eu respirei fundo, tentando ficar calma e odiando cada segundo daquele momento.

Cada segundo do momento em que o mundo fazia parecer que o que João e eu estávamos fazendo era errado.

Eduardo apareceu com os olhos inchados e puxou uma cadeira na mesma mesa em que estávamos.

— Vocês também não conseguiram mais dormir?

— Estava muito frio — eu disse.

— Eu não gosto de acordar tarde — João disse.

— E eu não consigo dormir muito em uma cama que não seja a minha.

Eduardo se levantou para se servir de um pedaço do bolo e João me lançou um olhar triste por todo o nosso encanto ter se acabado. Aos poucos, um a um dos nossos familiares foram se levantando e nos arrumamos para sair para almoçar. Não era fácil sair com um grupo tão grande assim — treze pessoas no total, contando com Eduardo —, mas, por algum milagre, todos ficaram prontos em pouco mais de uma hora e meia.

Stella não falou nem comigo nem com João sobre a noite passada, sequer parecia se lembrar do que tinha acontecido. E eu não sabia se ficava contente ou assustada com isso.

O assunto da mesa foi, obviamente, a festa das meninas e as histórias dos convidados. Mas eu não sei se estava participando muito porque estava ocupada demais fantasiando a próxima vez em que o João me beijaria. Ele me mandou uma mensagem durante o almoço que me fez rir sozinha.

João: Dez pedras no meio do caminho.

De volta à residência oficial da família, minhas irmãs menores — Maia e Selene — insistiram para que eu fizesse uma das nossas sessões de cinema em casa. Eu fui pra cozinha preparar a pipoca enquanto elas escolhiam um filme entre meus DVDs no meu quarto. Nós chamamos Leo para ser o novo membro do nosso clube, o que o deixou muito feliz. Apolo e João também decidiram participar e todos nós fomos nos aconchegar na sala.

As crianças fizeram uma cama de almofadas no chão e Apolo se jogou deitado em um dos sofás, deixando o outro para mim e para João. Nós nos entreolhamos, tentando não deixar escapar o quanto aquele arranjo de lugares era empolgante.

— Guto, coloca os pés pra cima senão tu vai acertar a minha cabeça — pediu

Leo.

— Tu estás muito abusado, hein, piá — João bagunçou os cabelos do irmão caçula, que respondeu empurrando as pernas dele pra mim.

— Cali, você também — Maia disse.

Eu mordi meu lábio, me sentando com pernas de índio. Olhei para o lado e João estava tendo um pouco de trabalho em manter suas longas pernas em cima do sofá.

— Você pode colocar as pernas no meu colo, se quiser — eu ofereci e o sorrisinho no canto do rosto dele fez meu coração explodir.

— Obrigado pela generosidade.

Ele se encostou ao braço do sofá, meio deitado, e cruzou os tornozelos na almofada em cima das minhas pernas. Deixei meus braços caírem sobre as pernas dele e meu polegar se arrastou pela sua batata da perna esquerda. João ficou tenso com o meu toque e eu quase tirei minhas mãos de lá, mas ele disse:

— Assim está muito confortável.

Apolo jogou para nós um cobertor, que eu e João partilhamos de muito bom grado. Os pés dele afastaram a almofada do meu colo para podermos nos tocar sem nenhum objeto entre nós. Eu continuei alisando a sua pele, muito devagarinho. Um sussurro de um carinho que aos poucos ia deixando de ser tão tímido.

E, dessa maneira, eu pensei com os meus botões sobre como era torturante tê-lo ali ao meu alcance, mas ter que fingir que isso não era nada. Fingir que eu não era um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Que filme nós vamos ver, afinal? — perguntou Apolo, mastigando pipoca.

— *De Volta Para o Futuro* — Selene gritou muito animada. — Foi o Leo que escolheu.

Só podia ser brincadeira.

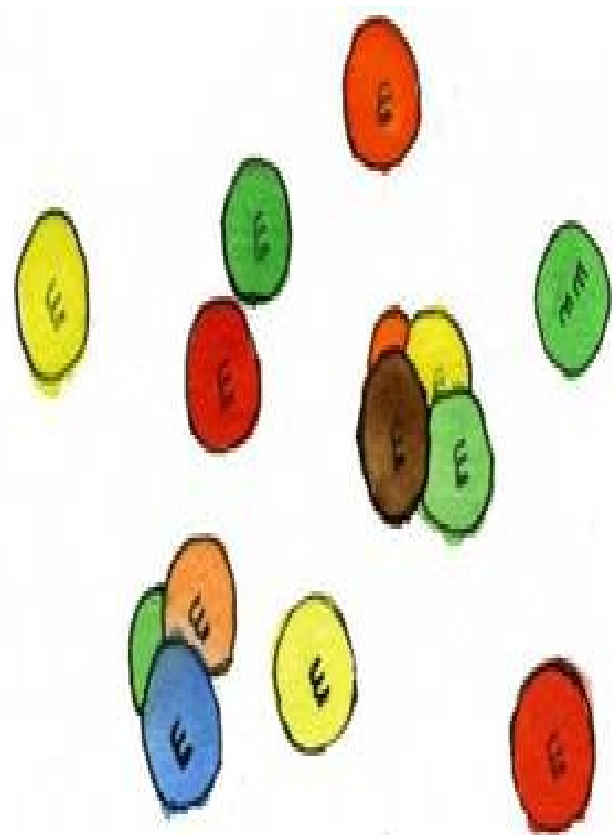
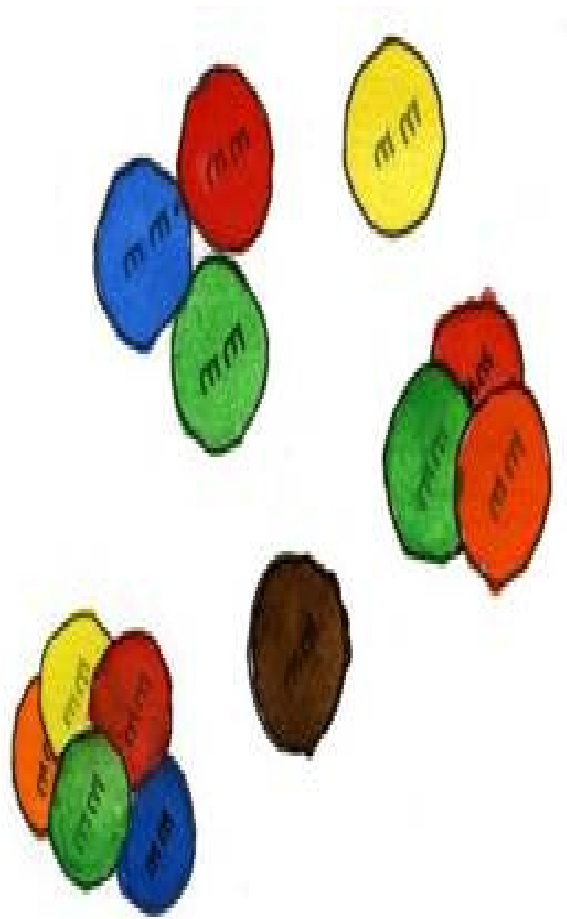
João e eu sorrimos um para o outro, partilhando um segredo que só nós dois conhecíamos. Ele digitou alguma coisa em seu celular e um segundo depois o meu vibrou no meu bolso.

João: Eu gosto da nossa versão de 2015.

Tentei pensar em todas as respostas espertinhas e inteligentes que eu poderia dar a ele, mas não consegui achar nenhuma. No fim das contas, a única coisa que eu queria dizer a ele naquele momento era a verdade.

Cali: Eu gosto também, foi o que eu digitei.

E senti meu coração se inflar com um sentimento que o corroía centímetro a centímetro, e me fez esquecer por um momento de todas as impossibilidades que existiam à minha frente.



18. No Escurinho do Cinema

Nunca pensei que fosse dizer isso aos dezesseis anos, mas meu primeiro dia de trabalho foi uma droga.

Na verdade, estava tudo indo muito bem até certo ponto. Eu era a nova garota-da-pipoca, dividindo o espaço atrás do balcão da *bomboniére* com mais outros dois funcionários. Eu pegava às duas da tarde e ficava até as sete, pois aquele era um emprego de meio-período — e eu tinha a leve impressão de que não era exatamente necessária por ali.

Marido Número 3 claramente havia forçado uma barra para me arranjar uma função. Uma para mim e outra para Hélio. Ele, a partir de agora, também seria conhecido como o novo garoto-que-recolhe-o-ingresso no início das sessões.

Meus dois companheiros de balcão eram bastante diferentes: Mari era religiosa e tímida enquanto Jeff era gay e pseudopunk, mas os dois pareciam se dar super bem.

Ela estava me explicando tudo o que eu deveria saber sobre encher pacotes de pipoca e copos de refrigerante e, embora eu me sentisse ridícula naquela camisa polo e boné vermelhos, as coisas estavam se saindo bem.

Até o ponto em que não estavam mais.

O movimento não era muito grande em uma segunda-feira à tarde, mas encontrei pelo menos uma dúzia de pessoa do meu colégio. A maioria dos fregueses naquela parte do dia era adolescente e eles faziam *barulho*. Algumas meninas do terceiro ano me reconheceram e cochicharam entre si, mas foi quando avistaram Hélio na porta da sala três que a fofoca ficou séria.

Algo me dizia que a sala onde o Hélio estivesse seria sempre a mais lotada.

Meu olhar se encontrou com o dele e eu percebi quando meu irmão engoliu em seco. Ao contrário de Apolo, ele não era nenhum grande conquistador. Na verdade, Hélio poderia até mesmo ser descrito como desajeitado com o sexo feminino. O que, aparentemente, o deixava ainda mais irresistível para as meninas deste nosso Brasil. Mostrei a língua para ele, que revirou os olhos e ajeitou seu boné vermelho.

— Por que a gente precisa usar esse boné? — eu perguntei com o rosto

apoiado na mão e o cotovelo no tampo do balcão. Jeff lixava suas unhas pretas e Mari tinha ido ao banheiro. Ele era *muito* alto e tinha uma pele azeitonada. Usava óculos de armação amarela e tinha alargadores nas duas orelhas. Contei um piercing na sobrancelha, um na língua, um no septo e muitos, *muitos* anéis. O cabelo era raspado nas laterais e muito pontudo no meio, o que o impedia de usar o maldito boné.

Ele deu de ombros, desviando o olhar até onde Hélio havia começado a recolher os ingressos da sessão das quatro e meia na sala três. As meninas serelepes foram as primeiras da fila e falaram com ele aos risos, as mãos tocando seu braço. Meu irmão tentou esboçar um sorriso, mas estava muito tenso para isso, com seus olhos azuis meio arregalados.

Eu tive que engolir uma gargalhada.

— Não sei, guria, mas esse seu irmão ficou uma *belezinha* — Jeff assobiou, aprovando a imagem de Hélio. — Quantos anos tu *dissesse* que ele tem mesmo?

— Dezoito — eu repeti. — Mas esse aí já tem dona.

— Querida, eu não sou nem um pouco ciumento — ele me garantiu, voltando a prestar atenção em suas unhas. — Sou muito a favor do *poliamor*, se tu queres saber.

Eu ri. O mais legal no Jeff era que ele era muito engraçado, mas seu humor não vinha do fato de ele ser gay.

— Jeff é apelido para o quê? Jefferson?

Ele parou com a lixa e me lançou um olhar cortante.

— Esse é um segredo que eu pretendo levar para o túmulo.

— Eu posso simplesmente pedir ao Otávio que descubra pra mim — provoquei. — Ele é o dono, tem acesso às fichas dos funcionários.

Jeff apontou a lixa na minha direção e tinha uma expressão de insulto muito cômica estampada na sua cara.

— Não me obrigue a usar a tática da demissão contigo no seu primeiro dia.

— Tática da demissão?

Ele agora parecia muito orgulhoso de si mesmo.

— Claro. Tenho um livro cheio delas. Não sou obrigado a aturar gente chata no trabalho.

Quase engoli a minha língua na tarefa de engolir mais uma gargalhada. Levantei a cabeça da minha mão, me pondo ereta.

— Não acredito. Você faz pessoas serem demitidas pra não ter que trabalhar com elas?

— *Touché!* — ele confirmou, voltando às suas unhas, no momento em que a Mari retornava para trás do balcão.

— Perdi alguma coisa? — ela perguntou quando viu meu rosto vermelho e as risadas que saíam aos poucos de dentro de mim, como se eu estivesse com algum problema respiratório.

A verdade era que eu estava muito risonha e isso podia ou não ter a ver com o fato de eu estar beijando na boca.

Beijando *João* na boca, mais precisamente.

Eu ainda não sabia o que estava acontecendo entre a gente e, honestamente, não sabia nem se eu queria saber. Porque se eu parasse pra pensar, pra usar meus miolos, para ser a pessoa racional e sensata que sempre fui, eu iria entrar em pânico. Eu iria simplesmente ter um ataque de nervos e não conseguiria dormir. Porque, bem, essa situação era absurda de todos os jeitos possíveis e eu *sabia* disso, mas tentava evitar *pensar* sobre isso.

Isso de estar ocasionalmente enfiando a língua na garganta do meu irmão postiço.

Que atire a primeira pedra quem nunca pecou!

Atendi dois adolescentes que queriam a promoção da pipoca + refrigerante + M&M's. Coloquei a manteiga do jeito que Mari havia me ensinado, enquanto Jeff dava o troco no seu assento de caixa. Entreguei a mercadoria a eles, muito contente por descobrir meu talento no ramo, e foi quando notei Apolo entrando no salão acenando para mim como um bobo da corte.

Ele não estava sozinho. João, um garoto e mais três meninas o

acompanhavam. Eu reconheci o terceiro cara como o amigo com quem João falara sobre mim no primeiro dia de aula. O mesmo que eu tinha a impressão de conhecer de algum lugar. As meninas também eram da escola. Uma delas, inclusive, era amiga da Stella e pôs as garras em cima do Apolo desde que o viu. Ela era negra, esbelta e tinha um cabelo armado maravilhoso.

Uma das outras duas estava de mãos dadas com o terceiro cara e a outra... Espere um minuto. Isso por acaso é um *encontro triplo*?

Meu coração parou e meu rosto perdeu a cor por um segundo, mesmo quando meu olhar se encontrou com o do João e ele parecia se esforçar para não abrir um sorriso enorme na minha direção. A garota ao seu lado mascava chiclete e conversava animadamente com a louca pelo Apolo — que por sinal não tirava o olho dele.

— Meu Deus, eu estou vendo dobrado ou seu irmão arranjou um jeito de se multiplicar? — Jeff abriu a boca, chocado. — Multiplica mesmo, Senhor.

Mari deu uma risadinha, mas eu não consegui dizer nada à medida que eles se aproximavam.

— Fala aí, maninha! — Apolo fez uma saudação e se debruçou sob o balcão. — Como está o primeiro dia?

Engoli em seco, fazendo muito esforço para não encarar o João. Meu coração voltou a bater e agora bombeava aceleradamente o sangue quente que corria pelas minhas veias. Eu não queria nem saber o que estava acontecendo, não queria nem olhar pra menina ali bem ao lado dele.

Quem era ela?

— Está indo bem. Segunda é tranquilo.

— E o Romeu ali? — Apolo apontou para Hélio. — Vocês dois são malucos.

— Isso se chama correr atrás do que se deseja — eu o provoquei. — Algo com o qual você não está familiarizado.

Apolo abriu seu sorriso sacana pra mim e deu de ombros. A garota com quem ele estava saindo veio até ele e se escorou em seu ombro.

— Eu e minha gata queremos o combo do *M&M's*.

— Só pedir aqui ao lado no caixa.

Apontei com o queixo para o Jeff, que deu um tchauzinho com os dedos para o meu irmão. Ele foi até lá, já tirando a carteira do bolso, e Mari começou a preparar a pipoca.

— Então é tu a famosa Calíope? Seu irmão tem uma adoração incomum por ti — a garota negra do cabelo incrível disse. Ela me mediu dos pés à cabeça, mas não parecia antipática. Apenas um pouco intimidadora. E muito bem vestida. — Eu sou a Lica.

Pensei se seria adequado dizer a ela que Apolo nunca tinha mencionado o seu nome, mas achei melhor não. Esbocei um sorriso amarelo, sem saber o que dizer. Porque a minha mente estava a um metro dela, usando uma camisa xadrez amarrada na cintura e lindo de *morrer* vestindo preto. Com aqueles olhos verdes maravilhosos e o sorriso fácil, o cabelo todo desgrenhado e a pele leitosa... Sendo tocado por uma garota que eu já odiava com todo o meu um metro de cinquenta e nove.

Meu rosto ficou vermelho.

— Ei, Cali — ele disse com sua voz linda. O garoto ao seu lado me analisava com as sobrancelhas unidas e ele foi a minha saída de emergência.

— A gente já se conhece? — perguntei, sem conseguir olhar nos olhos do João. E ele notou.

Eu não fazia ideia de como estava o meu rosto, mas se meu exterior refletisse o meu interior eu deveria estar parecendo uma louca.

— Da escola, talvez — o garoto fez graça e João deu um tapa no seu peito. As três meninas riram, mas eu fiquei ali o encarando com olhos de tédio. Sério mesmo, cara pálida? — Foi mal — ele devia ser uma espécie de engraçadinho. — Eu também tive essa impressão, eu até falei pro João que...

— Não era ela, piá — João cortou o seu amigo, soando um pouco nervoso. O amigo esquivou uma sobrancelha, nem um pouco convencido, e me lançou um olhar desconfiado. Eu congelei. Abri a boca pra dizer alguma coisa, mas não saiu nada.

— Quer pipoca, mana? — Apolo me ofereceu, assim que pegou o pacote das

mãos da Mari. Lica segurava os refrigerantes, muito sorridente, muito tentando flertar e exercer domínio sobre o meu irmão. — Alguém? — ele ofereceu para o resto do pessoal e a namorada do engraçadinho aceitou.

— De qualquer maneira, eu sou Diogo — ele se apresentou. — E essa daqui é a Ingrid — ele apontou pra namorada, que abriu um sorriso de bebê no rosto redondo adorável. — Essa é a Carol — foi a vez de ele apontar com o queixo para a garota ao lado do João, e eu abri o sorriso mais estranho do mundo para ela.

— Que horas é a sessão? — Ingrid perguntou e Carol conferiu nos ingressos na sua mão.

— Faltam dez minutos — ela disse e entrelaçou o braço que segurava os ingressos pelo braço do João, cujas mãos estavam no bolso da bermuda. — A gente já pode entrar.

Ok. Certo. Ok. Certo. Ok. *Certo.*

Cali. Respire. Não está acontecendo nada. Você não pode agir como se fosse dona dele. Você não pode agir como se, depois de alguns beijos, ele devesse algum tipo de satisfação a você porque, obviamente, ele não deve.

Mas meu peito estava afundado de qualquer maneira. E eu quis, das duas opções, uma:

- A) Ou me abaixar ali no balcão pra não precisar encarar nenhuma daquelas pessoas.
- B) Ou pular em cima do pescoço dessa fulana e tirar as mãos dela de cima do João usando a minha própria força.

É claro que não pude fazer nem uma coisa nem outra.

Mas o olhar sério dele me dizia que aquela situação não estava sendo desconfortável apenas para mim. Eu quis enfiar seu desconforto goela abaixo e pegar o extintor de incêndio mais próximo para acertar com a fumaça na cara dele.

Obviamente também não pude fazer isso.

— Uma pena que você não pode ir com a gente, maninha — Apolo lamentou.

Ah, nossa, eu ia *adorar* sentar ao lado do João e da fulana Carol enquanto eles se tocavam e davam risadinhas amigáveis no escurinho do cinema. Essa é praticamente a minha ideia perfeita de diversão.

Eu sabia que meu rosto estava vermelho e que o meu pavio curto logo me faria começar a falar coisas de que eu me arrependeria depois. João tirou sutilmente o braço das garras da fulana assim que pôde, mas o estrago já estava feito.

— Da próxima vez a gente marca depois do horário dela — Lica sorriu pra mim, mas eu não caíria na sua tentativa furada de ser simpática com a irmãzinha do cara gostoso que ela queria fisgar. Já passei por essa situação vezes demais para saber identificá-la.

— Sim, e aí a gente pode conversar sobre onde foi que nos conhecemos — Diogo completou e eu assenti.

— Bom, vamos logo pra sala? Daqui a pouco a gente perde o filme — João encerrou a conversa e me lançou um olhar meio desesperado. — A gente se vê em casa.

Aquilo soou mais como uma pergunta do que uma afirmação, embora fosse óbvio que nos veríamos em casa. Não era como se a gente tivesse alguma escapatória.

— Claro — eu falei e abri meu melhor sorriso sarcástico. — Bom filme pra vocês.

Um tchau generalizado e um beijo do Apolo na minha testa depois e eles seguiram na direção da sala quatro. Foi só então que eu consegui respirar, deixando todo o ar que estava prendendo, sair. Sentei da minha cadeira e alisei a testa com as duas mãos, pensando em tudo o que acabou de acontecer, em tudo o que eu estava sentindo.

Certo. João podia ou não estar saindo com uma garota um dia após me dar uns beijos na cozinha da fazenda da família dele — que agora também era minha família por tabela.

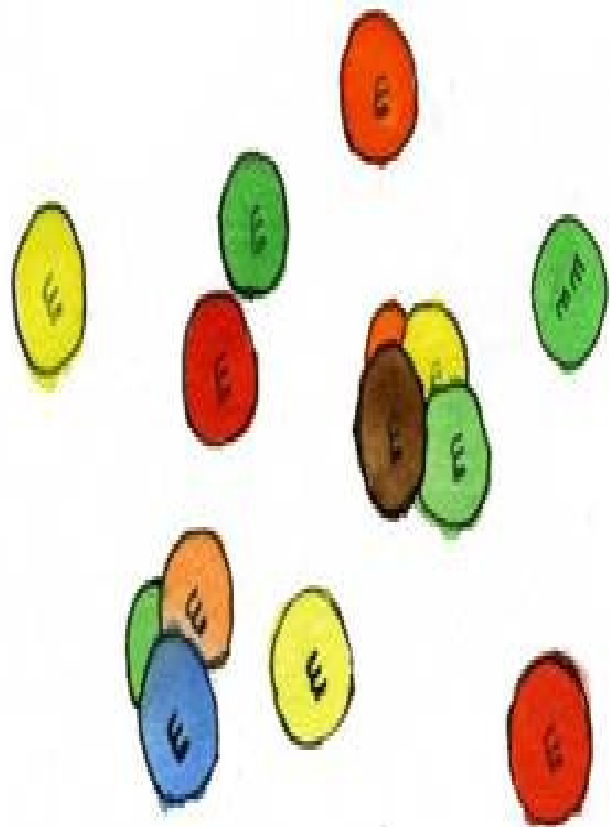
E eu podia ou não estar puta da vida com essa situação, porque ainda não sabia decifrar esses sentimentos por ele que me invadiam. Sentimentos esses que não deveriam sequer existir, em hipótese nenhuma, pelo simples fato de ele ser

filho do meu padrasto. E isso já era complicado o suficiente para eu ter que lidar também com o fato de que, talvez, esses beijos e essa tensão entre nós dois não fossem tão... Intensos para ele quanto eram para mim.

E se ele estivesse *mesmo* saindo com alguém? E se, ainda que não fosse o caso agora, ele sentisse vontade de fazer isso na semana que vem? Eu poderia ficar chateada com isso? Porque, bem, nós ficamos e foi incrível, mas não existia um futuro possível para nós dois. Nosso caso estava fadado a ser para sempre isso, um caso. Uma coisa que já nasce com prazo de validade.

E o pior de tudo é que eu me sentia totalmente fora do controle sobre isso.

Meu coração se apertou com esse pensamento e eu tentei afastar todos esses questionamentos da minha cabeça. Tentei me concentrar na manteiga da pipoca, no gelo do refrigerante, nos meus M&M's grátis. Em qualquer coisa que não fosse João e toda essa situação furada em que eu acabei me metendo.



19. É Loucura

Eu flagrei o exato momento em que João chegou a casa. Eu estava no telhado debaixo da janela desde que voltara do trabalho com Hélió, me sentindo estranha e instável e daquele jeito vulnerável que eu odiava. Não sabia se eu estava de TPM ou sei lá o que, mas minha cabeça dava voltas e mais voltas e mais voltas...

O clima também não estava dos melhores em casa. A primeira coisa que Hipólita disse assim que nos viu chegar foi:

— Mamãe está há meia hora com a Suze no telefone.

Aparentemente aquilo não era coisa boa para Hipólita. Ela estava vermelha e parecia prestes a cometer um assassinato. Toda a história do bebê ainda era muito recente e ninguém sabia como as coisas seriam daqui pra frente. Mas mamãe e *Suze* batendo papo no telefone realmente não era algo que eu esperava estar viva para assistir.

Ok, minha mãe é uma pessoa da paz. Ela sempre foi independente e se separou do meu pai por vontade própria, no minuto em que percebeu a droga de marido que tinha arranjado. Foi ele quem ficou com dor de cotovelo por anos. Eu sabia que ele ainda era apaixonado por ela até pouco tempo atrás, até que conheceu a Suze.

Suze, como já mencionei, também era uma pessoa sensata e as duas se falavam ocasionalmente, em uma cordialidade esperada para duas mulheres maduras.

Mas nunca, nunquinha, foram de ficar conversando no telefone assim.

O que só me mostrava que o terreno onde pisávamos até agora não era mais o mesmo.

— Sobre o que elas estão conversando? — Hélió quis saber, tão surpreso quanto eu.

Hipólita bufou e deu de ombros, cheia de desdém.

— Provavelmente sobre o bebê. Não *aguento* mais essa droga de bebê e ele nem nasceu ainda.

Hélio e eu trocamos um olhar.

— O que você acha que está havendo? — perguntei, mas meu irmão também não sabia a resposta. Nem para a pergunta direta, nem para a que eu não fiz, mas ele compreendia muito bem: *O que vai acontecer agora?*

— Só nos resta esperar pra saber. Talvez a Suze esteja querendo apertar os laços pra que a gente conviva com o bebê...

— Eu não vou conviver com bebê nenhum — Hipólita tratou de declarar, com a indignação presente em cada uma das suas palavras. Hélio e eu nos viramos para ela e tentamos acalmá-la, mas Hipólita não era fácil.

Pra ser sincera, eu mesma não sabia muito bem o que dizer. Tudo isso me pegava desprevenida tanto quanto a ela, por mais que eu não me sentisse tão atingida. Eu não conseguia nem imaginar como seria ter mais um irmão, dessa vez por parte de pai. Principalmente porque eu nunca quis ser mais próxima a ele de jeito algum.

Eu suspirei e cocei minha testa, cansada demais para tratar disso.

— Eu tive um dia muito cheio hoje, não quero lidar com isso agora — desabafei. — Vou tomar um banho e tentar descansar, mas Hélio tem razão, não temos muito o que fazer.

— Isso mesmo, volta pro seu mundinho enquanto tudo desmorona nas nossas cabeças.

Não me dignei a responder ao comentário ácido da minha irmã por dois motivos:

- A) Eu realmente estava cansada.
- B) Hipólita era uma idiota.

Então eu deixei que Hélio usasse sua calma e sensatez para fazê-la, pelo menos, parar de disparar uma metralhadora pra cima de todo mundo. Em cinco minutos Hipólita estaria mais calma e ele também poderia subir para tomar seu banho e descansar, assim como eu.

É claro que o banheiro do terceiro andar estava sendo usado, então eu descí, muito de mau humor, de volta ao segundo andar e quis assassinar uma população inteira quando a porta também não abriu.

Será que era pedir muito ter um banheiro só pra mim uma vez na vida?

Esperei na parede ao lado da porta, porque de jeito nenhum eu desceria até o primeiro andar, e dei um longo e colérico suspiro que deixou meus pulmões vazios. Havia coisas de mais acontecendo ao mesmo tempo e eu tinha a impressão de que não estava conseguindo acompanhar direito. Nunca fui *expert* em ter uma vida normal, até porque, com cinco irmãos e uma mãe louca, isso seria impossível.

Mas em duas semanas toda a minha vida parecia ter virado de cabeça para baixo.

Quando a porta se abriu e Stella saiu de lá de dentro, tive certeza de que mais nada poderia acontecer naquele dia.

Seus cabelos loiros estavam presos em um rabo de cavalo perfeito e ela vestia roupas confortáveis de andar em casa. O cheiro forte do seu sabonete e o bafo de ar quente que saiu do banheiro indicavam que ela havia acabado de tomar banho.

Eu não conseguia evitar me sentir intimidada por ela. Como se, na escala da vida, eu fosse um dinossaurinho comum como o Estegossauro e ela um Tiranossauro Rex, naturalmente nascido para me devorar.

Então é claro que eu ficava um pouco tensa na sua presença, principalmente depois do Episódio Do Quarto e das coisas que ela havia dito para mim e para João. Justamente *Stella* era a única pessoa na casa que sabia o que estava acontecendo entre nós dois e aquilo revirava a boca do meu estômago.

— Calíope — ela cumprimentou.

— Stella — eu respondi.

E no segundo seguinte eu entrei no banheiro e ela seguiu seu rumo pelo corredor, porque conversar não era exatamente o nosso forte.

Tentei fazer com que a água lavasse as minhas preocupações, mas no final das contas eu acabei aqui sentada no telhado abaixo da minha janela, ouvindo *Cough Syrup* sem parar e sem conseguir me desligar daquilo que me perturbava.

Quando João passou pelo quintal e olhou bem nos meus olhos, eu senti meu coração acelerar. Pra ser sincera, eu não sabia se queria falar com ele, mas não conseguia evitar sentir aquelas coisas. Ele se demorou alguns segundos me

encarando antes de entrar em casa e eu me dei conta de que estava prendendo minha respiração.

Soltei-a com força, deixando o ar entrar e sair dos meus pulmões enquanto eu me sentia uma perdedora. Nem sei quanto tempo se passou depois disso, porque eu já estava ali em cima fazia mais de uma hora e ouvir a mesma música em *looping* dificultava ainda mais perceber a passagem de tempo.

O que eu sei foi que levei um susto quando ele se sentou ao meu lado, assim, sem a mínima cerimônia.

Eu tirei meus fones de ouvido e dei *pause* na música, quase soltando um palavrão de cinco sílabas. Levei a mão ao peito enquanto João se acomodava ao meu lado com as pernas dobradas em posição de índio. Ele estava de meia e agora vestia a camisa xadrez que estivera amarrada em sua cintura quando o vi à tarde.

— Cansei de bater na porta e imaginei que tu *tivesses* com seus fones ensurdecadores ligados.

— Isso é invasão de privacidade — eu disse, mas sem soar nem um pouco incomodada.

Havia um constrangimento estranho entre nós dois e eu virei o rosto para frente sem conseguir olhar nos olhos dele. Eu sabia, pela sua postura tensa, que ele sentia o mesmo que eu e que aquele silêncio era como um elefante no telhado entre nós dois.

— Então... O que tu estás ouvindo?

João sempre fazia perguntas tão simples em momentos tão tensos e eu não sabia se ficava feliz por isso ou desconcertada demais para responder.

Fitei meu iPod com a capa do *Young the Giant* brilhando na tela.

— *Cough syrup*. É uma música de uma banda chamada *Young the Giant* que não consigo parar de ouvir.

— Acho que já ouvi falar — ele disse, mas não muito certo da sua resposta.

— É bem legal. — meus olhos ainda estavam no iPod e minha unha brincava com o botão. — O CD todo é muito bom, pra falar a verdade. *Apartment* é

minha preferida.

— Então por que tu estás viciada em uma se a sua preferida é outra?

Dei de ombros. Saber que os olhos dele estavam no meu rosto me fez corar, mas ele não desviou.

— São os mistérios da música boa. *Hackeam* a sua mente.

Ele concordou.

— Então quer dizer que você gosta de rock *indie*?

João parecia tão genuinamente interessado em conversar sobre meus gostos musicais que não fui mais capaz de evitar olhar pra ele.

E quando eu fiz isso, tudo dentro de mim desmoronou.

Era tão simples estar ali em cima do telhado abaixo da minha janela jogando conversa fora com ele. Era tão simples que chegava a doer, pelo fato de que eu queria ter esse garoto. Eu queria poder começar algo simples com ele. Poder beijá-lo sem pretensão, ouvir o som da sua risada pelas minhas piadas, memorizar todos os seus trejeitos e preferências.

Eu queria não precisar fingir que ele não me causava borboletas no estômago desde o dia um.

A nossa falta de futuro me deixava devastada. Porque eu sabia que, se o tivesse conhecido em outras circunstâncias, se *João* não fosse também *Guto*, ele poderia ser o meu par perfeito. A pessoa que todo mundo conhece pelo menos uma vez e se conecta no mesmo instante, enquanto suas vidas se entrelaçam e o futuro é uma combinação de possibilidades infinitas.

Mas as nossas vidas já estavam ligadas muito antes do primeiro “olá”.

— Pode-se dizer que sim. Gosto muito de rock *folk* também.

— Eu acho que nunca ouvi música *folk* na minha vida — ele admitiu risonho.

— Nem *Mumford and Sons* ou *The Avett Brothers*? *Of Monsters and Men*? Se bem que essa está mais pra *indie* mesmo...

João estalou os dedos em reconhecimento e não pude conter a vontade de rir da expressão de “Eureka” no rosto dele.

— *Mumford and Sons* sim!

Bati palmas o parabenizando e os ombros dele tremeram com sua risada meio rouca. Ele balançou a cabeça e passou as mãos pelo cabelo, parecendo muito mais relaxado agora que estávamos nos distraindo.

— Sou péssimo com essas nomenclaturas. Pra mim só existe música boa ou música ruim.

— E qual a sua banda favorita? — foi a minha vez de perguntar. Deixei meu iPod de lado e abracei minhas pernas contra o meu peito, feliz por ter algo no que me agarrar enquanto conversava com ele e me sentia caindo, caindo.

João ergueu uma sobrancelha orgulhosa e abriu um sorriso presunçoso que iluminou todo o seu rosto magnífico. Ele era tão *bonito*. Eu poderia pintá-lo, poderia ficar olhando para ele o dia inteirinho e jamais me cansar disso.

Eu queria tocá-lo. Queria saber se ele se sentia tão à deriva quanto eu, afogada nesses sentimentos indissolúveis.

— A melhor banda brasileira de todos os tempos: Los Hermanos.

Como foi que eu não previ isso? João tinha todo o jeito de gente que escuta Los Hermanos.

— Nada mau — admiti. — Não conheço muitas músicas, mas gosto do que conheço.

Ele me encarou chocado.

— Preciso fazer uma intervenção imediatamente.

— Só se você escutar *Young the Giant* comigo — lancei o desafio e ele estendeu a palma aberta na minha direção.

— Passa o fone pra cá.

Ele se encostou à parede, aproximando-se ainda mais de mim, nossos ombros se chocaram um no outro. Eu poderia inclinar a minha cabeça no ombro dele e sentir seu cheiro de garoto se quisesse, mas não o fiz.

Ele colocou o fone no ouvido esquerdo, eu coloquei o fone no ouvido direito, e apertei *play*.

Apartment começou a tocar e eu me permiti me perder na melodia da guitarra na introdução da música. Me permiti descansar meu peso em João e ele descansou o seu peso em mim, em uma concordância muda. Me permiti fechar os olhos e imaginar um mundo em que eu pudesse me virar e beijá-lo sem sentir que isso era uma coisa muito errada.

Ele começou a cantarolar seguindo a melodia, e a cadência da sua voz me revestiu de arrepios. Ele murmurava sem letra, talvez nem estivesse percebendo que estava fazendo isso, mas estava. Acompanhando a música como se quisesse aprender a tocá-la. Sua cabeça balançava de leve e a mão batia timidamente na própria coxa.

Acho que ele estava gostando.

— A Patrícia me disse que você está numa banda.

Ele me fitou, seus olhos verdes mais brilhantes do que as estrelas no céu ao nosso redor.

— Ah, sim. É um hobby pra mim. Música me faz sentir vivo.

Eu entendia exatamente qual era essa sensação.

— Meu amigo, o Diogo, queria que levássemos a banda a sério. Mas eu tenho medo de tudo perder a magia se passar a ser uma obrigação. Sabe? — ele perguntou e eu assenti, admirando-o falar. — Eu gosto da liberdade de tocar minha guitarra e tocar do jeito que eu quiser, despretensiosamente. Só pelo que me faz sentir quando faço isso.

João gostava de ser livre. João era uma ave içando voo e eu era a testemunha que tivera sorte o suficiente para ver as suas asas se abrirem.

— Mas a Batalha de Bandas é uma coisa meio que séria por aqui, não?

— Ah, é sim — ele riu de uma piada que eu não conhecia, mas eu só conseguia me concentrar no som da risada. O motivo era indiferente. — Eu é que estou lá apenas para me divertir.

— De qualquer maneira, eu vou torcer por você esse ano — falei sem perceber, porque era nisso que eu estava pensando. Ele abaixou um pouco a cabeça e nossos olhares se grudaram um no outro como ímãs, nossos narizes a centímetros de se chocarem.

Meu coração acelerou e explodiu em uma chuva colorida.

— Cali — sua voz era uma coisa frágil cortando a música em nossos ouvidos. Ele estendeu a mão e segurou a minha e eu quase pulei com o choque.

— Eu não consigo parar de pensar em você.

As verdades saíam da minha boca como uma

Avalanche

E eu destranquei tudo aquilo que estava sentindo de dentro de mim.

— Eu também não — ele admitiu. — Aquilo que tu visse hoje não é o que parece.

Fiz o máximo de esforço para não parecer ferida.

— Você num encontro com aquela menina.

— Eu não tive escolha. Não foi um encontro de verdade.

Ele parecia desesperado demais para me explicar. Virou-se para mim, incapaz de ficar parado, e seus dedos se entrelaçaram nos meus com força.

Seus olhos me diziam tudo que saía dos seus lábios ainda mais intensamente.

— O Diogo e o Apolo armaram tudo, porque o Apolo queria sair com a Lica, e eu não podia dizer que não sem um motivo. Não seria a primeira vez que saio assim com meus amigos, mas eu nunca tive a intenção de fazer nada com ela. A Carol é só uma amiga, eu não sei de onde surgiu esse interesse dela em mim tão de repente. Só pode ser coisa da Ingrid.

Ah, eu sabia *muito bem* por que ela estava interessada.

— Então vocês são amigos?

— Somos colegas. Ela é muito amiga da Ingrid, que é minha amiga e namorada do meu melhor amigo. Mas Cali — sua mão estava agora no meu rosto e eu me derreti aos poucos — eu estou preenchido demais de ti pra conseguir beijar outra garota.

Eu queria que ele me beijasse agora, em cima do meu telhado. Independentemente de quem pudesse aparecer no quintal e nos flagrar.

— Você percebe o quanto isso é problemático? A gente está quebrando todas as regras — falei.

— E ainda assim aqui estamos.

Seu polegar percorreu o meu rosto, seus outros quatro dedos enganchados na minha nuca. Eu suspirei e senti o hálito quente dele um segundo antes dos seus lábios tocarem os meus. Foi um beijo terno, um beijo dolorido.

Um beijo que queria ser grande, mas precisava permanecer uma criança.

Segurei o seu braço simplesmente porque queria tocá-lo de alguma maneira.

— Isso é loucura — ele assumiu. Nossos olhos se encontrando de novo, nossos corpos pedindo por mais contato e não podendo cumprir.

— É assim que eu me sinto o tempo todo. Como se estivesse ficando doida. Mas não consigo evitar.

Ele abriu seu sorriso de canto de boca e eu tive que fechar os olhos para conter a vontade de beijá-lo como deveria ser feito.

Malditos sejam os pais que se casam de novo.

— Pelo menos tu já *era* muito louca antes disso, de qualquer maneira.

— O que nós vamos fazer?

Abri os olhos de novo e ele desceu a mão pelo meu pescoço, passou pelo meu ombro e por toda a extensão do meu braço. Ele estava de *brincadeira comigo*. Isso não se faz, *isso não se faz*.

— Você me diz quando souber a resposta.

João apertou minha mão e colocou o fone no ouvido de novo. Só agora eu me dava conta de que o meu também tinha caído. Ele endireitou as costas na parede e eu precisei expirar todo o ar dos meus pulmões para voltar a raciocinar direito, enquanto me endireitava também.

— Você ainda quer ouvir o CD? — perguntei.

Ele se esticou muito rápido e me roubou um selinho. Mordeu meu lábio inferior, me deixando atordoada, e voltou para sua posição com um sorriso maroto nos lábios.

— Pode apostar.

E foi isso o que fizemos pela próxima hora e meia.

Ouvimos *Young the Giant*.

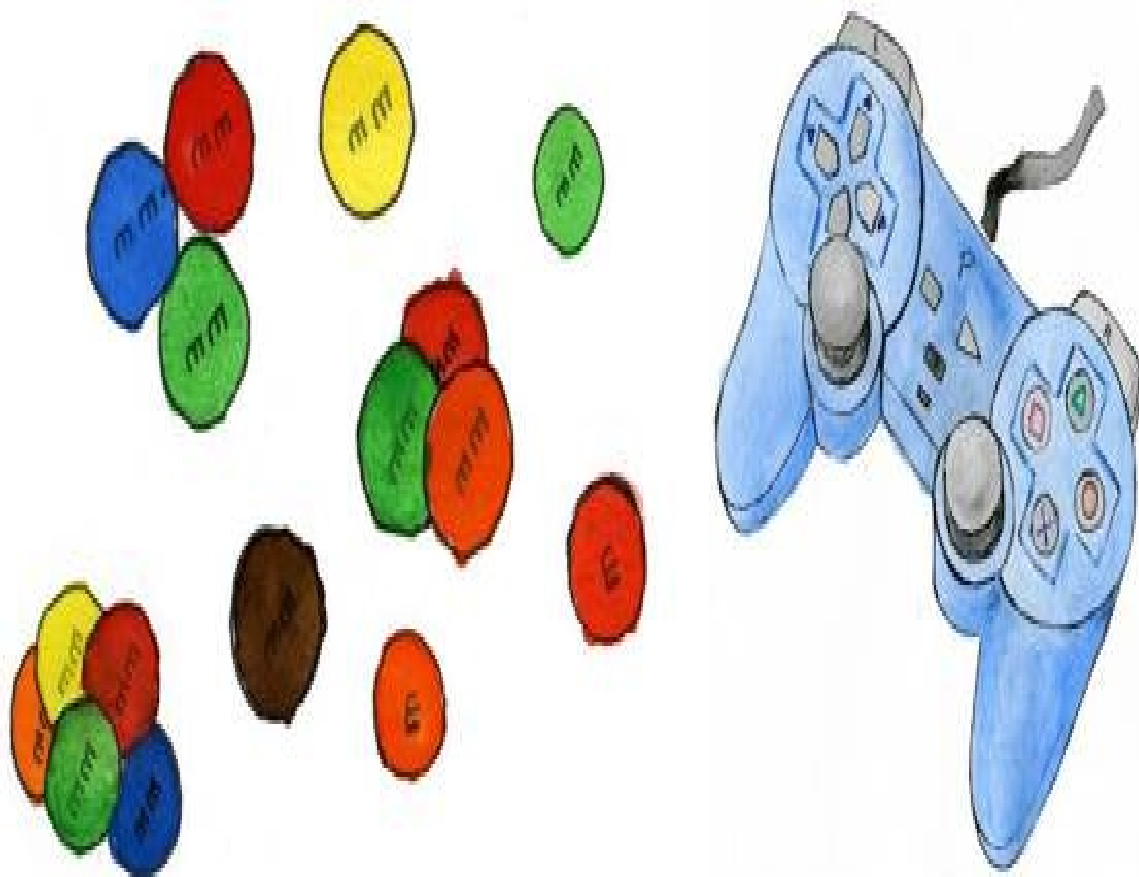
Conversamos sobre música.

Roubamos beijos um do outro quando a coragem nos permitia.

E nos esquecemos de quem éramos.



PARTE 2



Tudo que eu sabia é que eu estava apaixonado por ela.

Todo o meu mundo havia girado de cabeça pra baixo e agora eu estava aqui tentando me lembrar de como foi que isso aconteceu tão rápido e eu nem percebi. Nunca me apaixonei antes. Eu era o tipo de piá que experimentava por aí, me envolvia até certo ponto, mas nada que fosse tão profundo.

Não era por querer, eu simplesmente não sentia nada intenso.

Mas por ela eu sinto tudo.

Desde a primeira vez em que conversamos eu sabia que queria conhecê-la melhor. E então, de repente, ela era a minha mais nova irmãzinha e eu tentei tanto enxergá-la desse jeito. Falava sozinho comigo mesmo como se fosse

maluco, tentando botar minha cabeça no lugar. Mas não teve jeito.

Não acredito em coincidências. Tomei a minha decisão quando não aguentei mais suportar a presença dela sem poder fazer tudo o que minha mente fantasiosa imaginava. Eu entrei pela porta que se abriu pra mim e me seduziu tão devagar e de repente ao mesmo tempo, que parece que tudo aconteceu em um sonho.

Eu estava sentado na cadeira da minha escrivaninha, olhando para o mapa mundi na parede atrás da minha cama. Todo aquele mundo seria meu em breve, era tudo o que eu sempre quis. Eu olhava para aquele mapa com a sede e a fome de alguém que nunca pôde saborear um bom prato de comida.

Então por que agora meu coração doía toda vez que eu pensava em ir embora?

Será possível que uma única pessoa podia fazer tudo mudar na minha vida e dentro de mim? Essa coisa que eu não sei como controlar e me corrói por dentro e me preenche de um jeito extasiante e doloroso.

Tudo iria se acabar, tudo estava se acabando.

Meu pai não me olhou nos olhos. Meu pai provavelmente acha que eu sou um inconsequente, o irresponsável que nunca leva nada a sério na vida e que destruiu tudo por não conseguir controlar a testosterona.

Mas eu levo algo a sério. Eu a levo tão a sério que é assustador.

Meu pai não quis me ouvir quando tentei conversar. Ele disse:

— Nos falamos amanhã, João Augusto. Hoje eu não tenho cabeça para mais nada.

Em um tom frio, cansado, tão distante quanto nunca estive, e algo dentro de mim rachou.

Engoli em seco e subi para o meu quarto, onde estava agora tentando achar uma solução antes que toda a areia dessa ampulheta descesse de vez.

Alguém bateu na minha porta e eu congelei. *Será que era ela?*

Meu coração se acelerou e eu levantei tão rápido que quase derrubei a cadeira no chão. Abri a porta e tentei esconder minha decepção quando encontrei

Stella. Ela estava em um dos seus pijamas e o cabelo loiro escovado para dormir como eu sei que ela fazia todas as noites.

Me fitava com seu olhar quase materno que eu já tinha me acostumado a receber desde que éramos crianças. Eu é que deveria ser seu protetor, mas a Stella sempre estava no comando em todos os seus relacionamentos. E eu não me importava, se era isso o que a fazia feliz.

De algum jeito eu soube, apenas com aquele olhar, que ela desconfiava do que tinha acontecido. Eu assenti, no meu jeito de confirmar tudo, e a expressão da minha irmã mudou para preocupação e pena.

— Ah, Guto...

Ela estendeu os braços para me abraçar e eu deixei que ela segurasse meu coração por alguns minutos. Que tomasse a minha dor, as minhas dúvidas, a minha inquietação por um tempo para que eu pudesse respirar.

Stella me afastou para que pudéssemos nos fitar de novo.

— Eu vou falar com ele — ela disse decidida. — Me deixe falar com ele sobre isso, vai ser melhor se mais gente...

— Não, Ella. — Tirei a mão dela que apertava o meu braço e a afaguei antes de soltá-la. — Eu preciso enfrentar isso sozinho.

Como um homem, eu pensei. Como o homem que eu queria ser.

Stella bufou, frustrada e ansiosa com o que aconteceria no dia seguinte.

— Tu és muito orgulhoso às vezes — ela disse e eu não pude deixar de sorrir, mesmo tudo estando um caos. — Às vezes eu penso em como seria se a mamãe estivesse aqui.

Eu sabia que ela sempre pensava nisso e eu também tinha a minha mãe sempre na minha cabeça. Eu era tão criança quando ela morreu, mais novo do que o Leo é hoje em dia. Mas eu me lembrava do seu jeito afável e divertido, sempre burlando regras como sobremesa depois do jantar, e nos ajudando com o dever de casa de um jeito que era só dela.

O que será que ela diria se estivesse aqui? Será que me condenaria, será que estaria decepcionada com a pessoa que eu me tornei e com as escolhas que

fiz?

Eu daria tudo pra poder conversar com ela apenas mais uma vez. Mas, no momento, eu tinha medo demais de qual seria a sua resposta para a situação em que eu me encontrava.

— Se ela estivesse aqui, eu nem teria conhecido a Cali — falei o detalhe que se passava na minha mente agora porque não queria colocar em palavras aquilo que me amedrontava.

— Será que não? Será que tu não a conhecerias de outra maneira? Talvez não agora, mas daqui a um tempo. Sei lá, como se fosse o destino de vocês se encontrarem — ela deu de ombros.

Eu esquivei uma sobrancelha.

— Desde quando você é romântica assim? — questionei.

Mas a verdade é que eu já tinha me perguntado sobre isso outras vezes e me sentia satisfeito por Stella ter o mesmo pensamento. Ela cruzou os braços, ficando na defensiva.

— Eu penso sobre destino às vezes — ela disse, como se houvesse um motivo bastante pessoal para fazê-la pensar essas coisas e eu sabia exatamente qual era. Mas Stella balançou a cabeça, afastando o assunto. — Mas isso não importa agora. O que importa é que quero te ver bem.

Eu sorri para ela de novo, e bati na sua cabeça de um jeito fraternal que ela detestava porque “bagunçava tudo”.

— Guto! — ela protestou, tentando arrumar a bagunça que eu fiz, e eu agradei por esse momento de distração.

— Eu vou dormir, ok? Estou esgotado. A gente se fala mais amanhã.

Stella assentiu e me deu um soquinho no ombro antes de me dar tchau. Ela desceu as escadas e eu fechei a minha porta, voltando para o mundo solitário onde eu precisava habitar até a manhã do dia seguinte.

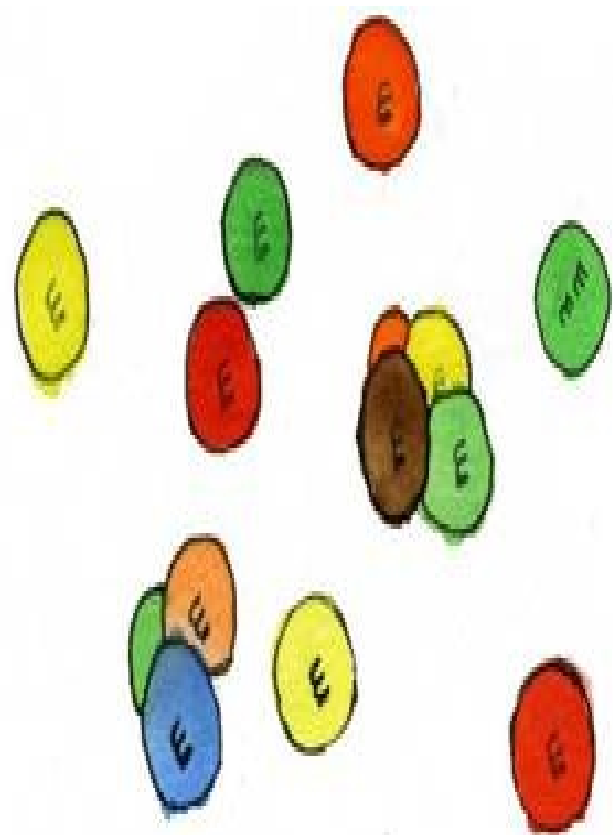
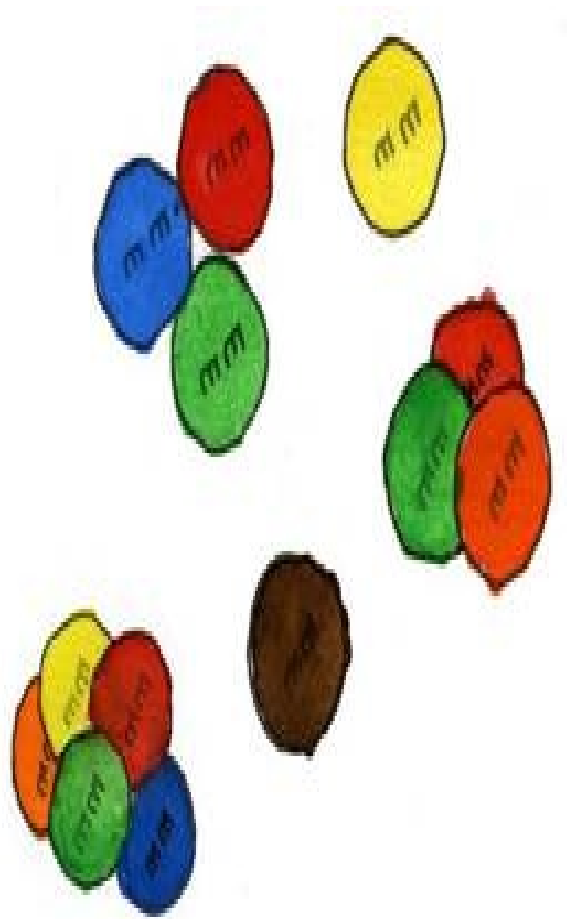
Eu deitei na minha cama ciente de que não conseguiria dormir, os pensamentos fluindo tão rápido na minha cabeça que nem eu conseguia acompanhá-los. Fechei os olhos e sussurrei para que Deus permitisse que tudo

ficasse bem, por favor, que tudo fique bem.

O rosto dela inundava a minha mente e eu me deixei perder dentro dos seus olhos castanhos, do cabelo avermelhado, da lembrança do som da sua voz me dando uma resposta espertinha e no modo como suas bochechas coravam quando eu dizia minhas palavras de amor.

E eu quis dormir apenas para poder sonhar com ela e poder fingir que esse rosto era tudo o que eu tinha e jamais perderia, não importava o quanto a família fosse importante e o mundo fosse grande.

Ela era o meu lar.



20. Encontros

Fazia duas semanas que João e eu estávamos tendo um caso proibido.

E eu ainda não havia me arrependido de nada.

Nós nos sentávamos no telhado debaixo da minha janela toda noite após eu voltar do trabalho no cinema. Ouvíamos as minhas músicas, ouvíamos as músicas dele e conversávamos sobre todas as coisas que podem ser conversáveis entre uma garota e um cara.

Eu descobri que ele não iria para a faculdade assim que se formasse na escola, mas passaria um tempo viajando. Ele descobriu sobre as minhas coleções de balões de ar quente, cartões postais e ingressos de cinema, dentre todas as outras. Ele me contou que queria ser astronauta quando era criança e eu contei que trocava os nomes de Apolo e Hélios quando era criança só para irritá-los.

Ele me deixou discursar por vários minutos sobre minha paixão por cinema. Contei a ele a minha teoria sobre o paradoxo temporal em *O Exterminador do Futuro* e o quanto eu não conseguia gostar dos filmes do Cronenberg, mas amava os do Woody Allen — embora ele fosse um homem de caráter duvidoso.

Já ele, narrou todas as suas milhares de experiências em shows de rock que assistiu e tentou me fazer entender melhor sobre Skate, mesmo que eu fosse uma verdadeira negação para compreender manobras e esportes em geral.

Mas eu gostava de ouvi-lo falar. Gostava do brilho nos olhos dele quando me explicava sobre as coisas que amava e do modo como suas sobrancelhas se levantavam com a empolgação.

João Augusto era tão cativante que às vezes eu não fazia ideia de como parar de olhar pra ele.

Nós dois éramos absurdamente diferentes. Eu preferia o frio, ele preferia o calor. Eu era muito preguiçosa, ele tinha energia para viver vinte e cinco horas por dia intensamente. Eu vivia mergulhada em sarcasmo, ele era um poço de tranquilidade.

Enquanto eu sempre fui sensata e pragmática, João era um eterno idealista. Ele detestava imaginar a sua vida sendo construída dentro de um molde pré-determinado pela sociedade — foram essas as suas palavras exatas. O que me

deu uma comichão na barriga de tanta vontade que fiquei de beijá-lo.

Ah, beijá-lo.

Eram sempre essas as minhas partes preferidas do dia. Roubávamos beijos rápidos em cima do telhado, mas quando víamos que não daria mais pra segurar, nós dois entrávamos no meu quarto, fechávamos as cortinas, e nos beijávamos como se o mundo fosse acabar no dia seguinte.

Meu mundo se abria para João e eu me aventurava pelo dele. Mas, ao mesmo tempo em que a novidade era excitante e me preenchia de uma euforia vigorosa, eu também tinha a sensação de que o conhecia a minha vida toda.

O que era uma coisa *muito* estranha e *muito* brega de se pensar.

Mas aqui estava eu. Mergulhada até o pescoço em João e sem nenhum bote salva-vidas à vista.

— O que tu achas desse aqui? — Patrícia tirou uma jaqueta de couro bege da arara próxima a ela e mostrou pra mim.

Nós estávamos fazendo compras, afinal. Como ela mesma havia sugerido. Eu não estava muito certa de que isso era necessário, porque faltavam apenas dois dias para setembro e o inverno logo se encerraria. Ou seja, a parte mais intensa já havia passado.

Mas Patrícia estava muito empolgada.

— Ele é lindo — falei.

Ela abaixou o casaco e me lançou um olhar de repreensão.

— Tu *disseste* a mesma coisa dos últimos três que eu te mostrei.

Encolhi os ombros, me sentindo culpada.

Eu era uma negação para fazer compras quando minha cabeça estava em outro lugar.

— É porque todos são *mesmo* lindos.

Eu me perguntava o que Patrícia diria se soubesse sobre João e eu. Que, bem... *Sabe...* que estávamos enfiando a língua um na garganta do outro praticamente todos os dias, escondidos dentro do meu quarto trancado e tomando

muito cuidado para que ninguém o visse saindo de lá.

Veja bem, a minha mãe ia pirar se me pegasse fazendo isso com qualquer garoto, imagina com o filho do seu marido número três.

Eu sentia muita vontade de contar a Patrícia, do mesmo jeito que eu tinha vontade de gritar pra todo mundo lá do alto do sino da igreja de Assunção. Eu não fazia ideia de como é que isso não estava estampado na minha cara toda vez que João chegava perto de mim, como é que dentro de mim tudo poderia estar tão diferente e ninguém percebesse no meu exterior.

Ou eu era uma excelente mentirosa ou as pessoas realmente não prestavam atenção umas nas outras.

Toda vez que eu pensava em contar pra Patrícia, entretanto, eu me lembrava daquela outra coisa que eu também não podia contar a ela porque *com certeza* iria partir o seu coração.

E isso me deixava muito danada da vida.

A porta da cabine do meio do provador da loja se abriu e Stella apareceu com um vestido preto curto e um decote enorme nas costas.

— Está decidido, eu vou levar — ela disse, muito eufórica, se virando para olhar suas costas através do espelho da cabine.

— Stella, nós viemos aqui para ajudar a Cali, não pra comprar mais coisas para nós.

Stella encarou a sua irmã e suspirou alto, pousando as mãos na cintura bem definida dela.

— Pat, qual o problema de todas fazermos compras? Meu pai me obrigou a vir com vocês, não vou desperdiçar uma visita à minha loja preferida.

Ela até que tinha razão. Mas eu nãoalaria nada a seu favor porque, mesmo que a situação não tivesse absolutamente *nada* a ver, sair em favor de Stella era como se eu a estivesse escolhendo pelo coração de Gabriel.

Não que houvesse uma disputa de verdade. Nenhuma das duas sequer sabia o que a outra sentia. Nem eu mesma sabia, para ser sincera.

Mas eu vi coisas.

Vi um olhar apaixonado e depois vi uma boca desejosa.

Stella nem esperou que sua irmã respondesse. Ela empurrou Patrícia até a arara de vestidos azuis e a forçou a dar uma olhada com cautela em tudo.

— Eu sei que tu gostas de azul — Stella disse, muito mais feliz em ajudar do que eu imaginaria. — Oh! Esse aqui! — ela pegou o cabide com um vestido azul claro de manguinhas e saia leve muito bonito. Estendeu na frente de Patrícia e acenou com a cabeça efusivamente. — É esse, vá experimentar agora.

Pat me lançou um olhar em busca de aprovação e eu abri um sorriso para ela.

— Vá logo vesti-lo ou eu vou fazer isso eu mesma — a encorajei.

Patrícia se deu por vencida e entrou no mesmo provador que a irmã estava usando. Stella seguiu vasculhando roupas pelas araras e eu não sabia se ela fazia isso porque estava muito interessada nas peças ou para me evitar.

A verdade é que voltávamos para casa juntas — as duas gêmeas e eu — todo santo dia há um mês, mas Stella ainda não parecia disposta a conversar comigo. Eu ficava alerta a ela, esperando que ela fizesse alguma menção ao Episódio Do Quarto, mas a garota mantinha sua palavra de manter a boca fechada.

Na verdade, ela agia como se nada tivesse acontecido.

Então Patrícia se dividia entre conversar comigo e com sua irmã. As duas, apesar de muito — absurdamente, extremamente, indizivelmente — diferentes, eram, sem sombra de dúvidas, muito próximas. E algumas vezes eu sentia como se Stella estivesse querendo marcar território e me mostrar que a Patrícia era mais dela do que minha.

Aparentemente ser ciumenta era a única característica que elas compartilhavam.

E querer ficar com o mesmo cara, é claro.

Nada de mais.

— Olha só quem está fazendo compras em Assunção como uma família feliz.

É claro que ele não precisava aparecer *agora*.

Eu e Stella nos viramos ao mesmo tempo na direção dele e eu posso jurar que

ela perdeu a cor toda do rosto quando o viu.

Ok, certo. Eu via Gabriel todos os dias, mas eu nunca precisava interagir com *Gabriel e Stella* ao mesmo tempo, embora dividíssemos a mesma sala de aula a manhã inteira. Eles não se falavam, eles não se encontravam, eles sequer se *olhavam* dentro de sala. Era como se vivessem em planetas completamente diferentes, o que tornava ainda mais bizarra a imagem dos dois se atracando num beijo apaixonado.

Às vezes eu precisava de muito esforço para me convencer de que aquilo fora real.

É claro que ninguém sabia o que eu sabia (que a Patrícia também gostava dele), então pode ser que a situação fosse pior para mim do que para os dois pombinhos da Transilvânia. Eu me sentia traindo toda a confiança dela. Eu sabia o que estava havendo e eu não podia contar. E, novamente, parecia que eu estava escolhendo Stella.

— O que você está fazendo aqui? — deixei escapar a pergunta nervosa.

A última coisa da qual eu precisava era Gabriel, Stella e *Patrícia* juntos na mesma conversa.

Comigo.

— “Oi Gabriel, como você vai?” seria muito mais educado — ele falou e então seu olhar migrou para Stella e imediatamente ficou tenso. — Oi — ele a cumprimentou.

Stella parecia ter engolido uma caixa inteira de parafusos. Me deu vontade de bater nas suas costas pra ver se ela voltava a respirar, porque alguma coisa não estava funcionando direito ali naqueles pulmões.

— Oi — ela respondeu, por fim. Bem na hora em que Patrícia escancarou a porta do provador, dando uma voltinha dentro do vestido azul que a deixou a coisa mais fofa desse mundo.

Então ela notou a presença de Gabriel entre nós e paralisou em choque.

— Gabriel — ela disse, nervosa e surpresa por vê-lo ali.

Ele também ficou petrificado e Stella continuou em seu estado de quase-

coma-quase-derrame-cerebral. Era como se alguém tivesse colocado a cena toda em *slow motion*. E eu quase virei às costas e fui embora enquanto era tempo.

— Nossa, tu estás uma gata, Pat — Gabriel elogiou, com seu jeito simpático e brincalhão de sempre.

A ignorância é uma filha da puta.

O rosto da Patrícia ficou tão vermelho que eu achei que ela fosse explodir. Seu cabelo loiro se sobressaiu e ela precisou baixar o olhar, porque não conseguia encarar o Gabriel. Stella olhou de um para o outro, despertando do seu transe emocional com uma ruga de confusão no meio da testa.

Oh, meu santo.

— Obrigada — Pat respondeu.

Mas, novamente, o olhar do Gabriel voltou para Stella, que por sua vez parecia estar com os miolos fervendo dentro da cabeça. Eu quase podia ouvir o som das suas engrenagens trabalhando.

— Nós estamos fazendo compras porque eu preciso de casacos — eu precisava dizer alguma coisa antes que o silêncio constrangedor matasse a todos nós. Consegui atrair a atenção do Gabriel. — Mas as meninas não conseguem resistir a vestidos. Não me diga que veio comprar um pra você também?

Eu estava ficando boa em fazer piadas em momentos tensos.

Ele abriu um sorriso, fazendo brotarem as covinhas nas suas bochechas.

— Hoje não. Só vi vocês, gurias, aqui dentro e resolvi dar um oi.

Idiota.

— Pat, o vestido ficou maravilhoso — ouvi Stella dizer. Ela se virou de costas e foi ao encontro da irmã, deixando Gabriel na mesma zona morta em que ela me colocou desde o dia em que me conheceu. Para Stella, nós não estávamos mais ali. — Você vai levar, tire logo pra gente poder embrulhar.

— Cali, o que tu achas?

Levantei um polegar para ela.

— Está divino — falei, porque realmente estava. — Se tivesse outra cor, você

deveria levar as duas.

Ela sorriu pra mim e lançou um olhar nervoso muito rápido para Gabriel, que sorriu em retorno. Teve que virar de volta para dentro do provador antes que desse pista do que sentia por ele.

— Bem, eu acho que vou indo então — ele falou pra mim, um pouco frustrado. Eu não sei o que ele esperava se aproximando de Stella assim, mas a paixão deixa as pessoas imprudentes.

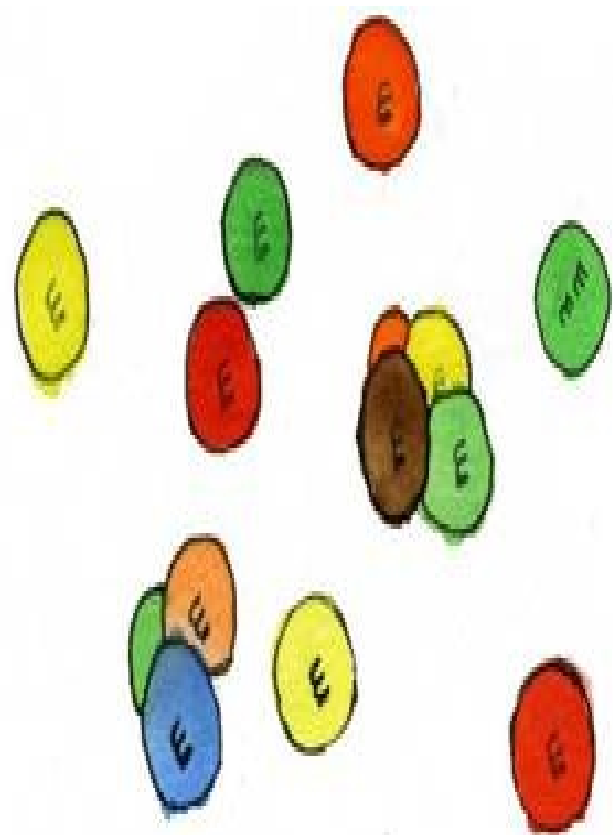
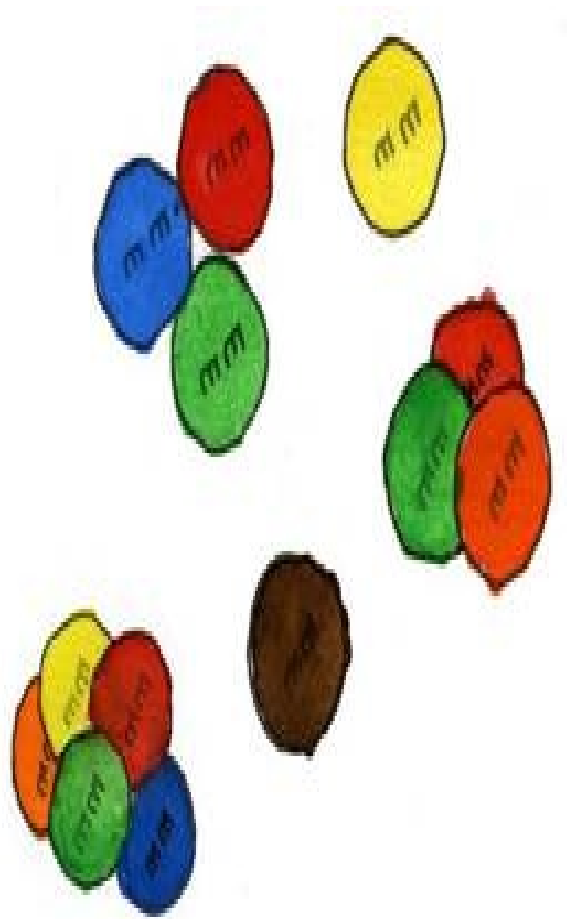
Aquela foi a coisa mais sábia que ele disse o dia inteiro.

Stella já estava se encarregando de pagar todas as peças de roupa que levaríamos daquela loja — a terceira que visitávamos no dia — e continuou ignorando a minha presença e a do Gabriel com toda a sua classe de rainha dourada do gelo. Mas eu sabia que, lá no fundo, ela estava quase tendo um ataque de nervos.

Ele foi embora e nós visitamos mais uma loja, porque era ali do lado e Stella precisava pelo menos ver se eles ainda tinham o colar de borboleta que ela *jurava* que combinava perfeitamente com o vestido da Patrícia. Depois disso, nós voltamos para casa, ainda na hora do almoço, e eu estava tentando processar o que foi que acontecera exatamente naquela manhã quando alguém bateu na porta do meu quarto.

Eu achei que fosse João, e por isso corri apressada para abri-la.

Mas dei de cara com Stella.



21. A Máscara Caiu

Oh, não. Era só o que me faltava.

A gêmea má invadindo o meu reino.

Pra ser sincera, eu estava mais chocada do que tudo. Porque, como já deixei claro aqui mais de uma vez, a Stella nunca esteve interessada sequer em reconhecer a minha presença dentro daquela casa.

Ou a da minha mãe.

E, pra ser *totalmente* franca, nem dos meus irmãos — com exceção de Hipólita, que lambia o rabo dela.

— Stella? Aconteceu alguma coisa? — eu precisava perguntar, embora eu só fosse me convencer se ela dissesse que era o Apocalipse.

Era a única explicação plausível.

A expressão no rosto dela era ilegível.

— Será que eu posso entrar? Não quero conversar contigo aqui na porta do seu quarto.

Ela quer conversar comigo. *Certo.*

Abri a porta e a deixei passar, meio incerta se eu estava preparada pra ouvir o que quer que ela quisesse me dizer. Lá embaixo estava uma gritaria entre as crianças e eu também podia ouvir as vozes dos meus irmãos gêmeos brigando por causa do vídeo game. Mamãe logo entraria em cena para ver o que estava acontecendo com as crianças barulhentas e eu dei graças a Deus quando fechei a porta do meu quarto de novo.

Stella ali parada entre a minha mobília parecia um quadro fora do lugar.

Eu mordi a língua para não deixar escapar um comentário ácido.

— Então...

Ela soltou um suspiro e foi como se tivesse se despedido de uma armadura inteira. Em um piscar de olhos, a Stella que eu conhecia há um mês se desmontou na minha frente, e deu lugar a uma garota deslumbrantemente

torturada. Seu rosto se contorceu em uma careta de dor e ela passou os dedos pelo couro cabeludo, como se quisesse agarrar sua cabeça e chacoalhá-la inteira.

Eu fiquei meio sem reação.

— Calíope, tu precisas me responder uma coisa e *tem* que me dizer a verdade — ela exigiu, com um timbre grave e tenso em sua voz.

E foi esse o gatilho que me fez despertar do choque e espalhou certa irritação pelos meus um metro e cinquenta e nove.

— Oh, então você sequer me dirige a palavra, mas se acha no direito de invadir o meu quarto exigindo sinceridade?

Isso aí. Eu disse mesmo, lá estava o comentário ácido.

E não me arrependo.

Stella estava tão fora de órbita que sequer se ofendeu com as minhas palavras.

— Eu estou falando sério — ela soava ansiosa. — Eu não viria aqui te fazer perguntas se não fosse só tu que pudesse me dar respostas.

Ah, mas essa garota.

— Por que você me odeia tanto assim? — perguntei, perdendo o restinho de cordialidade que ainda me restava. Minhas mãos estavam na minha cintura. — Eu não me lembro de ter te feito nada de mal.

— Eu não te odeio — ela respondeu rápido demais, como se quisesse acabar com esse assunto logo de uma vez. — *Por Deus!* Eu odeio o que tu *representa*.

Stella suspirou de novo, olhando para o meu teto como se perguntasse a Deus o que fazer. Não havia nem um pingo de compostura nela nesse momento e isso era um pouco amedrontador.

E também um pouco reconfortante.

— Será que a gente pode falar do que realmente importa? — ela me pediu. Seus olhos castanhos claros fitaram os meus e eles eram dois pares de angústia concentrada.

Eu ainda queria perguntar o que diabos eu representava, mas fui vencida pela curiosidade. Se alguma coisa grave o suficiente estava acontecendo para Stella

vir até mim desse jeito, totalmente descontrolada, então obviamente eu queria saber o que era.

Se é que eu já não sabia.

Um frio subiu pela minha espinha com a possibilidade de ela ter sacado a verdade sobre Patrícia hoje de manhã. Eu não queria ter que presenciar esse momento, muito menos me envolver com isso.

Mas aqui estava eu.

— O que você quer tanto perguntar?

— A minha irmã — ela começou e foi nesse momento que eu tive certeza de que o castelo de gelo havia se quebrado.

Oh, meu Deus.

— O que tem ela?

Stella fechou os olhos e soltou um som de lamento, querendo evitar aquelas palavras e aquela conversa ainda mais do que eu queria. Eu não sabia o que ela estava sentindo, mas podia ter uma ideia.

E não era nada bom.

— Não me faça perguntar com todas as letras, eu estou vendo na sua cara que tu sabes do que eu estou falando.

Ela abriu os olhos de novo e seu corpo inteiro estava em movimento, embora ainda estivesse parado no mesmo lugar. Mas a adrenalina que a percorria, a inquietação que a corroía por dentro, não paravam nem por um só minuto.

— Eu não sei exatamente o que te dizer — fui sincera, tentando escolher as palavras com cuidado.

— Só me diz a verdade. Sobre a Patrícia e o Gabriel.

Por um segundo, eu pensei em mentir. Pensei também em dizer que eu não sabia de nada, que Patrícia nunca havia me dito nada, porque isso era verdade. Mas não havia sentido em fazer uma coisa dessas, omitir uma informação importante dessas para a única pessoa naquela casa com cujos sentimentos eu não me preocupava.

Não totalmente.

— Eu não sei de nada de fato, ela nunca me contou — eu sabia que estava rodeando, mas eu ainda era um bom ser humano. Não dava pra jogar isso assim na cara dela como se não fosse nada. Stella ouvia atentamente. — Mas ela nem precisou dizer, eu a flagrei olhando pra ele.

— Ai, meu Deus — Stella sussurrou e se virou de costas pra mim, indo até a minha janela e voltando.

— Mas pode ser que seja só uma paixonite passageira — eu acrescentei, sem saber muito bem o que fazer enquanto ela caminhava pelo meu quarto com cara de quem iria vomitar.

Ela parou e me encarou com muita intensidade.

— Por que ela não me disse? Nós somos *gêmeas* e somos amigas, contamos tudo uma para a outra — agora ela parecia magoada, mas eu não sabia exatamente com o quê. Talvez com tudo. — Como é que eu não percebi isso?

Encolhi meus ombros.

— Quando alguém se empenha em esconder alguma coisa, geralmente consegue.

— Mas *por quê*?

— Eu não sei como te responder isso. Eu gostaria, mas não sei. Eu só sinto que estou perdendo alguma coisa, eu não sabia que você *gostava* do Gabriel.

Eu não conseguia sequer imaginar Stella gostando de ninguém que não fosse a Patrícia. Mas isso eu guardei pra mim porque era um pensamento muito insensível, eu sei.

Ter essa conversa com ela já era bizarro o suficiente.

Ela se desmoronou, e sentou na minha cama parecendo muito desnorteadada. Olha, já que estamos sendo sinceros e maldosos aqui, eu preciso confessar que também não sabia que Stella era capaz de sentir tantas coisas assim. Angústia, desespero, mágoa e agora... Bem, o que era isso exatamente?

Eu a analisava enquanto o rosto dela ficava vermelho. Ela parecia travar uma luta interna entre querer bater em alguma coisa e se enroscar como uma bolinha

pra chorar as pitangas sem parar.

— É por isso que eu não queria que ninguém soubesse sobre nós dois, porque eu perdi completamente o controle! Eu nunca perco o controle, mas agora eu estou mais para um acidente de carro ambulante — ela vomitou tudo isso em cima de mim e então se levantou de supetão.

Alguém me salva. O que é que ela está querendo me dizer?

Oh, não. Ela não pode estar *apaixonada* pelo Gabriel, pode? Como é que uma coisa dessas...

— Eu acho que já falei demais — ela tentou se recompor, mas, depois de deixar cair sua armadura, não tinha como colocá-la de volta perfeitamente.

Pelo menos não ainda, não enquanto tudo estava tão instável.

— Espere um minuto. Você está me dizendo então que você *gosta* do Gabriel? Tipo *gosta* dele?

Eu precisava ter certeza porque meu cérebro jamais completaria essa equação sozinho.

Stella respirou fundo, contendo seu instinto assassino de me matar. Mas não fazia nenhum sentido negar, ela já tinha dito praticamente tudo.

Eu esperei pacientemente enquanto ela decidia abrir o bico. Essa menina era realmente muito orgulhosa e controladora, vou te contar. Para alguém assim, realmente, se apaixonar devia ser desesperador. Perder as rédeas sobre as próprias emoções não era para qualquer um.

— Sim, Calíope. Eu estou. Satisfeita? Tu *vai* agora correndo contar pra ele, por acaso? Porque nem precisa perder seu tempo, está tudo acabado entre nós dois.

Meu queixo caiu.

— O *Gabriel* terminou com você?

Não podia! Eu sabia que ele sim estava caidinho por ela.

— Não, mas eu não posso continuar com isso. Eu mesma vou terminar tudo com ele amanhã.

Minha mente estava dando um nó que nem o pente do Zé Bonitinho seria capaz de desembaraçar.

— Mas você não acabou de dizer que está louquinha por ele?

Foi por pouco que não saíram *lasers* de fogo do olhar que Stella me lançou.

— Ela é minha irmã, Calíope — Stella teve que controlar a voz para não gritar. Eu agradecia muito, porque se mais alguém soubesse dessa confusão toda não seria nada bom. — Como é que eu vou continuar saindo com o piá de que ela gosta? E amigo dela há anos, eu não posso fazer isso. Não posso mesmo.

Lá estava de novo dentro do seu olhar.

Mágoa, angústia, raiva, tristeza.

Amor.

Minhas sobrancelhas se levantaram quando fui pega de surpresa. Stella passou uma mecha de cabelo para trás da orelha e balançou a cabeça, tentando se livrar de todos aqueles sentimentos que a apertavam.

E, pela primeira vez, eu senti uma empatia forte o suficiente por ela para me fazer querer dizer que tudo ficaria bem.

Mas eu não podia sair prometendo isso assim.

— Você vai se privar de ficar com ele... Pela Patrícia?

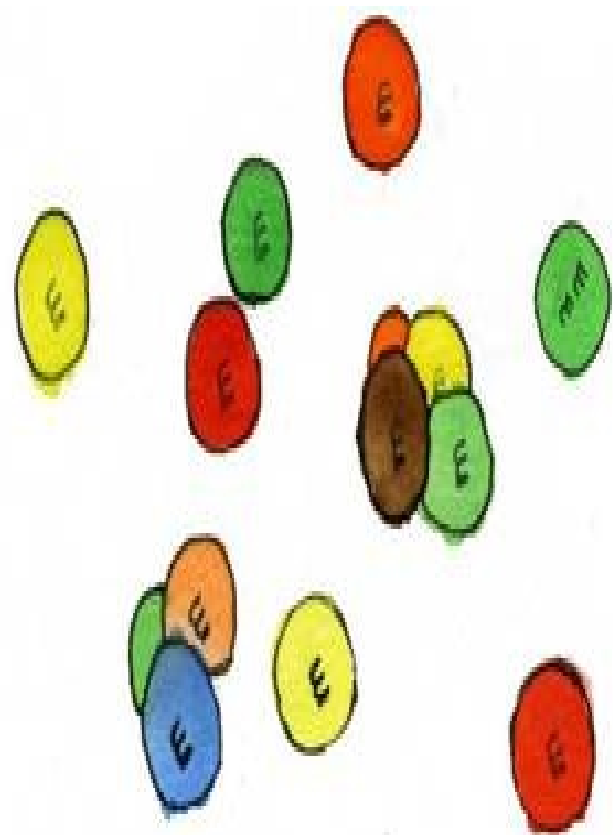
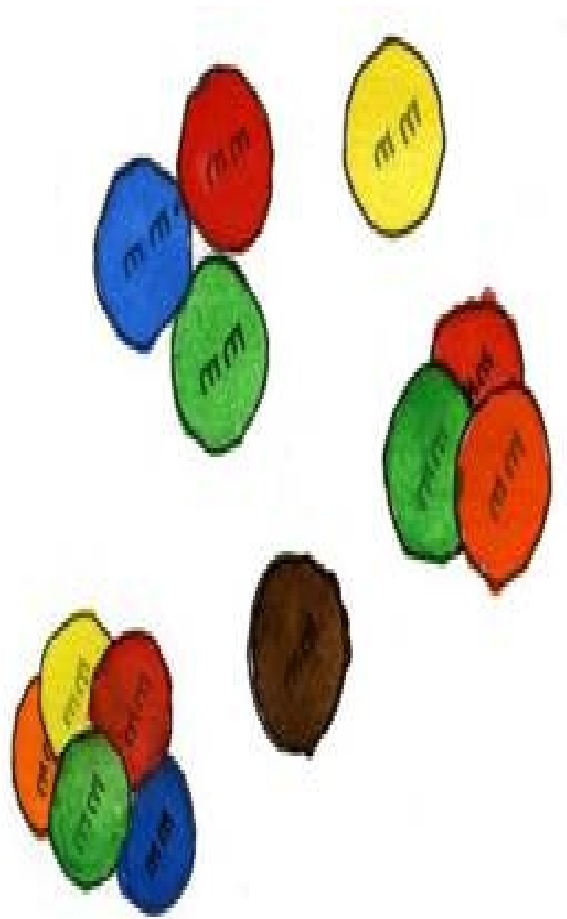
— Ela é minha irmã gêmea. É a pessoa que eu mais amo nesse mundo, eu me preocupo muito mais com os sentimentos dela do que com os meus. Agora me dá licença que eu preciso ir resolver a minha vida.

Ela nem me esperou responder e saiu do meu quarto como um foguete.

Wow, eu pensei. Aquilo foi intenso.

Stella não era a vaca narcisista que eu imaginava, afinal de contas.

E, ironicamente, era exatamente por isso que ela estava sofrendo.



22. Nosso Planeta

Eu usei um dos casacos novos naquela mesma noite. Ele era de moletom cinza, fechado, e com a estampa de uma raposa bordada na frente. Comprei-o, obviamente, pela raposa. E porque parecia muito quentinho.

Eu nunca tinha parado de fato no Skate Park de Assunção, mas, toda vez que passava por lá, ele estava cheio. Skate — ou qualquer outro tipo de esporte — nunca foi a minha praia, mas João e eu estávamos tentando passar um tempo juntos como amigos para que... Bem, para que pudéssemos passar o máximo de tempo juntos. Quanto mais saíssemos como amigos, mais normal pareceria que nós dois tivéssemos alguma intimidade.

E se existe algo que você tem com alguém que está beijando sem parar há duas semanas, é intimidade.

Às vezes era difícil esconder isso quando estávamos com outras pessoas, principalmente dentro de casa. Na escola nós quase não nos víamos, o que era uma coisa boa, porque o que mais existe em um colégio é gente fofoqueira. E João é aquele tipo de pessoa que nunca passa despercebida.

De modo que eu estava aqui agora nessa noite congelante de Assunção jogando conversa fora com os amigos dele no Skate Park.

Meus irmãos também faziam parte do grupo, mas a ficante de Apolo já havia virado ex, como eu sabia que aconteceria cedo ou tarde.

A verdade é que eu não conseguia tirar Stella da cabeça.

Quer dizer, como é que eu conseguiria? Eu não sabia mais que mundo era esse, onde Stella não era um ser humano desprezível. Minha visão das coisas estava completamente abalada.

Ok, eu nunca achei que ela fosse *de fato* malvada, mas ela sempre pareceu tão inatingível e autocentrada que chamá-la de gêmea má e tirar sarro dela em pensamento era meu passatempo preferido em sua companhia.

Era esse o nosso tipo de relacionamento e eu estava bem com isso. Não precisávamos *ter* um relacionamento de verdade.

Mas aqui estava eu pensando em tudo o que não fazia sentido sobre Stella e

sentindo — meu Deus do céu — *empatia* por ela.

Porque se havia uma coisa que eu entendia na vida era o amor fraternal.

Infelizmente ou felizmente.

— Eu sempre quis ter irmãos gêmeos, fico me perguntando como é que sua mãe sabia qual era qual quando eles eram bebês — disse Roberta, deslizando seu skate com um pé, de frente para onde Ingrid e eu estávamos sentadas no banco de concreto.

João estava fazendo piruetas com aquele treco debaixo dos pés. Ele deslizava por cima de barras de ferro, obstáculos e rampas como se fosse a coisa mais fácil desse mundo — e ainda fazia graça lá em cima. Ele e Diogo estavam em uma espécie de disputa particular para ver quem conseguia fazer mais firulas sem cair, e eu estava desesperada acompanhando tudo.

Hélio conversava com Ramon, outro dos amigos do João, e Apolo foi cercado pela Carol assim que nós chegamos ao recinto. Aparentemente os boatos de que ele havia dispensado a Lica já estavam correndo — e a próxima garota deveria ser rápida, antes que ele fosse fisgado de novo.

Com Apolo, as coisas são sempre assim: um harém de meninas à disposição.

Fiquei conversando com a Ingrid — a namorada do Diogo que conheci naquele dia fatídico no cinema — e a Roberta desde que Diogo e João começaram a sua disputa. Segundo Ingrid, eles faziam isso o tempo todo.

Eu gostei das duas meninas logo de cara. Ingrid era meiga e parecia uma princesa, enquanto Roberta tinha a língua e os pés afiados. Descobri que eles todos se conheciam desde o jardim de infância e ouvi histórias sobre João criança que me fizeram gargalhar e ficar apaixon... *maravilhada* ao mesmo tempo.

Apaixonada não. *Oh, não.*

— Acho que ela botava uma pulseira de cor diferente em cada um pra ter certeza — palpitei, dando de ombros, e as meninas riram. — Eu faria isso.

— Deve ter ficado mais fácil quando o Hélio passou a usar óculos — Ingrid observou, torcendo de lado o cabelo castanho. — Aliás, por falar em Hélio...

— Ah, eu sabia que tu não perderias a oportunidade — Roberta disse pra amiga, abrindo um sorriso largo. Seu cabelo loiro e azul estava preso em um rabo de cavalo e ela usava uma blusa com a letra de uma das minhas músicas preferidas da Pixie Roxy. O que, obviamente, era um dos meus critérios para fazer amizade.

Mas espere um minuto, do que elas estavam falando?

— Estou perdendo alguma coisa aqui — eu estava curiosa.

As duas se entreolharam, com um misto de culpa e divertimento no olhar. Eu me endireitei, cruzando minhas pernas.

— Então... Sobre o Hélio — Ingrid começou. — Nós duas estamos confusas sobre uma coisa.

Esperei que elas continuassem, mas Roberta caiu na gargalhada.

— Não façam esse suspense todo, eu sou altamente curiosa.

— Ok, ok — Roberta estendeu as mãos, pedindo desculpas. — Nós queríamos saber se o Hélio tem namorada ou se ele só não tem interesse por meninas em geral.

As duas me encaravam, ansiosas pela minha resposta, e eu precisei de uns dois segundos a mais do que o necessário para compreender qual era a real pergunta.

— Oh caramba, vocês acham que o Hélio é *gay*? — eu quase gritei.

Muito obrigada, Deus, por me permitir viver esse momento.

Eu não poderia descrever em palavras o quanto aquilo era divertido. E mal podia esperar para contar a Apolo, ele iria adorar ainda mais do que eu.

— Bem, ele simplesmente ignora as investidas de todas as gurias — Ingrid explicou. — E, acredite, são muitas.

— Se ele for gay, eu tenho um amigo que é o par perfeito pra ele — Roberta parecia animada com o trabalho de cupido.

Eu deixei escapar uma risada e balancei a cabeça.

— O Hélio não é gay, ele tem namorada mesmo. Na verdade... Bem. É

complicado. Mas ele está apaixonado. — Fiz uma careta como se estivesse com ânsia de vômito e as duas riram.

— Então ele namora, hein — Ingrid soou presunçosa e levantou as duas sobrancelhas. Encarou Roberta com um olhar vitorioso. — Tu me debes vinte pratos, guria. E o telefone do seu primo gato pra Carol.

— Vocês fizeram uma aposta? — eu quase gritei de novo.

Não acredito nisso.

Eu definitivamente gostava daquelas garotas.

— Eu apostei que ele era gay, ela e Carol que ele tinha namorada — Roberta explicou um pouco carrancuda. — Sacanagem, eu tinha *certeza*.

— Bem, se o seu amigo for bonito e gostar de caras com piercing eu sei de uma pessoa que adoraria conhecê-lo — falei pensando em Jeff. Ele andava mal-humorado porque terminou com o peguete essa semana.

E eu sabia *bem* do que ele precisava para ficar de bem com a vida de novo.

— Não dê corda pra ela, Roberta tem mania de juntar casais.

— Eu tenho um dom! — a garota se defendeu, cruzando os braços. — Não posso desperdiçá-lo.

— Vejo que as gurias estão se dando bem.

Primeiro ouvi a voz dele, depois senti sua mão apertando meu ombro quando ele e Diogo se aproximaram de nós por trás do banco de concreto. Eles estavam suados e ofegantes e Diogo deu a volta para se sentar ao lado da namorada. Eles trocaram um selinho e, naquele momento, isso era tudo o que eu queria fazer com João também.

Ele me fitava com um brilho nos olhos verdes. Sorriu pra mim enquanto limpava o suor da testa, e balançou o cabelo castanho. Eu ri de volta, sentindo aquelas borboletas no estômago que ficavam hiperativas toda vez que eu avistava o João Augusto.

— Quem ganhou, afinal? — quis saber Ingrid, passando os braços pelo pescoço do Diogo.

— Eu, é claro — João se gabava e Diogo estendeu o dedo do meio pra ele. — Calminha, piá, cadê o espírito esportivo?

— Tu só *ganhasse* porque não estava disputando comigo — Roberta deu uma cotovelada amigável no meu... No João e ele beliscou as bochechas dela para retribuir a provocação.

Aparentemente, Roberta não gostava que apertassem suas bochechas fofas.

— Eu e o menino Jão estamos com fome, vamos pro quiosque? — Diogo sugeriu.

— Vamos. Eu estou com fome também — concordou Ingrid. — Mas não posso chegar tarde em casa hoje porque meus avós vão pra lá amanhã cedo.

João e eu ainda olhávamos-tentando-não-olhar um pro outro, em um silêncio que dizia muito para nós dois. Mas consegui responder:

— Posso lidar com um hambúrguer agora.

Roberta pisou em uma das pontas do seu Skate, fazendo-o levantar na vertical, e colocou-o debaixo do braço.

— Não precisam pedir duas vezes. Deus me livre dizer não pra comida boa.

Chamamos meus irmãos, Carol e Ramon e fomos todos juntos para o quiosque do cinema — porque em Assunção ele era parada obrigatória. Pedimos nossos hambúrgueres, comemos, conversamos. João e eu trocamos mensagens no celular, sorrindo um para o outro quando achávamos que ninguém estava olhando.

Eu queria ter sentado ao lado dele, mas não tive coragem. Agora, eu me arrependia amargamente dessa decisão racional.

Para ser totalmente sincera, o que eu queria era ir embora para casa e me trancar no quarto com ele para que pudéssemos nos beijar bastante e ser livres para nos tocarmos como quiséssemos sem nenhum outro ser humano por perto.

Era difícil ter que lidar com seres humanos quando tudo o que eu queria era me isolar com João numa ilha deserta.

Uh. Está aí uma boa ideia.

Na volta para casa, eu contei aos três rapazes — meus irmãos gêmeos e João — sobre a aposta que Ingrid e Roberta fizeram. Apolo e João caíram na gargalhada e Hélio ficou um pouco carrancudo, mas teve que admitir que foi engraçado.

Quando chegamos em casa, mamãe e Otávio jogavam *Clue* na sala com Leo, Maia, Selene e Eduardo — que estava de volta nesse fim de semana. Dei um oi e um tchau apressados, louca para subir logo e me trancar no meu quarto. Troquei um olhar ansioso com João e eu sabia que ele entendia o que eu queria dizer.

Era estranho fazer isso em frente aos nossos pais, meu coração se acelerava como se eu temesse que mamãe fosse capaz de ler a minha mente. Se ela fosse, eu estava lascada. Porque, olha, meus pensamentos não poderiam ser ditos em voz alta em uma sala cheia de crianças como a nossa.

Bem. Acontece com todo mundo, não é mesmo?

O que não acontece com todo mundo é ter esses pensamentos protagonizados pelo irmão postiço. O que é uma coisa boa, se eu for parar pra pensar. Porque a culpa e a insegurança de como será o futuro, e o medo que me invadiam quando eu e João estamos perto da minha mãe era capaz de me sufocar.

Eu sabia que o que estávamos fazendo era errado.

Sabia que sofreria graves consequências quando/se isso fosse descoberto.

O que eu não sabia era como parar.

De modo que, às dez e trinta e cinco da noite, cerca de meia hora depois de chegarmos em casa, João deu três toques na minha porta como sempre fazia.

Eu a abri, com o coração pulando de ansiedade e excitação.

Deixei-o entrar e tranquei a porta atrás de mim com muito cuidado, conferindo se ninguém estava no corredor.

Antes que eu pudesse me virar, os braços dele estavam ao redor da minha cintura, os lábios deles estavam na minha nuca e eu já tinha virado geleia derretida. Eu esperava todos os dias que não fosse tão bom, que eu enjoasse do toque dele, que eu me desse conta de que me envolver com aquele garoto não valia à pena o transtorno.

Só que isso nunca acontecia.

Só que, ao invés disso, a cada dia eu sentia mais a falta dele quando não estava assim, me segurando com seus braços de garoto, me chamando de “guria linda” em um sussurro nos meus ouvidos e tocando seus lábios na minha pele.

Eu me virei de frente para ele e enganchei meus braços em seu pescoço enquanto nos beijávamos. Ele me beijava até flutuarmos pelas galáxias e descobrirmos novos planetas onde pudéssemos viver em paz. Me beijava por oceanos sem nome, por mares de estrelas piscando em cores de neon fluorescente. Eu me perdia na vastidão absoluta dos lábios dele, me perdia tanto nele que, às vezes, não sabia onde eu terminava e ele começava.

Suas mãos viajavam pelo meu corpo, arrepiando a minha pele, trazendo vida elétrica ao escuro do quarto. Ele sempre mordida o meu lábio inferior, como um *hobby* que queria que fosse somente dele e de mais ninguém.

Abri meus olhos ainda sem conseguir respirar e encontrei suas lanternas verdes no escuro. Minhas mãos estavam pousadas em seu peito, sentindo o subir e descer gradativo, o calor que emanava por debaixo da camisa. Ele passeava pelos meus braços, pelos meus ombros, pelas minhas omoplatas.

— Senti sua falta.

— Estávamos juntos trinta minutos atrás — eu disse com uma risadinha escondida.

— Senti falta de quem tu és quando está só comigo.

— Eu sou muito diferente? — perguntei.

— Ah, pra mim é muito diferente — ele respondeu com um tom de voz malicioso.

Como que em resposta a ele, me pus na ponta do pé e tracei uma trilha de beijos pelo seu maxilar. Beije o seu queixo por último e ele abaixou mais a cabeça para que nossas bocas se encontrassem outra vez.

— Eu queria fazer isso hoje no Skate Park.

— Quando? — ele perguntou, apertando minhas costas para me prender junto a ele.

— Quando você estava fazendo manobras no skate. Depois quando você voltou ofegante e todo suado, todo feliz...

João riu e beijou a minha testa. Nunca gostei que meus irmãos me beijassem na testa, era como se eles estivessem atestando que eu precisava ser protegida, que eu fosse uma pessoa frágil sob a sua guarda.

Mas João fazia isso de um jeito que eu amava.

— Tu gostas de homens másculos então, guria? — ele me perguntou, zombeteiro.

Fiz uma careta pra ele e desci das pontas dos meus pés.

— Desse jeito parece que somos dois Neandertais. Sabe? Escolhendo o parceiro de acordo com o que ele tem de melhor a oferecer.

Ele riu de novo e eu me delicieei com o som da sua risada. Por minha causa.

— Tu *tem* cada pensamento... Queria saber como teu cérebro funciona.

— Ora, do mesmo jeito que o seu. Só que mais eficiente.

João levantou uma sobrancelha diante da minha provocação. Mas logo se rendeu, dando de ombros.

— Não posso argumentar, tu és realmente mais esperta do que eu.

— E mais bonita — eu continuei, embora não achasse que aquilo fosse verdade de jeito nenhum.

Quer dizer, olha só pra *ele*. Não era justo pra ninguém ser comparado ao João Augusto.

— *Definitivamente* mais bonita — ele concordou. Como se ele já não fosse irresistível antes, me abraçando apertado e beijando os meus lábios mais uma incansável, insaciável vez. — Muito melhor de beijo também — ele disse entre os tais beijos.

— Sobre isso eu terei que protestar — consegui dizer um pouquinho antes de ele me devorar com a sua língua e acender meu corpo inteiro, célula por célula, uma de cada vez e todas ao mesmo tempo.

E ficamos assim por tanto tempo quanto eu não sabia mais contar. E depois

nos deitamos na cama e conversamos sobre o meu dia, sobre o dia dele, sobre seu recente vício por *Of Monster and Men* por minha causa. Falamos sobre a Batalha de Bandas, sobre as provas da escola que estavam chegando, sobre como não fazíamos ideia do que fazer da vida e das expectativas que todos depositavam sobre nós mesmo sem perceber.

Eu estava deitada de lado olhando para João, que apoiava a cabeça na mão e o cotovelo na cama. O fone que dividíamos ainda tocava *Empire* do *Of Monsters and Men* e as palavras da música ecoavam pelos meus ouvidos.

Ele afastou uma mecha do meu cabelo que caiu sob os meus olhos e nós sorrimos um para o outro, presos em um encanto que não poderia ser quebrado.

— Eu fiquei pensando — comecei a dizer — se a Stella seria mesmo capaz de contar o que estamos fazendo.

Ele ficou tenso de repente e eu me arrependi na mesma hora de ter puxado o assunto. Mas eu precisava de algumas respostas sobre ela, estava curiosa demais. E não sabia se seria correto contar ao João sobre as duas irmãs dele estarem apaixonadas pelo Gabriel.

O segredo era delas, afinal. Não meu.

— Eu não gosto de pensar sobre isso. Mas não, ela jamais contaria.

— Mas naquele dia, ela disse que...

— Minha irmã estava nervosa, ela falou da boca pra fora — ele me assegurou. Seu olhar era terno. — Sabe, a Stella é uma pessoa meio difícil. E ela surtou completamente quando nos viu juntos, ficou com medo de isso acabar mal pra mim.

— Parece que vocês conversaram sobre o assunto.

Ele assentiu.

— Ela foi falar comigo, disse que eu era maluco — ele riu. — Que eu devia ter batido a cabeça se achava que essa era uma boa ideia, mas tudo isso é medo de eu me magoar, do meu pai me matar depois. Ela é mais nova que eu, mas sempre foi a irmã controladora. E eu deixo porque eu acho que ela faz isso como uma forma de compensar a falta da mamãe.

Foi a minha vez de assentir, mas, de repente, eu não tinha palavras para responder.

João deslizou o polegar pela minha bochecha exposta e eu segurei a mão dele no meu rosto, sentindo o coração pesado.

— Ela jamais faria nada pra me ver sofrer e não nos condena pelo que estamos fazendo.

Eu mesma me perguntava o que é que estávamos fazendo.

— Mas de mim ela não gosta. Nem da minha família.

João suspirou e tirou a mão do meu rosto. Ele se deitou ao meu lado e eu me aproximei, deitando a cabeça em seu peito. Ele deslizou a mão pelo meu cabelo, passando os dedos entre os meus fios ruivos.

— Nem todo mundo consegue lidar bem com essa situação.

Tive que concordar, porque eu mesma tive dificuldade em aceitar. Ainda era difícil reconhecer a família Becker como *minha* família, embora eu estivesse me acostumando com a presença deles na minha casa.

— Nossos pais são malucos — eu disse. — Trazer tantas crianças estranhas pra morar com seus filhos.

— E o meu pai sequer *namorou* antes. Eu confesso que fiquei feliz por ele, embora não soubesse muito bem como agir diante de tudo isso. Mas a Stella... Ela e o Leo não queriam de jeito nenhum. Mas ele ainda é criança e acabou se encantando pela sua mãe.

Estiquei meu braço para abraçar o tronco dele e pousei o queixo na sua barriga, fitando seu rosto.

— Eu fico querendo que minha mãe não tivesse se casado com seu pai, mas daí a gente também não teria se conhecido.

Ele sorriu pra mim e se levantou, de modo que agora era eu quem estava deitada e ele debruçado sobre meu corpo. João Augusto beijou minha boca e eu me derreti por inteiro.

— Eu nunca namorei também — ele me disse, olhando nos meus olhos, e eu fiquei paralisada. — Nunca quis isso com ninguém. Antes.

Havia uma intensidade e uma angústia no rosto dele que me deixou sem reação. Meu coração explodiu em batidas aceleradas, mas a minha boca pendeu aberta, sem emitir som algum.

Era claro pra mim o que ele estava dizendo, oh meu deus ele estava *dizendo* que queria me namorar? Sabe, um namoro de verdade como casais normais fazem?

Nós nunca poderíamos namorar de verdade.

Nós nunca seríamos um casal normal.

A dor repentina nos olhos dele agora também estava em mim.

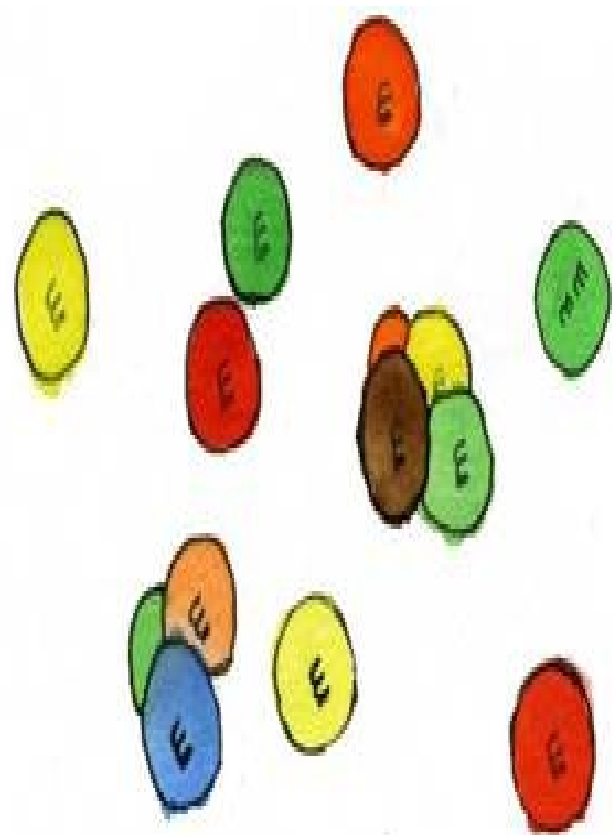
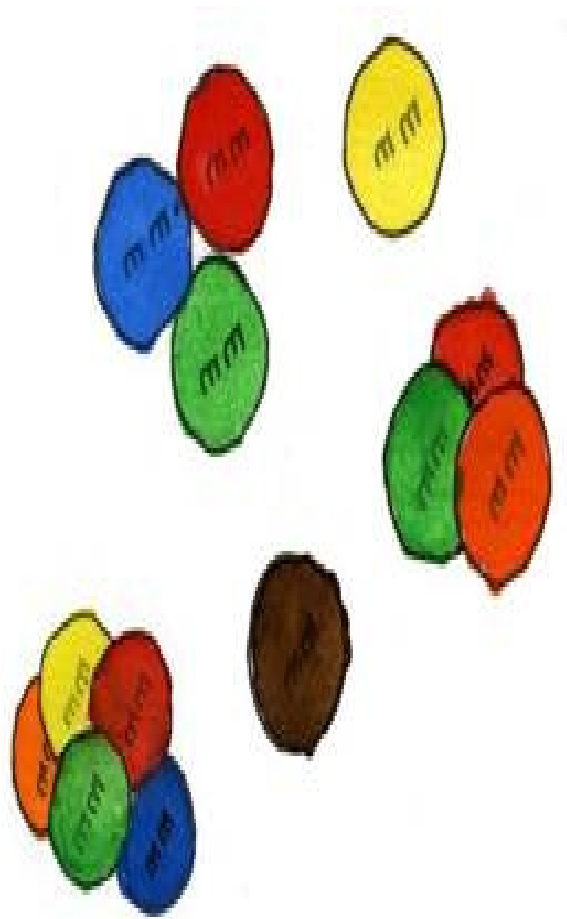
— Vem cá — eu disse e puxei a cabeça dele para repousar no meu peito. Abracei-a contra mim, fechando os olhos, sentindo o braço dele me enlaçando e me envolvendo com o seu calor.

E eu não quis pensar em mais nada que não fosse aquilo. Nada que não fosse o modo desesperado com o qual ele se agarrava em mim e eu nele. Nada que não fosse a sensação do corpo dele colado ao meu e no quanto eu não queria nunca despertar desse sonho louco.

Afastei do nosso planeta particular, do nosso império de dois, todos os problemas, todos os questionamentos que aniquilariam a felicidade se déssemos uma chance. Que nos mostrariam a hora de parar.

Eu não queria parar. Naquele momento eu não iria parar.

Então eu só mantive os meus olhos fechados e o João me segurando sem dizer mais nenhuma palavra.



23. Nota Vermelha

Semana de provas é uma coisa que não deveria existir. Quer dizer, quer maior pressão psicológica do que ter que fazer as provas de todas as matérias escolares uma atrás da outra na mesma semana?

Pior que isso, só mesmo o vestibular. Mas eu ainda tinha um ano pela frente antes de me desesperar por ele.

Física, sem sombra de dúvidas, era a matéria de que eu menos gostava ou tinha aptidão. Pra completar, ainda teria a prova de espanhol no mesmo dia, que era outra matéria que eu preferia abolir do meu currículo escolar. De modo que eu estava uma pilha de nervos naquela quinta-feira chuvosa, tanto que eu tinha certeza de que o céu, na verdade, estava chorando em lástima pela nota vermelha que entraria no meu boletim.

Durante todo o trajeto até a escola, eu fui conversando comigo mesma e tentando me convencer de que tirar uma nota baixa não seria o fim do mundo, eu poderia recuperar depois. Preparando meus nervos para conseguir pensar durante a prova e, bem, fazer o meu melhor.

Que não seria *tão* bom assim.

Patrícia e Stella iam revisando as fórmulas ao meu lado no banco de trás e o clima de tensão generalizada se espalhava pelo carro inteiro. João nos deixou no estacionamento, ao lado do carro da minha mãe com Hipólita, Apolo e as crianças. Todo o colégio parecia estar em clima de filme de terror durante a semana de provas e subir aquelas escadas foi como seguir até o matadouro.

E eu ainda tinha três horas de tortura até o intervalo antes de a prova começar.

E o intervalo, obviamente, foi resumido a estudos em grupos e explicações de última hora dos gênios para os desesperados.

Eu, obviamente, era uma das desesperadas.

Respirei fundo e peguei um lugar na fileira do canto, no meio da sala. Gabriel se sentou muito tenso ao meu lado e Gengibre atrás de mim. As turmas eram divididas em ordem alfabética, e cada metade ocupava uma sala.

Eu já estava sacando o lápis do estojo para escrever em letras minúsculas as

fórmulas na minha carteira quando a pior coisa imaginável aconteceu.

— Bom dia, meus heróis. Quem está pronto para tirar um 10?

Levantei a cabeça na mesma hora em que ouvi a voz dela e quase deixei o lápis cair no chão.

Insira aqui um palavrão de cinco sílabas.

Isso não pode estar acontecendo. Minha mãe *não pode* estar aqui para aplicar a prova mais complicada da semana pra mim, pode?

É claro que pode. É da minha vida que estamos falando.

Ela deixou os envelopes com as provas em cima da mesa e encarou a turma com um sorriso esperançoso nos lábios. Ela queria dizer “Vocês conseguem fazer isso” e, de fato, foi o que ela disse em seguida:

— Vocês conseguem fazer isso. Eu sei porque foi o Oráculo de Delfos quem me contou.

Algumas risadas entre os alunos, incluindo Gengibre, a deixaram satisfeita. O olhar dela então se encontrou com o meu e ela teve que se controlar para conter a empolgação e não acenar para mim. Eu abaixei a cabeça, batendo com ela na carteira amarela, e pensando em me matar.

— Eu odeio a minha vida — resmunguei.

— Ah, caramba, sua mãe é o máximo — Gengibre disse como se estivesse diante de alguma divindade grega. — E ainda é uma *gata*. Eu teria muitos filhos com ela.

Tive que conter a ânsia de vômito e me virei pra trás, pronta pra perguntar a ele qual era o seu problema.

— Cara, não faz isso comigo. Eu vou precisar de anos de terapia depois de ouvir isso.

Ele encolheu os ombros e estendeu as mãos, se desculpando. Mas seu olhar ainda era o de um maconheiro travesso.

— Sem estresse, guria. Ainda vou precisar que tu me *passe* cola.

Eu não sabia se ria, se chorava, se desistia da vida e ia vender bala no sinal.

— Acho melhor você não contar com isso.

— Muito bem, vamos começar? — minha mãe disse em seu tom alegre, que não combinava em nada com o clima mórbido do resto da sala.

Ela entregou as provas diretamente para cada um dos alunos, dizendo:

— Boa sorte! Que os Deuses te ajudem.

Quando chegou a mim, ela me entregou a prova e passou a mão pelos meus cabelos de um jeito maternal demais para não ser estranho naquele ambiente.

— *Mãe* — eu a repreendi, tentando me esquivar. Mas ela apenas soltou um risinho.

— Me desculpe. Boa sorte, filhinha. Use toda a sabedoria da Musa que você é.

Ok, *certo*. Meu humor estava uma *maravilha* demais pra eu ficar pensando em pegar forças na personagem mitológica que me emprestou seu nome. Olhei pra prova e respirei fundo, lamentando não ter conseguido escrever as fórmulas na mesa antes de a minha mãe aparecer. Mas nem tudo na vida era perfeito.

Lá vamos nós.

Fiz tudo com muito cuidado e rachei tanto a minha cabeça para conseguir resolver os problemas que não sabia se conseguiria colocá-la no lugar de volta. Ignorei o fato de a minha mãe estar sentada na mesa do professor, a poucos metros de mim e *com certeza* me observando.

Eu queria morrer antes de entregar aquele atestado de derrota que era a minha prova de física elétrica.

A partir de certa hora, quando percebi que só faltavam vinte minutos para encerrar meu tempo e só mais três alunos ainda estavam em sala, abracei a reprovação e entreguei as provas de física e espanhol de volta para a minha mãe. Dessa vez a de física estava rabiscada com números que nem eu mesma entendia direito.

Mamãe analisou a prova, sem realmente entendê-la também, e a guardou no envelope. Depois fez o mesmo com a de espanhol. Ela olhou para mim e deve ter notado pela minha careta carrancuda que eu não estava de bom humor.

Muito disso devia ser culpa também da TPM, que já estava de volta.

— Foi tão ruim assim? — ela perguntou, preocupada.

— Eu prefiro não comentar. Mas não espere nenhuma estrela dourada na minha testa.

Minha mãe riu e estendeu o braço para apertar a minha mão.

— Nos vemos em casa então. Ah, e não se esqueça de separar suas roupas sujas, a Inês vai lavá-las hoje. Da última vez você esqueceu e não sei como foi que se virou.

Lá estava o comentário inapropriado. Dei uma olhada em volta da sala e agradei aos Deuses por não ter mais quase ninguém ali. Eu simplesmente concordei com a minha mãe e me despedi dela de uma vez, porque não adiantaria nada pedir a ela que não fizesse isso de novo.

Porque a minha mãe não conhecia *limites*.

Desci as escadas e fui ao banheiro feminino do primeiro andar esvaziar minha bexiga lotada. Lavei meu rosto e repeti a mim mesma que só faltavam mais algumas horas para aquele dia terrível acabar. Saí do banheiro fazendo um rabo de cavalo quando encontrei Gabriel me esperando perto da porta.

— O banheiro masculino está cheio? — perguntei.

Mas ele não parecia estar para brincadeira. A julgar pela sua cara, eu não seria a única a ter uma nota vermelha a caminho e isso, pelo menos, era reconfortante.

Estávamos ferrados juntos, viva a amizade.

— Preciso falar muito sério contigo.

— Quer um absorvente emprestado? — eu estava impossível naquele dia. Minha torneira de acidez fora aberta, infelizmente, para quem topasse comigo. Eu bufei. — Desculpa, não estou em um bom dia.

— Tudo bem, Cali. Desde que tu me ajudes.

A ruga na minha testa se suavizou.

— O que aconteceu?

Gabriel deixou escapar um suspiro e enganchou a mão no seu pescoço, massageando a nuca com os próprios dedos. Ele parecia que não estava nem dormindo direito, a julgar pelo modo como aparentava cansaço. Seus ombros estavam duros de tensão e a imagem catastrófica do meu amigo desligou minha torneira de veneno na mesma hora.

— A Stella não me responde desde sábado. Já vai completar uma semana e eu não faço *ideia* do que está acontecendo ou de como descobrir — ele desabafou, se policiando para falar em voz baixa.

Nós ainda estávamos praticamente em frente à porta do banheiro feminino, o que era um grande perigo. Eu meti a cabeça lá dentro e fiquei aliviada quando não vi ninguém. Puxei Gabriel e atravessamos o pátio até os bancos de madeira mais próximos, perto das mesas da cantina onde alguns alunos estavam conversando.

Ele voltou a falar.

— Eu juro que hoje quase quebrei nosso trato e fui tirar satisfações com ela na frente de todo mundo. Tentei interceptá-la na hora do intervalo, mas ela está *sempre* rodeada de pessoas — ele soava irritado e muito frustrado com toda a situação.

Mordi o lábio, me sentindo de mãos atadas. Quer dizer, eu não podia contar a *Gabriel* o motivo pelo qual Stella estava dando um gelo nele. Porque isso envolvia soltar a bomba de que Patrícia tinha sentimentos ocultos por ele também, e eu jamais trairia a Pat dessa maneira. Por mais que adorasse o Gabriel e sentisse compaixão pela situação da Stella.

— Eu não sei como te ajudar, Biel. A Stella e eu não conversamos sobre as coisas — o que não era uma mentira total. Só conversamos de verdade uma única vez.

Não importa que essa única vez tenha sido suficiente para eu saber o que ele queria.

Não sei se ele estava convencido da minha desculpa, mas Gabriel em todos os seus um metro e oitenta e muito, naquele momento, parecia um garotinho. Ele estava realmente desesperado por não conseguir falar com a gêmea m... Com a Stella, e eu me perguntei como é que *eu* estaria se o João de repente parasse de falar comigo.

Estremeci só com a ideia.

Gabriel descansou os cotovelos nos joelhos e eu alisei seu ombro em solidariedade, sem saber *mesmo* o que dizer. Eu detestava o fato de saber a droga da verdade e não poder compartilhá-la mesmo quando as pessoas de que eu gostava estavam sofrendo. Tentei arranjar uma solução para aquele problema, mas o desfecho daquilo estava muito claro pra mim:

Pelo menos uma pessoa sairia mal daquela história. Ou seria Patrícia, ou seriam Gabriel e Stella.

Ou então os três.

— Essa guria vai me deixar maluco — ele desabafou. Então virou a cabeça e olhou para mim com um olhar suplicante. — Tu *precisa* me ajudar, Cali.

Eu congelei.

— Como exatamente você quer que eu faça isso?

Ele se esticou de volta no banco.

— Não sei. Tentar descobrir o que foi que aconteceu... Ou então dar um jeito de tirar a Patrícia de casa para eu poder ir falar com a Stella. Eu não sei.

Comecei a sentir pena dele, mas sentia muita pena de mim também.

— Não vai funcionar. A casa é cheia, alguém vai ver vocês e a Pat vai descobrir que você esteve lá.

— Então o que eu faço? Deixo isso pra lá? Eu não consigo.

Eu não podia dizer a ele pra deixar pra lá, porque eu sabia por experiência própria o que era estar apaixonado por alguém. Sabia em primeira mão como era se sentir imprudente, impulsivo, desesperado e embriagado por esse sentimento maldito e abençoado ao mesmo tempo.

Se ele sentia pela Stella o que eu sentia pelo João, eu não podia simplesmente pedir que ele esquecesse e seguisse em frente. Não era justo com ele, assim como também não era justo com ela ter que desistir do cara de que gostava. Mesmo que o motivo fosse muito nobre.

Eles precisavam conversar. E, por mais que a minha lealdade pela Patrícia me

fizesse sentir uma pilantra por isso, eu daria um jeito de ajudá-los.

— Eu vou te ajudar — falei. — Mas eu tenho somente uma condição.

O modo como o Gabriel estava uma pilha me dizia que nenhuma condição seria problema.

— Você quer um absorvente emprestado? — mesmo assim ele ainda tinha forças para ficar tirando onda com a minha cara. Embora fosse uma piada, ele ainda parecia uma pedra de tensão.

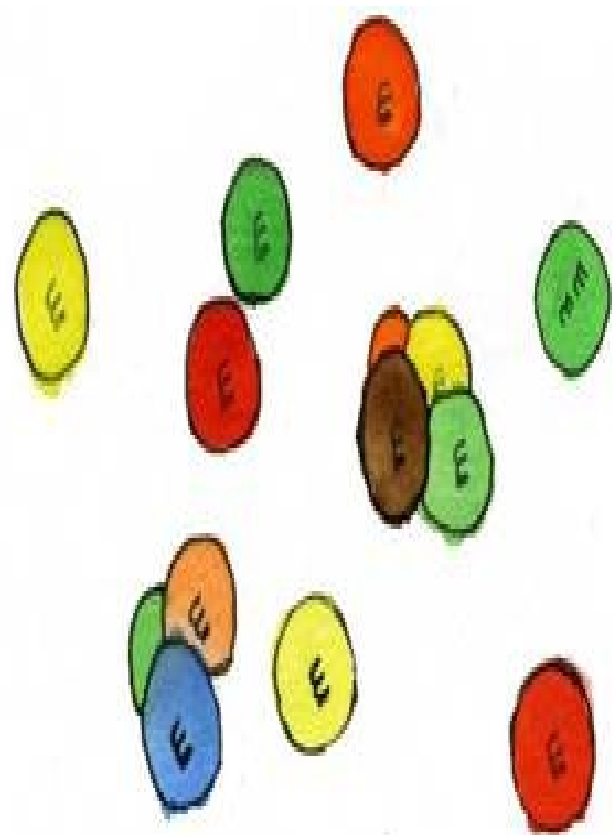
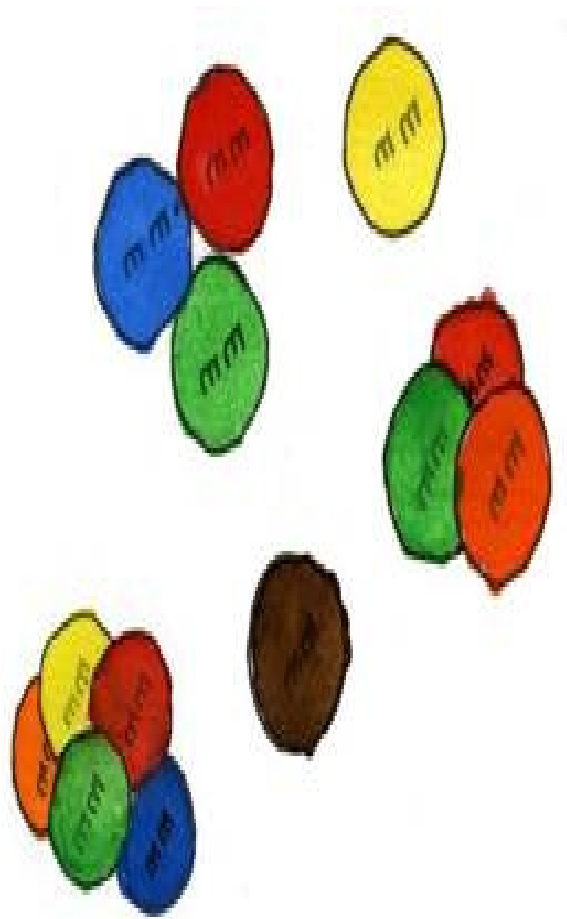
— Quero saber o motivo de os seus amigos não gostarem dela. Quero saber cada detalhe dessa história pra eu poder entender direito.

Ele pensou por alguns segundos, pego de surpresa com o meu pedido. Então Gabriel balançou a cabeça e soltou um suspiro.

— Feito. Não é nada tão grave assim, afinal de contas.

— Eu sou toda ouvidos — disse, cruzando os braços e descansando as costas no encosto do banco.

E então Gabriel abriu a boca e começou a me contar o último segredo que eu ainda não sabia.



24. Cama de Gato

A primeira coisa que fiz quando cheguei à escola no dia seguinte foi interceptar a Lica. Ela estudava na outra turma do segundo ano então eu tive que entrar na sua sala e parar em frente à carteira dela.

— Preciso falar com você.

Ela e duas amigas me olhavam com expressões desconfiadas, mas eu não estava nem aí.

— Tem que ser logo, antes que o professor chegue.

Ela ainda hesitou por alguns segundos, mas acabou cedendo sem que eu precisasse arrastá-la pelos cabelos até o corredor. Lica — me perguntava qual era o nome dela, pra ter esse apelido — cruzou os braços e me encarava como se seu tempo fosse muito curto para falar comigo. Toda a simpatia amistosa de antes não existia mais, como eu sempre soube que aconteceria assim que Apolo desse um pé na bunda dela.

Eu falei, estou familiarizada com esse tipo de gente.

Mas isso não vinha ao caso agora.

— O que tu quéis?

— Preciso que você leve a Stella até o cinema hoje. 16 horas. Não posso pedir a ela porque ela não faria o que peço de qualquer maneira.

Lica riu com escárnio, como se eu fosse ridiculamente hilária. Tive que respirar fundo para não perder a compostura e arrastar a cara dela na parede.

Stella bem que podia ter amigas melhores.

— E por que *eu* faria o que tu está pedindo?

Sorri vitoriosa porque lá vinha o meu trunfo:

— Porque eu sei que você quer sair com o Apolo mais uma vez.

Ela já estava abrindo a boca pra protestar, mas se calou com o que eu disse.

Agora sim eu tinha a sua atenção.

Dentro daquela cabeça de cachos negros, ela analisava a oferta, como eu sabia que faria. Pela primeira vez, a irresistibilidade do Apolo serviria ao meu favor, e nem era, de fato, um favor *pra mim*.

Mas eu ainda chegaria lá um dia.

— Ele disse que queria sair comigo de novo? — ela estava curiosa.

— Bom, ele sairia de novo se eu dissesse que ele não deveria desperdiçar uma garota *tão legal* quanto você — as palavras que saíam da minha boca me deixaram enjoada e eu fiz uma nota mental de cobrar do Gabriel todo o transtorno psicológico ao qual eu estava sendo obrigada a passar por causa dele.

Com juro.

E muitos chocolates.

Lica bem que tentou fingir que não estava interessada, mas estava escrito na sua testa o quanto ela queria se agarrar com meu irmão de novo. O que quer que ele fizesse com aquela língua, meus queridos, devia ser mágico. Porque não tinha outra explicação para o desespero em que ele deixava nas meninas.

E pensar nisso era muito *nojento*.

— Certo — ela concordou e tentou esconder a ansiedade pelo futuro encontro. — Mas se tu *estiver* brincando comigo, essa vai ser a última coisa que faz na vida, guria.

Bati continência para ela, pensando que as suas unhas longas bem que podiam fazer um estrago em mim... Se eu não tivesse os meus reflexos ninja. Não ri da ameaça para não atizar a sua ira, mas o medo que eu sentia de Lica só não era menor do que seria a minha nota na prova de física.

Eu pedi que ela não se atrasasse e me virei para ir embora, ao mesmo tempo em que ela voltou para dentro da sala, já com o fogo no rabo por causa do Apolo. Eu ainda estava um pouco surpresa com a história que o Gabriel me contara no dia anterior, o grande motivo pelo qual seus amigos não gostavam da Stella.

Que nem era *tão* grande assim.

— Foi por causa de homem — ele me contou um pouco desconfortável. — A

Sabrina estava ficando com um piá que entrou na escola no ano passado, estava toda apaixonada por ele. Eu nunca o achei confiável, se tu queres saber.

— Não me diga que a Stella roubou o namorado dela? — dei um palpite, porque se fosse isso então Stella tinha um histórico amplo em ficar com caras por quem outras garotas estavam apaixonadas.

— É isso o que eles *acham* que ela fez — Gabriel foi rápido em me corrigir. Eu esperei pacientemente que ele me contasse então a versão verdadeira. — O piá era um *escroto* — ele cuspiu as palavras, visivelmente com raiva. — Dizia que gostava da Sabrina, mas com certeza pegava outras por aí. Acontece que na festa dos formandos... Bem, o babaca disse pra Sabrina que não ia, mas ele foi sim e foi lá que ele e a Stella ficaram na frente de todo mundo. Daí *todo mundo* só falava disso no dia seguinte, porque a Stella nunca tinha ficado com ninguém da escola... Na verdade ela nunca tinha ficado com ninguém na *vida* e ele...

Gabriel teve que respirar fundo para controlar a raiva que as lembranças o faziam sentir. Balançou a cabeça, que estava vermelha.

— Bem, eles não ficaram mais juntos, mas o guri deu em cima dela até se formar e ir embora de Assunção. Pelo jeito ninguém nem sabia ou não levava a sério o “relacionamento” dele com a Sabrina, mas ele a fazia acreditar que sim. Ela ficou devastada pelo resto do ano. E como ela sabia que a Stella sabia que eles “estavam juntos”, todos os meus amigos passaram a desprezá-la tanto quanto ao piá desde então.

— Bem, foi mesmo muita sacanagem ela ter pego o cara se achava que ele era comprometido — dei minha opinião sincera, bastante irritada com a atitude dela e mais ainda com o fato do Gabriel defendê-la.

— Mas ela não sabia. Ele disse que não estava rolando mais nada entre ele e a Sabrina pra poder ficar com a Stella. Só se esqueceu de dar a notícia pra Sabrina também.

— E a Patrícia não conversou com a irmã sobre isso? — eu ainda estava um pouco cética. — Nem a Stella disse nada pra ninguém?

— Ela contou pra Pat, mas a galera não acreditou. Porque, bem... Você sabe como ela é com quem ela não tem uma ligação.

Eu realmente sabia como a Stella poderia ser *encantadora*. Ela se mantinha

distante daquilo que não a interessava com uma plaquinha escrito “não sou obrigada” amarrada no pescoço. Aquilo poderia ser mal interpretado de diversas maneiras diferentes, até mesmo como síndrome da vaca narcisista aguda.

Eu acreditava que Stella fosse sim uma pessoa autocentrada, mas não a ponto de não estar cem por cento nem aí para os sentimentos alheios.

— Veja bem, ela não quis mais nada com ele no momento em que soube o que ele tinha feito. E eu sei que ela também ficou abalada com isso, embora não admita pra ninguém. Foi o primeiro piá que ela beijou.

Gabriel parecia determinado em me fazer acreditar que Stella era inocente nessa história, mas eu já estava convencida. Pelo pouco que eu o conhecia, sabia que ele não se interessaria a fundo por uma garota que fizesse mal a alguém que conhecia assim de graça.

O que me levava a outra questão muito importante.

— Como foi que vocês começaram a ficar, afinal? Vocês mal se cruzam pela escola.

Um sorriso meio apaixonado, meio dolorido surgiu no rosto dele, deixando as covinhas à mostra.

— Começamos a nos falar on-line. Ela e a Pat organizaram um bazar com coisas usadas da família pra arrecadar dinheiro pra festa junina da creche comunitária do pai delas. Eu fiquei interessado em um LP dos *Beatles* do Eduardo quando a Stella postou as fotos do que seria vendido, e a chamei na conversa privada. E foi química instantânea, as nossas conversas nunca tinham fim. Nos falávamos todos os dias pelo celular ou pelo computador — ele disse, visivelmente sentindo falta de falar com a Stella. Eu me perguntava como seriam as conversas deles. — A primeira vez que eu a beijei foi na tal festa junina, no último fim de semana de junho.

Eu só conseguia pensar que a primeira vez que João me beijou também foi numa festa. E depois todos nós vivemos esses casos de amor adolescente em segredo.

E o que aprendemos com isso tudo é: não beijem em festas.

Eu garanti a Gabriel que arranjaría um jeito de fazê-lo ter seu momento

privado com a Stella e sabia que Lica cumpriria sua parte do trato. Mesmo assim, quando o relógio começou a chegar perto das 16 horas, eu não pude evitar me sentir ansiosa.

— Como é mesmo esse piá que tu queres arranjar pra mim? — Jeff perguntou enquanto jogava o joguinho da Kim Kardashian no celular. Ele esteve viciado naquilo a semana inteira.

— Eu não o conheço, na verdade. Ele é primo de uma amiga.

Então Jeff levantou o olhar para me encarar com uma expressão séria. Suas unhas pintadas de azul *bic* combinavam com a cor do seu moicano.

— Não aceito nada menos do que maravilhoso. Não arrumo meu cabelo todos os dias pra ficar me juntando com *barango*.

— Fica tranquilo que eu não te colocaria em furada. Vou analisar o material antes de te recomendar de fato.

— Acho muito bom.

O cinema estava super cheio naquela sexta-feira e Hélio já havia recebido cinco cantadas diferentes desde as 14h, quando se iniciava o nosso turno. Acho que as meninas começavam a fazer isso de propósito, como um jogo interno que se espalhava pela cidade: “Eu te desafio a passar uma cantada no cara gato do cinema”.

Bem, estava pegando.

Olhei no meu celular de novo para confirmar a hora e já eram 16h02. Um minuto inteiro se passou antes de a maldita da Lica chegar acompanhada da Stella. Eu suspirei aliviada e, quando nossos olhares se encontraram, acenei para que ela a trouxesse até a *bomboniére*.

— Vou tirar cinco minutos agora, Mari — falei já saindo de trás do balcão. — Juro que não demoro.

— Tudo bem.

Fui ao encontro das duas, encontrando uma Lica mal-humorada e uma Stella confusa.

— O que aconteceu? — ela perguntou, desconfiada. Olhou de Lica para mim,

farejando algo estranho. — O Guto...

Eu balancei a cabeça.

— Preciso que você venha comigo — falei da maneira mais decidida que consegui. — É muito urgente e eu não posso explicar. Você precisa ver.

Ela estreitou os lábios em uma linha fina, do mesmo jeito que o Augusto fazia quando estava pensando, e parecia muito alerta. Olhou ao redor para ver se achava algo fora do normal, mas estava tudo do mesmo jeito como sempre foi.

Stella também andava cabisbaixa desde o final de semana. Obviamente ela não descia do seu pedestal e nós duas não conversávamos, mas havia algo de diferente nela. Aquele tipo de sentimento angustiante que não dá pra disfarçar completamente.

Ela suspirou, se rendendo à curiosidade, e disse:

— É bom tu não ter desperdiçado meu tempo vindo até aqui.

— Garanto que não.

Deixamos Lica para trás e eu a levei até a área restrita aos funcionários. Não sei se Stella já havia juntando os pontinhos, mas, se tivesse, não estava demonstrando. Eu abri a porta da salinha onde deixava minhas coisas e ela paralisou quando notou Gabriel lá dentro, encostado à mesa redonda onde Mari sempre almoçava.

Ele ficou ereto sob seus pés, mas também não disse nada. O olhar dos dois estava grudado um no outro, o dele desesperado e o dela aterrorizado. Ambos sem conseguirem esconder a excitação por estarem perto um do outro mais uma vez.

Eu diria que, pela primeira vez, foi palpável para mim o sentimento entre eles dois.

— Bem, vocês podem conversar aqui. Mas tentem não demorar muito porque prefiro que ninguém os veja — eu pedi já me preparando para me retirar. — Tudo bem?

Stella sequer se mexeu, mas Gabriel assentiu e caminhou até nós duas, ainda paradas na porta.

— Tudo certo — ele disse. Então estendeu a mão para Stella, que parecia não saber o que fazer. Gabriel a fitava com o jeito intenso de quem está determinado a não sair dali de dentro sem resolver as coisas. Com um jeito também dolorido de quem a desejava mais do que tudo nesse mundo. — Por favor?

Era a segunda vez que eu assistia a Stella se desarmar e ainda era uma cena chocante. Mas quando ela pegou na mão do Gabriel, aceitando conversar com ele, ela não era nada mais do que uma menina rendida pelos seus próprios sentimentos.

Ele suspirou aliviado e os dois entraram na salinha, sem desgrudarem o olhar um do outro por nem um só minuto.

Depois que a porta se fechou, eu não sei o que aconteceu. Só podia esperar que eu não estivesse ajudando a eclodir uma catástrofe. De modo que voltei para meu posto atrás do balcão da *bomboniére* me sentindo aliviada pela missão ter sido cumprida, mas também um pouco apreensiva.

O pouco, entretanto, foi substituído por *muito* quando Patrícia surgiu na minha frente ao lado do João.

— Ei, guria da pipoca — ela disse de um jeito que seria simpático se não estivesse tão séria.

Meu coração se acelerou tanto que eu não soube se era por ver João ou pelo fato de que Gabriel e Stella estavam a poucos metros de distância trancados em uma sala discutindo sua relação.

E poderiam sair a qualquer momento.

Os dois irmãos perceberam a tensão nos meus olhos arregalados e franziram a testa ao mesmo tempo. Eu engoli em seco, tentando abrir um sorriso para disfarçar, mas falhando epicamente.

— Tudo bem contigo? — João soou preocupado.

Eu fiz que sim com a cabeça.

Esse negócio de estar constantemente escondendo algo de alguém iria acabar me fazendo ter um ataque do coração, eu tinha certeza disso.

— Sim. Desculpa, é que eu estava pensando nas coisas que tenho que arrumar

pra viajar.

Eu e Hélio já tínhamos começado a ver datas e horário de voos para nossa viagem de volta ao Rio. Ele queria ir o mais cedo possível, antes do fim de setembro, e eu estava deixando-o decidir tudo, já que não tinha nenhuma objeção.

A expressão no rosto de João se fechou e eu me xinguei mentalmente por ter mencionado a viagem. Foi a primeira saída que achei para explicar meu nervosismo, eu não estava pensando direito. Nós falamos sobre isso na noite passada e ele ficou surpreendentemente calado, sem quase nenhum comentário a fazer.

Patrícia assentiu, ajeitando seus óculos nos olhos castanho-claros. Ela estava agindo muito esquisita, pra ser sincera. Parecia estar com a cabeça longe dali, sem seus sorrisos fáceis e a simpatia na voz.

O que me deixaria curiosa se eu já não estivesse muito tensa.

— Eu ia estar era pulando de ansiedade se fosse tu — ela admitiu, tentando soar animada. — Já está tudo pronto?

— Já sim — falei, querendo mudar de assunto logo. — Vocês vão assistir a algum filme?

— Vamos sim. Guto, tu quer ir comprando os ingressos?

— Por que não vai você? Te deixo escolher o filme que quiser.

Patrícia assentiu e foi embora até a bilheteria sem dizer mais nenhuma palavra. João apoiou os braços no balcão em frente a mim e eu fiquei aliviada pela Pat estar de costas para nós. Mesmo assim, mantive o olho atento ao corredor que dava para a sala dos funcionários.

— Quando tu vais viajar? — ele perguntou. Havia certa resistência em suas palavras, como se ele estivesse tentando não tocar no assunto, não falar sobre isso, mas sem conseguir evitar perguntar.

Acho que João Augusto não estava muito contente com a minha viagem.

— Ainda não sei, é o Hélio que vai escolher a data.

Ele assentiu, formando a linha com os lábios que vi Stella fazer também há

poucos minutos. Tive vontade de sorrir e puxá-lo para um beijo, mas obviamente não poderia fazer aquilo em público.

Era muito difícil não poder beijar a qualquer momento que eu quisesse o cara por quem eu estava... Meu coração deu um salto mortal quando pensei na palavra com A. Eu não conseguia dizê-la, não conseguia sequer pensar nela sem sentir essa comoção dentro de mim.

Mas podia senti-la e eu a *sentia* todos os dias.

João brincava com a fivela do seu relógio de pulso, olhando para baixo. Ele coçou a garganta.

— E tu pretendes ver o seu “namorado” quando estiver no Rio? — o jeito como ele disse namorado e como fez aspas com os dedos me deixou desconcertada. O sorriso surgiu em meus lábios antes que eu pudesse evitar.

— Você está com ciúmes, Augusto? — perguntei o mais baixinho possível, tentando conter o êxtase.

Ele levantou o olhar até o meu rosto e abriu a boca para dizer algo, mas ficou mudou. Fechou-a em seguida, sem conseguir arranjar uma saída, uma resposta adequada que não fosse mentira, mas também não a total verdade. Seus olhos verdes brilhavam de um jeito ansioso e ele deixou escapar um suspiro quando se rendeu.

— É *claro* que estou com ciúmes — ele admitiu sem um pinga de vergonha do que sentia. — Não quero pensar em ti longe de mim e ainda por cima com *ele*.

Estiquei minha mão para apertar a sua por cima do balcão, bem rapidinho. Eu quase não falava mais a sós com o Maurício, e realmente não sabia se o veria quando estivesse no Rio. Mas ele fazia parte do meu grupo de amigos, então as chances eram grandes.

Eu queria e não queria dizer isso para o João. Não queria que ele achasse que aconteceria algo entre eu e Maurício ou que sofresse com isso. Mas, ao mesmo tempo, era a primeira vez que ele demonstrava ciúmes pela minha pessoa e eu não conseguia evitar ficar encantada e feliz e cheia de borboletas no estômago por isso.

— Fica tranquilo — optei por dizer isso, por fim. — Toda a minha atenção será da Helô.

— Cali, uma ajudinha aqui? — pediu Mari atrás de mim.

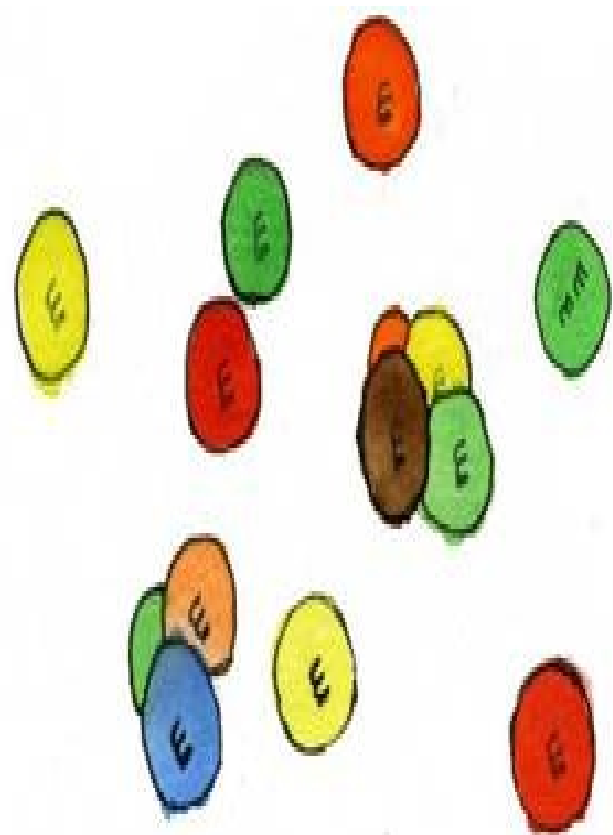
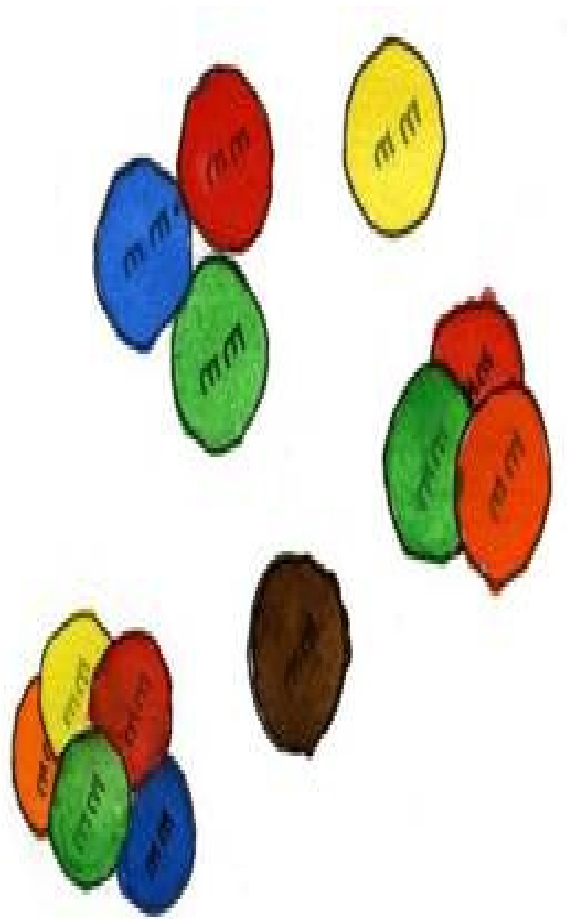
Duas amigas esperavam para serem atendidas e Jeff já estava dando o troco de mais um casal. Eu lancei um olhar de desculpas a João, mas ele entendeu perfeitamente.

— A gente se vê em casa? — perguntei com o coração doendo por ter que parar de conversar com ele, ainda mais depois desse arco-íris inteiro que eu estava vomitando por causa dos seus ciúmes.

João Augusto com *ciúmes*. De *mim*.

— Claro. Eu te espero lá.

Então ele deu uma piscadela pra mim, tentando disfarçar seu incômodo com toda a situação da viagem, e se virou para ir encontrar a irmã na bilheteria. Eu atendi o próximo cliente com um sorriso no rosto que não sairia facilmente.



25. O Presente

Otávio achou que seria uma boa ideia levar toda a família para comer pizza no meio da semana. De modo que, quando Hélio e eu saímos do cinema para voltar pra casa, fomos surpreendidos pela buzina do carro dele encostando-se à calçada.

Comer pizza é uma das melhores ideias já inventadas.

Comer pizza com sete adolescentes e três crianças: nem tanto assim.

Me fechei na minha ostra, como sempre fazia quando toda a família estava reunida, enquanto degustava os meus pedaços de pizza de frango com catupiry. João estava ao meu lado, então nós dois brincávamos com os dedos um do outro debaixo da mesa e chutávamos nossos pés. O que era ao mesmo tempo empolgante e amedrontador porque, bem, toda a família estava ao nosso redor.

Patrícia andava estranha ultimamente, calada e pensativa demais, mas sempre que eu perguntava se estava tudo bem ela me dizia que era apenas o estresse das provas e do ENEM chegando. Ela faria este ano como um teste para o vale-tudo no ano que vem.

Já Stella parecia no pior dos humores. Sua conversa com Gabriel não havia terminado bem no outro dia. Confesso que fiquei um pouco danada da vida com isso porque arrisquei meu próprio pescoço para ajudá-los a se entender e nem assim adiantou. Tentei perguntar a Stella como tinha sido, mas ela não se abriu comigo de novo como fizera naquela vez no meu quarto.

Ela apenas disse que:

— Se tu *arranjar* um jeito de fazer a minha irmã perder o interesse por ele, então aí teremos uma solução. Enquanto isso, eu estou de mãos atadas. E não quero mais falar sobre o assunto.

E quando eu perguntei se ela tinha conversado com Patrícia para tentar fazê-la confessar, Stella me lançou um olhar gelado que quase me fez querer retirar minhas palavras.

— Essa é uma pergunta séria? — ela respondeu. E eu fiquei chocada porque:

— Isso é totalmente uma frase que eu diria.

O que fez Stella revirar os olhos e bufar muito alto.

— Calíope, não tem como eu chegar e perguntar à Patrícia sobre os sentimentos dela sem parecer suspeita. Eu estou envolvida demais na situação, não ia conseguir disfarçar.

Eu entendia o lado dela, até porque nem eu mesma consegui começar essa conversa com a Pat.

— Então quer dizer que você e o Gabriel estão terminados até a Pat desencanar do amor platônico? — quis confirmar só pra ter certeza.

Stella suspirou e bebeu o resto da sua coca zero em uma golada só. Ela estava tentando achar um jeito de lidar com isso e parecia não saber por onde começar. Para ser sincera, eu achava muito corajosa a atitude dela de se abster do cara por causa da irmã. Ainda que um pouco extremista.

Eu entendia perfeitamente porque eu sinceramente não sabia o que faria no lugar dela, mas a minha intuição me dizia que havia mais nessa história além da lealdade fraternal.

Stella estava com medo dos seus sentimentos e, obviamente, era muito mais fácil fugir deles. Principalmente quando eles eram complicados assim.

— Bem, sim. E, como nós duas sabemos que isso não vai acontecer da noite pro dia, é o fim de verdade.

Eu sabia que eu não deveria, mas não consegui evitar o desafio. Eu não tinha nada a ver com isso, mas Patrícia era minha amiga e eu queria vê-la bem. Com o Gabriel isso não iria acontecer, então que fosse com outro. Nada melhor do que um amor concreto para curar um amor platônico, e falo isso por experiência própria.

Portanto, eu acharia um para ela.

Fui puxada de volta ao tempo presente quando Leo entornou todo o seu refrigerante na mesa, deixando cair também na roupa da Hipólita — que fez um escândalo astronômico. Maia e Selene não conseguiram segurar a risada, o que as fez receber um olhar de repreensão da Hipólita e uma bronca da minha mãe. Enquanto Otávio tentava secar a mesa e tirava a pizza boiando do prato também atingido, Leo se desfazia em desculpas à minha irmã. Ela se levantou,

resmungando por todo o seu caminho até o banheiro e Hélió, que estava ao lado dela, ajudou Otávio a arrumar o estrago com os guardanapos.

Todos na pizzeria encaravam a nossa mesa, que já era a mais barulhenta antes, mas se tornou uma atração circense de braços se movendo, vozes sobressaindo umas as outras e talheres batendo em pratos de louça. João pegou Leo pela mão e o levou até o banheiro para se secar e Patrícia sugeriu ir até o parquinho com as minhas irmãzinhas.

Mais um dia normal para a família Medina-Becker.

Voltamos para casa divididos entre os dois carros e Selene dormia no colo da minha mãe. Hipólita não abriu mais a boca e bateu a porta do seu quarto como um aviso para que ninguém a incomodasse. Leo já havia superado a vergonha e agora discutia sobre a *Liga da Justiça* com Apolo, que parecia mais criança do que o menino.

Apolo, aliás, não gostou muito de ser usado por mim como moeda de câmbio e ter que sair com a Lica mais uma vez.

— Você me fez parecer um prostituto — ele reclamou, mas não totalmente ofendido. Eu sabia que a vaidade de Apolo o deixava pelo menos um pouquinho orgulhoso por ser tão desejado assim. — Quer dizer, a garota é muito grudenta. Ela deve achar que nós vamos nos casar ou algo assim. Mas eu não sou de ninguém — ele completou com um sorriso sacana, já superando a questão da “prostituição”. — Eu sou do mundo, irmãzinha.

Bem. Disso eu não poderia discordar.

Ele iria sobreviver.

Mas voltando à família, Stella, como sempre, estava envolvida demais consigo mesma para participar e Patrícia subiu até o seu quarto com uma aparência cansada. Hélió era o único que parecia feliz, já que viajaríamos no dia seguinte e nada abalaria sua ansiedade. Enquanto isso, João tentava disfarçar o descontentamento pelo mesmo motivo.

Otávio fazia carinho no ombro de Maia, ouvindo atentamente o que ela dizia sobre a experiência de ciências que a turma dela fizera hoje. Ele e mamãe acompanharam as meninas, exaustos e felizes, até o seu quarto para botá-las pra dormir.

Eu observava a tudo como se fosse uma telespectadora e não uma personagem daquela história. O que era estranho, mas definia exatamente o que eu sentia quando estávamos todos juntos. Eu estava mais próxima do comportamento da Stella do que imaginava.

Não era que eu não gostasse do Marido Número 3 ou dos filhos dele. Era que a família se tornou tão cheia de gente que eu não conseguia encontrar um espaço para mim em meio a tanto barulho. Minha família mais parecia uma bomba relógio prestes a explodir. Me manter na minha quando estavam todos juntos era meu jeito de me proteger da confusão.

O que acontecia sempre.

De modo que suspirei aliviada quando encontrei o silêncio e o escuro do meu quarto naquela noite. Me joguei na cama tentando desligar a minha mente, mas sem conseguir. Repassei tudo o que precisava fazer antes de viajar e agradei por não ter deixado para arrumar a mala agora. Eu e Hélio embarcaríamos naquela sexta-feira, 18 de setembro, logo depois da escola.

Três batidas ansiosas na minha porta me fizeram levantar e eu sorri sem perceber quando avistei João no portal. Ele entrou e eu tranquei o quarto, mas João não me beijou imediatamente como costumava fazer.

Seus olhos se escondiam na escuridão do cômodo, mas a essa altura eu já conseguia lê-lo só pela sua linguagem corporal.

João estava tenso.

— Augusto — eu disse seu segundo nome, o meu preferido, e como gostava de chamá-lo quando estávamos a sós.

Quando ele era meu.

Ele passou a mão pelos cabelos castanhos rebeldes e se aproximou de mim, segurando meu rosto em concha. Avancei para beijá-lo e nossos lábios se encontraram com urgência. Ele me abraçou e eu me estiquei na ponta dos pés, presa à boca dele por uma força magnética. Sua língua me invadiu e demos alguns passos pra trás, caindo na minha cama arrumada. Eu me arrastei para trás e ele foi junto, por cima de mim, segurando minha cintura com força.

Passei a perna por cima da dele, sentindo calafrios enquanto ele fazia uma

trilha de beijos pelo meu pescoço. João era sempre intenso quando estava comigo, mas todos os seus gestos naquela noite sussurravam posse e emergência.

Necessidade.

Como se ele quisesse ter certeza de que eu não o esqueceria jamais.

Ele encontrou os meus lábios novamente enquanto suas mãos subiam pela lateral do meu corpo, debaixo da minha camiseta. Eu estava me desfazendo, sentindo o formato do corpo dele se fechando ao redor do meu.

João Augusto encostou sua testa na minha e nós dois procurávamos por ar, ofegantes demais para dizer alguma coisa. Inebriados demais pelo sentimento e pelo desejo que compartilhávamos naquele momento.

Ele segurou meu rosto com uma mão e com a outra se apoiava pelo cotovelo.

— Eu *odeio* que tu vás embora — ele confessou o que eu já sabia. Afastou um pouco a cabeça, de modo que seus olhos verdes encontraram os meus.

E eu não sabia se teria forças para deixá-lo sair dali naquela noite.

— É só um final de semana, Augusto — eu falei. Repetia isso a mim mesma sempre.

Mas a verdade é que essa seria a primeira vez que nos afastaríamos desde que começamos a nossa história um mês atrás e era uma coisa estranha e dolorida para nós dois.

— Sem ti, ruivinha, vai parecer um ano inteiro.

Ele beijou meus lábios outra vez e se jogou ao meu lado na cama. Eu adorava quando ele me chamava de ruivinha, adorava o modo como ele trocava a letra da música dos Los Hermanos para “Ah, *ruivinha*, tá tudo bem...” ao invés de *morena* e cantava para mim.

Deslizei minha mão até alcançar a sua e apertei seus dedos contra os meus.

— A primeira vez é sempre a pior — eu falei. Queria que aquilo fosse verdade. Não queria pensar em todas as outras vezes em que teríamos que nos separar.

Por muito mais tempo do que um final de semana, até.

João se virou pra mim, mas eu continuava encarando o teto.

— Tu queres falar sobre isso agora? — ele perguntou cuidadoso.

Eu balancei a cabeça, pensativa.

Augusto beijou o meu ombro muito gentilmente e eu fechei meus olhos, me concentrando nisso aqui. No que era concreto, no que era real. No que me tirava o fôlego.

No presente.

Ele descansou a bochecha no meu ombro e eu repousei minha cabeça sobre a dele.

— Queria que tu pudesses ignorar a existência daquele outro cara.

Deixei escapar uma risada entretida.

— Você não parecia o tipo ciumento, viu.

Ele encolheu os ombros.

— Nunca me senti assim por ninguém, não sei como lidar.

— Eu também nunca me senti assim por ninguém — falei de um jeito meigo, apertando nossas mãos. — Não fique com ciúmes.

João levantou o tronco e encarou o meu rosto com uma sobrancelha erguida.

— Nem por ele?

Soltei uma risadinha, puxando o rosto dele de encontro ao meu, saboreando o gosto dos seus lábios devorando os meus.

— Nem mesmo por ele, Augusto.

Na verdade, pensar sobre o que eu sentia pelo Maurício e comparar com o que eu sentia pelo João chegava a ser hilário. E isso, acima de tudo, era amedrontador. Essa dimensão gigantesca dos meus sentimentos por esse menino.

Meu Menino Jão.

Tudo estava acontecendo tão rápido dentro de mim que eu mesma não conseguia acompanhar com o pensamento racional. Nós vivíamos dia e noite

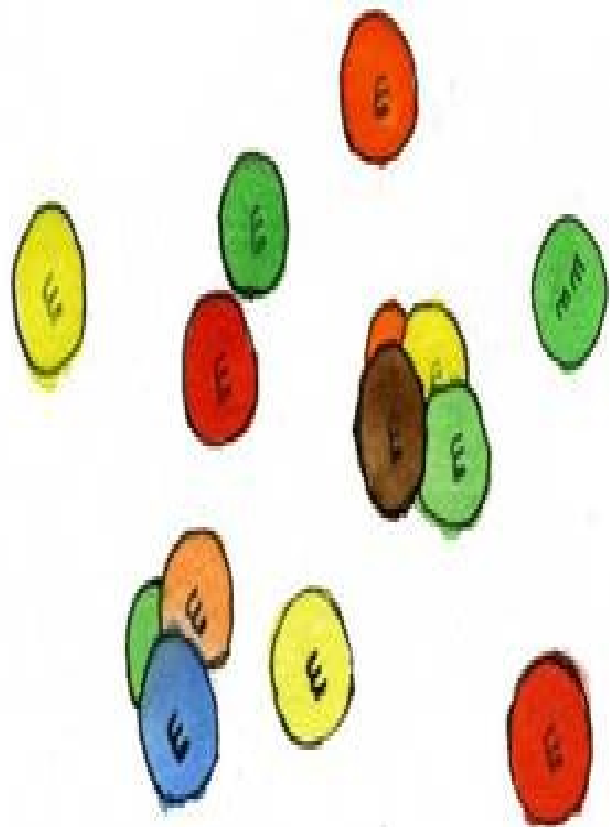
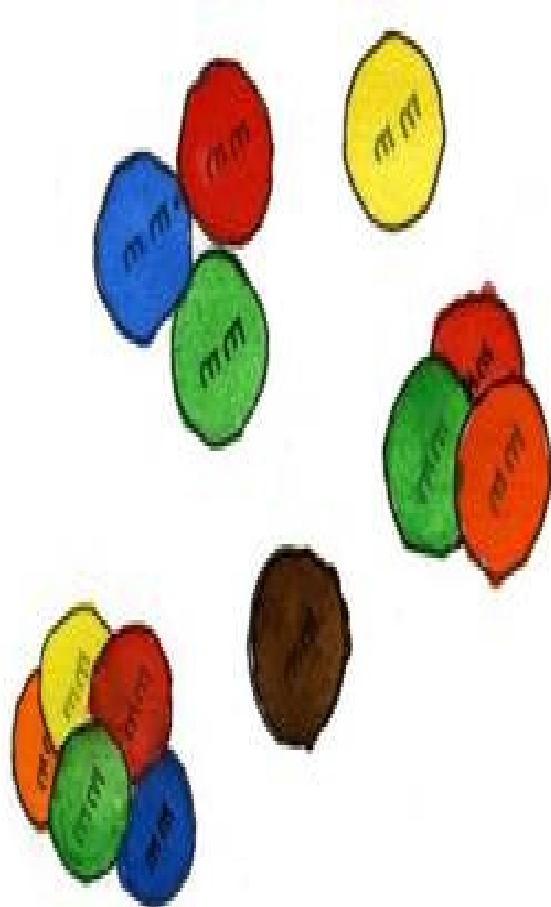
juntos. De dia fazendo nosso teatrinho de irmãos postiços que viraram amigos; À noite nos entregávamos um ao outro, aqui no escuro do meu quarto ou sob a luz das estrelas no meu telhado.

Ele abriu o seu sorriso de canto de boca, aquele que me fazia derreter, e nós nos abraçamos.

— Ah, ruivinha... — ele disse no pé do meu ouvido, no ritmo da música dos Los Hermanos. Mas eu não o deixei terminar porque o puxei para mais um beijo apaixonado, mais um beijo daqueles em que você simplesmente fecha os olhos e se deixa levar de peito aberto.

No dia seguinte eu embarcaria para o Rio de Janeiro, minha terra natal que eu tanto amava. Veria de novo o meu avô, reencontraria a minha melhor amiga neurótica e encararia meu antigo *crush* pela primeira vez depois que me apaixonei de verdade por alguém.

Seriam dois dias totalmente fora da minha rotina e sem o João colorindo o meu dia a dia. Eu estaria de volta na minha antiga vida, mas dessa vez tudo estaria diferente.



26. O Rio de Janeiro Continua Sendo

O Rio de Janeiro continua lindo!

Eu já sabia disso, mas a beleza da minha terra natal ficou ainda maior quando desembarquei por lá depois de quase dois meses fora. A saudade me invadiu antes mesmo de o avião pousar, eu e Hélio sorrimos um para o outro em expectativa e olhamos pela janelinha para contemplar a paisagem natural que só o Rio tinha.

Eu sentia saudade do sotaque, saudade do jeitinho boa-praça do carioca, saudade até mesmo do clima — que nunca foi dos meus preferidos.

Hélio tinha muito mais motivos do que eu para sentir falta do Rio, porque o coração dele estava aqui. E ele não estava nem se importando em esconder o nervosismo e a ansiedade enquanto esperávamos nossas malas.

Era estranho porque, ao mesmo tempo em que eu ainda achava nojento o fato de ele estar tão apaixonado, agora eu não conseguia evitar pensar no meu relacionamento com João. Eu me colocava no lugar do meu irmão e conseguia entender a sua angústia de um jeito que nunca fui capaz antes.

E me fazia lembrar que em breve eu passaria por algo parecido.

Mas aqui estávamos nós, meu irmão mais velho e eu, de volta ao lugar de onde nunca gostaríamos de ter saído. O lugar onde toda a nossa vida foi construída, onde todos os nossos amigos, toda a nossa pequena família estava.

Era bizarro me dar conta do quanto eu havia mudado em tão pouco tempo.

Quer dizer, quando eu estava me mudando para Assunção, *tudo* o que eu queria era poder ficar no Rio. Não só por todos os motivos que já mencionei, mas também porque eu estava eufórica com o rumo que a minha história com Maurício teria. Ele finalmente estava me notando como mais do que uma de suas amigas e eu tinha certeza de que minha paixão platônica de dois anos teria um final feliz.

E se eu tivesse ficado? E se minha mãe nunca tivesse se apaixonado por Otávio? O que será que teria acontecido?

Eu não gostava nem de cogitar a possibilidade, porque, dessa maneira, João e

eu jamais teríamos nos conhecido. E eu não conseguia imaginar a minha vida sem o João nela, sem o que ele me fazia sentir, transformando a minha paixão platônica por Maurício em uma coisa tão pequena.

João havia me dado um diamante raro e foi tão inesperado quanto todas as coisas maravilhosas da vida são. Por mais que eu soubesse que me envolver com ele fosse algo complicado por causa da situação das nossas famílias. Nós deveríamos nos tornar irmãos, não nos apaixonar um pelo outro. Não tínhamos nenhum laço de sangue, mas estávamos no meio de um laço familiar, de convenções sociais que interligavam a vida de todas as pessoas mais queridas ao nosso redor.

Às vezes eu cogitava a possibilidade de confessar à minha mãe tudo o que eu estava sentindo. Eu queria dizer “Mãe, eu não consigo controlar. Eu o conheci antes de saber que ele era filho do seu marido e eu não consigo vê-lo como irmão porque estou loucamente atraída por ele.”.

E então, quando eu me convencia de que era uma boa ideia, de que essa era a coisa certa a se fazer, minha mente enumerava todas as possíveis respostas que ela me daria:

“E se vocês terminarem, como é que vai ser? Os dois morando na mesma casa e *aí então* tendo que aprender a agir como irmãos depois de um rompimento.”

“Como a nossa família sobreviveria a tudo isso? Já existem obstáculos suficientes para dificultar o funcionamento dessa família sem mais esse desvio.”

“Como você sabe que isso não é passageiro?”

E eu realmente não sabia se era passageiro. A única coisa que eu sabia era o que eu sentia aqui e agora, mas não poderia garantir o tempo. Ainda mais porque estávamos “juntos” apenas há pouco mais de um mês. Eu não poderia garantir nada à minha mãe, não poderia fazer isso nem a mim mesma ou ao João.

Geralmente era nesse pensamento que a minha coragem se esvaía e eu voltava a me dar conta de que João e eu estávamos segurando uma granada que ameaçava explodir a qualquer minuto. Pisávamos em um campo minado, sem ter a mínima ideia se o passo seguinte nos manteria a salvo ou nos levaria a uma morte dolorosa.

Porque eu estava cada vez mais mergulhando no meu relacionamento com

ele, de olhos fechados mesmo, e não sabia como faria se tivesse que encerrá-lo.

Eu estava tão ligada a ele que meu pensamento praticamente se resumia à saudade que eu já estava sentindo. O que era um absurdo, caramba, eu estava no *Rio*. Meus amigos e meu avô esperavam por mim, eu teria um final de semana incrível.

Sou uma mulher forte e independente, repeti a mim mesma. Eu posso sobreviver três dias longe do *mozão*.

— *Ah, meu Deus!* — escutei o grito da minha melhor amiga assim que saí da sala de desembarque. Ela estava a ponto de chorar e correu esbaforida na minha direção, me apertando em um abraço forte. O cheiro amendoado do seu perfume me envolveu e então, nesse exato momento, foi que eu pensei: *estou em casa*.

Abracei Helô de volta e nós duas rimos, pulando no meio do aeroporto como duas idiotas enquanto Hélio era recebido por vovô.

Ela continuava deslumbrante, com a sua pele de indiana e o cabelo castanho e liso emoldurando o rosto em mechas pesadas. Helô tinha o tipo de cabelo que deixava todo mundo com inveja, mesmo ela andando ao lado de uma ruiva pra cima e pra baixo. Sua pele cor de amêndoas também tinha *cheiro* de amêndoas e canela, e ela tinha a melhor combinação cintura + quadris que uma garota poderia querer. Seus olhos eram escuros e enormes, ela era um pouquinho mais alta do que eu e se vestia como uma modelo da coleção *boho chic* de um catálogo de moda feminina.

Basicamente, a minha melhor amiga era perfeita.

— Eu senti tanto a sua falta, sua vaca. Odeio que você esteja a 787 quilômetros de distância — ela resmungou, me abraçando de novo. — Eu sei porque eu pesquisei no Google, antes que você faça um comentário engraçadinho.

— *Awn*, você me conhece tão bem, amiga. Deus abençoe a tecnologia por nos permitir continuar nos falando todos os dias mesmo a 787 quilômetros de distância.

— Ainda assim eu preciso de um abraço de vez em quando. Preciso de alguém pra ir ao cinema comigo e ficar falando o filme inteiro sobre os padrões do diretor fulaninho de tal.

Deixei escapar outra gargalhada.

— Eu sabia que você ia sentia falta até disso.

— Será que eu posso falar com a minha Musa também? — perguntou vovô, se aproximando de nós com toda a sua serenidade adorável.

Ele abriu os braços para mim e eu me joguei no seu abraço como uma garotinha.

— Vovô, que saudade!

— Minha Musa, eu é que estou sofrendo aqui sem vocês. Como está a minha pequena Deusa? E a pequena Lua? — ele se referia a Maia e Selene, respectivamente. Nossos nomes gregos não passavam despercebidos ao vovô, ele adorava fazer referências aos seus significados mitológicos.

— Estão todas bem. Sentindo falta da sua macarronada.

— Ah, eu preparei uma especial para vocês.

À menção da famosa macarronada do meu avô, os olhos de Hélios e Helô brilharam.

— Será que eu posso comer com vocês também? — minha amiga perguntou.

— Mas é claro — vovô respondeu, pegando a alça da minha mala de rodinhas. — Na casa do velhinho sempre cabe mais um.

Nós fomos para o apartamento do vovô colocando todas as conversas em dia. Helô me contou todas as últimas novidades da escola que eu ainda não sabia, sobre o piercing na língua que o Danilo colocou e a aula de pilates que ela e a Nanda haviam começado. Vovô queria saber sobre como estávamos nos adaptando a Assunção e, tanto Hélios quanto eu concordamos que estava sendo melhor do que imaginávamos. Ele reclamou sobre estar se sentindo um velho inútil sozinho na cidade, agora que não tinha seis crianças para ajudar a criar. Começou a frequentar um curso de culinária e aulas de dança para idosos, onde conheceu Leninha.

— Vô, o senhor está namorando? — eu quase me engasguei com a comida.

Ele deu de ombros, com um sorriso maroto nos lábios. Vovô ainda era um bom partido aos setenta e seis anos, com sua postura impecável e seus chapéus

panamá. Eu sabia que ele namoricava por aí, mas ele nunca falou de ninguém específico.

— Caramba, seu Giácomo, o senhor está com tudo, hein? — comentou Helô.
— Vou entrar em aulas de dança para a terceira idade também pra ver se desencilho.

Nós duas ficamos juntas pelo resto da tarde e os dois melhores amigos de Hélio também vieram vê-lo, assim como a Nanda. Ficamos todos na sala conversando e disputando partidas de Imagem e Ação, lembrando os velhos tempos em que Apolo, Hélio e eu trazíamos nossos amigos para casa ao mesmo tempo sem querer e aquilo virava praticamente um campeonato.

Meu irmão tentava disfarçar a sua tensão e expectativa para ver a Julia, mas eu o conhecia bem demais para não perceber. Não sabia o quê ele estava esperando para ir ao encontro dela, mas quando chegou a noite e seus amigos decidiram sair pra algum lugar, Hélio disse que teriam que marcar para o dia seguinte.

Helô decidiu ficar para fazermos uma das nossas noites das garotas e ela estava saindo do banheiro no seu pijama de lacinhos quando a campainha tocou. Eu estava no quarto trocando mensagens com João, com a minha porta aberta, e tudo o que vi foi Helô correndo na minha direção e tirando o celular da minha mão.

— Ei...

— Agora não. A Julia está aí! Ela e o Hélio estão conversando na sala — Helô se agitou como se estivesse vendo uma das suas séries preferidas e eu me sentei ereta.

— Não brinca!

— Vem, vamos espiar. Dá pra ver a sala da porta.

Eu gostaria de dizer que defendi a privacidade do meu irmão e repreendi a Helô, porque aquilo não era correto.

Mas o que aconteceu de verdade foi que, no segundo seguinte, nós duas saímos esbaforidas até a porta e nos esprememos com a cabeça para fora o suficiente para ter uma visão privilegiada dos dois.

Julia estava de costas, com seus cabelos negros presos em um rabo de cavalo. Ela parecia mais magra e mais branca, ou talvez fosse apenas a iluminação.

Meu irmão olhava pra ela como se ela fosse a coisa mais linda desse mundo.

— Você não precisava ter vindo — ele disse por detrás dos seus óculos de grau. Seus ombros ainda estavam encolhidos de tensão. Se eu bem conhecia Hélio, ele estava tentando se controlar ao máximo para não sair falando tudo o que estava sentindo.

— Eu estava por perto quando você me ligou — ela explicou. Sua voz parecia tão frágil quanto a dele e, naquele momento, eu cogitei deixá-los a sós. Mas a minha curiosidade era maior. — Não pude acreditar quando você disse que estava aqui. Precisava te ver agora mesmo pra crer de verdade.

O peito do meu irmão se inflou de orgulho e ele deixou escapar um sorriso tímido.

— Eu vim por você — ele admitiu. Hélio era sempre direto e eu quase vibrei. Gostaria de poder ver a cara da Julia, mas sabia que ela estava piscando seus olhos castanhos e enigmáticos pra ele do jeito que o deixava tão apaixonado.

Eu estava rodeada de homens apaixonados ultimamente.

Hélio, Gabriel, Otávio, vovô... E eu esperava que o João Augusto também.

— Então você não me esqueceu? — oh, Julia, se você pudesse entrar na cabeça dele saberia que não precisava ser tão insegura.

Hélio riu.

— Eu te amo — ele disse e avançou até ela, segurando seu rosto entre as mãos. — Não dá pra esquecer você, eu não queria nem ter terminado.

Ok. Isso foi demais. Açúcar demais para os meus pobres ouvidos. Alguém me dê uma dose de insulina antes que seja muito tarde.

— Eu também te amo — ela admitiu e seus ombros caíram, os ombros de ambos caíram como se o peso de um piano tivesse saído de cima deles. Helô teve que se controlar para não emitir nenhuma reação e estragar o nosso disfarce.

Helô era uma *shipper* incorrigível. Desde o início do relacionamento do meu irmão ela os acha a coisa mais fofa do mundo. O que, ok, pode até ser verdade,

mas sua melhor amiga apaixonada pela paixão do seu irmão mais velho pela namorada não é exatamente uma viagem à Disney.

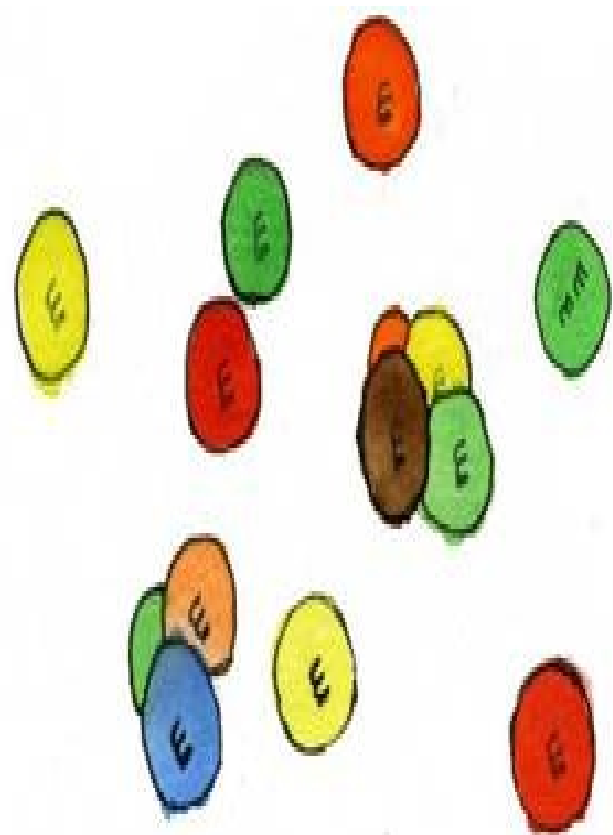
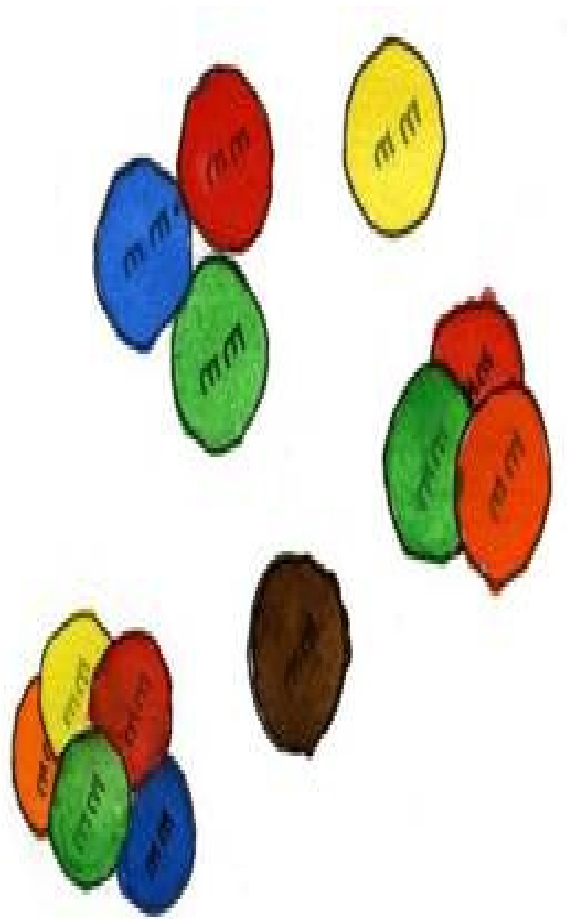
Mas até eu tive que confessar que aquela foi uma das cenas mais meigas que já vi.

E eu estava tremendamente feliz pelo Hélio.

— Nós precisamos conversar — ele disse.

Os dois ficaram se encarando por tanto tempo que eu achei que não fossem se mover mais. Eu e Helô aguardamos em expectativa e ela deixou escapar um “awn” quando Hélio e Julia se abraçaram. E ficaram assim, demoraram-se naquele abraço como se não tivessem pressa de nada. A noite era uma criança e a conversa entre eles seria longa, mas o mais importante já estava resolvido: eles ainda pertenciam um ao outro.

Afastei a Helô do batente e fechei a porta, porque eu já havia visto tudo o que precisava. Ela protestou no início, mas logo nos entretemos com nossas próprias vidas, nossas próprias conversas longas e nossos próprios contos românticos.



27. Lobo Mau

No dia seguinte fomos todos à praia da Barra pela manhã.

Nunca fui *grande* fã de praia, mas esse era um programa que eu vivia fazendo com os meus amigos. Não temos nada pra fazer hoje? Vamos à praia. Então me julguem por estar empolgada por fazer isso de novo.

Julia veio nos encontrar e o casal feliz estava, de fato, *feliz*. A conversa na noite anterior sem sombra de dúvidas terminou bem para os dois e agora eles desfrutavam do seu amor jovem como se estivessem em uma espécie de lua de mel.

— Amor, você chamou o Pablo pra levar a gente ou vamos de ônibus? — ela perguntou ao Hélio, fazendo cafuné no cabelo dele enquanto ele mandava mensagens no celular. Eles estavam agarrados ali no sofá desde que a Julia chegara.

— Por favor, chame o Pablo — Helô interveio, se abanando com um folheto do condomínio que seria construído na rua de trás, que estava na mesinha de centro. — Está muito quente.

— O Pablo mesmo se ofereceu, relaxem, garotas — Hélio respondeu. Pablo era um dos seus melhores amigos, o único que já dirigia. Ou seja, Pablo era sempre a nossa carona.

Eu amava o Pablo.

— Vocês andam de ônibus em Assunção? — A Julia quis saber. Ela perguntava todo tipo de coisa sobre nossa nova cidade, como se assim pudesse fazer parte desse pedaço da vida do Hélio que ela não alcançava.

— Tem ônibus sim, mas nós moramos perto do centro então fazemos praticamente tudo a pé — eu respondi, me lembrando de que ainda não tinha pegado nenhum ônibus por lá. — Assunção é bem pequena.

— Meu Deus, vocês devem, tipo, conhecer todo mundo da cidade, né? — Helô se sentou na mesinha de centro, com seu biquíni branco, e o folheto produzindo vento para o rosto. — Quer dizer, não vocês dois. Porque vocês são dois distraídos.

— Ei! — eu protestei. Embora soubesse que era verdade. Eu e Hélio socializávamos bem, mas não éramos o tipo que sabia sobre tudo o que estava acontecendo no resto da escola. A gente mal sabia — ou se importava com — o que acontecia nas outras salas.

— *Apolo* deve conhecer todo mundo — Julia acrescentou e em seguida riu. — Posso apostar que ele já deve estar virando uma celebridade local.

— Você conhece o *Apolo* — Hélio concordou, balançando a cabeça, mas rindo também. — Uma garota por semana e amigo de todo mundo.

— *Apolo* sempre foi meu ídolo — Helô contou. — Isso, é claro, depois de eu ter superado a paixonite.

— Ai, meu Deus, *cala a boca* — falei enojada, tapando meus ouvidos teatralmente.

Hélio e Julia soltaram uma gargalhada.

— Você sempre soube disso, eu nunca te escondi, amiga — Helô se defendeu, nem um pouco abalada. — Aliás, eu sou uma garota e eu tenho *olhos*. Motivo suficiente para querer ficar com o seu irmão.

Era oficial, eu queria *mesmo* vomitar.

— Ainda bem que o *Apolo* existe pra poder te ofuscar — Julia disse ao Hélio, dando um beijo no seu rosto.

— Eu deveria agradecer? — ele fingiu ofensa, mas todos nós sabíamos que até mesmo ele agradecia por isso. Eles trocaram um selinho e Helô teve que se controlar para não suspirar.

Vovô meteu a cabeça para fora da porta da cozinha e disse:

— O porteiro acabou de interfonar e disse que o Pablo já chegou, crianças.

— Santo Pablo! — Helô comemorou.

Nós pegamos nossas coisas e saímos de casa ainda falando sobre Assunção, porque a Julia quis saber se havia prédios grandes na cidadezinha. Eu sabia que aquele seria o momento do meu grande reencontro com Maurício porque nós dois havíamos conversado na noite passada e ele me garantiu que não perderia minha passagem pelo Rio por nada neste mundo.

Eu não podia negar que estava ansiosa para encontrá-lo de novo. Queria saber o que sentiria olhando pra ele, estando perto dele depois de todos esses últimos acontecimentos. Nós havíamos parado de nos falar frequentemente, mas ainda conversávamos — principalmente no grupo dos nossos amigos.

Obviamente ele não sabia nada sobre João. Helô foi a única pessoa para quem eu contei e eu esperava que continuasse assim. E, por causa disso, eu não deixava de me perguntava qual seria a atitude do Maurício quando me visse.

A praia estava cheia naquela manhã de sábado ensolarada, como já era de se imaginar. O mar azul me recebia de muito bom-humor, batendo suas ondas na areia branquinha com o barulho que, eu nem sabia, mas sentia saudade, e o cheirinho de sal e protetor solar.

Pousamos nossas cangas, enterramos a barraca que vovô insistiu que levássemos e nos instalamos de boas na areia. Nanda e Giovanna, minhas outras amigas, nos encontraram um pouco depois e a gangue do Hélio apareceu toda junta com uma bola para começar uma partida de futevôlei.

E lá foram eles, arrastando meu irmão e Pablo, e deixando as meninas tomando sol.

Julia tinha ido se molhar um pouco quando Maurício, Danilo e Alfredo chegaram. A primeira coisa em que reparei foi que o calção de banho dele era azul e seu torso bronzeado estava nu para todo mundo ver o quanto ele era *gostoso*. Seus cachinhos castanhos coroavam a cabeça e meu coração parou por um momento quando seus olhos castanhos mais claros encontraram os meus.

Ele sorriu e correu até nós, me puxando para ficar de pé e poder abraçá-lo quando me alcançou.

— Ah, eu sabia que essa borboleta ia volta pro seu jardim — ele brincou, se referindo ao cartão que me mandara com a miniatura de balão de ar.

Brincar com músicas de sertanejo universitário sempre foi o nosso lance particular.

Eu ri de volta para ele, genuinamente feliz por encontrá-lo. Feliz de um jeito como nunca me senti perto dele antes, de um jeito que exalava a liberdade que uma paixão platônica jamais me permitira.

Era como se eu tivesse tirado um véu dos olhos, despida da dorzinha e do nervosismo que eu sentia toda vez que estava perto dele e não me fazia sequer aproveitar a sua companhia por completo. Maurício era realmente *muito* bonito e tinha um carisma, um gingado carioca que roubava a cena. Eu não poderia me culpar por ter me apaixonado, e a memória dessa paixão fazia uma cosquinha diferente dentro de mim.

De um jeito que era agradável. Como uma lembrança boa.

— Sentiu a minha falta?

— Sempre. Fiquei surpreso com seu retorno, achei que você fosse esquecer a gente, trocar o picolé pelo chimarrão.

— Até que eles não tomam chimarrão em Assunção. Acho que isso é coisa mais do Rio Grande do Sul.

— Amiga, o sul inteiro é a mesma coisa pra mim — disse Helô, baixando seus óculos de sol. — Ou seja: frio, civilização de primeiro mundo e pessoas lindas.

— Ei, garota, você só vai falar com o Lobo Mau? — Danilo chamou minha atenção, apertando meu nariz como ele sempre fazia.

Ele me abraçou e eu cumprimentei Alfredo também logo em seguida. Danilo era o expansivo do grupo e Alfredo um pouco introvertido, mas gente boa da mesma maneira. Eu conhecia essas pessoas desde que tinha nove anos e estar de volta aqui, na praia com eles, parecia uma espécie de momento perfeito.

— MauMau, passa bronzeador nas minhas costas — Nanda pediu, já se virando de bruços.

— Por que é sempre o Lobo Mau que fica com as melhores partes? — Danilo reclamou, sentando na ponta da minha canga. Eu me sentei na outra, quase não cabendo em mim de tanta alegria.

— Cara, você não consegue nem se ensaboar direito no banho — Alfredo zombou.

— Eu manjo muito mais das técnicas de massagem — Maurício se defendeu, dando uma piscadela para todos nós e se abaixando para passar o creme na Nanda.

— E ele não tenta apalpar a minha bunda — Nanda deu a cartada final, alfinetando Danilo e fazendo todo mundo rir.

Ele terminou o processo enquanto meus amigos me faziam um pequeno inquérito sobre como eu estava e como estava Assunção e todas essas coisas básicas que as pessoas perguntam quando você se muda e volta pra visitar. Depois disso, Maurício voltou para o meu lado e se sentou entre Danilo e eu.

— Eu não consigo imaginar a Cali trabalhando — Giovanna disse, já emendando uma gargalhada extravagante ao comentário. — Ainda mais em um cinema, ela deve gastar o salário todo em ingresso.

— Para sua informação, meu salário foi o que me trouxe até aqui. Paguei a minha linda passagem.

— Isso é que é força de vontade, hein — Danilo se esticou para frente para me olhar nos olhos e fez um sinal de aprovação com os dedos. Eu dei de ombros, orgulhosa de mim mesma.

— Isso é saudade dos amigos — MauMau corrigiu, passando o braço pelos meus ombros e abrindo seu sorriso estonteante na minha direção. Helô concordou com ele veemente.

Nós ficamos ali conversando sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo, jogando conversa fora, lembrando as nossas piadas internas e eu conheci também aquelas que eu havia perdido no meu tempo longe. Alfredo continuava a ser zoadado pela sua fobia de aranhas e Giovanna continuava na sua saga pelo namorado perfeito, mas sem nunca obter sucesso. Nanda continuava neurótica com suas notas e Danilo havia finalmente descoberto o que cozinhar além de miojo para se alimentar enquanto sua mãe solteira estava no trabalho. Maurício era o mesmo cara de sempre, bem-humorado e dourado, e Helô também jamais deixaria de ser a eterna rainha do drama.

Deixei o sol do Rio queimar a minha pele para me fazer lembrar de onde eu tinha vindo. Não importava para onde eu me mudasse ou fosse parar, eu sabia onde estavam as raízes para as quais voltaria se precisasse.

Meus amigos e eu combinamos de fazer uma social na casa do Danilo, pra comemorar a minha presença honorária, e partimos direto da praia para lá. Os meninos fizeram churrasco na churrasqueira elétrica na área de serviço do apartamento, enquanto as meninas prepararam arroz e farofa.

Ligamos o rádio alto, dançamos para nós mesmos, fizemos piada de tudo e de todos. Aproveitamos o ápice da nossa juventude e, à noite, saímos para o lual que um amigo do Maurício estava dando coincidentemente neste sábado.

Foi durante o lual que ele se aproximou de mim, em um momento em que Helô não estava me monopolizando, e pudemos ficar sozinhos.

Ele deu um gole na sua bebida e pegou minha mão para me girar ao som da música que tocava. Nós rimos um para o outro e ele me puxou para me dar um beijo no rosto.

Então ele disse:

— Você está diferente.

Levantei as sobrancelhas, pega de surpresa.

— Você acha? Dois meses não são tanto tempo assim.

— Foi tempo suficiente, pelo jeito — ele atestou. Eu não soube o que responder, para ser sincera. Apenas refleti sobre mim mesma e não consegui chegar a nenhuma conclusão. Maurício riu da minha cara. — Ei, relaxa. Mudar é bom.

— No que exatamente você acha que eu mudei?

Ele fez uma careta.

— Você e suas perguntas difíceis.

— Minhas perguntas são sempre muito bem formuladas — eu me defendi, provocando-o. E ele bateu com a palma da mão na minha testa, de brincadeira, me fazendo relaxar e rir.

— Fico imaginando se você não tivesse que se mudar. As coisas teriam acontecido diferente, você não acha?

Em suas palavras havia intenções subliminares que eu entendia muito bem. Maurício estava praticamente admitindo que estava interessado em mim quando eu tive que partir e aquilo sempre foi tudo o que eu quis ouvir por dois anos inteiros.

Era irônico como agora que ele me dizia essas palavras eu não estivesse mais

interessada. A antiga Cali teria ficado tão feliz, não teria nem sabido como agir direito diante disso. E, em memória a ela, o meu coração sorriu.

— Acho que sim — eu fui sincera. — Mas eu me mudei e muita coisa acabou mudando junto.

Maurício assentiu, seus olhos castanhos um pouco nostálgicos, talvez pensando em todo o tempo que desperdiçamos — que ele desperdiçou — antes de perceber que nós dois tínhamos tudo a ver. Que nós dois seríamos um casal incrível.

Ainda seríamos agora, mesmo eu morando a 787 quilômetros de distância.

É claro, se não houvesse João.

E uma parte do meu cérebro não deixou de divagar sobre como era burrice eu deixar minha história com Maurício morrer antes mesmo de começar direito só por estar apostando todas as minhas fichas no filho do meu padrasto.

Era mesmo loucura. Sempre foi loucura.

Mas o coração nunca precisou da razão para tomar suas decisões.

— Mas eu vou ser sempre parte da sua vida, né? Sete anos de amizade, não me esqueça tão fácil só porque você está morando com gente bonita e de primeiro mundo, segundo a Helô.

Nós dois rimos da minha melhor amiga e, com um simples comentário, MauMau, o Lobo Mau, meu querido Maurício, fez toda a tensão da conversa ir embora.

— Se você continuar me mandando presentes aleatórios a gente pode começar a conversar sobre isso.

— Cali, cali. Você não era assim.

Então, sem pedir permissão, eu o puxei para um abraço e seus braços me envolveram pelas costas. Ele estava cheiroso, ele era exatamente do jeito como eu me lembrava. E eu estava muito ansiosa para ser amiga dele novo, de verdade, sem nenhuma paixonite para atrapalhar nada dessa vez.

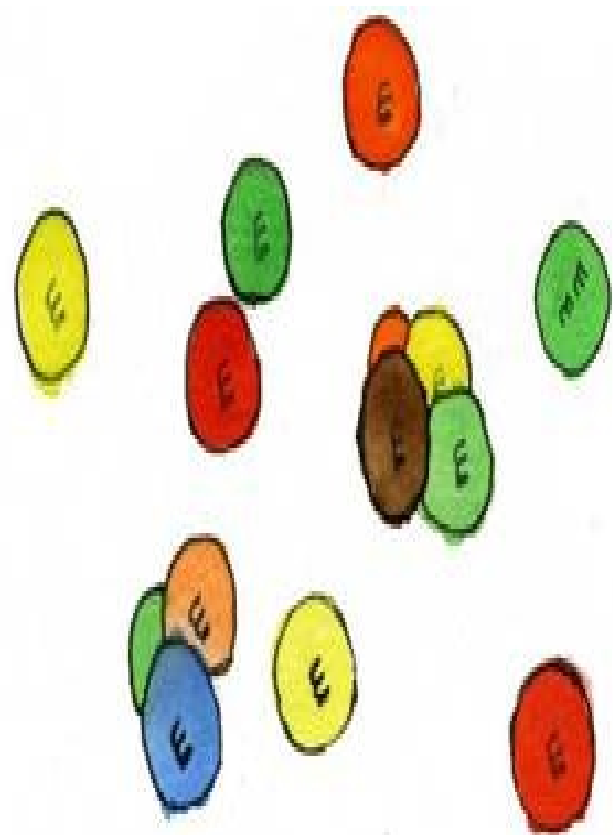
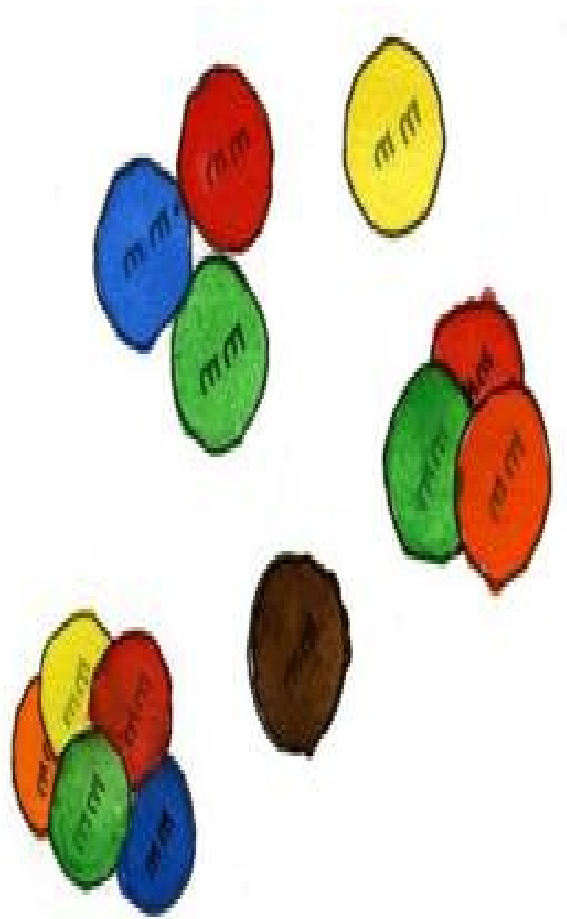
Deixei naquele abraço todo e qualquer resquício do antigo sentimento, respirando novos ares no exato momento em que nos afastamos e ele abriu seu

sorriso estonteante para mim de novo.

— Vamos procurar os outros e dançar? — ele sugeriu.

— Espera só eu tirar esse sapato imprestável que a Helô me fez calçar.

E lá fomos nós pela areia da praia atrás dos nossos melhores amigos de uma vida inteira.



28. Relações Familiares

Uma semana depois de Hélió e eu voltarmos para Assunção, as coisas começaram a desandar.

Olha, você já deve saber a essa altura que, desde que me mudei para essa cidadezinha, nunca mais tive sossego. Talvez Assunção esteja amaldiçoada, talvez Calíopes não possam viver no Paraná. Talvez a entrada para o Mundo Inferior seja nos arredores da minha nova cidade e isso atraia maus agouros para filhos da mitologia.

Tudo começou no primeiro dia realmente quente desde agosto. Apolo e Hélió brincavam de Marco Polo na piscina com Maia, Selene e Leo. Patrícia lia *Os Garotos Corvos* — indicação da Vanessa — estirada em uma das espreguiçadeiras do deque. Stella terminava de passar protetor solar no seu rosto e se deitou ao lado da irmã, em outra das três espreguiçadeiras. Otávio se divertia fazendo nosso almoço na churrasqueira enquanto mamãe cortava os tomates da salada na pia de granito ao seu lado. Hipólita ocupava a última espreguiçadeira, reclamando o tempo todo da água que respingava nela.

Eu havia acabado de acordar. Coloquei meu biquíni e short jeans quando vi pela minha janela que todos estavam no quintal. O rádio estava ligado na estação que os adolescentes gostavam de ouvir, em que tocavam as músicas pop do momento, fazendo mamãe e Otávio cantarem enquanto cozinhavam juntos.

As crianças e os gêmeos travavam uma batalha cheia de gritos e gargalhadas dentro da enorme piscina e eu me sentei no deque no lado oposto a eles, colocando as pernas para dentro d'água. Hélió era outra pessoa agora que estava novamente de bem com a Julia. Ele exalava alegria e descontração de um jeito que não passou despercebido a ninguém.

Eu me sentia feliz por ele, mas no momento eu só queria saber de uma coisa:

— Onde está o João? — perguntei, franzindo a testa ao constatar a sua ausência naquela tarde familiar e atraindo a atenção das três garotas deitadas praticamente ao meu lado.

— Por que você não o chama de Guto como todos na casa? — Hipólita indagou. Ela não queria saber a minha resposta de verdade, era tudo calculado para implicar comigo. O que era uma coisa boa porque eu não a responderia de

qualquer maneira.

— Ele foi ensaiar hoje de manhã, esqueceu? — Stella me lembrou, prendendo o cabelo loiro escuro em um coque.

Você já teve a sensação de ser trocado por um instrumento musical?

Pois eu tive. João havia me trocado pela sua guitarra e eu estava a ponto de incorporar a diva do rock *hardcore* e bater com aquela coisa no chão até destruí-la inteirinha.

Acho que ficou claro pra Stella, pelo modo como eu suspirei, que eu já estava mais do que de saco cheio dessas drogas de ensaios. Onde já se viu! João ensaiava o tempo inteiro, chegava em casa tarde e mal me dava atenção. Eu estava louca para a Batalha de Bandas passar logo e João voltar aos ensaios esporádicos que aconteciam no máximo três vezes na semana.

Não a semana inteira.

Stella me lançou um olhar sério, mas deixou escapar uma risada pelo nariz. O que foi *meio* chocante porque *Stella* estava rindo pra *mim*.

— Ele vai voltar logo, logo — ela acrescentou, em um tom zombeteiro de quem sabe das coisas que me fez querer rir porque ela tinha *super* me sacado.

Mas o que fiz foi lançar um olhar de repreensão porque tinha muita gente perto para ela falar daquele jeito. Por acaso ela perdeu o juízo?

Patrícia tirou o nariz do meio dos livros discretamente e olhou de mim para Stella por um segundo. Eu já andava bem incomodada com a falta de palavras da Patrícia, mas juro que quando ela retornou sua atenção para o livro naquele dia eu quase a confrontei bem ali diante de toda a Família Monstro.

Stella também estava um pouco preocupada com ela. No início nós acreditamos no papo de que ela estava estressada com as provas da escola e o ENEM, mas essa desculpa esfarrapada não estava colando mais.

E como *eu* sabia o que a Stella achava ou deixava de achar?

Bem, nós *meio* que conversávamos um pouquinho de nada agora. De vez em quando. Quando precisávamos falar sobre coisas que só nós duas, dentro daquela casa, sabíamos.

De modo que, ultimamente, eu tinha conversas mais longas com a Rainha do Gelo do que com a Pat. O que era um sinal de luzes vermelhas neon de boate de quinta categoria de que havia algo de errado no universo.

Mas é claro que tudo *sempre* piorava.

— O almoço está quase pronto, crianças — gritou Otávio da churrasqueira. Mamãe estava colocando a salada em cima da mesa do quintal, onde nós almoçaríamos hoje, pelo jeito.

— Cali, me ajuda a pegar o resto da comida na cozinha?

E lá fui eu ajudar a minha mãe. Porque mesmo com dez filhos dentro de casa ela sempre pedia as coisas para *mim*.

Peguei a salada de maionese na geladeira enquanto ela colocava o arroz fresco em uma tigela de vidro. Esse era o nosso típico almoço de domingo desde que eu era criança, churrasco e seus acompanhamentos. Quando voltei para o quintal, João também estava lá com uma expressão desesperada no rosto.

Quase entortei o pescoço enquanto avançava para a mesa porque não conseguia desviar o olhar dele. O que tinha acontecido para ele estar daquele jeito? Meu coração batucou à medida que todas as piores hipóteses de tragédia se passavam pela minha cabeça.

— Mas o que foi que aconteceu com ele, cara? — Apolo perguntou. Todo mundo parou o que estava fazendo e encarou o João.

— Ele quebrou o braço andando de Skate — explicou, agarrando o próprio cabelo em mechas. — O Diogo está surtando porque a gente não sabe como arranjar um baterista tão em cima da hora.

— O que aconteceu? — Otávio gritou da churrasqueira. — O Ramon se machucou?

— Entortou a droga do braço de um jeito bizarro andando de Skate e foi agora pro hospital.

— Por que tu não *fosse* com ele, filho? — Otávio soou preocupado. — Já ligaram para o Fábio ou a Regina?

João assentiu. Deveriam ser os pais do Ramon.

— Eu achei que vocês estivessem ensaiando na casa do Diogo — eu falei e os olhos verdes angustiados dele me fitaram. Como eu queria poder abraçá-lo naquele momento.

— Estávamos, mas resolvemos dar uma passada no Skate Park antes de vir pra casa. Cinco minutos depois, o Ramon se estilhaçou no chão — ele respondeu e então olhou na direção do pai. — O Diogo foi com ele, pai. Eu vim pra casa porque o Diogo está uma pilha e eu quero tentar achar outro baterista logo, a competição já é semana que vem.

— O Hélio toca bateria — mamãe sugeriu, tentando ser solidária.

Uma dúzia de rostos se virou na direção do meu irmão mais velho e ele abriu a boca, um pouco assustado com a atenção repentina.

— Eu não toco de verdade, mãe. Eu até sei tocar, mas faz tempo que...

— Na situação atual a gente está aceitando qualquer coisa, piá — João parecia a ponto de suplicar. — O Diogo vai fazer da vida de todo mundo um inferno se a gente não conseguir um baterista.

— Querido, eu tenho certeza de que você ainda toca muito bem — mamãe incentivou.

— É, Hélio — eu me juntei a ela porque de jeito nenhum abri mão do meu tempo com João para eles não participarem da Batalha de Bandas. Além do mais, eu não poderia ver aquela carinha de cão sem dono dele sem fazer alguma coisa. — Você gostava de tocar, eu me lembro.

— Meus ouvidos também lembram — Hipólita acrescentou muito animada pela possibilidade de Hélio tocar na Batalha. — Era um saco, mas você era bom. Você *tem* que participar, Hélio. Seria o máximo.

— Aceita, Hélio — Maia sacudiu o braço dele dentro da piscina. — Eu quero te ver tocando na banda do Guto.

— A gente vai poder ir assistir? — os olhos de Selene de repente brilharam.

— Não temos idade ainda. Mas o Guto é o máximo, a banda dele ficou em segundo lugar no ano passado — Leo explicou todo orgulhoso. — Hélio, tu consegues.

Diante da presente situação e da *pouca* pressão exercida, Hélio não teve outra opção a não ser:

— Tudo bem, eu posso tentar. — e João quase suspirou de alívio. As crianças e Hipólita vibraram, Apolo deu um tapinha no ombro do gêmeo. — Mas, cara, eu não garanto nada excelente. Ainda mais faltando só uma semana.

— Tu *tá* salvando a minha vida.

João sacou o celular da bermuda e começou a digitar muito rápido, ainda agitado com a situação toda.

— Bem, mas agora vamos almoçar? — mamãe chamou.

Foi um almoço animado agora que a vida de João estava salva e os filhos mais novos não paravam de falar sobre como seria o máximo ter *dois* irmãos Monstro tocando na mesma banda. Hélio não era de se amedrontar, mas eu sabia, só de olhar pra ele, que meu irmão não tinha tanta certeza assim de que não seria um fiasco. Até Stella esboçou entusiasmo pelo irmão, e mamãe e Otávio brincaram sobre levar cartazes para o dia do show com os nomes dos dois.

Era o dia do Apolo de lavar a louça e eu secar. Fizemos tudo com a nossa eficiência habitual de anos de parceria, mas eu estava distraída. Queria conversar com João, mas ele e Hélio saíram para encontrar o Diogo, que já tinha voltado para casa do hospital. Ramon passava bem, apesar do braço fraturado.

— Já terminaram tudo, crianças? — perguntou mamãe, entrando na cozinha. Ela foi até a geladeira e ficou vasculhando. — Fiquei com vontade de fazer um bolo de cenoura, o que vocês acham?

— Mãezinha, esse tipo de pergunta não precisa nem ser feita — foi a resposta de Apolo enquanto ele me passava mais um prato recém-enxaguado.

— Fecha um pouco essa bica, está saindo muita água — mamãe pediu, sem precisar olhar pra nós. — Onde estão os ovos?

Minha visão periférica registrou o momento em que Stella também entrou na cozinha. Ela parou atrás da minha mãe e coçou a garganta.

— Preciso beber água.

Minha mãe se virou e abriu espaço para que a enteada pudesse mexer na

geladeira. Stella mantinha a expressão fechada como sempre quando precisava falar com a minha mãe. Ela se fechava ainda mais na sua ostra, ficava tão nublada quanto o céu se preparando para uma tempestade. Mamãe tentava ao máximo se aproximar dela, mas aquela tarefa parecia impossível. Stella não construiu uma parede ao redor de si, ela construiu uma muralha inteira.

Maior do que a da China. Maior do que a de Westeros. E à prova de madrastas.

Ela pegou o jarro de água e um dos copos que eu acabara de secar e se serviu. Mamãe pegou os ingredientes do bolo e foi botando tudo na mesa alta triangular no centro da cozinha.

— Ah, Stella, querida, você já separou as roupas brancas que eu te pedi? — mamãe perguntou cheia de dedos.

Ela era meio neurótica com lavagem de roupas desde que manchou uma muda inteira de peças brancas porque deixou cair uma meia rosa de Maia dentro da máquina. Desde então precisamos separar nossa roupa suja entre coloridas, pretas e brancas para não gerar nenhum conflito posterior. O que poderia parecer extremo, mas já estávamos acostumados com as neuroses ocasionais da dona Clara. Inês, nossa ajudante, também não parecia se importar.

— Ainda não tive tempo para isso — Stella cuspiu as palavras depois de um longo gole na sua água. Seu olhar gelado não se dirigia à minha mãe.

— Faça então, por favor. A Inês vai lavar as roupas brancas amanhã.

Stella bateu o copo na pia, bem ao meu lado, e eu e Apolo trocamos um olhar tenso.

— Eu já *disse* que vou fazer. Não precisa repetir isso cinquenta vezes. Além do mais, a Inês nunca precisou de tanto cuidado assim para lavar roupas, ela mesma separava.

— Ei, mocinha, olha o seu tom para falar com a Clara.

E de repente Otávio se juntou a nós e eu quase deixei o prato escorregar da minha mão. Minha intuição estava dizendo que aquilo não terminaria bem.

— Querido, não precisa...

— Preciso sim — Otávio cortou minha mãe, firme. Eu estava de costas, mas pelo seu tom de voz ele deveria estar no modo pai-bravo-prestes-a-ensinar-uma-lição. — Peça desculpas a ela, Stella. Não foi essa a educação que eu te dei.

— Tu e a *minha mãe* — ela respondeu durona como sempre. Mas a falha na sua voz denunciou a mágoa. Espiei com o rabo de olho e vi que Stella respirava profundamente, como quem se segura para não vomitar um monte de verdades raivosas.

Fez-se um segundo de silêncio muito constrangedor que eu gostaria muito de *não* ter presenciado. Apolo me passou um último copo e fechou a torneira da pia, mas nós dois não sabíamos se deveríamos nos mover.

Otávio suspirou, cansado.

— Stella, não faz isso. Ninguém está tentando substituir a tua mãe.

Exceto que Stella *sempre* tentou suprir a falta da mãe para sua família, como João havia me dito. Em uma família cheia de homens e só duas mulheres, sendo uma delas tão maleável quanto a Patrícia, Stella dominava a casa inteira. Ela controlava as coisas e se sentia responsável, de um jeito que era até difícil de imaginar já que desde que nos mudamos ela se afastou de tudo.

Eu não sabia como era isso porque na minha família sempre foi o contrário, uma casa cheia de mulheres e apenas dois rapazes. As mulheres dominavam lá em casa também e por isso nós vivíamos tendo milhares de discussões. Talvez fosse tão estranho para Stella ter que conviver com tantas pessoas do sexo feminino sob o mesmo teto quanto era para Calíope ter que lidar com os novos homens.

— Eu não estou fazendo nada, *fosse* tu quem trouxe uma família inteira para dentro da nossa casa. Quer dizer, até a nossa casa precisou ser trocada pra poder abrigar o teu novo clã.

Tente não levar para o lado pessoal, Cali.

— Eu não quero isso — agora que ela começou, não parecia mais conseguir parar. Devia estar guardando aquilo dentro de si por muito tempo, só esperando a primeira oportunidade para abrir a porteira. Bem, ela parecia descontrolada. Um turbilhão de emoções em voz alta. — Não quero uma mulher totalmente desconhecida entrando na minha casa e tomando conta de tudo. De ti, dos meus

irmãos, até de mim! — Stella fitou a minha mãe com raiva e lágrimas nos olhos. Eu estava tão paralisada que tudo o que eu conseguia fazer era mover os olhos. — Tu pedes pelas minhas roupas brancas como se tivesse sido sempre assim. Como se nos conhecêssemos. Como se tu não fosses uma estranha pra mim, andando pela minha família e agindo como se sempre tivesse sido *tua*.

— Stella, pare com isso agora! — Otávio ordenou. Minha mãe estava branca, sem nenhuma reação, de tão chocada. As palavras de Stella penetravam nela como agulhas. A menina encarou o pai. — Tu *precisa* aceitar que a Clara e seus filhos agora fazem parte *sim* da nossa família. Eu sei que nenhum tipo de mudança é fácil, muito menos uma tão grande quanto essa, mas por que tu não podes tentar abrir o seu coração, filha? Ninguém está aqui tentando te fazer mal, muito pelo contrário. Todos estão lutando para se adaptar tanto quanto você.

— Porque eu não sei como fazer isso! — ela desabafou, gritando, e precisou morder o lábio para não começar a chorar. Em três segundo a cabeça da Patrícia apareceu no portal da cozinha, assustada com toda a gritaria. Stella balançou a cabeça. — Eu não sei como deixá-los entrar, eu não consigo aceitar que a minha família não é mais a mesma. Tu *precisasse* de mais, por que você precisou de mais, pai? Não éramos o suficiente? Eu tentei tanto, *tanto* fazer vocês felizes...

Otávio avançou para sua filha, envolvendo-a em seus braços no exato momento em que ela se derrubou em lágrimas. O tempo inteiro Stella lutava contra si mesma, tentando se conter, mas falhando epicamente.

Eu e Apolo trocamos um olhar nervoso, sem saber o que fazer diante daquela situação. Ele se aproximou da nossa mãe para confortá-la, porque ela estava ainda mais abalada do que nós. Meu olhar se cruzou com o da Patrícia, que tinha o rosto se moldando em uma expressão conflitante de angústia, viajando por todas as coisas que a perturbavam ultimamente e agora mais isso.

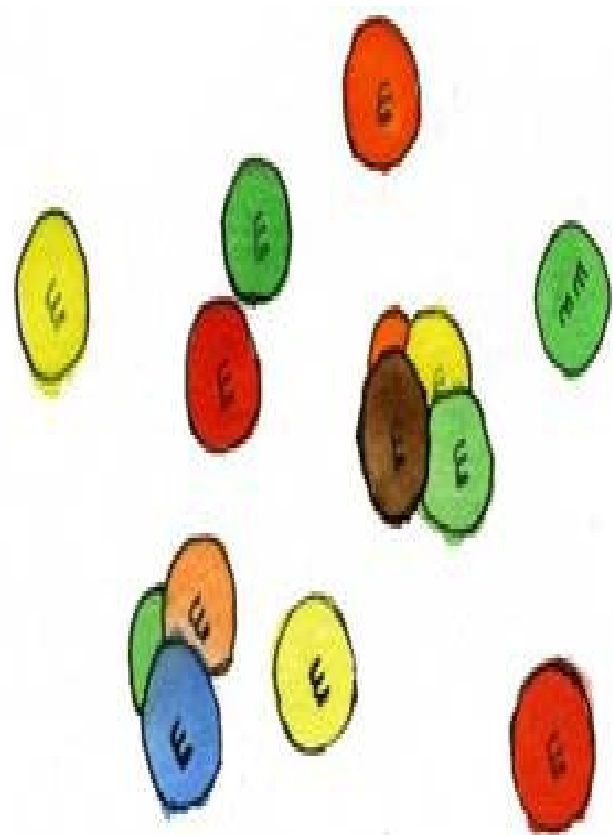
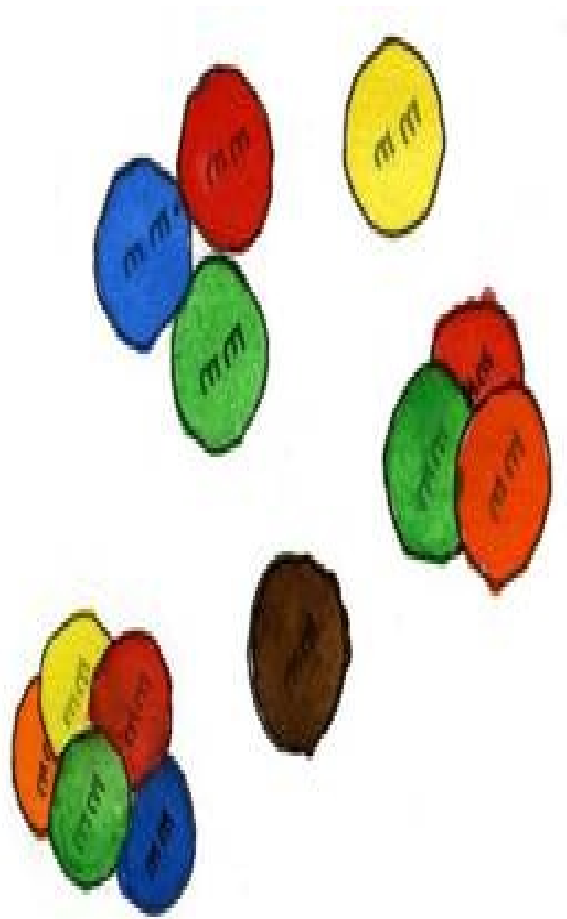
Eu não sabia o que dizer. Relações familiares eram tão complicadas, as pessoas eram tão diferentes, e juntar tantas em uma mesma casa jamais seria uma tarefa fácil. Mamãe e Otávio sabiam disso quando decidiram ficar juntos, quando colocaram o seu amor acima de tudo e tentaram fazer dar certo, mesmo que isso fosse desestruturar as suas famílias.

E não era exatamente isso o que João e eu estávamos fazendo também?

Minha mente deu um nó. Mesmo se eu soubesse o que dizer, havia perdido a

capacidade de fala naquele momento. Meu coração se revirava de um jeito inquietante e eu precisei forçar para engolir o bolo que se formou na minha garganta.

Não havia nenhum tipo de preparo psicológico para isso. A vida acontecia sem pedir passagem e você precisa aprender a se virar na marra. Sem manuais. Sem garantias. Um tiro no escuro.



29. Ruínas

Engana-se você que achou que os dramas do dia já tinham acabado.

Mas a culpa não é minha, eu bem que avisei que as coisas tinham começado a desandar. De modo que, se você foi pego de surpresa não foi por falta do meu conselho amigo.

Stella e Otávio se trancaram na biblioteca e tiveram uma longa conversa de pai e filha. Enquanto isso, Apolo, Hipólita e eu nos encarregamos de fazer companhia à nossa mãe para ela se acalmar e se sentir amada.

— Eu sabia que ela seria a mais difícil de conquistar, mas nunca imaginei que os sentimentos dela fossem tão a fundo — mamãe disse, pensativa. — Eu não quero ser a responsável por magoá-la.

— Não é fácil, mãe. Nada disso é fácil pra nenhum de nós. Faz apenas o quê? Dois meses que estamos morando juntos? Mas ela precisa aprender a lidar com isso. Ela vai, sim.

Apolo e Hipólita concordaram comigo. Quando Hipólita e eu partilhamos do mesmo pensamento é porque chegamos a um momento crítico.

Minha mãe ainda parecia perdida em pensamentos, como se temesse que aquilo fosse acontecer e agora preferia acreditar que não fora real. Ela encarou a nós três com seu olhar intenso e maternal, aquele que ela usava quando precisava tratar de assuntos sérios.

— Meus filhotinhos — ela disse, acariciando o rosto de Apolo, depois o braço de Hipólita e, por fim, a minha mão. — Vocês também sentem tudo isso? Eu estou magoando vocês por tê-los trazido para cá?

Ela estava me magoando?

Por um lado eu queria dizer que sim.

Queria ser egoísta e dizer que não era justo que nós fôssemos jogados assim para tão longe do nosso lar, dos nossos amigos, da vida que a gente conhecia até hoje simplesmente porque *ela* estava buscando sua própria felicidade. Se somos uma família, então por que os pais tomam todas as decisões? Por que eu é que tenho que sofrer?

Eu não queria Assunção, não queria uma casa cheia de pessoas e ter que dividir a minha família com eles. Ter que olhar para a cara deles todo santo dia na minha casa e me forçar a vê-los como novos irmãos. Quando na verdade eu não sabia se isso era possível, já que eu já tinha cinco irmãos de verdade e o amor que sentia por eles era inigualável.

O que era família, afinal? Poderia *haver* família se a maioria dos envolvidos estava ali naquele arranjo por obrigação?

Por outro lado, como é que eu poderia negar à minha própria mãe o direito de buscar a sua felicidade? De estar ao lado do homem que ela amava? Minha mãe era outra pessoa perto do Otávio, ela se derretia todinha e parecia exultar de felicidade só por estar *perto* dele.

Como é que eu poderia condenar isso se eu me sentia do mesmo jeito pelo João?

E eu gostava do Otávio, assim como gostava de todos os seus filhos — até mesmo a Stella eu estava aprendendo a entender. Por mais que eu ainda me sentisse desconfortável naquela casa, que não conseguisse ver nada daquilo como *meu* e me sentisse sufocada no meio de uma família gigantesca, eu não odiava de fato viver aqui. Se adaptar a um novo ambiente, a uma nova regra, era difícil para qualquer um, mas eu estava me habituando a tudo muito mais rápido do que imaginava.

Eu não tinha os mesmos problemas que Stella. Porque nós duas tivemos vidas diferentes, perdas diferentes, fizemos escolhas diferentes e reagíamos diferente à insegurança, à mudança, à instabilidade.

No fundo estávamos todos inseguros. Ambos os pais e os filhos. Tentando entender o terreno onde estávamos pisando para não fazê-lo se dissolver se pisássemos forte demais.

Então eu não podia dizer que estava magoada com a minha mãe. Eu ainda lamentava a vida que ficou pra trás, a vida que conheci por dezesseis anos e não queria que se acabasse. A família que eu amava, do jeito como eu amava. Sem pessoas adicionais que eu ainda precisaria começar a conhecer.

Mas no final das contas, não temos o poder de impedir que essas coisas aconteçam. Sabe? As mudanças. Elas estão aí o tempo inteiro e nos pegam desprevenidos e nos viram de cabeça para baixo em um piscar de olhos. Nos

tiram da nossa zona de conforto e nos obrigam a encarar os nossos próprios medos.

Eu estava aprendendo a conviver com a família Becker. Eu já adorava a Patrícia, tinha muito carinho pelo Leo e eu amava o João. Por mais que nosso relacionamento fosse completamente inapropriado nesse contexto, ele estava sendo fundamental para me fazer meter os pés em Assunção de verdade ao invés de estar aqui fisicamente, mas com a cabeça ainda presa ao Rio.

— Não, mãe — eu respondi, apertando a mão dela de volta.

— É claro que não, mãe! — Apolo enfatizou. E Hipólita, que estava de joelhos diante dela, abraçou-a pela cintura. Minha mãe a envolveu com seus braços.

— Nós queremos que você seja feliz — minha irmã disse com ternura. Ela poderia ser sempre desse jeito. — Eu não me importo de viver aqui, eu até gosto. A casa é tão grande e eu tenho um quarto só pra mim. O Otávio é o máximo com a gente. A única coisa que eu *não* queria era ganhar outro irmão.

— Oh, querida — mamãe passou a mão pelos cabelos dela. — Por que você rejeita tanto o bebê?

— Porque meu pai vai amá-lo mais do que a mim! Ele vai ter o *meu* pai todos os dias, não vai precisar esperar ligações telefônicas que nunca chegam.

Mamãe e eu trocamos um olhar e eu percebi que ela fazia um esforço enorme para se manter firme. Ela sempre foi muito forte, a mulher mais incrível que eu conhecia.

— O bebê não tem culpa disso, Li — Apolo estava no modo Irmão Urso ativado. — Eu aposto que você vai amá-lo também quando ele chegar.

— O papai é que foi idiota de ter perdido a nossa criação — eu falei. — Mas talvez agora, com o bebê, ele aprenda a ser um bom pai até mesmo para nós.

Eu não acreditava muito que isso fosse acontecer, mas não queria que Hipólita alimentasse ainda mais aqueles sentimentos ruins pelo nosso futuro meio-irmão ou irmã. Existia sim a possibilidade de o bebê fazer o milagre, juntar os pedaços que nunca estiveram juntos e de que Hipólita tanto sentia falta.

Eu aprendi que na vida poucas coisas são impossíveis.

Mas ela não respondeu nada. Ficou apenas ali no aconchego do abraço da nossa mãe enquanto nós três fingíamos nos distrair.

Em determinado momento, Maia apareceu timidamente na sala para ver se estava tudo bem. As crianças estavam um pouco assustadas com o movimento atípico e o *climão* estranho dentro da casa, de modo que, pela primeira vez na história da Família Unida, os três ficaram quietos enquanto brincavam. Mas Maia era uma menina de onze anos muito esperta e sensível, eu sabia que ela acabaria aparecendo para dar um abraço na mãe.

A conversa entre Stella e Otávio durou umas boas duas horas, mas, quando terminou, foi a vez de mamãe e ele se trancarem dentro do quarto de casal para terem sua conversa conjugal. Stella passou por nós com seu orgulho ferido, porém ainda lá. Seus olhos estavam inchados e eu decidi de última hora ir atrás dela.

Eu não podia dizer que estava surpresa com a sua explosão. Se eu sabia algo sobre ela, era que Stella era o tipo de pessoa que guardava as coisas para si como uma panela de pressão. Mas uma hora é preciso deixar o ar sair ou a panela explode. Sua recusa — ou incapacidade — em aceitar a nova situação familiar chegou ao limite assim como sua falta de controle sobre o que sentia pelo Gabriel quando ela descobriu que a Patrícia também tinha uma paixão platônica por ele.

— Stella — eu a chamei quando a alcancei, já no segundo andar.

Ela se virou para mim e parecia nem um pouco a fim de ter uma conversa agora comigo.

— Eu só queria dizer que sinto muito. Nós estamos todos no mesmo barco, eu entendo o que você está sentindo.

Ela fungou e cruzou os braços, desviando seus olhos vermelhos do meu por um segundo.

— Tu não *faz* ideia do que eu estou sentindo.

— Você acha que eu *queria* me mudar pra cá?

— Eu sei que não. Mas você tem um bom motivo pra gostar de viver aqui. Tu tens o Guto, enquanto eu...

— Shhhh — eu a cortei, me aproximando dela, que, pelo menos, mostrou arrependimento por ter falado demais.

— Desculpa, Calíope — ela pediu na mesma hora em que Patrícia abria a porta do quarto e nos flagrou cochichando como se estivéssemos planejando a dominação do mundo ocidental.

— Pat — eu disse.

Mas ela não respondeu nada.

Na verdade, ela fechou a porta na nossa cara.

Eu e Stella nos entreolhamos, chocadas com a atitude malcriada. O que diabos estava acontecendo com ela, afinal?

Avançamos até o quarto das gêmeas e Stella abriu a porta. Patrícia estava sentada na sua cama, no seu lado do quarto de móveis todos brancos, decoração delicada e paredes lilás.

— O que foi aquilo? — Stella perguntou, apontando com o polegar para a porta. — Patrícia, se está acontecendo alguma coisa, tu precisa me contar.

Pat respirou fundo, como um mantra para não perder a compostura, e fechou os olhos.

— Assim como vocês não estão escondendo nada de mim. *Certo?*

Se eu e Stella já estávamos desconfiadas de algo antes, nós duas congelamos no mesmo lugar quando o olhar acusatório e magoado da Patrícia se abriu na nossa direção. Meu coração acelerou tanto que, por um momento, achei que eu fosse ter uma parada cardíaca.

Eu abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não saiu nem uma palavra.

Patrícia sabia.

O que exatamente Patrícia sabia?

— Do que tu estás falando? — Stella foi cautelosa, pisando em ovos para não acabar falando mais do que deveria.

Se *eu* estava nervosa, não podia sequer imaginar o que ela devia estar

sentindo. E justo naquele dia, depois de todo o drama já enfrentado.

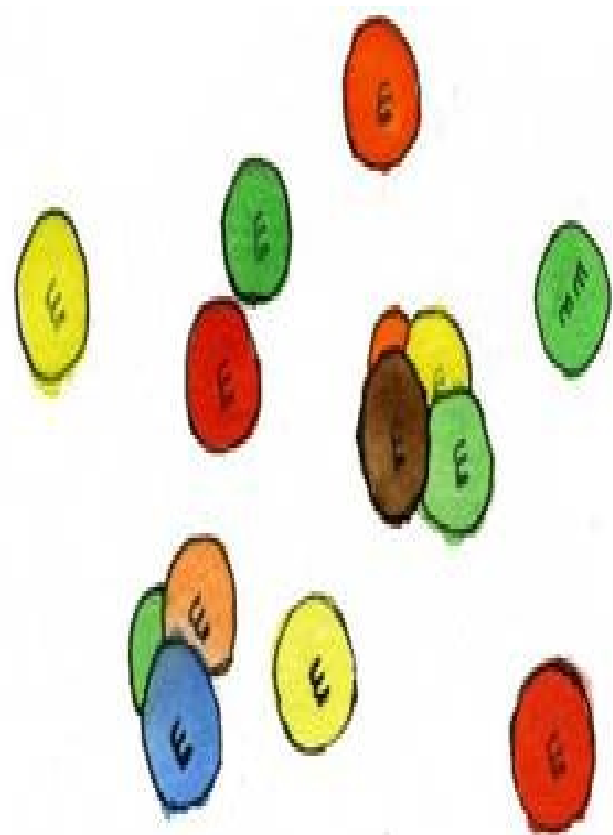
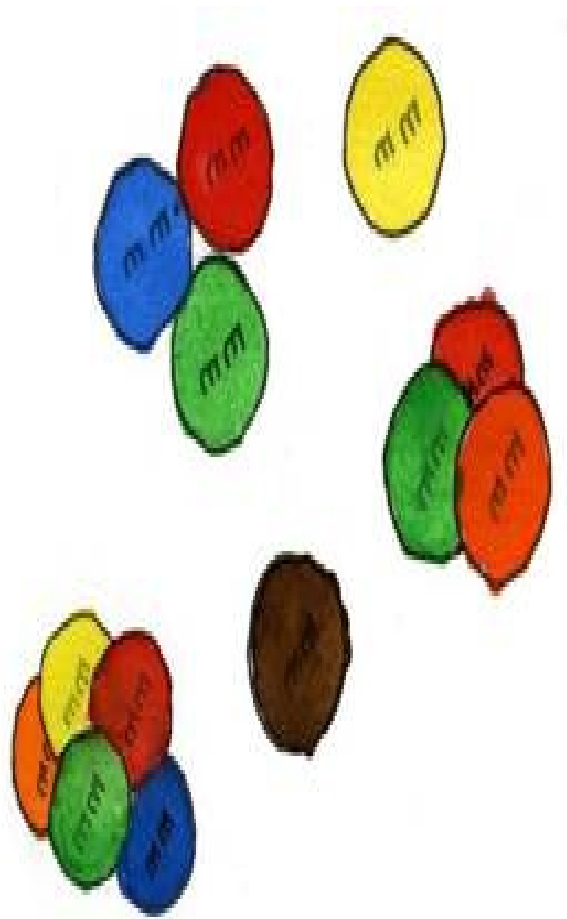
Patrícia jogou seu cabelo loiro para o lado e ajeitou os óculos. Sua expressão facial era dura, pesada, e ela piscava muito rápido, respirava muito rápido. Era quase como observar enquanto alguém doce tomava coragem para dizer palavras rudes, e eu não sabia se era melhor ficar ali para ver a casa cair ou sair correndo.

Será que ainda dava tempo?

Mas antes de qualquer movimento meu, ela disse:

— Eu sei que vocês estão me escondendo alguma coisa e eu sei que tem a ver com o Gabriel. Então eu acho que vocês duas poderiam ter pelo menos a decência de não mentir na minha cara e me dizer logo o que está acontecendo.

Tudo o que eu queria fazer naquele momento, entretanto, era gritar.



30. Irrefreável

Oh, não. Oh, não, não, não, não, *não*.

Isso *não* está acontecendo.

Meu queixo caiu no chão e o meu coração simplesmente parou. Eu olhei para Stella ao meu lado e ela estava branca feito papel. Patrícia esperava que uma de nós dissesse alguma coisa, com um misto de mágoa e irritação no olhar.

Eu engoli em seco, me xingando por estar envolvida nessa história. Eu sempre acabava no meio dos dramas de todo mundo e só me:

- a) Ferrava
- b) Lascava
- c) O palavrão correspondente
- d) Todas as opções anteriores

— Pat, eu não...

— Não adianta mentir pra mim, Calíope — ela me cortou se levantando da cama. — Eu ouvi muito bem a ti e o Gabriel conversando.

Stella me fuzilou com os olhos. Eu estava chocada demais sequer para abrir a boca.

— O que foi que você ouviu exatamente?

— O Gabriel reclamando com *você* que a *Stella* não o respondia há mais de uma semana, em um tom muito desesperado. E aí eu fiquei pensando... Como é que um dos meus amigos mais antigos e a minha *irmã gêmea* têm esse “contato” todo sem que eu sequer soubesse?

Eu não sei se o que me chocou mais foram as aspas que ela fez com os dedos, o tom de advogada na sua voz ou o fato de que ela ouviu essa conversa.

Então o raio da compreensão caiu sobre mim.

— Você estava dentro do banheiro! Eu olhei lá dentro e não vi ninguém, mas você devia estar dentro da cabine.

Ela assentiu.

— Voltei pra cabine quando tu *olhasse*. Mas isso não vem ao caso agora. — Seu olhar encontrou o da irmã e eu mordi o lábio, angustiada, me sentindo no meio da Faixa de Gaza prestes a entrar em conflito. — Tu não vai falar nada?

Eu queria dar um tapa na cara da Stella pra fazê-la reagir de uma vez. Ela engoliu em seco, colocou uma mecha de cabelo nervosa para trás da orelha e seus olhos, ainda inchados pela quantidade de choro já derramado naquele dia, pareciam não aguentar mais.

— Eu sinto muito — ela disse. — Não queria que nada disso acontecesse, muito menos que tu descobrisses assim.

— Descobrisse *o quê*? Porque até agora eu ainda não entendi nada.

Ela sabia. Ela tinha que saber. Eu sabia que ela sabia só de olhar pra cara dela, mas ela queria que Stella dissesse. Em voz alta. Confessasse.

O rosto de Stella se contorceu em uma careta e ela apertou os olhos com as palmas das mãos, balançando a cabeça cheia de fios loiros perfeitos. Patrícia fazia um esforço imenso para não deixar sua postura rígida se desfazer enquanto observava a angústia da irmã.

E eu tinha certeza de que essa era uma conversa que eu não deveria estar presenciando.

Stella abaixou os braços e se aproximou da Patrícia.

— Não está acontecendo mais nada entre nós dois, eu juro. Se eu soubesse... — ela espremeu os lábios e balançou a cabeça de novo. — Tu deverias de ter me contado. Se eu soubesse, isso nunca teria acontecido.

Patrícia, de início, ficou surpresa tanto com a confissão quanto com o fato de que Stella sabia o *seu* segredo. Ela deixou que as palavras da irmã entrassem em seus ouvidos, mas não podia acreditar. Seu rosto caiu e ela apertou as mãos em punho, eu vi, como quem não queria mesmo estar passando por aquilo.

Nós éramos duas.

Ela então me encarou.

— Tu também sabias? É por isso que vocês duas vivem de cochichos pelas minhas costas?

— Não é bem assim, Pat — fui rápida em corrigi-la. — Eu... Descobri o que estava havendo entre a Stella e o Gabriel, não foi ela quem me contou. E antes mesmo disso eu já tinha sacado a sua... Você se lembra do dia em que te contei do Maurício? Foi nesse dia, eu vi como você olhava pra ele e liguei uma coisa na outra.

— Ah, meu Deus.

Patrícia levou as mãos à cabeça, claramente sem saber sequer o que pensar daquilo tudo. Ela caiu sentada na cama de novo, com uma expressão em branco no rosto, de total torpor. Stella parecia uma dinamite cujo pavio estava nos últimos minutos de vida, prestes a explodir bem ali ao meu lado.

De novo, em menos de vinte e quatro horas.

Nenhuma das duas sabia o que dizer. Eu vi vergonha e ressentimento em Patrícia. Vi arrependimento e pesar em Stella. E a minha incapacidade de, mesmo estando ali, não conseguir ajudá-las, não conseguir consertar as coisas, me frustrava muito.

— Como foi que isso aconteceu? — Patrícia perguntou à irmã.

E então Stella abriu a boca e despejou toda a história sobre como ela e Gabriel começaram a se falar. Contou sobre ele tê-la chamado no chat do Facebook para falar a respeito do CD que ele queria do Bazar. Falou sobre como ela o achou divertido e que as conversas deles jamais tinham fim e como isso era chocante para ela mesma.

Eles nunca prestaram atenção um no outro antes daquele início inusitado. Mas, de repente, parecia que ambos se conheciam há anos.

Patrícia ouvia tudo sem conseguir acreditar. E devia ser muito bizarro mesmo descobrir que pessoas tão próximas a você tinham uma vida secreta juntos. Tinham uma ligação que você *já* jamais poderia imaginar, principalmente quando aquilo te afetava diretamente. Como era o caso da Pat.

Eu não gostaria de estar na pele dela. Imagina perceber que sua irmã gêmea e o cara de que você gosta estão apaixonados? Eu me sentia mal por ela e pela injustiça do mundo porque, dentre todas as pessoas, a Patrícia não merecia nada disso. Ela não merecia sofrer uma decepção dessas.

Mas nenhum de nós está imune às decepções. Ela sempre chega até nós uma hora ou outra.

— Vocês duas devem me achar digna de pena — ela soava ressentida. — Eu, a pobrezinha apaixonada pelo cara que está envolvido com a própria irmã.

— Eu nunca vi nada disso dessa maneira! — Stella declarou ansiosa para que a irmã acreditasse nas suas boas intenções. — No momento em que eu percebi que tu *sentia* algo por ele, eu terminei tudo. Eu te juro.

— E isso é para eu me sentir melhor? — Pat perguntou, soando mais acusatória do que eu esperava. Os ombros da Stella despencaram derrotados.

— Eu só não quero te magoar. Eu nunca tive essa intenção.

— É verdade — eu intervim. — E nenhuma de nós duas disse nada ao Gabriel.

Patrícia deixou escapar uma risada sem humor que me pegou desprevenida. Eu sabia que ela estava se sentindo uma idiota e que seu orgulho, além do seu coração, deveria estar ferido. Mas não era culpa de ninguém. A pior parte dessa peça que o destino resolveu pregar era justamente que não havia nenhum vilão.

Patrícia não tinha culpa de gostar do Gabriel.

Gabriel e Stella não tinham culpa de estarem apaixonados.

— O que mais me magoa, o que é mais duro pra mim, é que vocês duas sabem de tudo isso há várias semanas e não foram capazes de me contar. Preferiram esconder de mim, me fazer de idiota — sua voz falhou no final, denunciando o quanto ela estava mesmo magoada conosco.

E aquilo partiu o meu coração.

— Nós só não sabíamos como te contar, Pat — eu falei. — Não sabíamos mesmo. Na verdade, eu ainda não faço ideia do que exatamente você sente. Mas só o fato de você *sentir* alguma coisa, por menor que seja, fez a sua irmã desistir do cara por você.

Eu ainda não acreditava que estava mesmo defendendo a Stella para a Patrícia, mas a vida tem dessas coisas inusitadas.

As duas se entreolharam, um olhar cheio de significado que só duas pessoas

que se amam muito poderiam compartilhar. Eu tive esperanças de novo de que as coisas pudessem ficar bem, por mais que a Pat ainda parecesse muito chateada.

— Você pode me perdoar? — Stella pediu em um fiapo de voz.

Patrícia soltou um suspiro e secou seus olhos, embora eu não estivesse vendo nenhuma lágrima. Ela se levantou de novo, de frente para nós duas, e cruzou seus braços no peito.

— Eu só queria que tu tivesses sido honesta comigo. Que viesse me perguntar o que estava acontecendo comigo e contasse o que se passava contigo — ela declarou. — Nós somos gêmeas, nós sempre dividimos tudo. Tu és a pessoa mais importante da minha vida. Sabe o que me faz sentir por saber que tu não *tá* com quem quer por minha causa? Uma idiota. Um fardo.

— Tu não és um fardo! — Stella se aproximou ainda mais, pousando a mão nos braços cruzados da irmã. — Eu também fiquei chateada por tu não ter me dito o que sentia por ele, mas eu sei que era eu quem deveria iniciar essa conversa a partir do momento em que descobri. Porque isso mudava tudo.

— Eu não disse nada porque eu não sabia o que dizer! — Patrícia se exaltou. Não conosco, mas com ela mesma. — Eu conheço o Gabriel desde que era uma criança, sou amiga dele desde o maternal e de repente... — ela se engasgou, embaralhando-se nas palavras, embaralhando-se nos seus sentimentos embaralhados. — De repente sinto essas coisas no estômago perto dele e começo a reparar no quanto ele é bonito e no quanto eu queria que ele me notasse assim também. — Ela encolheu os ombros e eu tinha certeza de que Stella estava prendendo a respiração. Não deveria ser nada fácil nem dizer nem ouvir nada disso. — Eu mesma estava surpresa demais com o que estava sentindo para dizer alguma coisa.

Stella assentiu, fazendo carinho no braço da irmã com o polegar. Pat abaixou a cabeça.

— Mas isso é uma queda. Isso é uma coisa inexplicável que *vai* desaparecer.

— Como você sabe disso?

Patrícia olhou nos olhos da irmã de um jeito intenso e disse:

— Porque ele é o meu amigo mais antigo e eu não quero estragar isso. E

porque ele já está apaixonado por outra pessoa.

Stella entortou a cabeça, fazendo força para não chorar e puxou a irmã para um abraço. Patrícia passou os braços pelo corpo dela também e as duas se fundiram em um bolo de dois corpos idênticos que, sem rosto, pareciam o mesmo. Duas metades iguais que se completavam em uma só. Dois tons diferentes de loiro, dois corações que se amavam mais do que a qualquer outra pessoa.

— Eu sinto muito, muito mesmo — Stella disse em meio ao abraço. Então elas se soltaram, voltando a se fitar. — Tu vai me desculpar algum dia?

— Eu preciso refletir sobre tudo isso — Patrícia foi sincera e, embora não fosse exatamente isso o que Stella queria ouvir, ela entendia. — Preciso pôr a cabeça e os sentimentos no lugar. No momento eu ainda estou muito... Eu não sei nem dizer o que estou sentindo. Estou sentida por vocês terem me mantido no escuro, me tratado como uma criança.

— A última coisa que a gente queria era te magoar — ouvi minha voz de novo, embora eu não faça ideia de como fiz para proferir aquelas palavras.

Ela me encarou e assentiu.

— Eu sei disso. Mas a intenção não é tudo, eu *estou* magoada. Não posso simplesmente fingir que não estou e agir como se nada estivesse acontecendo.

E, por mais que me doesse não saber se voltaríamos a ser amigas como antigamente, eu não poderia culpá-la por se sentir assim. Qualquer pessoa no seu lugar teria o direito de ficar ainda mais chateada do que ela estava, e eu não sabia se isso era porque a ficha ainda não havia caído direito.

Eu esperava que suas reflexões a fizessem perceber que, tanto eu quanto Stella, só queríamos o seu bem. Que não a fizessem criar ressentimentos maiores e a afastassem ainda mais de nós duas, agora que ela sabia toda a verdade.

Eu as deixei terminar de conversar com mais privacidade, até porque Stella sequer tinha contado à Patrícia sobre a discussão com seu pai. Saí do quarto das gêmeas me sentindo ao mesmo tempo mais pesada e mais leve. A carga emocional daquele dia estava sendo forte demais, mas em compensação, dizer a verdade, saber que agora não precisaríamos mais mentir para a Patrícia, era um alívio.

Subi para o terceiro andar e fui atrás de um remédio para dor de cabeça no banheiro. Depois me encasulei dentro do meu quarto, onde passei horas a fio pensando sobre tudo o que aconteceu, refletindo sobre o quão frágeis eram as relações entre as pessoas. Estávamos sempre sujeitos a magoar alguém ou sermos magoados, mesmo quando essa era a última das nossas intenções.

Quando João chegou a casa e bateu na minha porta naquela noite, eu voei da cama e o abracei muito forte, pegando-o de surpresa.

— Ei — ele disse, passando seus braços em volta de mim também e beijando a minha cabeça. Eu fechei os olhos, sentindo o calor dele me aquecer e repor todas as minhas energias perdidas naquele dia cansativo. — Tudo bem contigo, gurria linda?

Eu assenti e olhei para cima, encontrando o seu sorriso no canto da boca e seus olhos verdes caleidoscópicos. Ele beijou os meus lábios suavemente, saboreando-os com os seus sem nenhuma pressa. Tínhamos todo o tempo do mundo dentro do nosso limitado espaço de tempo.

— Senti sua falta o dia inteiro. Não foi uma tarde fácil nessa casa hoje.

— Eu estou sabendo. A coisa foi muito feia?

— Eu espero que não seja mais. Que tudo se resolva.

— Eu também, ruivinha.

Subi minhas mãos pelo peito dele até parar em seu rosto. Segurei-o e me demorei admirando-o sem saber como é que tive tanta sorte. Ele tinha uma alma linda, ele era a minha segurança quando as coisas estavam desabando e eu só me dava conta do quanto precisava dele para lidar com tudo isso agora que ele estava ali, comigo.

Na insegurança do nosso futuro, João e eu nos agarrávamos um ao outro como botes salva-vidas.

— Augusto — saboreei o seu nome na minha língua, o doce das sete letras juntas formando a palavra que eu amava.

Os olhos dele estavam presos aos meus e eu estava presa à Terra pela gravidade, mas estava presa a mim mesma através dele. Respirei fundo, sentindo meu coração se descontrolar com a verdade que ele vinha cozinhando, com a

veracidade das palavras que me rasgavam de dentro para fora, pedindo para vir à tona.

Eu tinha tanto medo delas, como se elas pudessem me devorar a qualquer momento e me transformar em sua refém. Como se, no momento em que eu as pronunciasse, no momento em que eu as trouxesse ao mundo, todo o *meu* mundo mudaria e passaria a girar em torno delas.

Eu não poderia ocultá-las. Não poderia sentir o que eu sentia tão intensamente, aqui nesse quarto, com esse garoto, todas as noites, e continuar negligenciando-as como se não existissem.

Foi por isso que eu larguei de mão toda a minha resistência, que enterrei meu pavor, que afrouxei o cinto do meu coração e as deixei percorrer todas as minhas veias. Deixei-as se transformarem no que eu sou e *me* transformarem no que elas eram.

Eu deixei que meus cinco sentidos se entorpecessem à sua vontade e disse:

— Augusto, eu estou apaixonada por você.

Primeiro ele ficou paralisado, ali, me olhando do alto com a boca um pouco aberta. Depois seus olhos verdes brilharam, seu peito se inflou, suas mãos alcançaram o meu rosto também e ele abriu o sorriso mais largo que existia na face deste planeta inteiro.

Um sorriso maior do que o próprio planeta.

E disse:

— Por que tu tens sempre que dizer as coisas antes de mim?

— Por que eu sou mais esperta, lembra?

Ele riu e eu ri e o mundo riu ao nosso redor e dentro de nós.

E ele disse:

— Eu estou apaixonado por ti, minha ruivinha.

E eu disse:

— É castanho-avermelhado.

E ele riu e eu ri e o mundo riu ao nosso redor e dentro de nós.

E dentro de mim algo estava diferente. Algo havia desabrochado e brilhava tão intensamente que a luz poderia ser vista até de Marte.

E ele me beijou apaixonadamente. Eu mergulhei apaixonadamente em seus lábios. Porque nós dois estávamos apaixonados.

E o meu coração doeu, uma dorzinha boa e ruim ao mesmo tempo. Uma dorzinha de quem tem algo muito precioso e muito medo de perder.

E ele disse:

— Vamos para a cama? Hoje eu quero te abraçar até você dormir.

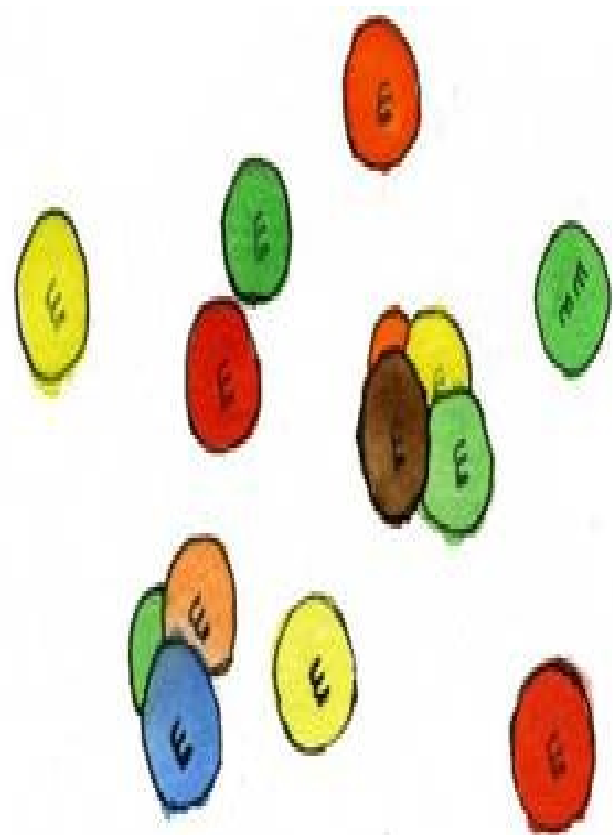
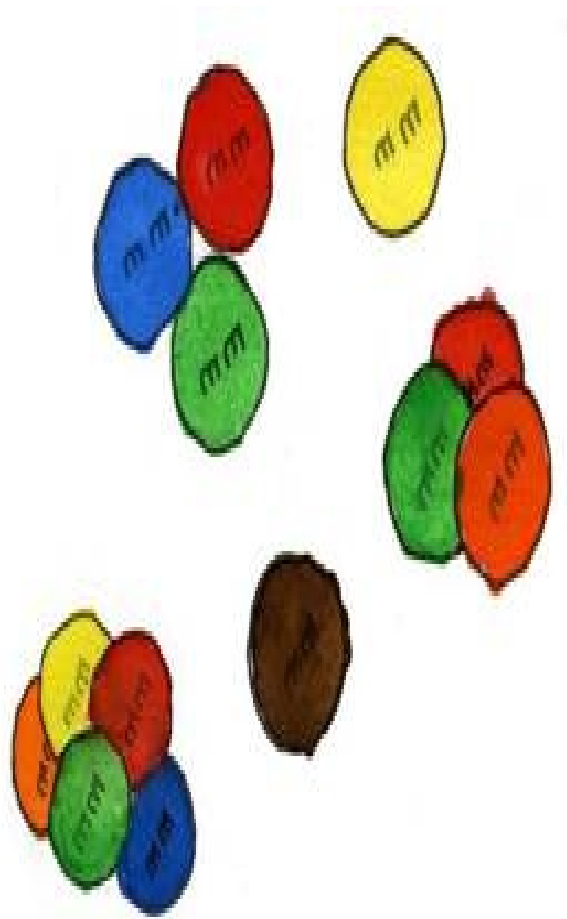
E eu disse:

— Desde que você me deixe brincar com o seu cabelo.

Ele assentiu e nós fomos para a cama onde ele realmente me abraçou até eu dormir. Peguei no sono sentindo o cheiro dele, sentindo o seu peito subir e descer com a respiração e os seus braços ao meu redor me segurando contra ele.

Como se eu fosse, de alguma forma, dele.

E nos meus sonhos ele riu e eu ri e o mundo riu ao nosso redor e dentro de nós.



31. Batalha de Bandas

O grande dia da Batalha de Bandas havia chegado e ninguém estava mais apreensivo do que o Hélio. Veja bem, meu irmão gostava de fazer tudo muito bem feito e, na sua percepção, só uma semana de ensaio não era o suficiente para alcançar o nível de excelência desejado na bateria.

Mas não havia outra escolha.

Toda a casa acordou já animada para o evento da noite, fazendo os preparativos e esperando ansiosamente. Não vi quando João e Hélio saíram porque, quando acordei, eles já não estavam mais em casa.

Mas não pense você que só porque todo mundo estava ansioso para o show dos meninos que o clima na casa não estava totalmente esquisito depois dos últimos babados fortes.

Não sei o que foi que mamãe e Otávio decidiram fazer, mas eles estavam dando espaço a Stella para ficar na sua. Ela, de alguma forma, parecia mais leve depois de botar suas insatisfações para fora. Eu também não sabia o que Otávio e sua filha conversaram sobre o assunto, mas pareceu surtir algum efeito. Uma vez que a ostra em que Stella se fechava quando estava com toda a família parecia menos dura.

Mamãe tomou isso como um sinal de que ela pudesse lhe dar abertura mais cedo ou mais tarde. E dessa vez eu e todo o meu realismo incorruptível fomos obrigados a concordar que havia sim uma possibilidade.

Ao menos ela não parecia ter acabado de chupar um limão toda vez que chegava perto da minha mãe.

Um passo de cada vez.

Patrícia também progredia no seu perdão lentamente. Ela obviamente ainda estava abalada com toda a coisa entre sua irmã e Gabriel, mas Pat era uma das pessoas mais fáceis de lidar que eu conhecia. Ela estava empenhada em esquecê-lo porque, honestamente, essa era a única opção nesse caso. Era da Stella que o Gabriel gostava e ela o correspondia, de modo que não seria justo eles terem que se separar.

Mas ainda assim não era fácil.

E eles não haviam voltado de fato.

Bem, a Stella ainda não se sentia confortável em namorá-lo e eu podia entender perfeitamente. Por mais que a Pat tivesse dito que não queria ser o motivo para a infelicidade amorosa dela, era complicado namorar um cara por quem a sua irmã gêmea *ainda* tinha uma queda.

Quer dizer, não é como se elas pudessem compartilhar o cara só porque compartilharam o útero.

De modo que os dois continuavam separados por tempo indeterminado. Eu sequer sabia se eles voltariam algum dia, se Stella estaria preparada para isso — tanto pela Patrícia quanto por ela mesma, pelo medo que ela sentia daquela paixão intensa. Talvez a história deles já tivesse passado da data de validade e daqui a algum tempo não desse mais para retomar de onde pararam.

O que também ainda não havia retomado do ponto onde parou era a minha amizade com a Patrícia. Nem o relacionamento dela com a Stella, pra ser sincera. Ela foi honesta ao pedir um tempo para si mesma, para digerir tudo aquilo com calma e eu sabia que aos poucos, naturalmente, tudo voltaria ao normal.

Ao menos eu esperava que sim.

De todo o jeito já era um alívio muito grande não precisar esconder tudo aquilo da Patrícia e me sentir culpada toda vez que eu olhava para ela.

Eu, Ingrid e Carol fomos até a casa da Roberta confeccionar cartazes para a banda dos meninos. Aparentemente, isso era uma coisa que elas faziam desde a primeira participação deles na Batalha, dois anos atrás, e eu fui incluída dessa vez porque elas gostaram de mim tanto assim.

Fizemos cartazes coloridos e purpurinados com as melhores frases como “*Made in Brazil* e sem pagar impostos” e “Somos todos *Made in Brazil*” e “Me passa o telefone do novo baterista” — essa última, é claro, ideia da Roberta.

A banda, como você já deve ter percebido, se chamava *Made in Brazil*. O que eu achei o máximo desde o dia em que o João me contou.

E lá fomos nós para o Beco levando as nossas obras-primas. Eu fiquei com o cartaz que dizia “*Made in Brazil* manda nudes” e estava doida pra ver a cara do

João quando ele o visse. Provavelmente ele iria rir muito, daquele jeitinho encantador que só ele sabia como.

Encontrei minha mãe, Otávio, Eduardo e Patrícia mal se contendo de ansiedade. Mamãe tinha uma câmera gigante na mão e não parava de falar sobre seu filhinho estar em uma banda com o filhinho do seu marido. Otávio também estava todo orgulhoso do João, embora fosse mais discreto do que a louca da minha mãe.

Chamei a Pat para vir conosco atrás do Apolo e fiquei surpresa — e feliz — quando ela concordou. Eu não sabia o porquê de ela não estar com seus amigos, mas talvez ela estivesse tentando evitar o Gabriel o máximo possível.

Avistei Hipólita com suas amigas de sala parecendo um grupo de tietes com fogo no rabo. Encontrei milhares de pessoas da escola, aliás. Stella e seu grupo de amigos também pareciam se divertir, mas ela se despediu deles e se juntou a nós quando nos viu.

O lugar já estava ficando completamente lotado e a barulheira da música que tocava nos alto-falantes não permitia conversas em tons baixos. Apolo acenou pra mim quando me viu, posicionado bem perto do palco, e eu e as meninas nos esgueiramos até ele e Ramon, com seu braço engessado.

— E aí, piá — Ingrid deu um tapinha no braço bom do Ramon. — Como está o coração?

Ele deu de ombros, claramente frustrado por não poder subir ao palco, mas ainda sim torcendo para que os amigos fizessem bonito.

— Ainda puto, mas a vida segue — foi a resposta dele.

— Admire então os nossos cartazes para você ficar muito contente. — Roberta disse. Nós quatro estendemos os cartazes para que os garotos e as gêmeas pudessem ler e eles caíram na gargalhada. — Fala sério, nós somos geniais.

— Eu queria um desses também! — Stella lamentou.

— Espera, tem um a mais aqui. Dividam vocês duas — Roberta entregou o cartaz que dizia “*Made in Brazil* destrói forninhos” para Patrícia e Stella, que o pegaram animadas.

— Será que eles vão conseguir ler? — Ingrid se preocupou. — Quero que o Di me veja aqui.

— Ele vai ver sim, guria, para de paranoia — Carol enrolou seu cartaz e o colocou debaixo do braço. Fiz o mesmo com o meu. — Onde é que eles estão, afinal?

— Ah, estão no camarim das bandas, parece que a cada três bandas todos os integrantes ficam concentrados lá atrás. Como eles serão os terceiros, tiveram que ir — Apolo explicou.

— Igual ao ano passado — Ramon lembrou. — Só que ano passado nós fomos os penúltimos no sorteio.

— E é melhor ser um dos primeiros ou um dos últimos? — eu quis saber.

— O melhor é ser o *melhor* — Roberta respondeu pelo amigo e os dois bateram os seus punhos.

— Boa noite, gente bonita! — falou um cara de topete, aparecendo de surpresa no palco, e todo mundo gritou em resposta. — Quem quer ouvir música boa essa noite faz barulho! — A gritaria foi maior ainda, inclusive saindo dos meus pulmões. Eu estava muito empolgada para ver os meninos tocarem, principalmente porque o João não me deixou ir a sequer *um* ensaio deles. Disse que era secreto.

O apresentador falou um pouco mais com a plateia e explicou como a Batalha funcionava. Dez bandas se apresentariam naquela noite, cada uma tocando três covers diferentes. Os jurados do torneio deste ano eram o proprietário do Beco, a professora de artes e coordenadora de uma escola Estadual da cidade, e o dono da rádio local mais badalada. Eles teriam trinta minutos após todas as apresentações para deliberar qual seria a banda vencedora, que sairia dali dois mil reais mais rica e com direito à gravação de uma demo que tocaria na tal rádio.

O segundo lugar ficaria com mil reais e o terceiro com quinhentos, fora os troféus que cada uma das três também levaria para casa. O apresentador agradeceu a todos os patrocinadores — um deles sendo meu querido padrasto, como não poderia — e a Batalha de Bandas estava finalmente valendo.

A primeira banda era boa, apesar de muito barulhenta para o meu gosto. Eles

tocavam um tipo de rock pesado que não era o meu preferido, mas me peguei batendo cabeça com a segunda música, uma que eu costumava ouvir bastante no ano passado. A plateia inteira se divertia ao som deles, principalmente porque o vocalista era lindo de *morrer* e tinha um agudo sensacional.

Eles saíram ovacionados e deram lugar à segunda banda, um pouco mais leve do que a anterior. Os caras fizeram adaptações de músicas de outros ritmos como “*I put a spell on you*” e “*I say a little prayer*” para o rock alternativo que ficou incrível demais! Com essa banda sim eu me soltei e pulei, cantei, fiz a farofeira inteirinha no meio da plateia pulsante. Carol, Patrícia e eu éramos as únicas que sabíamos a letra, mas Apolo, Roberta, Ramon, Stella e Ingrid enrolavam de um jeito muito engraçado.

A terceira música deles eu não conhecia, mas a Carol continuou amarradona, cantando como se não houvesse amanhã. Eu me aproximei do ouvido da Ingrid e falei:

— Esses aí são uma ameaça para os meninos, hein?

— Que nada — ela respondeu. — Espera só até eles entrarem no palco e tu vai ver o que é euforia de verdade.

A terceira música da banda terminou e todo mundo aplaudiu com força.

— Agora é a hora deles! — Apolo vibrou.

— Meu Deus! Espero que corra tudo bem — Patrícia fez figas com os dedos e eu a acompanhei fazendo o mesmo.

Comecei a ficar nervosa e meu coração estava a mil, também pela ansiedade, quando o apresentador anunciou:

— E agora com vocês, diretamente do Colégio Padre Amado, a banda *Made in Brazil*!

A plateia foi à loucura e os gritos de garotas afobadas se destacavam na cacofonia de sons. Nosso grupo se esgoelou, pulando, levantando os cartazes, deixando a adrenalina do momento nos percorrer e passar energia positiva para os meninos, que agora subiam ao palco.

Hélio foi para trás da bateria, o baixista que eu não conhecia acenou para a plateia e João vasculhou no meio de todo mundo até seu olhar se encontrar com

o meu. Ele sorriu para mim, com a palheta da sua guitarra entre os dentes, parecendo muito sexy com os cabelos lisos rebeldes jogados para todos os lados e a camisa xadrez vermelha amarrada na cintura. Meu coração explodiu em um milhão de pedacinhos, tamanha era a minha euforia ao vê-lo ali em cima.

Diogo se aproximou do microfone principal e cumprimentou a plateia com a mão e seu sorriso carismático. Ingrid e Roberta gritaram “gostoso!” e outras meninas ecoaram a mesma palavra vindo lá de trás. Diogo parecia tão confortável ali em cima que era como se tivesse nascido para isso. Ele brilhava, não só por causa do holofote na sua direção. Era um tipo de brilho que vinha de dentro e contagiava as multidões.

— Boa noite a todos — ele disse, girando sua guitarra de trás do corpo para frente. — Nós somos a *Made in Brazil*.

— Um, dois, três, *vai*.

E então, quando eu menos esperava, João começou a tocar os primeiros acordes de *Cough Syrup* e o meu queixo simplesmente despencou.

Eu não estava acreditando, *eu não estava acreditando*.

Eles estavam tocando a música do *Young the Giant* que eu apresentei a João, a música que ouvimos juntos no meu iPod e que agora me lembrava tanto dele. A música que ele aprendeu comigo e tinha um significado secreto para nós dois.

E ele a estava tocando com a sua banda, na famosa Batalha de Bandas de Assunção, para toda a cidade ouvir.

João Augusto começou a cantar e o meu coração se encheu de amor e alegria e incredulidade e ainda mais euforia. Uma revolução estava acontecendo dentro de mim e eu cantei junto cada uma das palavras da canção, olhando nos olhos dele, que olhava nos meus olhos, e naquele momento estávamos de volta no telhado da janela do meu quarto nos descobrindo.

João e eu.

Life's too short to even care at all, oh. ^[2]

(A vida é curta demais para se preocupar.)

I'm losing my mind, losing my mind, losing control.

(Eu estou perdendo a cabeça, perdendo a cabeça, perdendo o controle.)

Aos poucos eu percebi que não era só eu, era cada uma das pessoas da plateia sendo contagiada pela música, pela energia dos meninos em cima do palco, pela paixão com a qual João cantava a letra e eles tocavam a melodia.

E quando eu achei que não poderia melhorar, o ritmo mudou para um que eu também conhecia muito bem. Ingrid, Carol e Stella começaram a gritar, a plateia inteira gritou em reconhecimento quando eles mudaram de *Cough Syrup* para *Yesterday*, o primeiro single lançado pela Pixie Roxy em sua carreira.

Pixie Roxy. A minha cantora favorita.

João só podia estar de brincadeira comigo.

O ritmo frenético da música fez todo mundo pular e dançar como loucos. João e o baixista davam saltos e piruetas no palco que levavam a plateia à loucura. Hélio se soltou de vez na bateria e Diogo cantava e tocava como se a sua vida dependesse disso.

Eles eram simplesmente extraordinários.

Por mais que eu já imaginasse que eles fossem bons, jamais poderia ter me preparado para o que estava acontecendo ali diante de mim.

Quando a terceira música começou — *Quem Sabe*, dos Los Hermanos — o público já havia sido completamente dominado por aqueles garotos do ensino médio que pareciam possuídos pelo ritmo *ragatanga* em cima do palco. Que fizeram o meu queixo cair e os meus pés mal tocarem o chão de tanto que eu pulava.

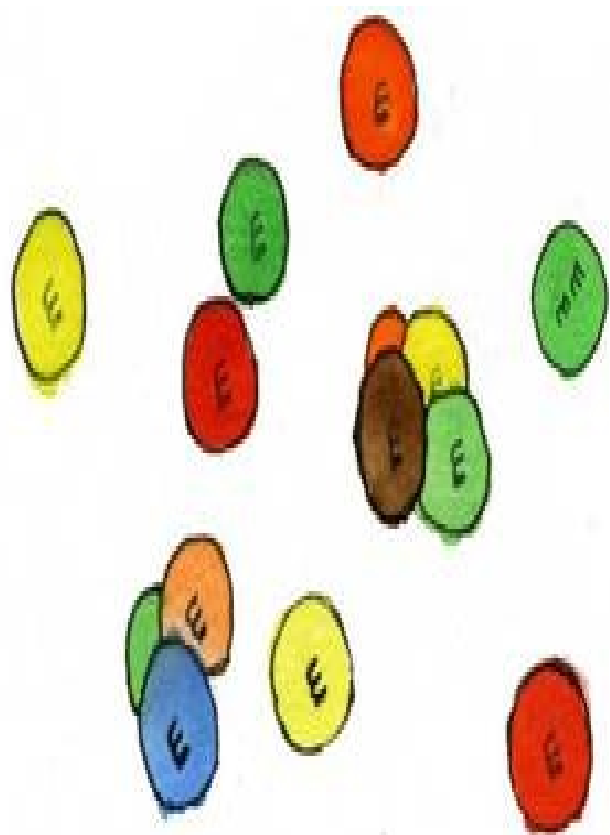
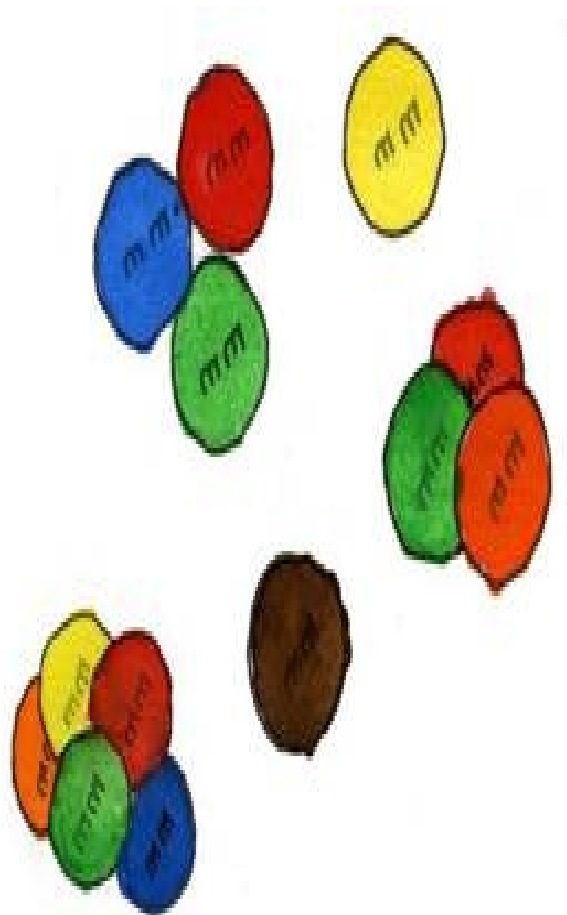
João e Diogo se aproximaram tocando suas guitarras em uma sintonia incrível. A voz do Diogo se encaixava perfeitamente na melodia e todos eles pingavam de suor.

Os meninos tocaram os últimos acordes e, se eu achava que as bandas anteriores haviam sido ovacionadas, com a *Made in Brazil* a resposta foi cinquenta vezes maior. O meu olhar e o de Ingrid se encontraram por uma fração de segundo e eu li os seus lábios formando as palavras “eu te disse”.

Encarei o João de novo, maravilhada com a experiência que eu acabei de ter. Tudo o que eu queria fazer era subir naquele palco e me jogar nos braços dele.

Beijá-lo como se não houvesse amanhã, como se só houvesse nós dois.

Os meninos se juntaram no meio do palco — ofegantes, suados e exaustos — e agradeceram ao público antes de se retirarem. Ainda consegui captar outro sorriso do João na minha direção e, naquele momento, nada mais importava.



32. Gatilho

A verdade era que eu estava desesperada para tocar o João e foi por isso que eu fiz o que eu fiz.

Nós estávamos entre nossos amigos, curtindo o show das bandas que vieram depois da *Made in Brazil*. Foi no início da última banda que João lembrou de que todas as coisas dos meninos estavam no camarim improvisado. Ele disse que iria pegar as mochilas e eu me ofereci para acompanhá-lo, alegando querer ir ao banheiro de qualquer maneira.

Mas João sabia que tudo o que eu queria era ficar sozinha com ele por um segundo que fosse.

Eu não ia aguentar chegar a casa.

Toda a adrenalina de vê-lo arrasando no palco — e ainda cantando músicas que claramente foram pra mim — fez com que eu mal conseguisse conter a vontade de me atirar nos braços dele e beijá-lo na frente de toda Assunção.

O que obviamente seria um escândalo total.

Mas valeria muito a pena, oh, eu garanto que sim.

De modo que no momento em que pisamos na sala-camarim e eu me dei conta de que ela estava vazia, fechei a porta atrás de mim e fiz o que eu desejava, me joguei em cima dele.

Nossos lábios se encontraram de maneira voraz e as mãos dele me seguraram pela cintura enquanto tombávamos adiante pela sala. Esbarramos em uma mesa, caímos em cima do sofá felpudo e foi quando João me afastou.

No que ele estava pensando para fazer uma coisa dessas?

Tentei beijá-lo de novo, mas ele apenas riu divertido e me tirou de cima do seu corpo gentilmente.

Eu não o estava encarando com uma cara muito amigável naquele momento.

— Calminha aí, ruivinha — ele disse, segurando meu queixo. — Se alguém entra aqui e vê a gente...

Eu estava me sentindo muito imprudente naquela noite. Nem um pouco

cuidadosa.

Mas a culpa era toda dele por ser essa sensação adolescente.

Meu Deus. Eu queria beijá-lo. Meus hormônios estavam me matando.

Mordi o lábio e apertei as mãos em punho, tentando conter a comichão nas minhas coxas quando ele me beijou mais uma vez.

— Não faz isso comigo — ele pediu quando percebeu que eu estava imóvel.
— Tu não sabes o esforço que tenho que fazer pra não te pegar de jeito toda vez que te olho.

Ele era um maldito.

Lá estava eu toda derretida, toda em carne viva.

Passei meu braço ao redor do seu pescoço e fiz carinho na sua orelha. Ele sentia nervoso quando eu fazia isso, seus braços ficavam arrepiados e eu sabia que mexer na sua orelha era como ativar um gatilho no seu corpo.

Ele me encarou com aqueles olhos verdes, percebendo o desafio e me advertindo a não ir mais além porque ele não sabia o que faria se perdesse o controle.

Eu não estava nem aí para o controle.

— *Guria...*

João respirava pesado e eu cheguei mais perto dele, adorando o poder que estava sentindo naquele momento. Adorando aquele joguinho que ninguém poderia tirar de nós dois.

Aproximei meus lábios da sua outra orelha e disse:

— O que foi, Augusto? — provoquei. Porque eu sabia que ele amava quando eu o chamava assim, o modo como meu sotaque se destacava na palavra.

Auguxto.

Sua mão estava firme na minha cintura, subindo pelas minhas costas lentamente. Eu sabia que ele estava prendendo a respiração assim como eu, com medo de sermos pegos e, ao mesmo tempo, eufórico com a adrenalina.

Ele me puxou para o seu colo e eu segurei o seu rosto com as duas mãos. Nossas bocas se encontraram e ele apertou a minha coxa e a minha cintura no momento em que sua língua me invadiu, e eu perdi a consciência e eu sorri na minha mente e eu agradeci aos céus por estar bem ali onde eu estava.

João mordeu o meu lábio e eu estava ficando meio louca. Meio ensandecida. Meio fora desse mundo e muito dentro do mundo que nós dois criamos. Como um vulcão se preparando para entrar em erupção, anunciando à população com pequenas explosões de que aquilo aconteceria a qualquer momento.

Fujam, fujam.

Essa era eu quando João Augusto Becker me beijava e me segurava dessa maneira.

Essa era eu quando ele dizia o meu nome e me olhava com vontade de que eu fosse um doce e ele pudesse me devorar com uma só colherada.

Nossos lábios se separaram ofegantes, mas a minha testa ainda estava na dele e a respiração dele inteira fazia carinho no meu rosto e ele riu e eu ri e seus braços ainda me envolviam e eu ainda o abraçava.

— O show já deve estar acabando. Eles vão sentir a nossa falta e vir nos procurar.

— Você precisa voltar pra poder subir ao palco de novo quando for campeão.

E ainda assim nenhum de nós dois se mexeu.

Ele riu com o nariz e eu afastei o rosto para fixar seus olhos, os meus olhos preferidos no mundo todo.

— Não vá contando muito com isso.

— Vocês foram os melhores — enfatizei, porque era verdade. — Se eu já não estivesse apaixonada por você, teria ficado hoje.

— Bem, isso explica todas as calcinhas que eu recebo de fãs.

Ah, João Augusto. Bancando o engraçadinho.

Esquivei uma sobrancelha e dei um tapa no seu peito.

— Não me obrigue a te mostrar a minha fúria.

— Não posso fazer coleção de calcinhas? — Ele claramente estava se divertindo às minhas custas. — As garotas me amam, sabe.

Ele não precisava *mesmo* me lembrar desse detalhe revoltante.

Eu fechei a cara.

— Se tem uma coisa que eu não sou nessa vida é obrigada a ouvir esses absurdos.

— Tu é muito egoísta, me querendo só pra ti.

— Disse o senhor ciumento.

Ele riu de mim e fez carinho no meu rosto.

— Tu estás fazendo bico, guria emburrada.

— Não estou nada! — protestei, embora eu tivesse certeza de que estava sim.

Mas eu nunca, jamais, admitiria minha fraqueza.

Não que eu tivesse tempo para tal, porque João me beijou de novo e eu me esqueci no segundo seguinte do que exatamente nós estávamos falando. Cravei meus dedos entre seus cabelos escuros e lisos, ainda em cima do colo dele, que estava particularmente saboroso naquela noite.

De modo que, quando a porta se abriu, nós não tivemos tempo sequer de nos separar.

E quando Diogo disse:

— Ah, mas eu *sabia* que era ela! Eu sabia!

Meu sangue simplesmente gelou dos pés à cabeça.

Olhei na direção da porta, atrás do sofá, e João virou a cabeça na mesma direção com uma expressão de quem acabou de descobrir que *Nutella* parou de ser fabricada.

Diogo e *Hélio* nos encaravam da porta, boquiabertos.

Insira aqui um palavrão de cinco sílabas.

Cinco vezes seguidas.

Diogo parecia mais vitorioso do que surpreso, pra ser sincera. Ele estava no cinema no dia em que João e eu nos conhecemos e nunca acreditou de verdade quando João dizia que eu e a “menina da camisa” não éramos a mesma pessoa.

Porque nós éramos.

Mas o rosto de Hélio havia perdido toda a cor. Seus olhos azuis estavam tão arregalados de um jeito como nunca vi antes. Me dei conta de que eu ainda estava em cima do colo do João e me levantei imediatamente, repetindo o coro de palavrões de cinco sílabas na minha cabeça.

Eu estava lascada, eu estava *muito* lascada.

E meu coração acelerado parecia concordar totalmente.

João também se levantou e Diogo deixou escapar uma risada e um assobio. Diogo era uma pessoa muito, muito estranha.

— Piá, eu sempre soube. Não sou otário, estava na cara que era ela — ele repetiu.

Hélio, a tensão em forma humana, não se mexeu nem um milímetro. Seu cérebro ainda estava processando a imagem que acabara de receber e o nervosismo entre João e eu só piorava a situação.

— Hélio, eu posso explicar.

Gostaria de dizer que fui eu quem disse isso, mas essa voz veio de João.

Eu ainda estava gritando na minha própria cabeça, paralisada demais pelo desastre que estava acontecendo para dizer qualquer coisa.

Hélio o encarou sério, totalmente surpreendido e chocado.

— Pois eu gostaria *muito mesmo* de uma explicação — ele disse e não estava para brincadeira. — O que você acha que está fazendo com a minha irmãzinha?

E lá estava a sua capa de Pai Protetor caindo como uma luva. Ele cruzou os braços e eu me aproximei.

— Hélio... — falei. — Por favor. Fica calmo.

A veia saltando na sua têmpora me dizia que ele estava tudo, menos calmo. E desse jeito não daria para ter uma conversa sensata.

Meu Deus. *Conversa sensata*. Até parece.

Meu irmão mais velho me flagra beijando o filho do nosso padrasto — *no colo dele* — e eu aqui querendo ter uma conversa sensata.

Bem, uma garota pode sonhar.

Hélio me fitou e eu tive medo, muito medo pela minha alma.

— Algum de vocês dois me responda o que está havendo aqui. *Agora*.

— Velho, não pira — Diogo, percebendo a situação delicada, tentou ajudar.
— Eles se conheceram antes de saberem que eram irmãos.

— Mas que merda, *nós não somos irmãos* — João corrigiu e a fúria contida nas suas palavras me mostrava o quanto ele estava cansado disso, o quanto ele estava cansado de que estivéssemos presos a essa ideologia. — Hélio, eu não queria que tu *descobrisse* isso assim — ele foi sincero.

— Eu achei que nós fôssemos amigos — meu irmão respondeu rápido demais, rude demais. — Mas você está... Meu Deus, o que você está *fazendo* com a minha irmã? — ele se exaltou e eu dei um passo para trás. — O que você acha que vai acontecer com ela?

— Nós somos amigos — João respondeu cauteloso. — Mas eu amo a sua irmã.

— Meu Deus.

Hélio passou a mão pelo cabelo, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo. Eu não sabia o que sentir, não sabia o que pensar, só conseguia ouvir o João dizendo que me amava. Ele nunca tinha dito que me amava diretamente assim, nós não havíamos chegado nesse ponto ainda.

Mas eu sentia e ele sentia e eu o encarei com todo esse sentimento transbordando pelos meus poros.

Como era possível que a nossa história parecesse errada aos olhos dos outros quando tudo o que sentíamos era *amor*? Como podia o amor ser condenável desse jeito?

Eu voltei até ele e entrelacei meus dedos nos seus. Me juntei a ele e seus ombros relaxaram um pouco. Estávamos juntos nessa, afinal de contas. Eu

estava cansada de me sentir culpada, de agir como se estivesse fazendo alguma coisa de errado por amar esse garoto. Eu não abaixaria a cabeça nem pediria desculpas. E torcia para essa coragem que me invadia agora não ir embora tão rápido quanto chegou.

Hélio nos encarava chocado. Ele pousou o olhar em nossas mãos unidas e depois em nossos rostos e não soube o que dizer. Eu sabia que ele estava sem palavras, sem sequer saber o que pensar dessa situação toda.

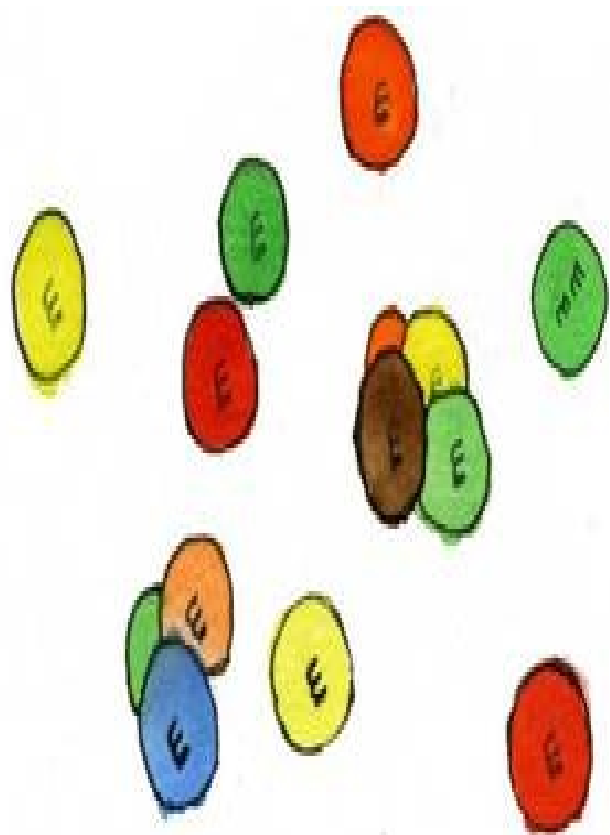
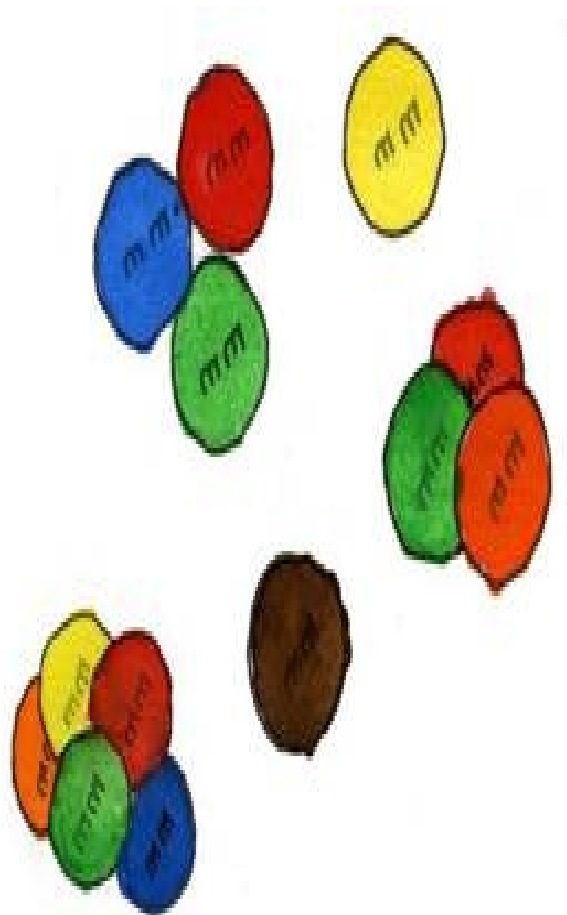
— Eu quero saber exatamente o que está acontecendo. Desde o início até hoje.

— Não podemos fazer isso agora — eu falei. — O show já deve até ter acabado e os outros vão nos procurar para ir embora.

— Ela está certa — apoiou-me Diogo. — Seria melhor se vocês fizessem isso em casa.

Hélio hesitou um pouco, mas ele sabia que nós tínhamos razão. De modo que voltamos para a plateia em silêncio, tentando fingir que nada havia acontecido e aguentar até podermos ir para casa.

E eu não sabia o que aconteceria depois disso.



33. Prazo de Validade

Stella foi a primeira a nos ver quando voltamos e bastou trocarmos um olhar para ela entender o que estava acontecendo.

Não sei dizer se mais alguém notou que havia uma nuvem negra pairando sobre João, Hélio e eu, mas dentro de mim tudo estava uma bagunça. Eu sentia medo pelo que meu irmão diria ou faria, sentia receio por ter que expor o meu namoro clandestino com o filho do meu padrasto, mas também me sentia aliviada.

Era como poder respirar depois de um longo tempo debaixo d'água, mas sem saber se o ar estava limpo.

Aguentamos até o final da noite, e o fato da banda deles ter vencido a competição ajudou bastante a mantermos a compostura. Diogo parecia a pessoa mais feliz que já pisou naquele palco quando eles receberam o prêmio e toda a família, todos os amigos, toda a plateia os aplaudiram com fervor.

Todo mundo sabia que aquele primeiro lugar era mais do que merecido. *Made in Brazil* finalmente tinha conquistado aquele pequeno triunfo, que para eles era gigantesco e muito significativo.

A galera decidiu sair para comemorar, mas tivemos que arranjar alguma desculpa. Eu aleguei dor de cabeça, João e Hélio usaram o cansaço. No dia seguinte, talvez. Hoje estávamos destruídos.

Hoje nossas mentes não conseguiriam relaxar até que pudéssemos resolver os nossos problemas.

Os dois vieram até o meu quarto depois que toda a casa foi dormir. Hélio parecia tenso, mas disposto a ouvir toda a nossa versão dos fatos. Eu preferia não ter de passar por isso, mas sabia que era inevitável. Eu sabia que uma hora ou outra nós chegaríamos a essa situação, mas nada poderia ter me preparado para isso.

Eu não queria que Hélio me julgasse. Tinha pavor só de pensar que ele acharia repulsivo, que ele se recusasse a aceitar e dissesse que João e eu precisaríamos nos afastar. Em parte porque a opinião dele sempre foi importante para mim, porque eu o amava e não queria que ele me encarasse com olhos de

repulsa e decepção.

Isso me mataria, isso me faria sentir desestruturada.

Mas a maior parte era porque, não importava o que Hélio dissesse, eu não me separaria do João ainda assim. Nunca tive nenhum desentendimento sério com o meu irmão — ele, Apolo e eu sempre fomos um time unido. Os irmãos mais velhos, aqueles que cuidavam da família junto com a mamãe, que eram cúmplices, que se entendiam só com um olhar.

Hélio era um dos meus pontos de referência na vida, ele era a beira da piscina em que eu me agarrava quando estava cansada de nadar.

Mas nem mesmo ele me afastaria do João.

Nós contamos juntos a ele sobre tudo o que havia acontecido, como havíamos nos apaixonado um pelo outro sem querer, sem conseguir evitar. Falamos sobre o primeiro encontro no cinema, sobre como todo o nosso destino foi determinado pela camisa que escolhemos usar naquele dia. Depois contamos sobre o choque de percebermos quem éramos realmente, no primeiro jantar da família, e como tentamos nos manter afastados depois disso.

Então João achou que deveríamos ao menos tentar ser amigos, nos conhecer, nos forçar a abraçar aquela irmandade que, a essa altura, parecia tão bizarra. Tão não funcional.

— Eu tentei muito olhar pra ela e ver só mais um dos filhos da Clara, como você, Apolo e Hipólita. Mas eu não consegui, eu olhava pra ela e via a guria que me interessou no nosso primeiro encontro — João disse em determinado momento.

— E vocês têm mantido essa relação escondida desde agosto?

— Sim — eu respondi. — Desde o aniversário das gêmeas. E nós não temos culpa do que sentimos, Hélio. É a mesma coisa que você sentiu pela Julia quando a conheceu, é uma coisa que não tem explicação racional.

Ele pareceu abaixar a guarda quando mencionei a Julia. Falar dela era o jeito mais fácil de fazê-lo compreender o que acontecia entre João e eu. Hélio suspirou e balançou a cabeça, mordendo a unha do dedo mindinho como fazia quando estava pensando em algo sério.

— Vocês já estão envolvidos demais um com o outro para voltar atrás — ele constatou, nos olhando nos olhos com intensidade. — É disso que tenho medo.

— Eu nunca faria nada para magoar a Cali — João foi taxativo.

— Vocês dois vão se magoar — Hélio disse. — E não é culpa sua nem dela. Eu estava pronto para dizer que vocês são dois imprudentes e têm que acabar com essa história agora mesmo... Mas depois de ouvir tudo isso? Não posso. Afinal de contas, não somos mesmo irmãos e o modo como vocês se conheceram alterou todo o curso da história.

Ficamos os três em silêncio, refletindo sobre as palavras de Hélio.

— O que você quer dizer com “vamos nos magoar”? — perguntei.

Mas eu já sabia a resposta. Hélio viu no meu rosto que eu sabia a resposta, mas eu precisava que ele me dissesse. Precisava ouvir da sua boca, da sua voz da razão que sempre me manteve na linha pela minha vida inteira.

Ele parecia solidário por nós, os amantes desafortunados. Quase com pena. O que eu não sabia se era melhor ou pior do que a indignação.

Então ele disse:

— Vocês precisam contar aos nossos pais. Minha mãe e Otávio. E eu não sei o que vai acontecer depois disso.

Mordi meu lábio, tentando conter o desespero que se alastrava dentro de mim. João segurou a minha mão com força.

— Nós precisamos contar — ele concordou. — Nós sabemos o que queremos e se eles descobrirem de outra maneira será muito pior.

Hélio assentiu. Eu queria me encolher em uma bolinha até conseguir desaparecer.

— Mas nos dê algum tempo — eu pedi. — Não pode ser agora, imediatamente. Nós precisamos de um tempo para saber o que dizer, nem que seja pra nos preparar para o pior e...

Uma batida na minha porta nos pegou de surpresa.

Nos entreolhamos, alertas, e eu soltei minha mão da do João na mesma hora.

Meu coração parecia ter sumido de dentro do meu peito.

— Quem é? — perguntei.

— Sou eu — a voz de Stella veio abafada do outro lado da porta e eu suspirei aliviada. Disse a ela que entrasse e a garota apareceu com sua expressão de preocupação no rosto. Ela trancou a porta de volta e se aproximou. — Não consegui dormir, preciso saber o que vocês irão fazer.

— A Stella sabe? — Hélio parecia confuso e surpreso com a nova informação.

— Eu descobri — ela respondeu. — Eu sei desde o início.

— E você...?

— Eu surtei bastante quando descobri — ela cortou o meu irmão, tomando a frente da situação. — Mas eu não acho que eles estejam fazendo nada *errado*, só é muito problemático, é muito complicado de dar certo. E eu não quero que ninguém mais sofra.

— Ella, nós vamos contar — João disse à irmã e ela pareceu surpresa. — Precisamos contar.

Stella assentiu lentamente, processando a informação. Ela me encarou e depois encarou João com a sua personalidade forte se derramando sobre nós. Parecia determinada, parecia querer envolver um escudo em volta de nós dois.

— Só quero que saiba que eu estou do seu lado, Guto, pro que tu *decidir*. — Ela me fitou de novo. — Vocês dois.

João sorriu para a irmã, muito agradecido pela solidariedade. E naquele instante eu tive esperança, pela primeira vez, de que poderíamos ter um final feliz. De que poderia existir um futuro para nós dois e que não faríamos a nossa família complicada e instável ruir de uma vez por todas.

— Mais alguém em casa sabe sobre isso?

— Não, Hélio. — eu disse. — Apenas vocês dois, a Helô e o Diogo.

E o Gabriel, eu pensei. Mas não disse nada. Ninguém disse nada.

— Me avisem quando decidirem contar a todos. Eu também estou do lado de

vocês, se isso serve para alguma coisa.

É claro que servia e aquilo encheu os meus olhos d'água. Não consegui evitar e avancei para meu irmão, abraçando-o com força. Ele me envolveu com seus braços protetores, me deixando saborear aquele momento de alívio e conforto por ele estar do meu lado. Eu não devia nunca ter duvidado de que Hélios me apoiaria, porque o que ele sempre fez a vida inteira foi querer me proteger.

Tanto meu irmão quanto Stella foram embora para seus quartos pouco tempo depois, mas João ficou um pouco mais. Nós nos sentamos no telhado debaixo da minha janela, no friozinho da madrugada do início de outubro no Paraná. Minha cabeça estava deitada no ombro dele, que envolvia meu corpo com seus braços.

Eu me sentia segura dentro deles.

— Não importa o que aconteça, nada vai mudar o que eu sinto — eu falei.

Entrelaçamos nossas mãos e João beijou a minha cabeça com ternura.

— Eu também não posso negar os meus sentimentos. Jamais poderia fazer isso.

Me virei para ele, fitando seus olhos verdes.

— Eu tento não pensar sobre nossos pais, tento não pensar também sobre depois de dezembro, mas a todo momento...

— Eu não quero que tu te preocupes com isso — ele me cortou, um pouco desesperado.

Nós nunca falávamos sobre isso porque, francamente, não havia muito o que se dizer. Nosso futuro já estava definido; independentemente dos nossos pais, nós nos separaríamos por algum tempo. Eu só não conseguia evitar pensar no que isso iria implicar no nosso relacionamento.

É claro que a situação com nossos pais era muito mais séria. Era a minha maior preocupação, era, na verdade, o que me fazia *tentar* não me preocupar com nada.

Viver o momento.

Porque eu nunca sabia quando é que ele se encerraria.

Mas aqui estávamos nós, tomando um rumo na nossa vida quanto a isso, nos unindo para mostrar aos nossos pais que não dava mais para fingir que o que sentíamos não existia. Decidindo assumir que estávamos apaixonados e não sabíamos mais como mudar.

E o que me restava era um monte de dúvidas.

Por que será que valia a pena? Será que era inteligente enfrentar toda a nossa família por um relacionamento que já tinha prazo de validade?

— Estamos juntos, ruivinha — ele me garantiu. — Nada vai mudar isso, eu te prometo.

Mas eu não tinha tanta certeza disso.

— Eu não planejava me apaixonar esse ano, isso tudo me pegou desprevenido — João continuou. Beijou minha mão, cada um dos meus dedos. — Mas isso aqui que nós dois temos é a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo.

Eu puxei seu rosto para o meu e nossos lábios dançaram em um beijo ansioso, um beijo com a necessidade de algo que parecia estar se evaporando por entre as nossas mãos. Ele me segurava com firmeza, para ter certeza de que eu ainda estava ali ao seu alcance. E eu fazia o mesmo, tentando não me lembrar de que em breve ele não estaria mais.

E aquilo doía dentro de mim como ferro quente.

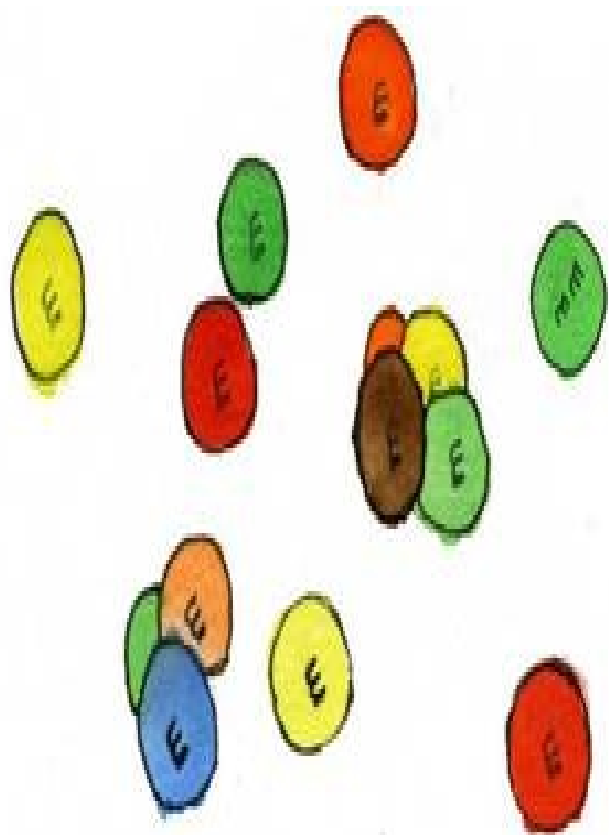
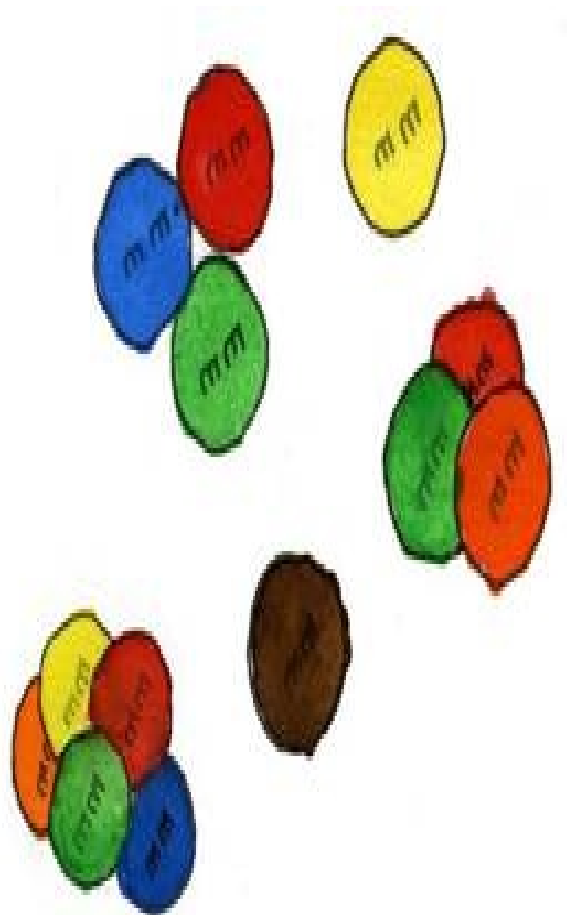
— Eu te amo — ele disse, ofegante entre meus lábios. Me beijou de novo, sua língua lutando com a minha de novo, sua testa colada na minha, seus olhos fechados, o coração apertado, as mãos percorrendo meu corpo inteiro. — Cali, eu te amo.

— Eu amo você, Augusto — respondi, tentando não soar tão melancólica quanto eu estava me sentindo naquele momento.

Mas eu o amava, eu o amava sim.

E isso era tudo o que eu queria que me preenchesse.

Era tudo o que eu queria entre nós até o céu começar a se desfazer da escuridão. E meu único desejo era que o sol trouxesse para nossas vidas a luz que precisávamos.



34. 21 de Outubro de 2015

João e eu estávamos vivendo em uma espécie de contagem regressiva. Cada segundo que passávamos juntos era um segundo a menos e nós tínhamos plena consciência disso.

Estávamos acordados, de olhos bem abertos para o final do túnel, seja com luz ou sem luz.

Por sorte, o mês de outubro foi, provavelmente, o mais cheio em todo o ano. Na escola, todos só sabiam falar sobre o ENEM que se aproximava e a vitória dos meninos na Batalha de Bandas. Depois da conversa com Hélio foi que a ficha do João caiu e ele pôde aproveitar o momento com seus amigos.

E, se ele já era alvo das meninas da escola antes disso, a coisa ficou insuportável depois dessa droga de vitória.

Eu ficava impressionada com o quanto Ingrid lidava bem com as garotinhas cercando e dando em cima do Diogo descaradamente. Gostaria muito de ser uma pessoa tranquila e bem-resolvida como ela, mas a verdade era que eu me segurava para não dar um soco na cara de cada uma que se aproximava do João pra dar parabéns e se mostrar na hora do intervalo.

É claro que o fato de elas acharem que o João não estava comprometido com ninguém piorava muito mais a situação. Para todos os efeitos, Diogo era o único que tinha uma namorada no grupo (elas simplesmente ignoravam ou fingiam não acreditar no namoro do Hélio e adoravam o fato de ele “se fazer de difícil”).

Pela primeira vez na minha vida eu vi Hélio ser a estrela e Apolo a sombra.

O que não o agradou muito de início.

Mas, na verdade, isso só durou uns cinco minutos porque Apolo, bem, era *Apolo*.

Eu estava cada vez mais entrosada com Ingrid e Roberta e comecei a passar meus intervalos com o grupo delas — que também era o grupo do João e dos meus irmãos. Isso porque, apesar de Patrícia ter ficado conosco na noite da Batalha, nossa relação ainda estava meio esquisita. Eu não sabia muito bem como agir perto dela porque ela não parecia me dar abertura para me aproximar. O Gabriel notou que havia algo de estranho entre nós, mas fiquei agradecida por

ele não me perguntar o que era.

Gabriel, aliás, estava tentando seguir em frente. Ele ainda era meu melhor amigo em Assunção e nós dois trocávamos confidências, de modo que ele sabia em que pé as coisas estavam com João e eu também precisava ouvir cada mudança de status no relacionamento dele com Stella — mesmo quando não havia mais relacionamento nenhum.

Era um sentimento agriçoce esse de saber que ele havia desistido de entender qual era o problema dela e finalmente aceitado o fim. Porque eu sabia a verdade, eu sabia que os dois se gostavam, mas também não queria que ele ficasse sofrendo pra sempre enquanto ela lidava com seus problemas.

Ela, pra ser sincera, parecia um elemento em fase de transição. Estávamos todos mudando, todos passando por situações que transformavam o que éramos em uma nova versão de nós mesmos. Dizem que a adolescência serve para isso, para nos descobrirmos e entendermos quem éramos e qual era o nosso espaço no mundo. Nossos sentimentos viviam à flor da pele e cada acontecimento parecia ser o começo ou o fim do mundo.

Até mesmo para mim, a Senhorita Sensatez.

Mas, talvez por Stella sempre ter sido uma pessoa muito difícil de se ler, a diferença no seu comportamento era a mais notável. Dava para ver de longe que ela estava lutando contra si mesma, contra os fragmentos dela mesma que lhe faziam mal e a impediam de seguir em frente com a sua vida. E, ao mesmo tempo em que a luta interna a deixava completamente exausta, também era libertador.

E eu sabia de tudo isso não só porque sempre fui boa observadora, mas porque agora Stella e eu conversávamos de verdade. Não daquele jeito de antes, quando fazíamos isso às escondidas e não queríamos nem assumir que gostávamos de conversar uma com a outra. Mas sempre que dava vontade, sempre que eu tinha alguma coisa a dizer e sabia que ela me entenderia e vice-versa.

Quem diria, não é mesmo? Alianças, às vezes, são formadas nos lugares menos prováveis.

No dia 16 de outubro, João e seus amigos foram ao show do Los Hermanos em Curitiba, uma coisa que ele achava que nunca teria a chance de fazer em sua

vida, já que a banda não estava mais junta há muitos anos. Mas, por algum motivo, eles decidiram sair em turnê por vários estados do Brasil e matar o desejo dos seus seguidores fiéis.

Sabe-se lá quando os fãs teriam outra oportunidade como essa, e eu estava muito feliz pelo João conseguir aproveitá-la. Segundo ele, os ingressos acabaram tão rápido que nem ele acreditava que havia mesmo conseguido comprar. Motivo pelo qual não pude adquirir um agora para acompanhá-lo.

Ele voltou tão feliz do show que passamos a madrugada inteira conversando no telhado debaixo da minha janela. Ele me contou sobre cada detalhe de um jeito que, no final das contas, parecia que eu havia estado lá também.

Mas, por mais que eu tivesse ficado muito animada por João, nada me deixou mais ansiosa naquele mês quanto pelo dia 21.

— Você realmente não vai me contar o que é que vamos fazer? — eu perguntei a ele pela milésima vez.

Estávamos no meu trabalho, cochichando na sala dos empregados durante meus quinze minutos de intervalo. Ele estava muito satisfeito consigo mesmo pelo suspense que estava fazendo, mas surpresas realmente acabavam comigo. Minha curiosidade extrema não aguentava o desespero.

— Tu ainda não *tem* nenhum palpite? Não é nada muito difícil de imaginar.

— Eu não consigo pensar em nada quando alguém me diz isso! — protestei, jogando os braços para o alto e o fazendo rir de mim.

João se aproximou e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Esteja pronta às 19h, ok? Eu vou passar pra te pegar.

— Mas João, como que a gente...

— Shhh... — ele me calou com outro beijo. — Só esteja pronta. Você disse a sua mãe que ia passar a noite na casa da Ingrid?

A Ingrid agora também sabia sobre nós e estava nos cobrindo para a minha mãe. O que era bastante conveniente, se você quer saber.

— Disse.

— Ótimo. Então temos a noite toda. Agora eu preciso ir porque estou cheio de simulados do ENEM pra terminar e marquei com os piás lá em casa.

E assim nos despedimos naquela tarde e eu voltei para o meu posto de balconista ao lado dos meus companheiros, Jeff e Mari. É claro que eu não conseguia tirar da cabeça qual seria a surpresa de João para aquele dia especial, mas só a ideia de passar a noite inteira com ele sem que precisássemos nos preocupar sobre sermos pegos era maravilhosa.

Fiquei contando os minutos para o meu horário de saída, obviamente. De olho no relógio do meu celular, dei um salto de dentro do balcão quando marcou 19h e bati em retirada para a saleta dos funcionários. Não daria tempo de tomar banho então eu lavei meu rosto, minhas axilas e passei meu perfume preferido. Coloquei uma camiseta preta com minha jaqueta vinho nova e calças jeans, penteiei o cabelo com os dedos e passei lápis de olho e brilho labial só pra dizer que minha cara não estava cem por cento lavada.

Peguei minha mochila e soltei um longo suspiro antes de abrir a porta.

Hélio me encarava do outro lado com uma cara assustada, o que *me* fez levar um susto.

— Santo Deus. O que você quer?

— Você foi solicitada na sala quatro — ele me informou, ofegante como se tivesse corrido. — Tipo, agora.

— Mas a sala quatro esteve interditada para manutenção hoje o dia todo.

Hélio deu de ombros, como se não pudesse fazer nada.

— Eu só cumpro ordens por aqui, maninha.

Deixei escapar outro suspiro, dessa vez de frustração, e passei por ele para ir até a droga da sala quatro. O que, diabos, *eu* teria que fazer dentro daquela sala? Não fazia o mínimo sentido. Por sorte a entrada era no corredor lateral e não de frente para todo o salão como as outras três. Era uma quarta-feira, sim, mas já começava a circular mais gente pelo cinema agora que escurecia.

Hélio me escoltou durante todo o caminho e, quando paramos na frente da sala, que parecia tão vazia e inútil como foi em todo o resto do dia, eu me virei para ele de braços cruzados.

— Hélio, se isso é algum tipo de pegadinha, não é o dia certo. Eu tenho...

— Não é pegadinha nenhuma — ele me garantiu, com um sorriso maroto nos lábios que o fazia parecer Apolo. Eu estreitei meus olhos.

— O que você está fazendo?

— Eu nada. Sua presença foi realmente requisita aqui. Eu já te trouxe então meu trabalho está feito. Agora só falta você entrar. E não se esqueça de fechar a porta de novo porque, como você bem sabe, essa sala está interditada.

Meu irmão me lançou uma piscadela e se virou de costas pra mim, indo embora para arrumar as suas coisas e voltar pra casa.

Encarei a enorme placa amarela em que estava escrito “Interditado, não entre” e passei pela faixa que isolava a sala. Empurrei a porta pesada e subi a rampa escura lateral da sala, não escutando nenhum barulho lá dentro. A tela estava desligada e eu me perguntava o que, diabos, estava fazendo ali; ia me atrasar com certeza agora.

Mas quando virei e pude finalmente encarar os assentos da sala, fui surpreendida pelo João.

Ele estava de pé, ao lado de uma das fileiras de poltronas vermelhas bem no meio da sala. Eu o encarava ainda um pouco hesitante, mas subindo até ele sem precisar de segunda ordem. João abriu um sorriso enorme e me enlaçou com seus braços quando o consegui alcançar.

— Surpresa!

Ele beijou minhas bochechas, meu queixo, meus lábios, meu rosto inteiro.

— O que está acontecendo? — perguntei entre beijos e risadas.

Era tão... Libertador e apavorante poder beijá-lo assim em um lugar público, um lugar que não era o meu quarto ou o nosso telhado. Aquela era a primeira vez que nós dois saíamos de verdade, como um casal normal, sem precisar nos esconder o tempo inteiro.

— Fechei a sala para nós, vamos fazer maratona de *De Volta para o Futuro* juntos aqui — ele anunciou e eu deixei escapar um som impressionado. Abri a boca para dizer algo, mas João estendeu o dedo, me impedindo. — Antes que

você pergunte, eu disse ao meu pai que ia trazer uma guria, só não contei *qual* guria seria. E aí ele me cedeu a sala, só tenho que fechar o cinema quando sairmos. Eu trouxe cobertor para nós e comida.

Dei uma espiada nas duas poltronas bem no centro da fileira com o cobertor e toda a comida em volta. Havia bacias de pipoca com manteiga, barras de chocolate, minhoquinhas ácidas e balas de gelatina em formato de dentadura, ursinhos e tubarões porque João sabia que eram minhas preferidas. Tinha também amendoins com casca, porque ele amava, e refrigerantes.

— Uau. Você pensou em tudo. Marty McFly será muito bem recebido por nós.

— Muito obrigado, senhorita. E sim, acho que se ele chagasse aqui agora não ia nem querer voltar pro seu tempo.

— Mesmo ainda não tendo os *Hoverboards* — lamentei.

— Esse infelizmente é um problema que não podemos resolver, ruivinha.

Passei o braço em volta do pescoço dele e sorri abertamente.

— Você é o melhor, Augusto. Eu não poderia ter pensado em nada melhor pra comemorar o dia em que Marty McFly chega a 2015.

21 de outubro de 2015.

As mãos do João apertaram a minha cintura e ele me deu um beijo no pescoço que me fez fechar os olhos e os meus dedos em sua camisa. Minha pele se arrepiou inteira quando seus dentes me morderam de leve e eu tive que me concentrar para não esquecer os planos de assistir aos filmes e só ficar ali me agarrando com ele.

Estava ficando cada vez mais difícil ignorar os meus hormônios gritantes toda vez que João tocava em mim. Era difícil ignorar o fato de que eu dividia a minha cama com ele todas as noites, sem ninguém saber, no escuro, com seus lábios e suas mãos à minha disposição e...

Ah.

João tinha muito cuidado comigo, cuidado até demais para não cruzar uma linha para qual não poderíamos voltar nunca mais. O que o pai dele pensaria, o

que a minha mãe pensaria se fizéssemos tudo aquilo que se passava nas nossas mentes depravada? Bem debaixo do teto deles, enquanto eles achavam que nós estávamos convivendo como irmãos.

Se a nossa situação já era complicada sem a interferência *disso*, imagina se nos deixássemos levar.

Seria um verdadeiro caos.

Mas o fato é que em alguns momentos eu queria mandar a razão, o medo, a prudência para o quinto dos infernos e tirar toda a roupa dele. Deixar que ele tirasse toda a minha roupa. E me perder de vez em seus braços e em tudo o que ele representava para mim.

Eu queria que *fosse*. Que fosse com ele, que ele fosse o primeiro.

Na contagem regressiva que estávamos vivendo, esse sentimento de inconsequência só aumentava, porque eu não sabia o que aconteceria depois. Eu não sabia qual seria a última vez em que eu poderia ficar a sós com João no meu quarto, no nosso planeta particular.

Ele me conduziu até as poltronas e levantou o braço que separava a minha da dele. Me deu um beijo na têmpora e me entregou uma bacia de pipoca.

— Já volto, vou lá na cabine de exibição colocar os filmes pra rodar e aí é só alegria.

— Vai lá, meu herói.

Ele foi e voltou em um segundo, com as luzes já se apagando e o começo do primeiro filme da trilogia aparecendo na telona só para nós dois. João passou o braço pelo meu ombro e eu me encolhi dentro do cobertor que estávamos compartilhando, me apoiando no peito dele e me sentindo tão feliz quanto poderia naquele dia.

Completa.

Fechei os olhos por alguns segundos e saboreei aquele momento.

— Você sabe que esse é o nosso primeiro encontro de verdade, né? — falei.

Seus olhos verdes se encontraram com os meus no escurinho do cinema e eu senti meu coração tamborilar tanto que poderia até sair pela minha boca. João

segurou minha mão e nós entrelaçamos nossos dedos com força, com medo de soltar, com vontade de fazer aquela noite durar para sempre.

— Eu sei. Foi só nisso que eu pensei o dia todo, queria que fosse perfeito.

Eu sorri para ele e acariciei seu rosto, meu rosto preferido no mundo todo. Beije seus lábios macios e nossos narizes roçaram um no outro.

— Não tem como não ser perfeito com você. Você é tipo a personificação da perfeição.

— Ah, *tá* bom — ele riu cético. — E *tu* é exagerada demais.

— Bem, pra mim você é. Não é isso o que importa? — eu o instiguei, levantando uma sobrancelha inquisitiva de brincadeira.

João puxou minhas pernas para o colo dele e trouxe minha cintura para mais perto. Ele me segurou pela nuca com a outra mão e nos entregamos um ao outro em um beijo apaixonado. Eu morri nos braços dele, sentindo a agonia do prazer que ele me dava e do quanto já sentia falta, do buraco no meu peito por saber que aquilo poderia se acabar, que iria se acabar.

Eu queria chorar. Queria me desfazer em lágrimas e evaporar para o céu só para poder voltar em forma de chuva e encharcá-lo comigo mesma, inundá-lo em mim e afogá-lo no meu desejo.

Suas mãos caminhavam pelo meu corpo e eu me enganchei em seu colo, de frente pra ele, devorando seus lábios com tanta vontade que fiquei com medo de estarmos nos machucando. Ele traçou uma trilha de beijos pela minha garganta e eu ofeguei, de olhos fechados, descendo minhas mãos pelos seus ombros largos.

João subia os dedos pelas minhas costas nuas, debaixo da minha camiseta preta e eu nem sabia onde é que tinha ido parar a minha jaqueta. Suas mãos pararam na minha barriga, na barra do meu sutiã e tudo o que eu sentia era cada fibra que me mantinha de pé se evaporando por causa dele.

Minhas coxas apertavam as suas coxas, eu subi a camisa dele até tirá-la pela sua cabeça e comecei a beijar o seu peito nu em uma mistura de leite e angústia, saboreando sua pele quente e macia e rezando para que aquela noite nunca terminasse.

João afastou toda a comida e subiu o outro braço da poltrona ao nosso lado

para que ele pudesse me deitar. Ele ficou de joelhos em cima de mim e nossos olhares se encontraram de novo e eu vi que dentro dele havia de novo aquele animal, aquele instinto que não tem nome nem face, que não tem sabedoria nenhuma além da *vontade*.

E o amor que eu sentia por ele era tão grande e crescia pelas minhas veias e ele retribuía aquela ligação inabalável sem precisar dizer nenhuma palavra. Ele desceu o tronco e me beijou nos lábios, a sua língua me invadiu do jeito como já estava acostumada a fazer, do jeito que me fazia revirar os olhos.

E eu

Morri

E voltei à

Vida.

Ele parou bruscamente e me fitou de novo, preocupado, tentando se conter, tentando voltar atrás e não sabendo como.

— Não posso fazer isso contigo, Cali. Eu não posso.

Tentei puxá-lo de volta, inconformada por ele ter parado, não querendo dar ouvidos a nada do que ele tinha a dizer.

— Você não está fazendo nada comigo, é uma escolha minha também.

— Mas eu não posso. Não posso fazer sexo com você e depois ir embora como se nada tivesse acontecido.

Ele se afastou de mim, voltando a sentar na poltrona com o rosto apoiado nas mãos, os cotovelos nos joelhos, a cabeça baixa em respiração pesada.

O filme ainda rolava na telona em frente a nós.

Eu me aproximei e pousei a mão no ombro dele.

— Augusto...

— Me desculpa. — Ele me encarou de novo, parecendo muito chateado consigo mesmo. — Eu te quero tanto, mas eu não ia me perdoar se tirasse sua virgindade e depois fosse embora. Eu nem sei mais se eu quero ir, eu...

— Ei — segurei o rosto dele e olhei firme nos seus olhos. — Nós já conversamos sobre isso, de jeito nenhum eu vou ser o motivo pra você desistir do seu sonho. Ouviu bem?

— Eu sei, eu sei — ele assentiu. — Eu só fico meio desesperado quando penso...

— Eu também fico, mas nós temos outros problemas pra pensar antes disso. Lembra? Nossos pais? Precisamos contar a eles e eu ainda não faço ideia de como fazer isso.

Ele assentiu de novo, mas ficou em silêncio por um tempo.

— Nós deveríamos estar assistindo ao filme, deveríamos estar nos divertindo.

Eu suspirei, soltando-o e me esparramando na minha poltrona.

— Com tudo o que anda acontecendo, eu não consigo relaxar um só minuto. Eu estou uma pilha, João.

— É, eu sei. Eu também estou. Acho que precisamos fazer isso logo, assim que passar o ENEM nós precisamos pegar coragem e contar pra eles. Não dá pra esperar mais um mês.

Eu fechei os olhos, ouvindo a voz do Doc e do Marty vindo dos alto-falantes e querendo poder me transportar para o passado também. Eu não sabia o que eu mudaria, talvez eu só diria a mim mesma para ser forte porque a coisa ia ficar feia em breve.

Eu não sei.

João se aproximou de mim de novo e nós dois nos abraçamos. Eu queria pegar toda a energia dele para mim, poder fazê-la durar para sempre ali naquele abraço. Congelar o tempo; fazê-lo desaparecer.

— Cali...

De repente um barulho na porta nos fez levar um susto. Nos entreolhamos, tensos.

— Quem será que está aí? — sussurrei.

— Não era pra ninguém entrar.

Ele se levantou no exato momento em que um homem adulto apareceu saindo do corredor escuro da sala. Com a escuridão do ambiente, eu não conseguia reconhecê-lo e contava com que a recíproca fosse verdadeira e ele também não conseguisse me distinguir.

— Guto, é você, meu filho?

Meu filho?

Aquela voz...

Eu congelei, meu coração parou, meus músculos viraram geleia e eu tive que resistir ao impulso de me esconder debaixo das poltronas.

Não podia ser. O que ele estava fazendo *ali*?

— Pai — a voz de João soava tão incrédula quanto a minha na minha cabeça.

— Desculpa te interromper — Otávio parecia nervoso, por que, diabos, ele estava nervoso? — Mas aconteceu um acidente e eu preciso pegar o carro emprestado.

Um acidente?

— Um acidente? — toda a atenção de João voou para esse detalhe, alerta. Sua voz saiu grave. — Com quem? O que aconteceu, pai?

Otávio lançou um olhar de relance na minha direção e eu me encolhi na poltrona, rezando para todos os Deuses do Olimpo que ele não me reconhecesse, *por favor, não me reconheça*.

Quando sua atenção voltou para o filho sem nenhum surto, eu quase consegui suspirar aliviada.

Se não fosse pelo acidente.

— O que está havendo? — João insistiu. — Pode falar na frente dela.

Otávio hesitou por mais um segundo, mas não resistiu. Ele passou a mão pelo pescoço, nervoso.

— Hipólita desapareceu e a Clara está desesperada. Ela não quis me ouvir e saiu com o carro para procurá-la, mas eu preciso do outro também, pra ajudar. Me desculpe por atrapalhar o seu encontro, mas não deu para esperar. Estamos

muito preocupados.

Por um segundo, o meu coração parou.

E então voltou a bater como se eu tivesse levado um choque de milhares de volts.

Hipólita desapareceu.

João olhou pra mim imediatamente e eu tentei me acalmar, mas não fui capaz. Quando me dei conta eu já estava de pé e Otávio estava olhando pra mim novamente e eu estava dizendo:

— Nós precisamos achá-la.

E Otávio estava dizendo:

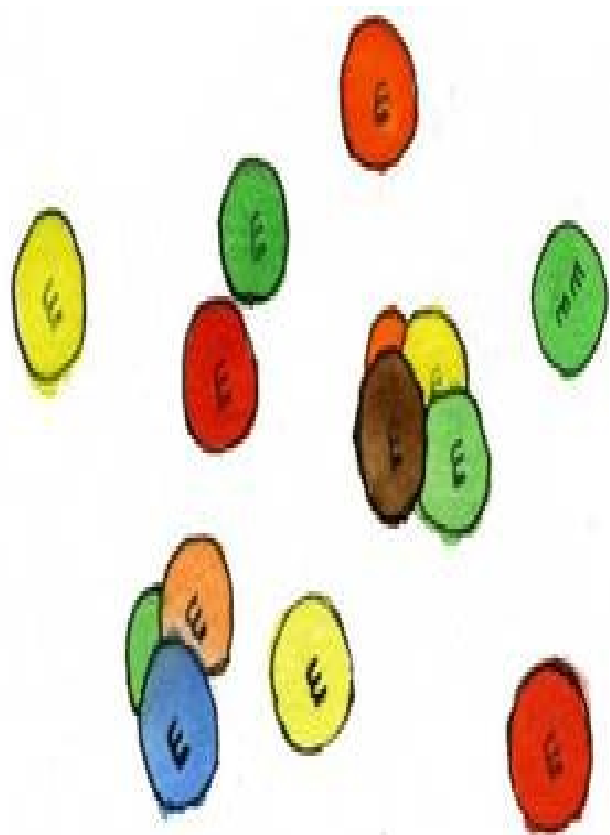
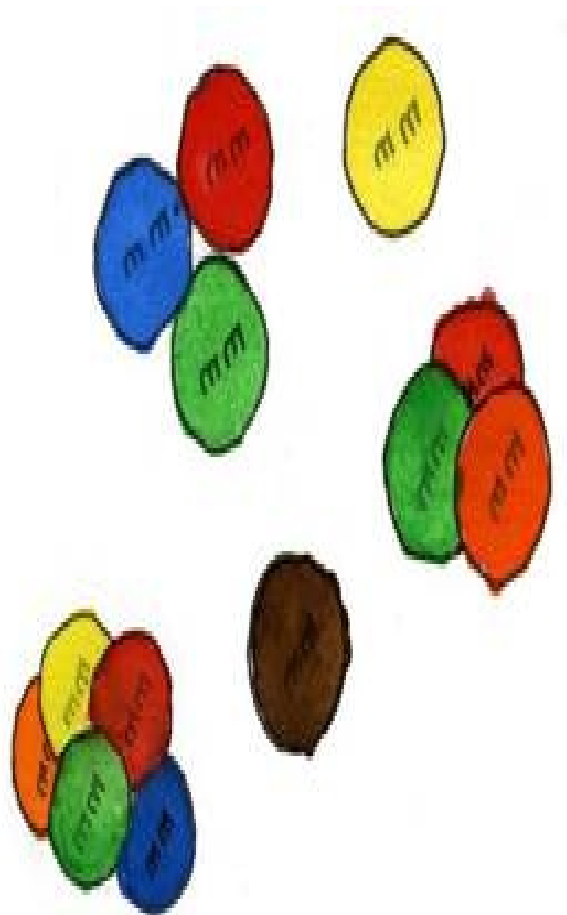
— Cali? Calíope, é você?

E eu estava andando, passando por João, descendo as escadas enquanto Otávio olhava para mim e para o seu filho sem conseguir entender. e quando finalmente sua ficha caiu seu rosto ficou branco e João parecia ter sido jogado de um penhasco, mas eu já estava longe, eu estava descendo, entrando na escuridão do corredor e saindo da sala e o

Resto

Era um

Borrão.



35. Pesadelo

A próxima coisa de que eu me lembro foi de ter entrado no carro que o João estava usando e de nós três procurando por Hipólita. Otávio falava com a alguém pelo celular e eu mandava mensagens de texto para todos os meus amigos e os amigos da minha irmã de que eu conseguia me lembrar, perguntando se a haviam visto.

João estava no banco da frente ao lado do pai e nenhum de nós havia falado sobre o que aconteceu hoje à noite.

Eu não conseguia sequer pensar em nada disso, em nada que não fosse o fato de a minha irmãzinha de quatorze anos estar perdida por aí na rua.

Meu coração parecia que ia sair pela boca a qualquer momento.

— Onde é que ela estava quando foi vista pela última vez?

— Ela foi pra casa de uma amiga, teve uma festinha deles — Otávio me explicou mecanicamente. — Sua mãe ia deixá-la dormir lá, mas as duas se desentenderam pelo telefone. Quando Clara passou para buscá-la, as amigas disseram que Hipólita já tinha ido embora.

— E onde foi isso? Que amiga era essa?

— Aquela morena... Eu não consigo me lembrar do nome. Marcela? Mirela?

— Manuela — eu disse, focada. Otávio assentiu, me fitando pelo vidro retrovisor.

— Essa mesmo. A que tem a casa isolada, perto da nossa fazenda.

— E se ela tiver se machucado? E se tiver acontecido alguma coisa séria? E se ela foi raptada?

— Calma, Cali. Nós estamos em Assunção, esse tipo de coisa não acontece muito por aqui. Fica calma — João tentava ser solidário.

Seu pai o encarou e depois me encarou pelo retrovisor de novo, com a mandíbula trincada e a cabeça cheia de pensamentos sobre os quais eu não poderia me permitir me preocupar agora.

— Estou falando com todo mundo que consigo contatar — João acrescentou.

— A irmã da Roberta é da sala dela e disse que estão todos atrás.

O telefone do Otávio tocou e ele o atendeu imediatamente. Eu cheguei mais pra frente, me posicionando no espaço entre os dois bancos da frente me sentindo em um filme de terror sem a mínima graça.

— Oi, Clara. Sim, sim, eu estou no carro, estou procurando por ela com o Guto e a Calíope. Sim, a Cali está aqui. Ainda nenhuma pista? Santo Deus!

— O que aconteceu? — me ouvi dizer, desesperada com aquele “Santo Deus”.

— Ninguém sabe para onde ela pode ter ido — Otávio me explicou e eu assenti, voltando para o meu celular.

Apolo e Hélio estavam dando voltas pela cidade de bicicleta enquanto as gêmeas cuidavam das crianças em casa. Todos estavam apavorados, sem saber como é que uma coisa dessas foi acontecer.

— Ei, a irmã da Roberta está dizendo que ela estava com um piá da última vez em que a viu — João disse.

— Um piá? Quem?

— Não sei, pai. Estou esperando ela digitar.

Otávio deu um murro no volante e balançou a cabeça.

— Tinha que ter a droga de um garoto envolvido!

João digitava sem parar no seu celular.

— Ela disse que ele se chama Bernardo... É da mesma sala delas duas. Acho que os dois estavam juntos, tem uma grande possibilidade de terem saído juntos.

— Ela ainda não está atendendo ao celular — falei enquanto a ligação para o número da minha irmã mais uma vez caía na caixa postal. Queria jogar aquele celular longe, tamanha era a minha frustração. — Qual é o número desse Bernardo?

— Estou ligando para ele agora.

Fez-se silêncio enquanto João fazia a ligação. Eu estava prendendo a respiração e Otávio ainda olhava em volta pelo caminho que estávamos fazendo,

seguindo do centro de Assunção para a fazenda da família Becker. Apertei minhas mãos em punho, sentindo as unhas machucarem minha palma, mas sem conseguir afrouxar a pressão.

— Droga, ele também não atende! — João praguejou, desligando e ligando de novo.

Eu me recostei no banco de trás, tapando o rosto com as mãos e tentando pensar em alguma solução, em algum jeito de conseguir resolver isso e achar Hipólita. Eu não queria nem imaginar se alguma coisa ruim tivesse acontecido com ela, se isso acontecesse... Eu nunca, jamais, me perdoaria.

Eu sabia que nada disso era culpa minha, mas ela era minha irmã mais nova e eu sentia o peso da responsabilidade por tudo o que acontecia em sua vida. Como se, de alguma forma, eu tivesse agido diferente em algum momento, nada disso teria acontecido.

Se fôssemos mais próximas, se eu a ouvisse mais, se tentasse entendê-la e saber o que ela estava sentindo, o que ela pensava, o que se passava na sua cabeça oca.

Eu me arrependia tanto de não ter o melhor dos relacionamentos com ela. De achá-la uma chata, de não ter paciência, de preferir a companhia dos meninos ou das crianças à dela.

Será que ela sentia isso? Será que ela sentia falta, que se sentia renegada pela própria família? Ela já se sentia tão por baixo com relação ao nosso pai, tão jogada para escanteio. Eu não queria que Hipólita se sentisse menos amada do que ela realmente era, não queria que ela fizesse nenhuma besteira nunca.

Minha mãe deveria estar à beira de um ataque de nervos.

— Oi, Clara — ouvi a voz de Otávio e saí do meu transe, me concentrando na ligação da minha mãe. Meu padraсто soltou um suspiro de alívio e deu outro murro no volante. Eu cheguei mais pra perto de novo, sentindo cada partezinha de mim muito viva e muito alerta. — Graças a Deus — ele disse. — Estamos indo para lá, amor. Fica calma, ela está bem, vai ficar tudo bem. Nos encontramos lá. Ok, ok. Eu te amo, fique calma.

Ele desligou o celular e eu me atrolei em todas as palavras, mas devo ter dito algo como:

— O que ela disse?

Porque meu padrasto respondeu:

— O hospital ligou para o número da sua mãe, sua irmã acabou de dar entrada na emergência e...

— *Ela está no hospital?* — gritei com a voz esganiçada.

Aquilo não podia estar acontecendo, *não podia estar acontecendo*.

— Ela está bem, Cali. Eu prometo pra ti. Acho que só machucou o pé, alguma coisa assim. O importante é que já sabemos onde ela está, estamos indo para lá agora e tudo vai ficar bem, querida. Tudo vai ficar bem.

Assenti, deixando as palavras dele entrarem na minha cabeça. João olhava para mim como se quisesse vir para trás e poder me confortar, mas nós dois sabíamos que ele não poderia fazer isso naquele momento.

A próxima coisa de que me lembro foi de ver a minha mãe no corredor do hospital e dela correndo em nossa direção, abraçando Otávio e me abraçando logo em seguida. Ela havia chorado, estava uma bagunça total e mal conseguia se conter dentro de si. Ter algum dos seus filhinhos machucados era o seu pior pesadelo.

— O menino ligou para a ambulância — ela nos contou entre soluços, enxugando os olhos inchados. — Eles haviam bebido alguma coisa e saíram da festa para namorarem, a Hipólita estava muito brava comigo e agiu de rebeldia. — Ela parou para respirar fundo. Otávio a beijava na cabeça e afagava o seu rosto. — Eu não entendi direito. Pelo jeito os dois começaram a andar pelos arredores da casa, seguiram caminho pelo descampado até chegaram na estrada. Foi aí que a Hipólita pisou em um prego e acabou se desequilibrando e caindo. Os médicos estão tirando o prego do pé dela nesse instante.

— Ainda bem que não aconteceu nada sério — Otávio tentava tranquilizar a minha mãe, que assentiu e se virou para abraçá-lo de novo e começou a chorar.

Eu me encostei na parede próxima a mim, sentindo meus músculos amolecerem e doerem conforme minha adrenalina ia abaixando. Fechei os olhos, sentindo o frio da parede passar pela minha pele. Quando os abri de novo, João estava segurando a minha mão bem diante de mim.

Olhei para o lado e captei de relance o olhar de Otávio queimando em cima de nós dois enquanto ele ainda abraçava a minha mãe.

Minhas entranhas se reviraram dentro de mim e eu tive o impulso de afastar a mão do João, mas eu estava fraca e ele segurava os meus dedos com força.

Todo o peso do que havia acontecido naquele dia caía sobre mim agora como uma avalanche. Otávio havia nos flagrado juntos, ele sabia que era eu a garota que João levou para sair e sabia que havia algo entre nós dois. Ele nos viu antes que tivéssemos a chance de contar tudo com dignidade e todo o nosso castelo de cartas estava oficialmente desmoronado.

Eu não sabia se o frio que sentia era pela parede ou pelo sentimento de náusea e desespero que me assolava.

— Está tudo bem agora — João me disse com toda a sua tranquilidade característica.

Mas eu balancei a cabeça e soube que ele sabia que eu estava certa.

— Não está nada bem, Augusto. O seu pai...

— Não vamos falar sobre isso aqui. Por favor.

Mordi meu lábio para conter a vontade imensa que eu estava de chorar e então senti o corpo dele ao redor do meu, me abraçando e me segurando do jeito que só ele conseguia.

Em público.

Eu me agarrei a ele, sentindo seu cheiro, sentindo seu calor ao meu redor, sentindo sua força passar para mim e, por um segundo, me sentindo menos caótica.

Chorei no ombro dele, mas só um pouquinho. Só até meus irmãos chegarem e eu secar meus olhos e recobrar minha compostura e todos explicarmos para eles o que estava acontecendo. O tal menino Bernardo estava desesperado e Otávio foi conversar com ele enquanto seus pais não chegavam. Hélio ligou para casa para avisar às meninas que tudo estava resolvido e eu e João começamos a espalhar a notícia para todo mundo a quem pedimos ajuda também.

Ainda precisamos esperar por um tempo, que pareceu interminável, até o

médico conseguir remover todo o prego do pé de Hipólita e enfaixá-lo devidamente. Ela tomou a vacina antitetânica e, como o prego havia entrado bem fundo no seu calcanhar e ela havia quase rompido um ligamento quando caiu e torceu o pé, precisaria ficar com ele imobilizado pelo menos pelo próximo mês inteiro.

Agora que o drama parecia estabilizado, minha mãe começava a ficar indignada com o fato de crianças de quatorze anos estarem bebendo dentro da casa de um deles, pelos pais terem sido tão negligentes a ponto de deixarem isso acontecer assim sem nenhuma supervisão. Pelo fato de os dois terem saído sem que ninguém, nenhum adulto, estivesse por perto para conseguir impedi-los de tal atitude imprudente.

Ela jurou que teria uma conversa séria com os pais dessa Manuela e que nunca mais deixaria Hipólita colocar os pés naquela casa novamente. E eu não poderia culpá-la porque eu mesma estava indignada, eu mesma queria socar a cabeça desses pais que não sabiam o que estavam fazendo.

Queria socar também a cabeça da Hipólita por me ter feito passar por esse pesadelo. Por me ter dado um susto tão grande como eu nunca mais queria sentir igual.

Quando entramos no quarto para finalmente vê-la, porém, ela estava tão arrasada que toda a minha vontade de repreendê-la caiu por terra. Ela começou a chorar e a pedir desculpas à minha mãe e a todos nós sem parar. Disse que sabia que estava errada e que nunca mais faria nada disso, nunca mais ia agir por impulso só para irritar mamãe.

Nós voltamos para casa divididos entre os dois carros, e as gêmeas e as crianças vieram nos receber com preocupação e alívio por tudo ter terminado bem. Porque poderia não ter terminado, poderia ter acontecido qualquer tipo de catástrofe inimaginável.

E eu estava absolutamente exausta.

Minha mãe e Otávio levaram Hipólita até o seu quarto e as gêmeas se encarregaram de colocar as crianças para dormir porque já estava tarde. Meus irmãos foram ambos tomar banho e eu me joguei no sofá, ao lado de João, pensando e ao mesmo tempo tentando não pensar naquela noite.

Nosso primeiro encontro havia sido uma droga, afinal de contas.

— Tu precisas descansar — ele disse.

— Eu ainda não sei exatamente o que foi real e o que não foi.

— Foi tudo real. Felizmente e infelizmente.

Eu olhei pra ele, mexendo apenas os meus olhos. Os verdes dele pareciam tristes.

— Vai descansar. Tome um banho e vai dormir, pelo seu bem. Tu *passasse* por um grande susto hoje.

Eu assenti, sem conseguir me desviar do rosto dele, querendo tocá-lo, querendo fazer de conta que a nossa bolha protetora ainda existia e nada estava perdido.

Otávio ainda não havia dito nada para nós dois, mas eu sabia que no dia seguinte tudo viria por água abaixo. Eu sabia que ele contaria para a minha mãe e o grande dia D havia chegado.

O dia em que João e eu teríamos que nos explicar.

— Vai dormir — ele insistiu de novo. — Por favor, eu não vou aguentar se você não for descansar agora. Eu preciso pensar.

— João...

Tentei tocar o seu rosto, mas ele segurou o meu pulso no meio do caminho. Balançou a cabeça.

— Nós conversamos amanhã. Ok?

Hesitei antes de responder, mas por fim eu fiz que sim com a cabeça.

— Ótimo — ele respondeu.

Beijou a minha mão e me empurrou para que eu me levantasse.

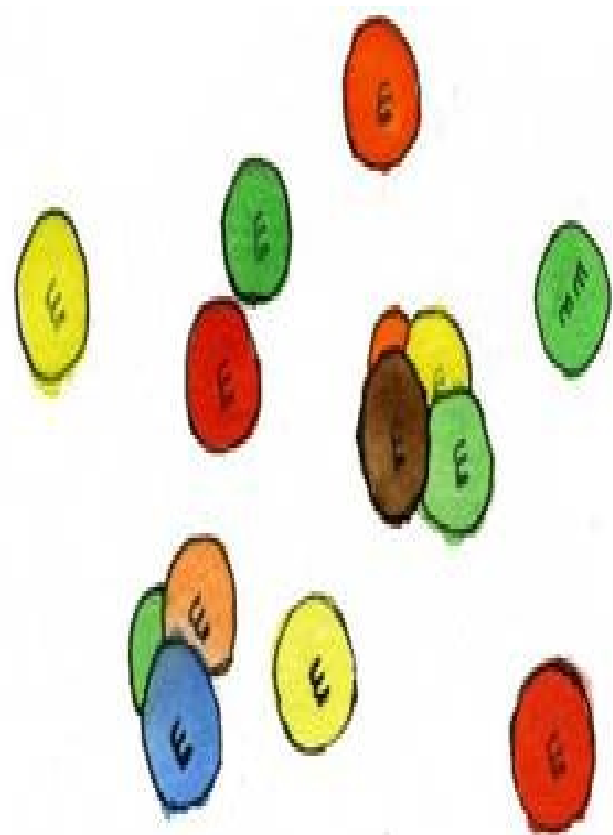
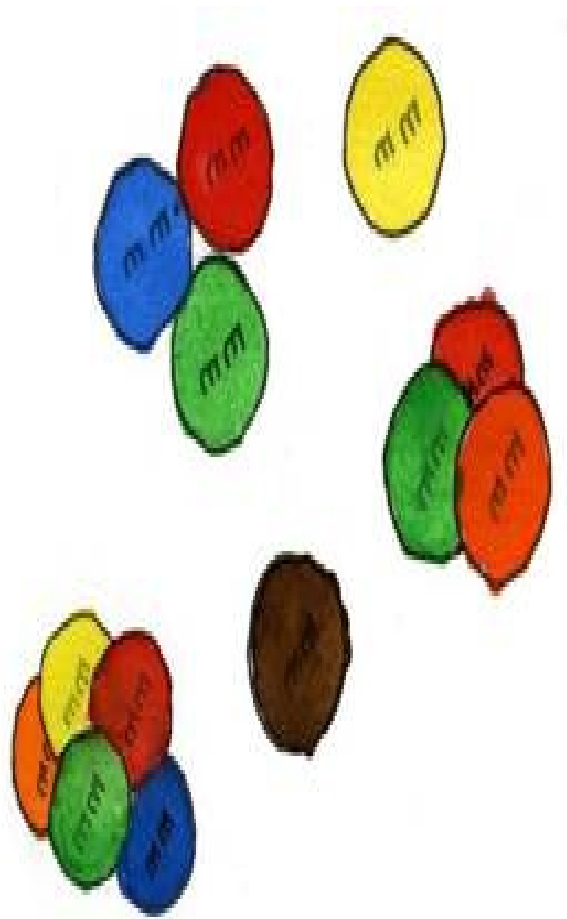
E eu fui como um saco de batatas, um peso morto movido a uma energia que eu nem sabia de onde é que estava vindo. Subi degrau por degrau daquela escada imensa até chegar ao meu quarto no terceiro andar e fiquei encarando a minha porta, sem saber se entrava ali, sem saber o que sentir, sem saber o que fazer.

Eu não tinha muito mais o que fazer naquele dia, para ser sincera.

João estava certo, eu precisava descansar.

Eu precisava de uma boa dose de morfina para fazer tudo desaparecer.

Nem que fosse por apenas alguns segundos.



36. Tortura

Imagine a minha surpresa quando acordei no dia seguinte e tudo estava normal dentro de casa.

Tudo bem que eu despertei às cinco da manhã e todo mundo ainda estava dormindo, mas eu dei um salto da cama esperando minha mãe aparecer atrás da porta com uma cruz exorcista na mão e água benta na outra.

Talvez eu tenha sonhado com isso.

Talvez seja uma premonição.

Meu coração acelerado não me deixaria voltar a dormir, eu acho que não conseguiria dormir de novo nem tomando um dopante de cavalo. Eu havia tomado um comprimido para dormir na noite anterior e ainda assim estava aqui agora, às cinco da manhã, alerta e energizada como se tivesse prestes a correr uma maratona.

Meu estômago estava revirado de um jeito que pedia para ser colocado todo para fora e eu sentia cada pequena célula do meu corpo vibrando, frágil.

Agi sem pensar. Saí do meu quarto em disparada, em direção ao único lugar onde eu poderia não sentir como se estivesse caindo de um prédio de vinte andares. Sequer bati na sua porta, invadi o quarto dele com todo o meu desespero estampado nas minhas feições e o encarei dormindo. Ele estava esparramado na cama de barriga para baixo, abraçando o travesseiro e com um lençol fino em cima do corpo.

Queria tirar uma foto dele assim, gravar a imagem do seu rosto tão pacífico na minha mente. Onde os sonhos dançavam por trás dos seus olhos e nada de ruim poderia atingi-lo, ali, congelado naquela inconsciência silenciosa.

Aproximei-me lentamente da sua cama e me esgueirei com cuidado ao seu lado no colchão. Eu já estava tão acostumada à presença dele no meu sono, ao seu calor se misturando ao meu enquanto a tensão do dia ia embora, que pegar no sono sem ele pareceu uma atividade alienígena.

Não era como se eu tivesse dormido nem um minuto.

João despertou no segundo em que eu me deitei ao seu lado. Seus olhos

cansados, rodeados por uma olheira insistente, me encaravam. E eu queria poder voltar no tempo e nunca ter entrado ali, nunca ter perturbado os seus últimos segundos de tranquilidade.

Mas eu precisava tanto dele.

Ele tentou dizer algo, mas eu cobri seus lábios com as pontas dos meus dedos gentilmente.

— Shhhh. Só me deixa ficar aqui um pouquinho.

Ele hesitou, me encarando sem saber se era uma boa ideia ou não, mas por fim cedeu ao meu pedido. Seu braço passou ao redor da minha cintura e eu me coleí a ele, respirando de verdade pela primeira vez desde que abri os olhos.

Ele me encasulou em seus braços e nossos rostos ficaram a um milímetro de distância.

— Que horas são?

— Cinco e pouquinha.

Ele soltou um suspiro.

— Devo ter dormido no máximo duas horas essa noite então. Tu *conseguisse* descansar?

Eu assenti.

— O que vai acontecer agora?

Ele piscou, sério, e teve que se controlar para não suspirar de novo. Para não perder as estribeiras.

— Eu tentei conversar com meu pai ontem à noite, mas ele disse que nos falávamos hoje. Não sei se ele contou pra sua mãe, não sei o que vamos encontrar quando descermos pra tomar café. Mas ele...

João engoliu suas palavras e eu esquivei as sobrancelhas, ansiosa. Ele balançou de leve a cabeça, o rosto sonolento cheio de ruguinhas adoráveis.

— Ele...?

— Ele nem olhou nos meus olhos.

Eu sabia que aquilo era como um soco no estômago dele, logo ele que venerava o pai como um herói de guerra. Eu fiz carinho na sua bochecha e ele tombou o peso do rosto na minha mão. Beijou meu nariz, apertando minha cintura contra ele e então nossos lábios se encontraram muito gentilmente.

Um sussurro de beijo.

— Vamos dizer a verdade. É tudo o que podemos fazer agora — falei, entrelaçando nossos dedos uns nos outros.

Se eu estava morrendo de medo ou não, por ele eu enfrentaria tudo isso.

Mas o fato é que falar é muito mais fácil do que fazer.

De modo que, no segundo em que deixei o quarto do João de novo, voltei a sentir como se tudo dentro de mim estivesse desmoronando. Era uma mistura de ansiedade e desespero, de mal-estar que chegava a ser físico e vontade de fechar os olhos e dormir para sempre só para não precisar encarar o que viria pela frente.

A casa despertou na sua mesma cacofonia matutina, como em todos os outros dias, e em pouco tempo estávamos todos tentando nos arrumar para ir pra escola. Hipólita era a única que continuava dormindo, já que ela precisava ficar de repouso, aliviando um pouco a disputa pelo banheiro do terceiro andar.

O banheiro do segundo andar, entretanto, continuava alvo da batalha familiar.

Era muito estranho passar por essas situações tão corriqueiras do dia a dia quando eu sabia que tudo estava diferente. Meus irmãos e meioirmãos viviam suas vidas, o mundo continuava girando em seu curso interminável, mas eu era um quadro fora de lugar. Minha mãe, tão inocente, arrumava o cabelo das minhas irmãzinhas e ajudava Leo a amarrar os cadarços do tênis — cansada pela noite de ontem, mas claramente aliviada por todos os seus filhos estarem inteiros e em casa.

Apolo terminava de fazer sua lição de casa inacabada, roubando as respostas do Hélio, que fingia não estar vendo nada enquanto comia seu misto quente e trocava mensagens com a Julia. Patrícia fazia graça para Selene, que já estava emburrada com mamãe puxando seu cabelo em uma maria-chiquinha apertada. Maia e Leo riam animados com um jogo no celular dele enquanto Otávio os mandava largar o aparelho e terminar logo o café da manhã. Stella estava

concentrada em arrumar as frutas em cima da sua panela e João fazia de tudo para atrapalhá-la, empurrando os morangos e abacaxis de cima da massa com seu sorriso de canto de boca.

Pela primeira vez, quando adentrei aquela cozinha, me dei conta de que sentiria falta deles se algo acontecesse. E aquela compreensão me atingiu como um raio e me inundou de uma culpa pela qual eu não queria ser a responsável.

Puxei uma cadeira e me sentei entre Apolo e Leo. O olhar tanto de João quanto de Otávio me seguiram, mas eu não fui corajosa o suficiente para sustentar nenhum dos dois. Abaixei a cabeça para a mesa, me concentrando em colocar o leite e o achocolatado no meu copo e sentindo meu batimento cardíaco acelerado pelo meu corpo inteiro.

Pelo visto Otávio ainda não havia conversado com mamãe.

Pelo visto ele estava esperando fazer isso antes de bater um papo com João e comigo.

E eu gostaria muito de saber quando é que isso aconteceria.

De modo que passei o dia inteiro parecendo uma pedra de tanta tensão, levando susto com absolutamente tudo e parecendo uma viciada em café em abstinência. Até mesmo minhas pupilas estavam dilatadas e eu não conseguia ouvir as palavras “destruição” e “família” sem ter um mini enfarte.

É claro que eu tinha aula de história na quinta-feira e isso foi basicamente tudo o que eu escutei.

Eu não conseguia me concentrar em nada, muito menos na escola ou no trabalho. Por sorte, o cinema estava cheio e eu tive algo com o que me distrair, porque a angústia da espera, de não saber o que iria acontecer e quando iria acontecer, estava me matando aos poucos.

Se a intenção de Otávio era me torturar, ele estava alcançando o seu objetivo.

Não fui capaz de contar a ninguém ao meu redor, porque eu não conseguia achar as palavras para explicar o que estava acontecendo. Era como se elas fossem sair correndo atrás de mim para me apunhalar se eu as dissesse em voz alta. Mas não consegui esconder da Helô.

Primeiro porque ela era a minha melhor amiga. Segundo porque era muito

mais fácil contar as coisas pelo celular.

Eu só queria que o dia — aquele interminável dia de cinquenta e cinco horas — terminasse logo. Mas eu sabia que quando ele chagasse ao fim eu precisaria voltar para casa e eu ainda não tinha decidido qual era a opção mais sufocante.

Quando João apareceu no meu trabalho eu senti um misto de alívio e desespero por vê-lo. Vê-lo me dava forças e fazia a estrutura frágil aguentando a pressão na minha cabeça desmoronar, tudo ao mesmo tempo.

Ele também ainda não tinha voltado para casa. Ele ficou me esperando até que meu horário terminasse e nós pudéssemos fazer isso juntos. Ele não queria que fizéssemos isso sozinhos, porque até então não sabíamos em que pé a coisa toda estava.

E foi o que fizemos, fomos juntos para o abatedouro. Estávamos juntos, afinal de contas.

Desde o início até o final.

João segurava minha mão pelo caminho até em casa debaixo da noite estrelada de outubro em Assunção. O cheiro das flores da primavera nos acompanhava assim como a lua, lá no céu, velando pelas almas dos amantes desafortunados.

Quando entramos na nossa casa, Otávio e mamãe estavam sentados no sofá da sala. O cômodo estava mal iluminado, apenas pelo abajur na mesinha de canto, o que fazia a cena toda parecer ainda mais assustadora.

Eu não sabia se a expressão no rosto da minha mãe estava mesmo daquele jeito severo ou se era a luz ou se era a minha imaginação.

Apertei a mão do João com mais força.

— Onde você esteve, meu filho?

João engoliu em seco.

— Precisei resolver umas coisas.

O olhar da minha mãe voou para as nossas mãos unidas e depois subiu para o meu rosto de novo, mais branco do que eu me lembrava. Ela tapou a boca com a mão, piscando várias vezes.

— Nós precisamos conversar — a voz do Otávio cortou a sala de novo.

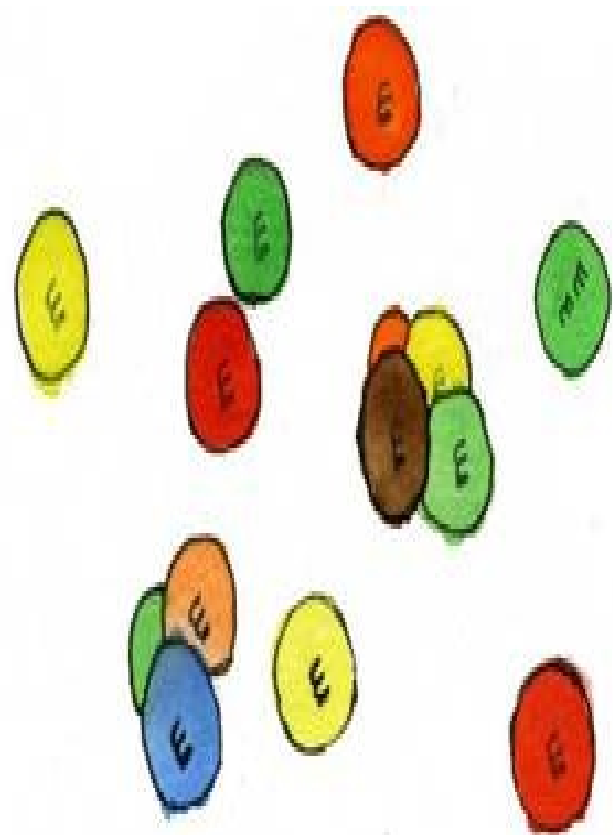
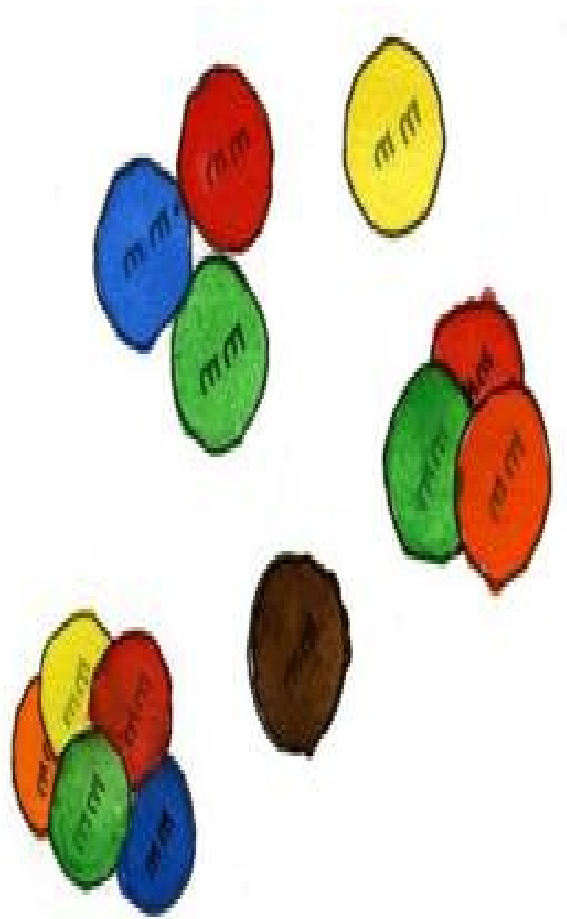
João assentiu uma vez.

Silêncio novamente.

— Vamos para o meu escritório.

Ele e minha mãe se levantaram do sofá, crescendo à nossa frente, me mostrando o quanto eu era pequena.

Os dedos do João se entrelaçaram nos meus e nós seguimos atrás dos nossos pais.



37. Somos Tão Jovens

— No que é que vocês estavam pensando? — Otávio perguntou.

As veias de suas têmporas estavam saltadas e o maxilar trincado. Ele estava de pé atrás da sua mesa, apoiando as duas mãos na superfície de madeira e encarando João e eu com uma mistura de severidade e incompreensão.

Eu nunca havia visto meu padraсто tão sério.

Ele sempre foi aquele tipo de pessoa boa-praça que serve para apaziguar as desavenças.

Mas não agora.

E, embora ele tentasse esconder por detrás da sua armadura de pai-prestes-a-dar-um-sermão, eu podia ver que ele estava nervoso.

Nem vamos começar a falar sobre a minha mãe.

No momento em que a luz foi suficiente para eu distinguir as suas feições, lamentei o fato de conseguir enxergar. Seu rosto estava lívido de incredulidade e inquietação. Eu podia imaginar a reação dela quando Otávio contou o que viu na noite anterior e só podia agradecer por não ter estado lá.

Minha mãe, geralmente tão dramática, havia perdido a fala e este era apenas o primeiro indício de que tudo aquilo era demais até mesmo para uma pessoa com a mente aberta como ela.

Eu tinha medo de vê-la surtando e se descabelando pela situação, mas vê-la sem esboçar sequer uma reação era ainda mais angustiante.

João engoliu em seco ao meu lado, apertando o braço da cadeira onde estava sentado do mesmo jeito que eu. Mas sua expressão era firme, como se ele já tivesse se decidido, não importava o quão nauseante a jornada viesse a ser.

— Se você tratar a coisa toda como uma escolha nossa, pai, não vai dar certo — ele disse.

Otávio arqueou as sobrancelhas.

— Tu estás me dizendo que foi forçado a ter um... — ele lutava contra as próprias palavras, o nariz se dilatando, o rosto ficando vermelho. — Um

relacionamento romântico com a Calíope? João Augusto, isso é absurdo. Vocês dois não estavam pensando na gravidade da situação.

— Eu já te expliquei como aconteceu!

— Mas isso não muda nada! — Otávio retrucou. — O modo como aconteceu não muda o fato de que não deveria ter acontecido e, de alguma maneira, eu acho que nenhum de vocês levou isso a sério o suficiente.

Eu queria responder, mas um bolo havia se formado na minha garganta. Meu olhar se desviava para a quietude da minha mãe ao lado do Otávio e toda a minha capacidade de fala ia embora. Ela com certeza estava decepcionada comigo, ela com certeza achava que eu e João fizemos uma merda catastrófica, mesmo depois de termos explicado como tudo aconteceu.

Que nós dois não tivemos a intenção.

Que nós dois não tivemos culpa.

Que nós dois não conseguimos mandar o coração ligar e desligar.

Mas, aparentemente, Otávio achava que não deveríamos sequer ter dado ouvidos ao que o maldito do coração tinha a dizer.

— Tu não podes me dizer que não levo essa família a sério — João começou a falar grosso também, claramente ofendido pela acusação do pai.

Mas Otávio não se intimidou.

— E você *pensou* nessa família quando decidiu sair em encontros com a filha da sua madrasta, João Augusto? Pensou no quanto isso é *inadmissível*?

— O que tu querias que eu fizesse? Ignorasse os meus próprios pensamentos?

— Pensamentos não são ações. Pensamentos nascem e morrem, as ações causam consequências. Eu trouxe a Calíope e seus irmãos para dentro da nossa casa para amá-los como meus filhos, para conviver com vocês como parte da tua família. Ela não era a nova garota da escola que te chamou a atenção e tu decidiste paquerar — Otávio soltava as palavras com convicção. — No momento em que *percebesse* o que estava sentindo por ela, era *comigo* que deveria ter conversado. E nós dois daríamos um jeito juntos de reverter essa situação.

Meus pulmões se contraíram até ficarem do tamanho de uma azeitona e, de repente, jogaram para fora todo o ar que estava comprimido lá dentro, e eu balancei a cabeça e meus olhos se encheram de lágrimas e eu apertei tanto o braço da cadeira que as pontas dos meus dedos ficaram brancas.

E eu disse:

— E você pensou na sua família quando trouxe a mim e meus irmãos para morarem na sua casa?

Eu não havia me dado conta da raiva que sustentava as minhas palavras até colocá-las para fora. Eu não havia percebido o quanto ela crescia e crescia dentro de mim a cada acusação de imprudência e falta de responsabilidade que Otávio jogava em cima de João e de mim.

Porque aquilo era pura hipocrisia.

Porque eu nunca pedi para estar ali naquela sala, com aquele padrasto, com aqueles novos irmãos. Eu nunca sequer fui perguntada se estava de acordo com o novo arranjo familiar, o que eu recebi foi um comunicado “Ei, Calíope, arrume suas coisas e vamos para o Paraná”.

Otávio e minha mãe me encaravam com as bocas abertas e o tempo naquela sala parou de tal modo que era possível ver as partículas de poeira flutuando ao nosso redor.

— Vocês pensaram em nós quando decidiram se casar? Foi em *nós* que vocês dois pensaram? Seus filhos? *A família*?

— Isso é completamente diferente — meu padrasto teve a audácia de dizer e eu ri com escárnio, para a surpresa de todos os presentes, inclusive a minha.

— Como é que pode ser diferente? Porque vocês são adultos e nós não? Porque nós somos apenas dois adolescentes que não sabem o que estão fazendo e logo, logo superam esse sentimento. Adolescentes são tão *volúveis*, acham que encontraram o amor da vida toda vez que se apaixonam, mas vocês, adultos, sabem muito melhor do que nós. Não é isso?

Três pares de rostos me encaravam sem saber o que dizer, totalmente desconcertados pelo monstro que me rasgava por dentro e agora tomava conta do meu corpo. O monstro que dizia as verdades entaladas na minha garganta por

vários meses e que agora se recusava a voltar para as profundezas de onde viera.

— Eu sempre fui uma boa filha. — continuei, ensandecida. Eu sabia que meu rosto estava vermelho e que eu, naquele momento, era um trem desgovernado. — Eu sempre fui compreensiva e tentei cuidar dos meus irmãos e da minha mãe para que todos ficassem bem. Você não vai chegar e dizer na minha cara que eu sou egoísta e pensei só em mim quando toda essa família complicada só existe porque vocês dois fizeram a mesma coisa.

— Eu achei que você não guardasse ressentimentos — foi a primeira vez que a minha mãe se pronunciou desde que nos trancamos no escritório. — Eu achei que você estivesse bem com a mudança.

— E eu estou — admiti, porque eu não poderia mentir sobre isso, eu não poderia mentir sobre coisa alguma naquele momento. Meu coração acelerado pulsava sangue por todo o meu corpo e me revigorava, e me enchia de um fervor novo que eu não conhecia. — Eu *estou* bem aqui, mesmo que tenha sido difícil por muito tempo. Ainda é difícil, mas eu aprendi a gostar de cada uma dessas novas pessoas na nossa vida.

— Mas você carrega tanta *raiva* — minha mãe observou, sentindo aquilo tudo profundamente, do jeito como ela era. Seus olhos intensos estavam molhados e eu senti o nosso elo, a nossa cumplicidade, me atingindo. — Me explica essa raiva.

Eu suspirei, pousando as costas no encosto da cadeira e levando uma mão ao meu pescoço. Eu estava *tão* cansada. Eu sentia tantas coisas ao mesmo tempo que não sabia sequer como começar a explicá-las.

— Porque o meu coração dói — eu tentei, ainda assim. Senti a mão de João cobrindo a minha e fechei os olhos. — Eu me sinto culpada por ser o pivô desse problema, eu sei que João e eu não deveríamos ter feito o que fizemos. — Abri os olhos de novo, encontrando os da minha mãe ainda firmes sobre mim. — Mas merecemos ser condenados? Nosso único crime foi nos apaixonar e não saber o que fazer com isso. Eu tenho raiva porque sei que todo mundo vai achar que é errado e vocês estão querendo diminuir o que sentimos porque somos jovens.

— Eu não estava tentando diminuir nada, Calíope — Otávio tentou se defender, cauteloso, mas nós dois sabíamos a verdade.

— Mas se nós fôssemos mais velhos a situação seria diferente — João

acrescentou ao meu ponto de vista.

Otávio tirou seus óculos e coçou os olhos em sinal de cansaço.

— Se vocês fossem adultos, pra começar, não viveriam sob o mesmo teto.

— Então é esse o grande problema, pai? Dividirmos a mesma casa?

— É claro que isso é um problema — Otávio disse. — Eu sei que os dois são inteligentes o suficiente para perceber o quanto isso não pode dar certo, filho. Nós não podemos tratar vocês dois diferente de como tratamos as outras crianças, todos são nossos filhos da mesma maneira. Um relacionamento amoroso é simplesmente incompatível.

Otávio lutava para não se exaltar de novo e mamãe pousou uma mão no sem ombro, fazendo carinho. Ele respirou fundo e se sentou na sua cadeira, soltando um suspiro tão longo que poderia ter carregado um barco à vela para longe.

Eu sabia que ele estava nervoso. Sabia que não era sua intenção ser rude, mas ele precisava manter o pulso firme. E por mais que ainda me revoltasse que ele nos condenasse pelo mesmo pecado que cometeu, no fundo eu sabia que Otávio tinha seus motivos para não tolerar um romance entre João e eu.

E ele tinha razão.

— Você sabe que eu nunca te tratei com menos respeito por você ainda ser jovem — minha mãe me disse, formulando seu pensamento. — Eu sei que você é madura e sensata, mas também sei que você viveu apenas dezesseis anos e essa é a primeira vez que se apaixona de verdade. Então eu te pergunto, Calíope, como você pode me afirmar que esse relacionamento não é passageiro? E se acabar no fim do ano, como é que vamos ficar todos nós? Juntos, na mesma casa, na mesma *família*.

Eu sempre soube que essa seria a grande pergunta da minha mãe. Sempre soube que essa seria a sua maior preocupação e, de certa maneira, Otávio pensava nisso também. Os dois só tinham jeitos diferentes de expressar.

Porque esse era o grande X da questão pra mim. Esqueça a moral e os bons costumes, esqueça o fato de nossos pais não saberem lidar com uma anomalia como essa — dois irmãos postiços que se apaixonam.

Relacionamentos são imprevisíveis, são tiros no escuro que você dá

esperando que acertem o alvo. E, quando não acertam, pode ser catastrófico. Ninguém estava preparado para o tipo de pressão que isso causaria dentro da nossa família se nós dois nos assumíssemos, nem mesmo João e eu.

— Nós nunca vamos saber o quanto vai durar se não vivermos isso — João disse com seu jeito apaixonado de sempre transbordando pelos seus poros.

Eu queria abraçá-lo, queria beijá-lo e dizer a ele que eu o amava de verdade e ninguém tiraria isso de nós. Ninguém poderia tirar isso de nós, não importava o que acontecesse.

Porque era real e só cabia a nós dois.

— Eles vão acabar no fim do ano — Otávio constatou, se dando conta agora daquilo que era um dos nossos fantasmas. — De qualquer maneira, isso vai terminar.

— Do que você está falando? — Minha mãe parecia confusa.

— João Augusto vai viajar em dezembro. Lembra? Foi o acordo que fizemos, ele passará dez meses viajando pelo mundo quando terminar a escola e depois vai fazer uma faculdade quando voltar.

João e eu nos entreolhamos por alguns segundos e ele parecia que tinha levado um soco no estômago, com os lábios impressados em uma linha fina.

— Dez meses? — minha mãe confirmou e Otávio assentiu. Ela encarou João e eu com um olhar pensativo. — Acho que tudo já está bem definido então.

Eu sabia que sim. João sabia que sim. Mas os meses que ainda faltavam para dezembro terminar escorriam pelas nossas mãos como lágrimas de lamento. Eu pensava no tempo que ainda teria com ele, desfrutando do amor dele antes de ir embora e agora seria apenas uma contagem regressiva para a sua partida, sem nenhum alento.

Sem nós dois juntos.

— Não faz sentido discutirmos esse assunto se o Guto vai embora em menos de dois meses — minha mãe continuou, incorporando seu tom didático de professora. — E até lá isso não pode continuar do jeito que está, crianças. Vocês não podem continuar agindo como namorados se, mesmo sem a nossa interferência, já existe um prazo de validade. E eu sei que o quê estou pedindo

dói, não parece nem um pouco justo e soa horrível, mas não existe alternativa — mamãe disse, tão amigável, tão cheia de compaixão que só tornou a iminência da situação mais dolorosa. — Nós *somos* uma família, vocês querendo ou não. Só nos resta agir como uma e cuidar uns dos outros para que seja sempre assim, para que esta casa seja o lugar onde vocês se sintam seguros e saibam que podem voltar sempre que precisarem. É com isso que eu me preocupo. Eu e o seu pai só queremos o bem e a felicidade de vocês e ficamos aterrorizados ao descobrir esse envolvimento de vocês dois, porque isso abala toda a proteção que nós juramos dar no dia em que vocês e seus irmãos nasceram.

Nem eu nem João soubemos o que dizer. Nem eu nem João tínhamos estrutura emocional para encontrar palavras naquele momento. Minha mãe fez tudo se encaixar em algum lugar, fez todas as peças desse quebra-cabeça maluco encontrarem o seu espaço.

E, à medida que os sentimentos alvoroçados e embaralhados do meu coração seguiam seu fluxo e achavam seu rumo, eu via todas as coisas fazerem sentido.

E me sentia mais triste.

Porque aquele era o fim de João e Cali.

A mão dele ainda estava sobre a minha e nós entrelaçamos nossos dedos. Um gesto simples que dizia tudo aquilo que as palavras não poderiam expressar.

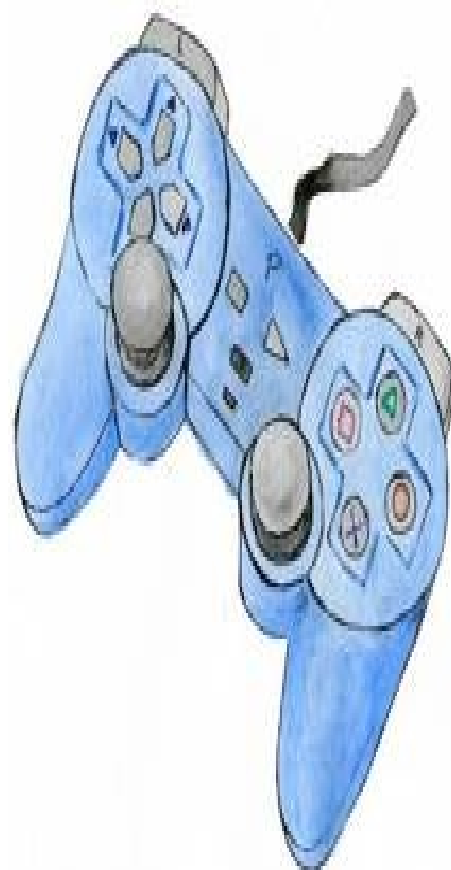
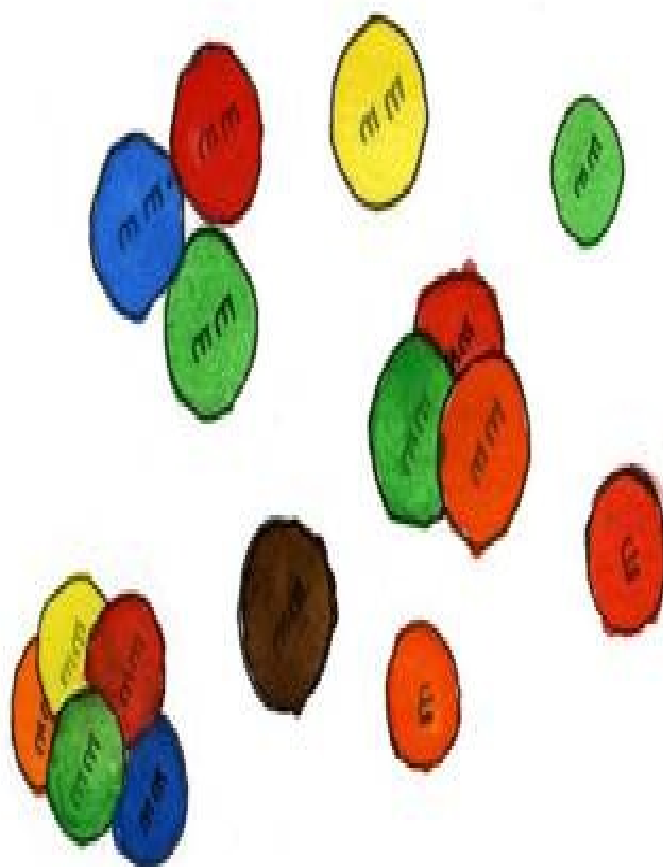
E eu sei que a minha mãe viu isso, eu sei que Otávio viu isso. Eu queria que os dois vissem, que os dois soubessem que até o derradeiro fim João e eu nos amamos. João e eu não deixamos de ficar um ao lado do outro em momento algum.

Porque, afinal de contas, estávamos juntos nessa.

Desde o início, até o final.



PARTE 3



“No meio do caminho tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma *Cali*

no meio do caminho tinha um **João**

Nunca me esquecerei desse acontecimento

na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

tinha uma **Calíope**

tinha uma *família*

tinha um Augusto

tinha uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tinha uma pedra.”

Tinha as minhas mãos nas costas dela, subindo pelas costas dela, por dentro da blusa dela, deslizando pela pele dela.

E o seu corpo era

Uma chave que me

Pertencia e abria a

F-E-L-I-C-I-D-A-D-E

E estava

Colado ao meu.

Apertei sua cintura e os lábios dela estavam nos meus e estavam em todo o meu rosto e os meus lábios desciam pelo seu pescoço e ela puxava o meu cabelo e eu a apertava contra mim e o

Céu

Se abria como as portas de um lugar que não podia ser o paraíso porque o que eu sentia era o

Pecado.

Nossos braços se enroscaram, nossos lábios se devoravam, nossas almas se misturavam em uma aquarela de cores em tons de vermelho como o cabelo dela. Eu tirei a sua blusa, eu beijei a sua pele exposta e ela arfou e eu virei uma bateria sobrecarregada.

Minha camisa estava no chão e as mãos dela no meu torso e ela me encarava com olhos que desejam, olhos que possuem, olhos que acendem e apagam velas.

Eu a segurei pela nuca, ela me segurou pela braguilha da minha bermuda.

Minhas mãos desceram pelo corpo dela — por todo o corpo dela — e eu

puxei o seu joelho para cima e ela entrelaçou a perna na minha cintura enquanto minha língua explorava toda a extensão da sua boca com

Fome.

Nossos corpos se arrastavam um no outro, um atrito que gera faísca, que gera expectativa, que gera uma vontade incontrollável de sair pelo mundo gritando que ela era toda, toda, toda

Toda, TODA *minha*.

E o meu coração sorriu com a possibilidade. Com a certeza.

E o meu coração doeu com a fatalidade. Com a dureza da *realidade*.

Eu me afastei por um segundo para olhar em seu rosto e ver — e *ver* — minha preciosidade. Ela me puxou de volta, mas eu resisti. Fiz um carinho em suas bochechas e as mãos dela me tocavam em todos os lugares ao mesmo tempo, elas eram ímã e eu o metal e vice-versa.

Eu era todo, todo, todo

Todo, TODO *dela*.

— Me promete uma coisa — ela disse. Ela sempre falava sempre, sempre antes de mim. Eu ri. Eu assenti.

Ela poderia me pedir o mundo inteiro.

— Me diz.

— Me promete que nada foi em vão.

Eu balancei a cabeça efusivamente, meu coração batia acelerado dentro do peito como um passarinho na gaiola.

— Esse *eu* agora é novo. Depois de ti, eu sou outro, eu não sou mais verde, eu sou maduro. Tu entendes? Não foi em vão, não poderia ser em vão se a minha pele de antes não é mais a pele de agora.

— A pele é a mesma — ela me corrigiu. — O que tem dentro é o que mudou. Floresceu, como eu. Que agora sou vermelha não só na cabeça, sou vermelha por inteiro como a rosa e tudo o que vale à pena. É *vermelho*.

— Tudo o que vale à pena — eu concordei e fechei meus olhos e beijei os lábios dela tão tão tão doloridos e macios e causadores da minha perdição e de todo o meu alívio. — *Tudo*.

— É poesia, essa nossa história. É poesia.

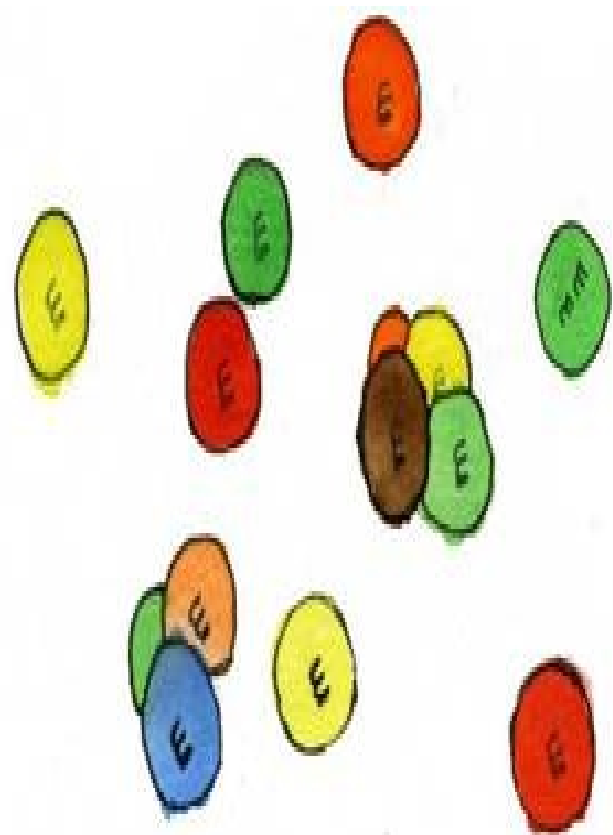
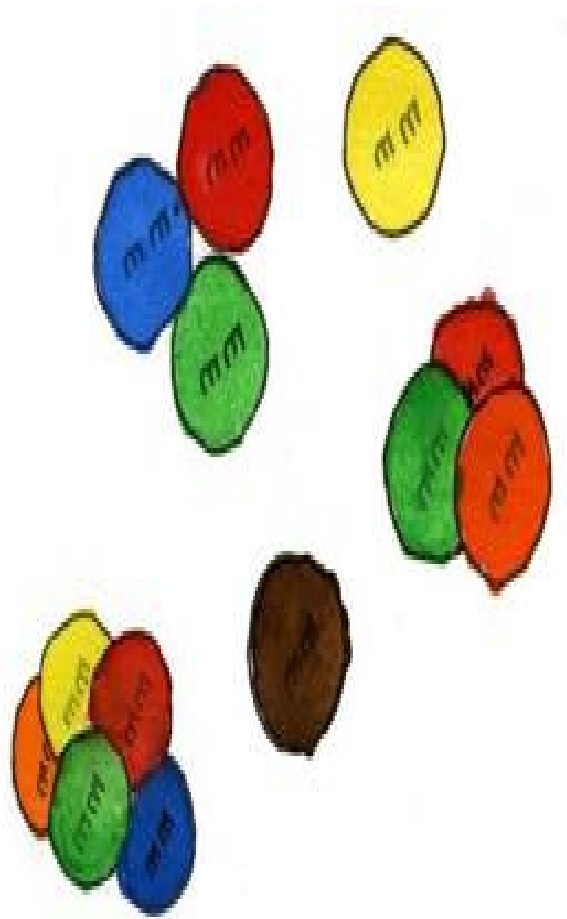
— Eu queria que tu fosses poesia, que você fosse palavras que eu pudesse escrever em um papel e carregar comigo aonde quer que eu vá.

— Mas eu sou! Eu vou com você aqui — ela tocou minha cabeça. — E aqui — ela tocou meu coração. — Não precisa de papel, é só cantar os versos de olhos fechados e eu apareço como um sonho.

— Um sonho — eu repeti.

— Um sonho — ela reafirmou.

Um sonho, eu pensei — quando abri meus olhos.



38. Desnamorar

Minha mãe e Otávio acharam que não era uma boa ideia contar aos outros membros da família sobre o que estava acontecendo entre João e eu.

Mas a verdade é que Hélio e Stella já faziam parte dessa história também e seria impossível esconder que algo estava errado dos nossos outros irmãos mais velhos. De modo que eu e Hélio contamos a Apolo ao mesmo tempo em que João e Stella contaram a Patrícia.

— Você e o João se apaixonaram? — Apolo perguntou pra confirmar depois de ouvir atentamente ao resumo que eu fiz da história sem esboçar nenhuma reação, com aquela cara de pateta dele.

Respirei fundo e respondi:

— Sim.

Ele assobiou alto e passou uma mão pelo rosto.

— É por isso que eu passo longe de me amarrar a alguém. *Tá* vendo só no que dá?

E foi isso.

Apenas esse comentário, que seria desconcertante se não tivesse vindo do Apolo. Hélio e eu nos entreolhamos e ele balançou a cabeça e deu de ombros, porque nosso irmão era um cabeça de vento e nós o amávamos por isso.

É claro que ele me perguntou como eu estava e quis uma resposta detalhada, preocupado comigo como ele sempre era. E eu gostaria muito de dizer algo consistente, de dissecar as minúcias que ele esperava, mas nem eu mesma sabia como é que eu estava me sentindo.

Eu estava destruída.

Eu estava pior do que uma pessoa que entra na montanha-russa e vomita tudo em cima de si mesma com as náuseas das voltas e mais voltas. Meu estômago havia sido removido de dentro de mim e deixado apenas um buraco negro, que já começava a sugar todos os meus órgãos para dentro dele em espiral.

Era assim que eu estava me sentindo.

Um trem desgovernado que finalmente bateu e agora todos os pedacinhos estão espalhados pelo chão.

Eu não fazia ideia de como é que faria isso funcionar, como é que olharia todos os dias para o João na mesa no café da manhã e me manteria firme. Como é que voltaria para casa e o encontraria relaxando na minha sala de estar e conseguiria aguentar não poder ir para os braços dele.

Como é que eu faria pra dormir, pra tolerar a noite longa e fria sem ele ao meu lado me ninando, me envolvendo em seus braços até o momento em que eu pegasse no sono.

Minha mãe achava que seria bom para nós dois ficar o mais longe possível um do outro até que ele viajasse, mas como é que dá pra fazer uma coisa dessas se nós dois vivíamos sob o mesmo teto? Não é como se eu pudesse simplesmente pegar as minhas coisas e ir embora de volta para o Rio de Janeiro passar o restinho que faltava do ano letivo com o meu avô e meus amigos.

Não importava o quanto eu quisesse isso, e eu queria *tanto*.

Pior era para o João, que tinha o ENEM para fazer naquele mesmo final de semana. Em parte, a tensão da prova chegando foi uma coisa boa, porque tirava o foco do problema principal.

Dentro de casa havia três vestibulandos, embora só Hélio estivesse de fato nervoso com a prova. Apolo não fazia ideia do que queria fazer da vida e só estava fazendo a prova porque era isso o que todos esperavam de alunos do terceiro ano. João não iria para a faculdade no ano que vem de qualquer jeito, mas usaria a nota de 2015 para se inscrever em 2016 e tentar entrar em uma universidade federal quando voltasse para casa.

Quando eu também estaria tentando.

De modo que o fim de semana foi muito agitado. Patrícia e Stella também fariam a prova para testar seus conhecimentos e mamãe trabalharia como chefe de sala. Eu fiquei sozinha em casa com Hipólita e sua pata quebrada, as crianças e o Eduardo — que viera para Assunção eu não sei pra quê, já que só à noite todo mundo estaria em casa.

Eu acho que ele sabia também do que estava acontecendo porque ficava olhando pra mim quando achava que eu não estava notando, mas não falava

nada. Por três vezes eu pensei em perguntar qual era o problema, mas eu ainda estava triste demais, cansada demais, devastada demais para gastar minha energia com qualquer coisa.

Mas eu tinha certeza de que ele sabia. Ele e João eram muito próximos e o João não seria capaz de esconder algo assim do irmão, uma vez que o encontrasse.

Estava no nosso olhar, espalhado na nossa cara inteira, que estávamos sofrendo por alguma coisa.

Como é que as pessoas conseguiam namorar e *desnamorar* com tanta facilidade quando isso doía *tanto*?

Minha mãe sempre dizia que a primeira desilusão amorosa era a pior de todas, a mais dolorosa, mas a única coisa que eu pensava enquanto passava por isso era que eu não queria me apaixonar e ter que passar por essa situação absolutamente degradante *nunca mais na minha vida*.

Eu não conseguia me alimentar, eu não conseguia sequer respirar direito.

Eu estava mergulhada em uma piscina composta apenas de angústia, dor e sofrimento.

A trilha sonora da minha vida no momento era composta apenas pelo Pablo da Sofrência.

E, quando passou o ENEM, a coisa ficou ainda mais insuportável porque ao meu redor era como se não tivesse acontecido nada, todos agiam como se não tivesse acontecido nada e eu só queria gritar e dizer que eu estava morrendo e ninguém se dava conta e ninguém se importava e ninguém parecia interessado.

Eu entendia que Otávio e minha mãe precisavam tocar o barco, tocar a bola pra frente e continuar remando. Que a vida de ninguém poderia parar, e manter a família intacta era tudo o que eu queria.

Mas agora, estando nessa situação, eu jamais me senti mais sozinha e incompreendida antes. Mais injustiçada, era tudo muito injusto, a vida era muito injusta e não merecia que eu participasse dela.

Toda vez que o meu olhar se encontrava com o do João ou quando nos esbarrávamos dentro de casa ou quando precisávamos estar no mesmo cômodo,

o meu coração parava. Uma faísca se acendia dentro de mim e se espalhava pelo meu corpo tão rápido quanto a dor chegava. Meus batimentos cessavam e voltavam a bater tão rápido que parecia uma taquicardia.

Era insuportável estar perto dele, ouvir o nome dele, vê-lo sorrir educadamente para uma pessoa que não fazia ideia do quão sortuda era por receber aquele sorriso.

Eu sabia. Eu sentia falta de receber os sorrisos que ele tinha guardados apenas para mim, no nosso planeta particular.

Nosso planeta agora era apenas uma terra deserta, à medida que éramos obrigados a empacotar as nossas coisas e levar embora de volta para o mundo real. Era como acordar de um sonho e perceber que você estivera em câmera lenta o tempo inteiro. E o mundo continuava rodando.

O mundo não parava nem por um segundo.

E eu precisava ajustar as minhas pernas mal-acostumadas com a gravidade a trabalharem e não me deixarem para trás.

Eu não pertencia mais a esse mundo. Mas não podia voltar para onde era o meu lar.

Duas batidas na minha porta me acordaram do meu cochilo. O livro de matemática estava aberto na mesma página que eu me lembrava de ter lido umas duzentas vezes e não entendido nada, e meus óculos de leitura pendiam do meu nariz.

Arrumei-os de volta e soltei o cabelo desarrumado enquanto me sentava, dizendo:

— Entra.

Patrícia e Stella adentraram o meu quarto, juntas e perfumadas. Elas estavam arrumadas, parecia que iam sair para algum lugar e tinham uma expressão muito parecida no rosto, que destacava a sua semelhança.

Uma expressão de quem estava pronto para não aceitar um “não” como resposta.

E eu já comecei a lamentar a partir desse momento.

— Estamos fazendo uma intervenção — Patrícia disse decidida. — Calíope, tu estás sendo intimada a ir tomar um banho, trocar de roupa e nos encontrar no nosso quarto em trinta minutos.

Stella assentiu, cruzando seus braços nus, e eu só fiquei encarando as duas.

— Eu não estou com vontade de sair hoje, mas obrigada.

— Isso não foi um pedido — Stella esclareceu, de um jeito assustador que me fez encolher os ombros. Ela olhou em volta do meu quarto bagunçado e depois de novo para a versão maltrapilha, fedorenta e descabelada de mim sentada em cima da cama. — Há quanto tempo tu estás aqui dentro dessa *Batcaverna*?

Considerando que hoje era um sábado e eu estava desde sexta à tarde dentro do meu quarto, isso nos dava um total de...

— Eu estou estudando — me defendi. — As provas finais serão em duas semanas e vocês sabem que final de semana que vem eu não vou poder estudar porque é o casamento do meu pai.

Ainda tinha mais isso para adicionar na minha vida dos sonhos.

— E isso por acaso é motivo para nem almoçar hoje? — Patrícia quis saber, inquisitiva. Ela ainda não sabia, mas daria uma excelente advogada. — Eu nem me lembro de ter te visto hoje.

— Eu não estava com fome.

— Nem ontem no jantar — Stella acrescentou. — Tu por acaso está com algum transtorno alimentar?

Expirei o ar com força, cansada daquele interrogatório, cansada até mesmo de ter que abrir minha boca para falar, e tirei os óculos para coçar os olhos. Meus músculos pareciam meio moles.

— Olha só, gente, eu sei o que vocês estão tentando fazer e agradeço, mas eu estou bem.

— Você chama isso de estar bem? — Stella disse cética. — Cali, tu mal fala com ninguém, mal se alimenta, mal faz qualquer coisa que não seja ficar nesse quarto estudando.

— Sou o orgulho da minha mãe — eu ainda tinha espaço para sarcasmo.

Mas as gêmeas me fitaram com repreensão, genuinamente preocupadas comigo e sem paciência para brincadeiras.

— Isso não está certo. Nós estamos preocupadas contigo, todos estão. Sua mãe até comigo veio falar porque tu não a deixa se aproximar. Estávamos tentando te dar um tempo, te dar espaço, mas já faz três semanas e você precisa...

— Eu preciso o quê, Patrícia? — agora eu estava começando a me aborrecer.
— Você não tem o direito de me dizer como eu devo me sentir.

— Tu podes se sentir como quiser, mas não pode se afogar nessa depressão e pedir que as pessoas ao seu redor não queiram te ajudar a sair dessa.

Eu suspirei, me levantando da cama e cruzando os braços em frente a elas. Eu sabia que estava sendo um enorme clichê adolescente e me sentia ridícula, mas eu não conseguia evitar.

— Meu irmão vai viajar no mês que vem, mas tu vais ficar aqui — Stella continuou. — Tua vida vai ter que continuar *aqui*, então é bom que você comece a reagir. Tudo isso é uma grande merda revoltante e eu odeio ver você e o Guto sofrendo desse jeito, mas vocês precisam seguir em frente porque não tem nenhuma alternativa no momento.

A menção ao nome dele me fez vacilar. A menção ao sofrimento dele me fez tremer na base e eu respirei fundo, tentando não pensar, tentando afastar o fato de que ele iria embora em tão pouco tempo.

Elas estavam certas, eu sabia disso. Mas era muito mais fácil me isolar no meu casulo do que ter que encarar esse mundo de que eu me recusava a fazer parte porque sem ele isso doía muito.

Mas eu precisava.

Eu não podia agir dessa maneira para sempre, porque eu não teria escapatória. E o meu próprio cheiro estava me dando náuseas.

— Tudo bem. Eu vou, mas com uma condição.

Stella sorriu vitoriosa e Patrícia parecia aliviada.

— Qual?

Meu olhar estava preso ao de Stella, desafiando-a, quando eu disse:

— Vocês vão ter que chamar o Gabriel também. Porque de jeito nenhum eu vou ser obrigada a enfrentar meus problemas sem *você* ter que fazer isso também.

O queixo de Stella caiu, mas Patrícia sacou o celular do bolso na mesma hora.

— Já estou ligando pra ele. Trato feito.

Abri um sorriso sem humor para a Gêmea Má e fui até o meu armário escolher um par de jeans e uma camisa qualquer. Peguei a roupa, uma toalha e meu elástico de cabelo e fui até o banheiro, deixando as duas irmãs no meu quarto no momento em que Gabriel atendeu a ligação de Patrícia e Stella se dividia entre querer morrer e me matar.

Quando cheguei à porta do banheiro, porém, João estava saindo de lá.

E eu perdi completamente a habilidade de me mover.

Seus olhos verdes encaravam os meus, e meu coração se apertou até ficar do tamanho de uma azeitona. Eu acho que nunca me acostumaria a olhar pra ele e não sentir nada, eu acho que nunca poderia enxergá-lo como nada além do garoto que eu amei — *o garoto que eu amo* — e toda essa brincadeira de família estava arruinada para sempre.

Ele encostou a porta do banheiro e se aproximou de mim. Eu resisti ao impulso de dar um passo para trás, com medo da proximidade, com medo do que poderíamos fazer.

— Vai sair? — ele perguntou. Eu assenti. Ele assentiu também. Ficamos nos olhando por mais um segundo inteiro e o tempo então parou e eu não soube mais contar. — Você está passando bem então?

Ele achava que eu não estava? Por isso então se aproximou. Ele estava preocupado comigo. Meu coração estava explodindo. Eu estava sentindo a vontade de abraçá-lo tão forte que tive que contar até dez.

— Estou bem. Apenas estudando.

Como eu sentia falta de conversar com ele. Como essas palavras soltas e constrangidas doíam no meu peito.

Ele assentiu de novo, já se afastando de novo.

De novo eu quis voltar pro quarto e não sair coisíssima nenhuma.

Mas em breve ele iria embora e eu ficaria aqui.

— Ainda bem. Espero que tu te cuides.

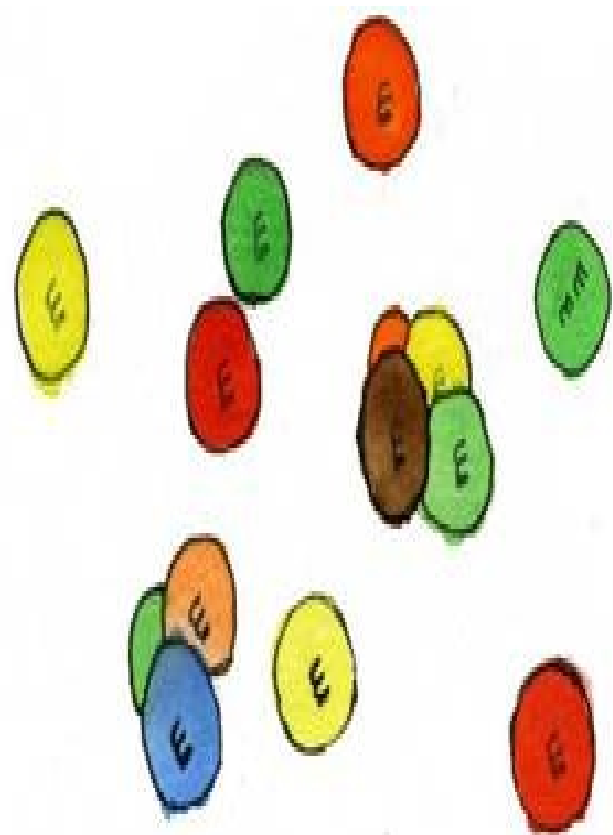
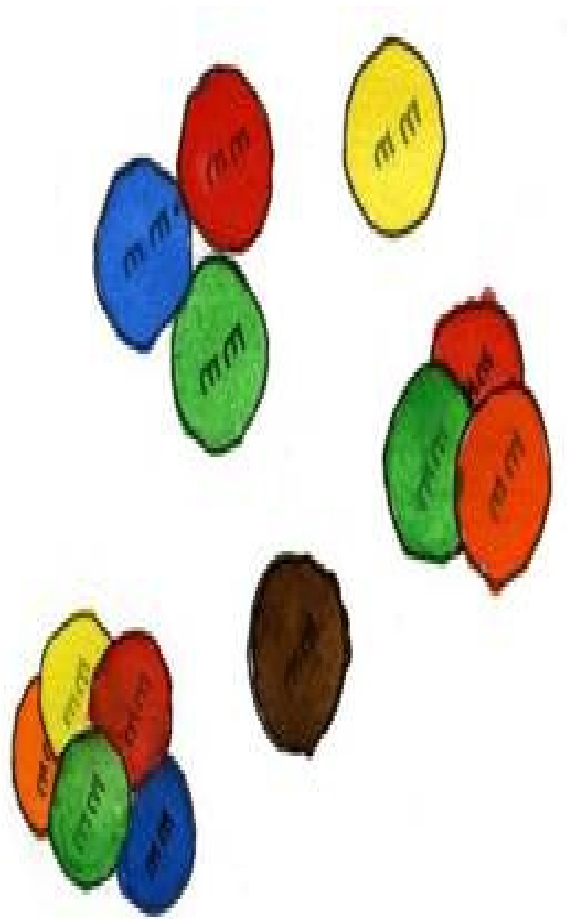
— Espero que você se cuide também.

— Tenha uma boa noite hoje.

— Tenha uma boa noite você também.

Ele se virou para voltar ao seu quarto e eu entrei no banheiro, ansiosa por me trancar e deixar a água me lavar.

Que lavasse esse sentimento, que me lavasse inteira e me levasse para um lugar onde eu pudesse suportar o fato de ser quem eu era.



39. Final Feliz

O pior de ter que viajar para o casamento do meu pai era que eu iria passar o fim de semana inteiro em São Paulo e a única coisa que faria seria ir ao casamento do meu pai.

Eu não estava exatamente animada para rever o meu pai e fazer cara de paisagem no altar enquanto ele se casava com a Suze, mas eu não tinha nenhuma escolha quanto a isso. Não podia negar que estava com inveja da Hipólita por não precisar mais ir, já que estava com o pé enfaixado e foi poupada do transtorno.

Então seríamos apenas Apolo, Hélio e eu na diversão em família.

Desde que as gêmeas me forçaram a sair de casa na semana passada eu estava tentando ser um pouco mais participativa na minha própria vida. Quer dizer, elas estavam certas, eu estava me afundando no meu próprio buraco e precisava pelo menos tentar dar um jeito nisso.

O humor da Stella se desfez completamente por causa da minha condição de chamar o Gabriel para ir conosco ao Beco, mas eu não estava nem aí. Na verdade, eu acho que estava mais do que na hora de ela também enfrentar os seus medos. A reação da Patrícia deixou mais do que claro que ela já tinha deixado para trás a sua paixão pelo Biel e não guardava ressentimentos.

De modo que o meu *ship* tinha que acontecer de qualquer maneira. Não havia desculpas. Não ofereci o corpo do meu irmão para ajudar esses dois a se entenderem para tudo terminar assim desse jeito sem graça.

E o Gabriel ficou super eufórico por estar saindo com ela, deu pra notar logo de cara. Embora houvesse certo receio, Gabriel não era o tipo de cara que gostava de — ou conseguia — fazer joguinhos. Para ele ou vai ou racha. Ou é ou não é. E a Stella bem que precisava de alguém assim no momento.

A situação entre ela e a minha mãe estava muito melhor. Eu não percebi as coisas acontecendo nas últimas semanas porque estive concentrada demais nos meus próprios problemas, mas quando me dei conta as duas já se falavam educadamente sem nenhuma tensão ou ressentimento. É claro que ainda havia certo cuidado, certa distância. Mas ao menos Stella estava finalmente conseguindo aceitar a nova madrastra.

E eu me perguntava se não ajudei isso a acontecer; Se o fato de ambas terem ficado preocupadas comigo as tivesse unido, com intermédio da Patrícia.

Poderia tanto ser como não ser, e eu jamais iria saber. Mas me ajudava pensar que alguma coisa boa surgiu no meio de tanta tristeza.

Mas voltando à Stella e ao Gabriel, era óbvia a tensão entre os dois na nossa mesa, e eu fiquei feliz por ter algo com o quê me distrair. Pra falar a verdade, eu estava me divertindo em assisti-lhes constrangidos um ao lado do outro, sem saber exatamente como agir, tentando ser educados, mas sem conseguir disfarçar o que sentiam um pelo outro.

A Patrícia pôde presenciar pela primeira vez os dois juntos em ação e acho que ela também acabou achando engraçado. Nós duas éramos cúmplices e, quando eu pedi licença para ir ao banheiro, ela se ofereceu para ir comigo.

E então Gabriel e Stella ficaram sozinhos.

— Ok, agora tu contas sobre o que vocês dois conversaram — a Patrícia perguntou, abrindo a geladeira e pegando o pote de sorvete para nós três. — Que horror, os meninos já comeram praticamente tudo — ela resmungou, abrindo o pote que já estava pela metade.

Eu peguei uma colher para cada uma de nós e entreguei para elas quando me sentei do outro lado da Stella, na mesa alta no centro da cozinha. Enfiamos as colheres dentro do sorvete de flocos, saboreando aquela maravilha, enquanto Stella pensava no que dizer.

Ela estava vermelha. Stella estava *corando*, pelo amor de Deus!

— Ainda tem o bolo de chocolate que a Clara fez hoje de manhã? — Stella perguntou, como se tivesse se lembrado do bolo só agora e achasse uma boa ideia.

Bem, era uma ótima ideia.

— A minha mãe fez bolo?

— Até parece que alguma coisa sobra aqui em casa com o Apolo e o Leo para acabarem com tudo — Patrícia resmungou e então riu, balançando a cabeça e dando outra colherada no sorvete. — Mas não muda de assunto, não.

Stella encolheu os ombros.

— Não sei, a gente só ficou conversando quando vocês foram ao banheiro. Aliás, vocês sumiram do nada, eu quis matar as duas quando fizeram isso — ela reclamou com a cara fechada. Então aos poucos seu rosto foi se modificando em um sorriso involuntário. — Mas nós conversamos e ele meio que me chamou pra sair.

— Ele *meio* que te chamou pra sair? Como é que alguém faz isso pela metade? — eu quis saber.

Stella me lançou um olhar gelado, mas eu não me intimidei. Continuei comendo meu sorvete e esperando pacientemente pela resposta dela. Ela bufou e enfiou outra colher cheia na boca.

— Ele me chamou pra sair — ela disse de boca cheia. — nós vamos amanhã e eu estou meio que surtando. Satisfeitas?

— Ora, finalmente! — eu comemorei. — Um encontro decente, pra variar.

Não pude deixar de pensar no único encontro que João e eu tivemos e no quanto ele foi maravilhoso antes de virar um verdadeiro desastre. Meu coração doeu dentro do peito, mas eu afastei aquele pensamento o mais rápido possível.

Foco na Stella e no Gabriel.

— Pra onde vocês vão? — Pat perguntou. Eu estudava sua reação, à procura de algum traço negativo, mas felizmente não encontrei nada.

— Ele não me disse. Vai passar aqui pra me buscar de tarde. Ele disse que é pra gente começar de novo, sabe? Um novo começo, deixando as complicações do passado pra trás, e eu acho que essa foi uma excelente ideia.

— E ele não quis saber por que você terminou tudo sem mais nem menos? — perguntei, porque não é possível que ele não tenha tocado no assunto. Tudo bem que já fazia algum tempo, mas Gabriel ficou muito mal com essa história toda, com o silêncio da Stella e como ela o deixou sem mais nem menos.

Ela assentiu, engolindo.

— Eu disse que eu surtei, que eu não estava conseguindo dar conta do que estava sentindo. Ainda mais com todas as coisas acontecendo na minha vida e

dentro de mim por causa da família. Foi um momento complicado pra mim — ela explicou, refletindo sobre tudo isso. — O que não deixa de ser verdade — admitiu. — E eu pedi desculpas a ele.

Patrícia soltou um suspiro e se esparramou sobre a mesa.

— Estou tão aliviada que vocês puderam virar essa página com dignidade. Porque, vou te contar, eu não aguentava mais me sentir culpada e não adianta o que tu digas — ela cortou a irmã, levantando um dedo, quando Stella tentou rebater. — Eu tenho culpa indireta sim e agora finalmente me liberei dela.

Abri um sorriso, encarando a Pat e depois a Stella, que sorriam uma para a outra também.

— Parece que no fim das contas tudo terminou bem pra vocês duas.

As gêmeas me fitaram, com seus rostos diferentes e ao mesmo tempo tão iguais, aqueles mesmos olhos castanhos claros intensos.

— Está vendo, Calíope? Por mais que às vezes possa não parecer, as pessoas podem ter um final feliz — Stella disse e eu mordi o lábio, sentindo meu coração dar pulinhos dentro do meu peito.

— Ainda que não seja como tu esperas — Patrícia acrescentou, dedicando seu sorriso afetuoso agora para mim. — A vida tem essa mania de nos surpreender.

Eu assenti, sentindo uma lágrima brotar nos meus olhos, sentindo minha garganta apertada, mas deixando as palavras das meninas entrarem em mim.

— O quê é que vocês estão fazendo aí no escuro? — perguntou Maia, entrando na cozinha acompanhada de um dos seus bichinhos de pelúcia.

— Estamos comendo sorvete, você quer? — Pat ofereceu e o rosto da minha irmãzinha de dez anos se iluminou.

Ela assentiu e se sentou ao meu lado enquanto Pat se levantava para ir pegar mais uma colher. Passamos a colher e o pote de sorvete para Maia, que ficou feliz de participar do nosso contrabando.

— Eu ouvi a palavra sorvete? — Apolo colocou a cabeça para dentro da cozinha.

— Pra ti não, você já comeu o bolo inteiro — Stella empinou o nariz, emburrada, mas Apolo fez exatamente o contrário do que ela gostaria e se juntou a nós com a sua cara de travesso no rosto.

— Bolo e sorvete são coisas bem diferentes — ele tentou alcançar o pote, mas Stella o afastou. — Fala sério, Ste, eu sou muito mais forte e mais alto do que você. Alcanço esse pote em um minuto se me levantar daqui.

— Tu nem és tão mais alto assim — Patrícia implicou e Apolo fez uma careta para ela.

— Deixa sorvete pra mim! — Maia pediu, tentando alcançar o pote com sua colher, mas não conseguindo porque Stella ainda o estava afastando da mesa por causa do Apolo.

— Você vai roubar sorvete de uma *criança*? — perguntei, fingindo estar desconcertada. — Da sua irmãzinha mais nova? Que vergonha.

— Ei, eu quero sorvete também! — Leo apareceu do nada, porque se tinha uma coisa naquela casa eram crianças brotando do nada.

— Eu também quero.

E essa foi a voz da Hipólita. O que fez parar toda a cena em que Apolo, Maia e Leo brigavam tentando tirar o pote de sorvete da mão de uma Stella decidida a não dividir. Todos encararam a minha irmã de quatorze anos entrando na cozinha de muletas.

Eu me levantei rapidamente para ajudá-la.

— Você deveria estar de pé? — eu perguntei preocupada.

— Eu não aguento mais ficar deitada naquela cama — ela queixou-se, angustiada. — Além do mais, já faz três semanas e eu já voltei a ir pra escola nessa coisa horrível — ela se referia às muletas.

Ajudei Hipólita a se sentar e encostar a coisa horrível na mesa.

— Ok, a Hipólita venceu. Ela fica com o resto do sorvete — Stella decretou, para infelicidade de Apolo e Leo, que não esconderam a tristeza pela derrota.

Nós ficamos ali na cozinha conversando e implicando uns com os outros, pensando em coisas gostosas para comer e lamentando não ter em casa. Stella

não perdeu a deixa e reclamou mais uma vez pelos meninos terem acabado com todo o bolo. Eles se defenderam dizendo que homens precisavam de mais energia e, portanto, mereciam comer mais. O que enfureceu todas as meninas do cômodo — por sorte, éramos a maioria e respondemos o argumento à altura.

Não demorou muito para João, Eduardo e Hélio aparecerem na cozinha também, vindo da rua, e trazendo adivinha o quê?

— Trouxemos sorvete! — Eduardo anunciou, pousando os três potes novinhos em folha em cima da mesa para a felicidade geral da Família Unida. — Alguém pega tigelas pra todo mundo.

— Deixa comigo — disse Hélio, já abrindo as portas do armário da cozinha. João foi pegar as colheres extras na gaveta, e em pouco tempo todos estavam saboreando um delicioso sorvete de creme e chocolate.

— Clara! Pai! Venham comer o sorvete antes que esses esfomeados acabem com tudo — Eduardo gritou e alguém começou a rir, outro alguém reclamou do “esfomeados” e começou a rebater, mas eram tantas vozes e tantos barulhos de talheres batendo em tigelas que eu não sabia quem havia falado o quê.

Minha mãe — com Selene no colo — e Otávio apareceram pouco tempo depois, reivindicando sua porção no sorvete e ameaçando colocar todo mundo pra dormir no quintal se não sobrasse para eles também.

Todos ali, amontoados na mesa da cozinha, comendo, rindo, conversando, implicando uns com os outros. Do jeito como uma família deveria ser, não importava se feita de três pessoas ou de treze.

Todos ali, juntos, em harmonia, me fizeram sentir sortuda pela primeira vez em três semanas. Me fizeram entender o que minha mãe quis dizer com querer fazer daquela casa o nosso porto seguro, o lugar onde estaríamos sempre bem.

Embora cada um de nós tivesse milhares de defeitos e ainda estivéssemos aprendendo a lidar com aquele arranjo familiar tão fora dos padrões, naquele momento eu senti irrevogavelmente que aquela família era minha.

Com todos os gritos, choros, desastres e loucuras. Com todas as pequenas imperfeições.

E, embora ter que terminar com o João tenha sido o preço que precisei pagar

para manter essa família no lugar, eu não poderia ficar me queixando como se a vida não tivesse me dado coisas maravilhosas. Eu nem o teria conhecido, em primeiro lugar, se não fosse por tudo isso.

Agora, aqui sentada no telhado debaixo da minha janela, na véspera do dia da viagem para o casamento do meu pai, eu pensava sobre aquela noite em que estávamos todos juntos. Pensava sobre os novos irmãos e irmãs que eu estava aprendendo a amar e sobre as amizades novas que fiz.

Eu pensava sobre todo o meu relacionamento com João e no quanto tudo havia sido tão verdadeiro. Não importava se estávamos juntos, se *podíamos* estar juntos ou para onde fôssemos. Ele seria para sempre o meu Augusto, o meu piá que era apaixonado por Los Hermanos e enxergava o mundo de um jeito peculiar que era só dele.

Eu me sentia feliz por tê-lo conhecido desse jeito. Por ter conhecido a alma dele de uma maneira como ninguém nunca pôde antes. Me sentia feliz por tê-lo amado, por ele ter me amado e por termos vivido tudo o que vivemos juntos, na intensidade em que vivemos juntos.

Por termos nos perdido juntos. Por termos nos descoberto juntos.

E ninguém nunca, jamais, poderia tirar isso de nós.

Quando me dei conta, ele estava lá embaixo no quintal olhando para mim. Há quanto tempo ele estava ali? Eu não sabia. Dedilhava o seu violão preguiçosamente, sentado na beira do deque da piscina com os pés descalços na grama. Os cabelos escuros voavam com o ventinho da noite e seus... ah, aqueles olhos *verdes*.

O reflexo da lua no seu rosto os deixava tão brilhantes quanto as estrelas no céu da primavera, brilhando na minha direção como se fossem estrelas cadentes, e eu queria poder esticar a minha mão e pegá-las para mim.

De repente seu dedilhar começou a se transformar em uma melodia consistente. Uma melodia que eu reconhecia, só podia ser *I of the Storm*. Ele tocava e olhava na minha direção, como se quisesse que eu soubesse que era para mim.

Eu sabia, eu sabia. Meu coração sabia e repetia o batuque da música, em sincronia, cantando junto com ele.

João Augusto abriu a boca e a música se desenrolou da sua língua e veio parar nos meus ouvidos e o mundo se resumiu a isso, a ele cantando, ao céu estrelado contemplando a maravilha que era quando ele cantava.

Are you really gonna love me when I'm gone? ^[3]

(Você vai mesmo me amar quando eu for embora?)

I fear you won't

(Eu temo que não)

E eu queria dizer que sim, eu queria gritar “eu vou te amar onde quer que você esteja, por quanto tempo você esteja”, mas não fui capaz. Não fui capaz de mover sequer um músculo enquanto ele cantava para mim e o meu mundo se tornava ele, ali, só por um segundo.

E por um segundo eu me permiti sentir aquilo percorrer as minhas veias sem querer que parasse. Por um segundo eu fui dele e ele foi meu e não havia nada que pudesse ser feito para mudar isso.

E ele cantava o seu sofrimento e estava escrito em seu rosto, em seus olhos, em sua voz, em tudo o que ele era. E eu agradeci por ele dividir comigo, por ele me quebrar em um milhão de pedacinhos e me revigorar ao mesmo tempo.

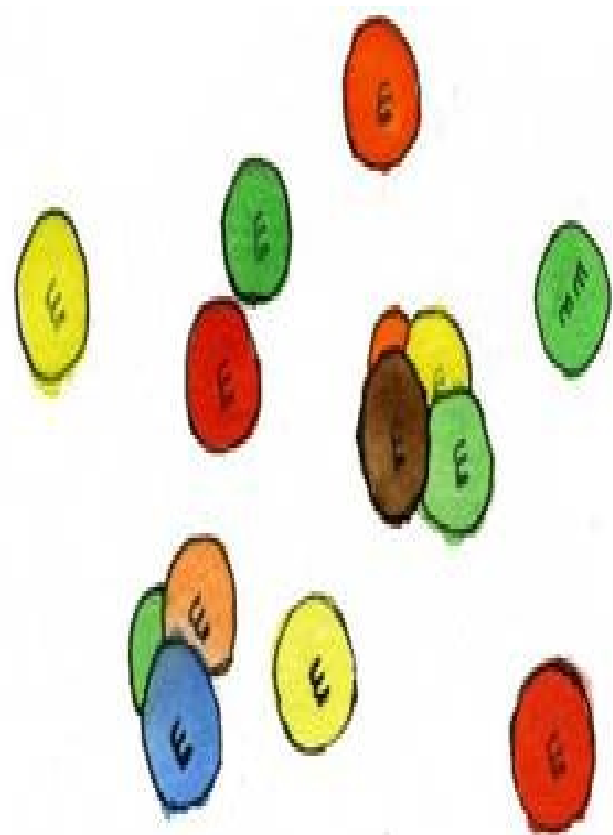
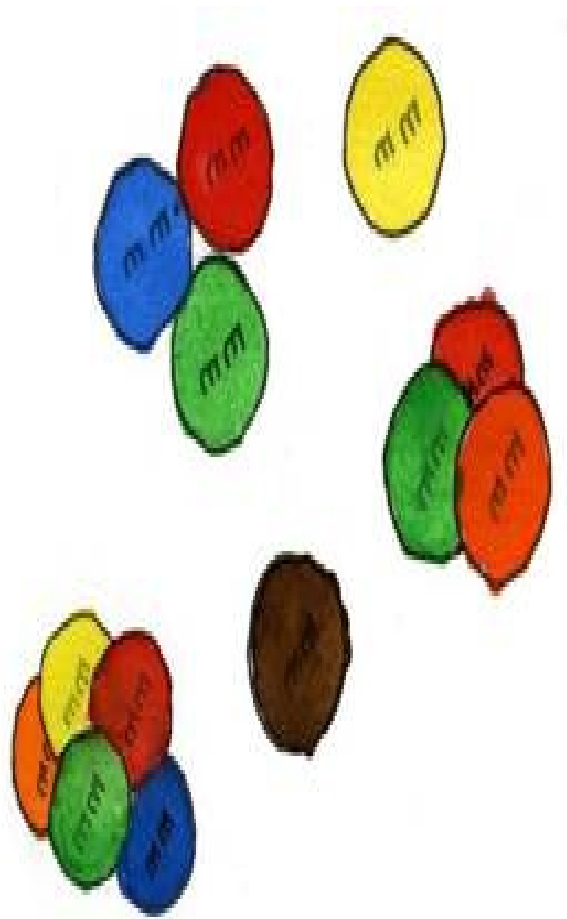
E quando ele for embora eu serei uma tempestade no deserto. Tão desesperada, tão rara, tão deslocada. Caindo torrencialmente, mas sem molhar ninguém.

E quando ele for embora eu vou torcer para que ele encontre os seus sonhos no mundo e torcer para que Assunção seja o suficiente para mim, mesmo sem ele ao meu lado, e torcer para que...

Ele parou a música. Eu não tinha percebido as lágrimas nos meus olhos até uma delas cortar a minha bochecha. João ficou me encarando lá de baixo, o peito subindo e descendo com força, a dor em seus olhos se transformando em algo novo, algo que eu não reconhecia, algo que parecia determinação.

Ele segurou o cabo do violão e se levantou. Eu sequei minha bochecha, alerta a cada um dos seus movimentos e deixei escapar um arfar quando ele pôs um pé na frente do outro e, caminhando, passou por todo o quintal e desapareceu dentro

da casa abaixo de mim.



40. O Futuro

Eu não tive nem tempo de processar qualquer coisa porque, em questão de segundos, João já estava dentro do meu quarto. Eu ouvi quando a porta se abriu e se fechou de novo e me virei pra olhar, ainda sentada no meu telhado.

Me levantei no mesmo instante e pulei para dentro do quarto, sem saber o que exatamente ele estava fazendo ali, mas sentindo meu coração pular tanto de alegria que eu não poderia reclamar.

João respirava forte, com uma determinação voraz em seus olhos verdes, lutando contra si mesmo pelo impulso de me tocar e isso eu entendia muito bem. Eu sabia que era isso o que ele estava sentindo, porque reconhecia nele o mesmo sentimento que havia em mim.

Ele deu um passo pra frente, cauteloso, e eu fiz o mesmo. Ainda era pouco, ainda não era o suficiente e a proximidade me rasgava por dentro.

Mas já era alguma coisa.

— Cali...

Ele disse meu nome e engoliu em seco. Nossos olhares presos um no outro.

— Augusto.

Ele expirou, seus ombros caíram levemente e eu vi brotar em seus lábios um início de sorriso que, sozinho, me fez soltar fogos de artifício no estômago.

— Adoro quando tu me chamas assim.

— Eu sei.

Ele deu outro passo para frente.

— Ninguém nunca me chama assim.

Eu dei outro passo para frente. Meus pulmões se encheram e se esvaziaram de ar.

— Eu sinto falta de te chamar assim, Augusto.

— Eu sinto falta de tanta coisa.

— Eu sinto falta de você — deixei escapar e mordi a língua em seguida.

Um mês depois e aqui estávamos nós.

João deu o passo que faltava para ficarmos cara a cara e sua mão deslizou até a minha, seus dedos se entrelaçaram nos meus como já estavam acostumados e eu suspirei de alívio como se tivesse voltado para casa.

— Eu também sinto falta de ti.

Seu corpo parado tão próximo ao meu era quase um crime. O calor dele estava em volta de mim e eu havia me esquecido como é que se respirava.

— Eu não posso ir embora com as coisas dessa maneira, Cali. Simplesmente não posso.

Minhas costas ficaram rígidas, eretas, conscientes do perigo que eram as palavras dele. Meu rosto estava sério com a tensão sem conseguir ser escondida. Meus olhos vasculhavam o rosto dele atrás de uma explicação melhor para o que estava dizendo, o estômago já se revirando.

— Como assim? — perguntei por fim.

— Eu vou viajar, mas isso não significa que não possamos ficar juntos.

É claro que significava.

— Não estou entendendo — admiti confusa. — No que é que você está pensando?

Eu não podia negar que estava curiosa. João estava tendo ideias, e se havia a mais remota possibilidade de encontrarmos uma saída para nosso dilema, eu queria ouvir. Eu sabia, no fundo, que não passaria de devaneios desesperados, mas eu ainda assim queria que ele compartilhasse comigo.

João me puxou para sentarmos na minha cama e se demorou um pouco fitando o meu rosto antes de começar a falar.

— Eu vou esperar por você. Se é tempo o que eles querem, é tempo o que eu darei. Dez meses fora são o suficiente pra provar que eu te amo de verdade.

Embora eu estivesse derretida com o que ele estava dizendo, não era tão simples e tão fácil assim.

— Espere aí. O que você está dizendo?

— Estou dizendo que estou farto de sentir como se alguém estivesse arrancando meu coração fora toda vez que fico perto de ti e não posso te tocar.

Sua outra mão alcançou o meu rosto e eu amoleci no seu toque, me derramando sobre ele tão fácil quanto a tabuada de dois.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer, eu sentia exatamente o que ele sentia. Nós éramos dois pedaços iguais feitos da mesma matéria, do mesmo sentimento, da mesma frustração.

Mas ainda assim...

— Augusto, você não pode esperar por mim — eu disse, mesmo aquilo me custando muito. Mesmo eu querendo dizer a ele que sim, que esperasse por mim, que não chegasse perto de mais ninguém. — Não pode ir embora com esse peso.

Ele franziu a testa, lutando para compreender o que eu estava dizendo.

— Tu não és um peso pra mim, Cali.

— Eu posso não ser, mas se você esperar por mim, você nunca vai tirar os pés de Assunção de verdade — eu tentei explicar. — Não importa aonde você vá, sua cabeça vai estar aqui e eu não posso aceitar isso. Se você tem que ir conhecer o mundo então que vá para o mundo *mesmo*. Que curta cada momento, que esteja de corpo e alma nos lugares aonde for.

O polegar dele acariciou o meu rosto e eu pisquei, respirando com dificuldade, querendo desesperadamente puxá-lo para encostar seus lábios nos meus e me perder nele.

João sabia que eu estava certa, embora não quisesse admitir. Ele sabia que não seria capaz de se desligar daqui se estivesse preso a algum compromisso comigo. Fora que, como é que isso funcionaria? Como é que ele passaria dez meses longe, viajando para vários lugares diferentes, e tendo que se preocupar em achar um jeito de conversar comigo? Quantas vezes nos falaríamos? Como é que eu iria aguentar a tortura da espera por esses momentos?

Não. Isso não seria justo nem com ele e nem comigo. Toda a viagem dele estaria comprometida e toda a minha paz de espírito também. E nos desgastaríamos e nos estressaríamos e nos cobraríamos sem parar. Até o

momento em que nenhum de nós iria aguentar mais.

Não. Ele tinha que ir de verdade. E eu ficaria aqui. E nós dois tocaríamos a nossa vida, mesmo distantes e separados.

— Então o que tu queres? Você prefere isso? Prefere ter que me esquecer pra sempre? — ele perguntou, magoado. Estava tão ávido para arranjar uma solução que o desespero não o fazia ver o quanto essas perguntas não faziam sequer sentido.

— Como é que eu posso preferir uma coisa dessas? — eu disse, beijando a mão dele que estava no meu rosto e a trazendo para baixo, onde nossas outras mãos estavam unidas. — Nunca. Mas o que você quer não daria certo e eu sei que você, no fundo, sabe disso também.

Ele suspirou profundamente, mas acabou assentindo. E eu nunca vi alguém tão triste por concordar com outra pessoa. E se o meu coração já não estivesse partido, teria feito isso naquele exato momento.

Eu não sabia de onde é que estava vindo aquela força, não sabia quando foi que me tornei essa pessoa tão corajosa. Mas estava feliz por ser eu, por poder cuidar dele.

O amor, no fim das contas, é isso. Pensar no outro antes de si mesmo. Era por isso que João estava disposto a sacrificar toda sua viagem para que ficássemos juntos e também por isso que eu não podia aceitar. Aquele, afinal, era o grande sonho dele.

— Mas você está certo sobre o que disse sobre o tempo. Dez meses é tempo suficiente para provarmos qualquer coisa — eu falei, refletindo sobre o pensamento dele e tendo ideias por minha conta também.

Os olhos do João brilharam e eu fui inundada pela adrenalina percorrendo as minhas veias.

— Tu estás querendo dizer que...

— Que nós não podemos ter um relacionamento agora, nem durante a sua viagem. Mas se quando você voltar nós ainda quisermos ficar juntos, se ainda nos amarmos...

— Então nós já teríamos provado o nosso ponto. — Ele segurou meu rosto

com suas duas mãos, cheio de vigor e intensidade. — Calíope, eu vou pra onde você quiser. Se quando eu voltar tu ainda me *quiser*, eu faço faculdade no lugar onde tu escolheres fazer. E ninguém mais vai poder nos impedir de ficar juntos.

Eu sorri para ele, para a intensidade das suas palavras e do que estávamos sentindo. Sorri para a possibilidade que se abria agora para mim, para nós dois, e senti como se o peso de um piano inteiro tivesse saído de cima de mim.

João e eu tínhamos um plano novamente.

João e eu não havíamos desistido do nosso amor.

Independentemente do que viesse a acontecer pelos próximos dez meses, do que ele ou eu fôssemos sentir, era isso aqui, agora, que importava. Era a decisão, era a sabedoria de que, se o sentimento que compartilhávamos fosse realmente forte o suficiente, não haveria como nos pararem.

Pela primeira vez desde que me entreguei para esse garoto, havia um futuro a ser traçado. Havia uma possibilidade concreta para nós dois sermos o que quiséssemos ser, e a única coisa pela qual deveríamos esperar e nos preocupar seria com o que sentíamos.

Não com as pessoas ao nosso redor, não com as complicações exteriores.

Mas apenas com nós dois e se seríamos capazes de nos amar assim dessa mesma maneira quando ele voltasse para mim.

Ele foi embora no dia vinte e sete de dezembro, dez dias depois do seu aniversário de dezoito anos, e levou consigo o meu coração.

A formatura do terceiro ano foi linda e emocionante e a festa foi uma das melhores que Assunção já viu. Meus irmãos estavam formados, meus amigos estavam formados, meu Augusto estava formado.

E a vida só estava começando para cada um deles.

Quando ele foi embora eu senti um vazio absurdo dentro de mim. Era estranho não tê-lo por perto, era estranho não vê-lo pela casa e saber que ele estava apenas a um quarto de distância de mim para tudo de que eu precisasse.

O primeiro lugar para onde ele iria seria a Argentina e então seguiria pela

América Latina pelos primeiros dois meses da viagem. Ele pularia de uma cidade para a outra, de um país para o outro, absorvendo a cultura, experimentando os sabores e reinventando a si mesmo a cada passo.

Era o seu sonho conhecer o mundo. E o mundo estava de braços abertos para recebê-lo ao mesmo tempo em que Assunção e seus habitantes choravam a sua ausência.

Porque João Augusto era esse tipo de pessoa que deixava um rastro por onde quer que passasse. Ele permanecia na memória das pessoas como uma lembrança boa que você gosta de visitar sempre que puder.

Ele chega e ele é capaz de mudar tudo aquilo o que você é se você permitir.

Ele chega e quando ele vai embora é como se parte de você estivesse indo junto dele.

Mas parte dele, agora, está dentro de você também.

Eu passei as férias no Rio com toda a família, Hipólita tirou o gesso, meu aniversário chegou em fevereiro, meu novo irmãozinho nasceu — era um menino! Milhares de incontáveis grandes e pequenas mudanças aconteceram nos meus dias, na minha vida, mas de uma coisa eu tinha certeza: um cartão postal do João sempre chegaria para mim e tornaria a minha coleção ainda mais especial.

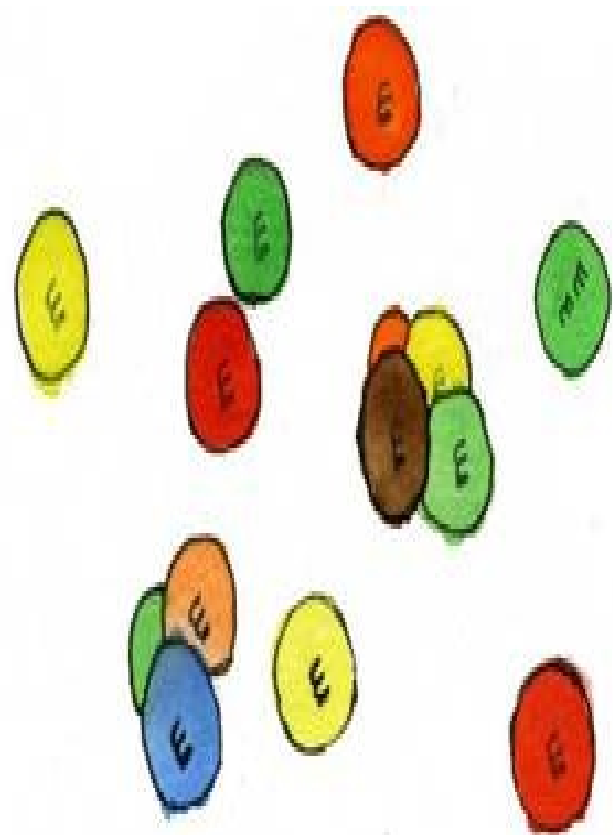
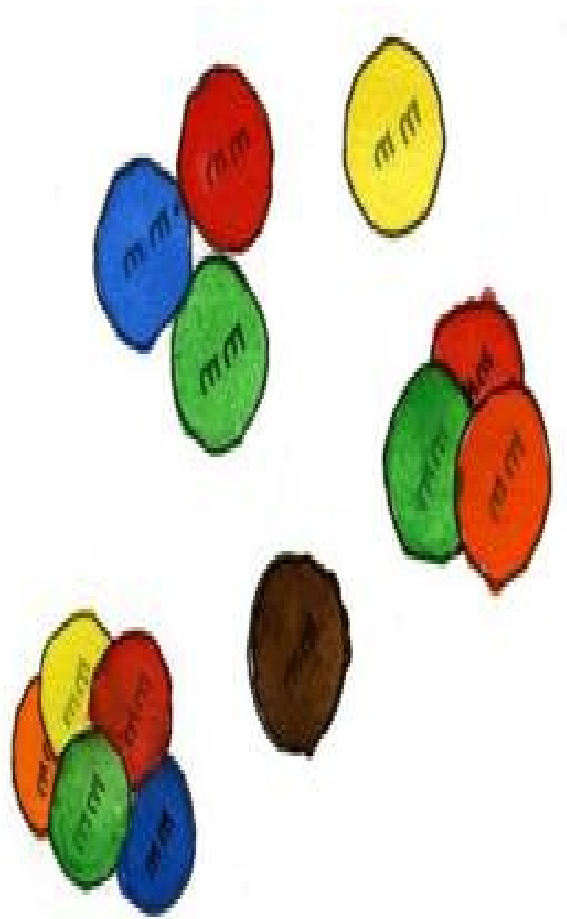
Com o tempo eu aprendi a lidar com a ausência dele e com a parte do meu cérebro que estava sempre se perguntando onde é que ele estava, o que ele estava fazendo, se ele estava bem. Com o tempo isso se tornou normal, passou a fazer parte da minha rotina de um jeito que parecia até que não estava lá.

Mas estava.

E à medida que eu crescia e me tornava um segundo mais velha do que antes e criava raízes cada vez mais fortes com a minha família, eu me perguntava se mudaria alguma coisa. Se faria alguma coisa diferente.

À medida que eu crescia e me tornava um segundo mais velha do que antes e criava raízes cada vez mais fortes com a minha família, a minha resposta era sempre não.

Eu faria a mesma coisa mil vezes e mil vezes eu o amaria.



41. Vida Que Segue

Dez meses depois.

Estávamos todos enlouquecendo com a proximidade do ENEM e, quando eu digo enlouquecendo, eu quero dizer perdendo a cabeça completamente. Eu não sabia como é que Apolo estava se submetendo a essa tortura pela segunda vez e ainda não sentia vontade de se matar.

Mas é claro que é do Apolo que estamos falando.

Foi estranho no início, quando meus irmãos mais velhos se mudaram de volta para o Rio de Janeiro. Eu nunca havia morado longe deles, nunca havia sequer passado muito tempo longe deles, mas agora eu me perguntava como é que consegui viver dezesseis anos dividindo a casa com aqueles dois.

A casa ficara muito mais harmoniosa quando os meninos foram embora. Retire três doses de um metro e oitenta de testosterona da sua moradia e receba paz de espírito de graça. Os únicos homens na casa agora eram Otávio e Leo, tirando os finais de semana em que os rapazes vinham ficar conosco.

Que era o caso do dia de hoje.

Eu tive dificuldade para dormir e para me concentrar em qualquer coisa por causa do dia de hoje — até mesmo nos estudos para o ENEM. Acordei tentando fingir que hoje não era *hoje* para evitar que o meu coração parasse de bater a qualquer momento, mas não consegui.

Eu sempre fui um pouco ansiosa, mas a ansiedade tinha evoluído para outro nível nesses últimos dias, a ponto de eu achar que estava desenvolvendo uma úlcera.

De modo que, quando meu despertador tocou e eu dei um pulo da cama, mal conseguia me conter dentro do meu corpo.

Decidi tomar um banho bem gelado para ver se conseguia me acalmar, mas o único resultado que alcancei foi uma hipotermia. Quando saí do banheiro, Leo me esperava do lado de fora e ficou encarando a cara de assustada no meu rosto com um quê de curiosidade.

— Tudo bem, Cali?

NÃO. NÃO ESTÁ TUDO BEM. ESTÁ TUDO O CONTRÁRIO DE BEM.

— Tudo ótimo.

Ele sorriu de lado, de um jeito que parecia demais com o irmão e me fez ficar ali paralisada segurando a maçaneta da porta do banheiro como se eu quisesse reivindicá-la para mim.

— Tu tens certeza? Porque eu posso chamar a sua mãe e...

— Tenho certeza absoluta — insisti.

— Tudo bem — ele deu de ombros. — Tu só deves estar muito ansiosa, né.

Quase engasguei com a minha própria saliva. Estava tão óbvio assim?

— Não tenho motivo pra ficar ansiosa, Leo, qual é — falei tentando descontraír, mas agindo como um robô com defeito.

Leo estreitou os olhos na minha direção e cruzou seus braços delgados.

— Só porque eu tenho treze anos não significa que eu sou burro.

Arregalei os olhos.

— Mas eu não acho que você seja burro.

— Então não insulte a minha inteligência.

— Como é que... Eu não... Do que você está falando, exatamente? — perguntei confusa.

Leo bufou claramente irritado por eu o estar subestimando. Mas eu estava falando sério, eu não fazia ideia do que ele estava falando.

Aquele menino às vezes era muito estranho.

— Eu sei que você e o Guto se gostam. Descobri antes de todo mundo — ele me respondeu, orgulhoso da sua própria esperteza.

Bem, o que é que se responde a uma coisa dessas?

Meu queixo simplesmente caiu.

— Como... Como...

— Eu o vi saindo do seu quarto numa noite e vocês estavam se beijando — ele me lançou um olhar provocativo. — Na *boca*.

Meu santo Deus. Não havia mais Calíope, Calíope estava *desmaiada*.

— *Leo*.

— *Cali*.

Meu coração ia explodir, ah, ele ia explodir a qualquer momento sim.

— E você não acha, tipo, *muito estranho*?

— Eu não. Eu lá tenho que achar alguma coisa? Agora me dá licença porque eu preciso tomar banho também.

E foi assim, meus amigos, que eu levei um tiro e fui morta por um garotinho de treze anos.

Ainda atordoada, desci para tomar café da manhã e encontrei todo mundo já na sala de jantar. Apolo estava contando vantagem para Patrícia sobre como as garotas do cursinho preparatório dele fizeram uma aposta sobre qual delas ficaria mais tempo com ele. Hélio e Julia estavam em uma das suas conversinhas cheias de chamego de casal. Gabriel e Stella ensinavam Selene a fazer uma carinha com frutas em cima da sua panqueca.

Gabriel tinha começado a dormir aqui em casa, depois de muita insistência da Stella e, quem diria, apoio da minha mãe para fazer a cabeça do Otávio.

Então, basicamente, eu via tanto o Gabriel que era praticamente como se ele fosse um membro da família.

— Cali, tu estás bem? — Patrícia perguntou assim que eu me sentei ao lado dela. — Seu rosto está verde.

Todo mundo olhou pra mim, incluindo minha mãe, meu padrasto, Eduardo, Maia e Hipólita. Eu engoli em seco e balancei a cabeça.

— Está tudo bem. *Meu Deus*, por que está todo mundo me perguntando isso hoje? — resmunguei e assim fiz com que a atenção da mesa deixasse de ser eu. Minha família voltou para os seus pratos, jornais e conversinhas sem nenhum problema.

É claro que eu não era a única pessoa ansiosa para o dia de hoje. Otávio mal conseguia caber dentro de si de tanta felicidade por ele finalmente ter chegado e eu sabia que as gêmeas partilhavam do mesmo sentimento. Toda a casa havia acordado de bom humor por causa do acontecimento do dia e tudo o que nos separava dele eram apenas algumas horas.

Meu estômago se revirou e eu desviei os olhos da comida porque de jeito nenhum conseguiria comer alguma coisa. A não ser que eu quisesse ir para o banheiro no segundo seguinte.

— Aguenta firme aí, amiga — Patrícia cochichou pra mim. — Ele já está chegando.

Era fácil, muito fácil, falar.

— E você, Julia, está gostando da faculdade? — minha mãe perguntou. Julia estava no segundo semestre de serviço social e Hélio também no segundo de engenharia química. Com filhos na faculdade e outros filhos tentando entrar, era óbvio que o papo dentro de casa se resumia a esse assunto.

— Sim, bastante. Mas estou contente de poder descansar um pouco das provas aqui em Assunção.

— Será que a gente pode, pelo menos por um dia que seja, não falar sobre esse assunto — Patrícia pediu, exausta. Ela era a mais nervosa dentre nós e morria de medo de não passar para Direito. Stella estava pensando em fazer Arquitetura e Gabriel estava inclinado para Relações Internacionais, mas nenhum dos dois havia se decidido completamente ainda.

Eu queria psicologia, no Rio de Janeiro.

Apolo, bem, eu não fazia ideia do que Apolo queria da vida. Pra ser sincera, nem Apolo devia saber o que ele queria além de ser gostoso e ficar com meninas.

— Bom, acho que esse é um bom momento pra anunciar que eu fui chamado por uma agência de modelos para fazer umas fotos e, se tudo der certo, quero seguir carreira — Apolo soltou a bomba assim sem mais nem menos e deu uma mordida no seu pão francês.

— Então tu não vais fazer uma faculdade? — Otávio perguntou meio

chocado.

Meu irmão deu de ombros.

— Até vou, mas talvez eu largue se a minha carreira de modelo deslancar.

— Meu filho, um modelo! — mamãe começou a rir. — Não é que eu acho que você finalmente encontrou sua vocação?

Eu não sabia se mamãe era tão despreocupada assim por natureza ou se ela simplesmente desistiu do Apolo. Não dava para tentar entender aquela mulher maluca, mas era bom que não houvesse nenhum conflito.

Otávio ainda estava chocado, mas todo o resto da mesa concordou que Apolo tinha mesmo nascido para posar para câmeras e exibir o seu tanquinho malhado e bronzeado.

— Piá, quando tu ficares famoso, não se esquece dos amigos — Gabriel brincou e Apolo riu todo convencido.

Stella passou o braço pelo ombro do namorado e ele se virou para dar um beijo nela — porque eles simplesmente não conseguiam ficar um minuto inteiro sem uma demonstração de afeto. Vou te contar. Eram ainda piores do que o Hélio e a Julia.

Eles estavam namorando desde o final do ano passado, quando começaram a sair pra valer. Gabriel resolveu ter uma conversa séria com seus amigos a respeito da Stella e deixar bem claro que ele a amava e não iria mais ficar escolhendo entre eles e ela. Meu amigo a convenceu a falar com o pessoal sobre sua inocência no caso todo que rolou entre ela e a Sabrina e, aos poucos, eles aprenderam a aceitá-la.

Já Patrícia não se apaixonou de novo por ninguém, seu foco estava todo em passar no vestibular (seja o ENEM ou as provas específicas das Universidades em que ela se candidatou), embora ela tenha ficado com um garoto muito bonitinho do outro terceiro ano por algum tempo. Mas nada que tenha sido levado a sério.

— Acho tão engraçado esse *piá* de vocês — a Julia confessou, rindo enquanto limpava a boca suja de calda de bolo. — É incrível como os dialetos mudam de lugar pra lugar.

— O Hélió assim que voltou pro Rio estava chamando os caras de piá — Eduardo contou e todo mundo riu.

— Ah, essa eu queria ter visto — disse Stella. — Um carioca falando *piá* ao invés de *moleque* em pleno Rio de Janeiro.

— Foi engraçado — Hélió admitiu, dando de ombros. — Fui um pouco zoadado, mas não aconteceu de novo.

— Pois eu acho uma gracinha — Julia provocou, dando um beijinho no rosto dele.

Eu não disse?

— É mesmo uma gracinha — Hipólita concordou.

Por mais que eu quisesse muito, não estava em condições de ficar de conversa fiada com todos eles. De modo que dei graças a Deus quando nos retiramos da mesa e começamos a nos arrumar para sair de casa.

Eu não conseguia ficar quieta. Estava tudo vibrando dentro de mim com a expectativa, e todas as perguntas que eu tentei evitar por dez meses vinham à tona como uma avalanche irrefreável. Todas as dúvidas que eu tinha caíram sobre mim já que tudo o que eu sabia era como *eu* me sentia e só isso não era o suficiente.

Só isso poderia me fazer quebrar a cara e partir o meu coração.

Eu sabia que esse dia chegaria, embora tentasse fingir que estava longe mesmo quando faltava só uma semana. Hoje a minha vida seria decidida no único aspecto que não dependia só de mim. Hoje eu encararia a verdade sobre a força do que eu achava ser invencível, sobre os sentimentos que cultivei serem mesmo verdadeiros para o outro lado, ou não.

Mas, independentemente de tudo isso, de todos os questionamentos, de todo o medo avassalador que eu sentia, hoje eu o veria novamente. *Eu o veria novamente.*

E só de pensar nisso, nesse pequeno detalhe, todas as outras coisas pareciam insignificantes.

Será que ele havia crescido, será que o cabelo dele estava diferente, será que

ele mudou o modo de se vestir de andar de falar, será que ele cheirava igual, será que ele ainda me amava. Será que ele ainda me queria para ele, será que ele ainda achava que valia a pena bater de frente com o pai pra poder ficar comigo.

Será, será, será.

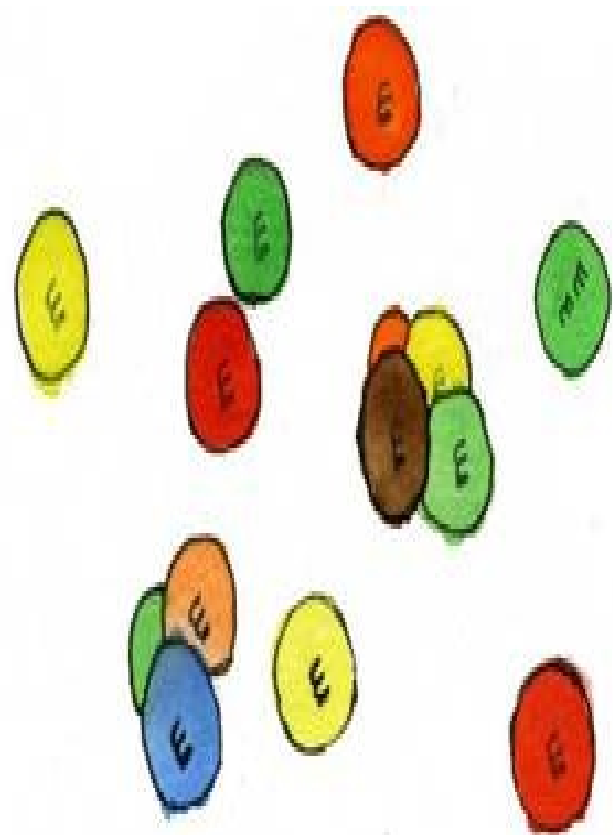
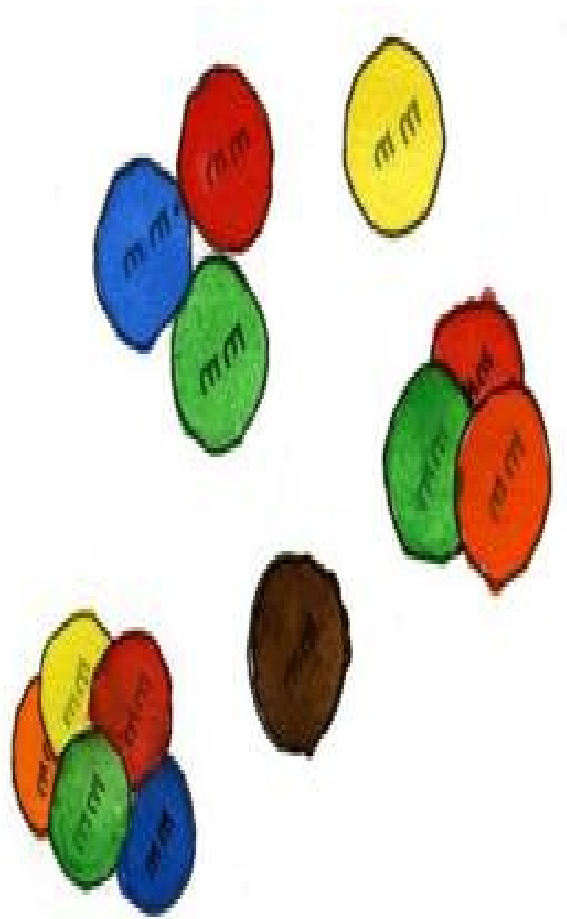
Era só nisso que eu pensava enquanto viajávamos de carro para Curitiba. Quando chegamos ao aeroporto, toda a família junta, meu sangue gelou desde a espinha até a ponta dos meus dedos do pé. Eu achei que fosse desmaiar, eu achei que meu coração fosse sair voando pela boca e me abandonar de vez.

A aeronave dele já havia pousado e fomos todos esperar em frente ao portão de desembarque. As crianças seguravam os cartazes de boas-vindas e Otávio falava sem parar de tão nervoso que estava. Ver seu filho pelo *Skype* e falar pelo telefone durante dez meses enquanto ele se aventurava pelo mundo não era o suficiente para pai nenhum. Se fosse a minha mãe, já teria perdido todos os cabelos.

Eu me sentia ao mesmo tempo ali e fora dali. Eu me sentia flutuando, sem um lugar fixo na Terra, sem conseguir suportar todos os sentimentos que se embaralhavam dentro de mim e me faziam sentir desconexa. Quanto mais se aproximava da volta dele, mais o tempo demorava pra passar.

Mas quando a porta magnética do portão de desembarque do aeroporto internacional de Curitiba se abriu e João Augusto Becker apareceu diante da nossa família, diante de *mim*, eu voltei para a Terra, para a gravidade.

E a avalanche de sentimentos finalmente me atingiu em cheio.



42. Meu Lar

Não importa por quantos anos eu viva, sempre vou me lembrar desse momento.

O exato momento em que as portas se abriram e os olhos verdes dele procuraram por nós e encontraram os meus. O exato momento em que eu sofri uma parada cardíaca e voltei à vida em câmera lenta. Quando a emoção percorreu meu corpo inteiro de uma vez só e cada fibra de mim, cada pedacinho de quem eu era vibrou em alegria.

Meus joelhos falharam momentaneamente e meus olhos se encheram de lágrimas por poderem contemplar a imagem dele mais uma vez depois de tantos meses.

Era uma espécie de milagre poder vivenciar uma sensação tão intensa como essa.

João Augusto era exatamente como eu me lembrava, mas, ao mesmo tempo, completamente diferente. Seus olhos eram os mesmos e ele ainda tinha a mesma altura, mas os cabelos castanhos estavam um pouco mais curtos e havia um rastro de barba por fazer no seu rosto.

Seu rosto.

Era a minha perdição e a minha salvação. Sereno como a noite, intenso como um dia de verão. Olhos verdes que diziam tudo sem palavras e ângulos tão bonitos que tudo o que eu queria era ficar ali olhando para ele e poder beijar cada centímetro da pele branquinha que o revestia.

Nos ombros largos uma mochila, na mão a alça da mala que ele puxava. Ele parecia mais velho, mais rico, mais cheio de si e de tudo. Como se, de alguma forma, a bagagem que adquiriu para dentro de si fosse infinitamente maior do que aquela que ele carregava.

Mas havia mais em seus olhos. Havia algo que eu conhecia muito bem, porque era desse jeito que ele olhava para mim. Eles transbordavam daquilo, daquele sentimento escondido, daquela saudade assassina, daquele desejo irrefreável. E naquele momento eu vi, eu soube naquele olhar que eu estava certa.

Quando nossos olhares se encontraram foi como um eclipse lunar, foi como um choque entre o nosso planeta e o mundo real porque eles queriam ser o mesmo, de uma vez por todas.

Ele apressou o passo, quase correndo, correndo para mim. Largou a mochila no chão, deixou a mala no meio do caminho e correu, correu de verdade, e quando eu me dei conta ele estava aqui firme, forte, real, concreto com seus braços em volta de mim e os meus braços estavam em volta dele e eu estava chorando em seu peito e eu sentia a vibração do seu peito enquanto ele chorava sobre a minha cabeça e

Num segundo

Seus lábios

Tocaram os

Meus

E foi como se eles nunca tivessem se separado, foi como se eu já tivesse nascido sabendo como beijá-lo e como mantê-lo conectado a mim por essa força que nos unia e parecia uma espécie de mágica milagrosa.

Os seus braços me seguravam enquanto sua língua dançava com a minha a valsa dos apaixonados e eu me abri como uma flor, me deixei preencher pelo gosto daquele garoto me invadindo e me transformando em algo que não era mais só, em algo que era dele.

Naquele momento, eu era dele.

Me entreguei para ele sem nem precisar pensar no que estava fazendo, porque, no fundo, pensamento racional nenhum me faria impedir o que estava acontecendo entre nós dois.

Ele beijou meus lábios uma duas três quatro vezes e segurou meu rosto entre as mãos como se mal pudesse acreditar que estava me tocando.

Que eu era real.

Que eu existia além dos seus sonhos.

Eu segurei o seu rosto também e o puxei de novo para outro beijo e ele mordeu o meu lábio e o meu peito finalmente explodiu porque não era capaz de

suportar tamanha alegria.

— Ah, minha guria, como eu te amo — ele disse; a voz soando como música para os meus ouvidos, me fazendo dizer “Amém, amém!” por poder ouvi-la mais uma vez. — Eu senti tanto a sua falta, todos os dias.

— Eu te amo muito, Augusto. Se você não quiser ficar comigo eu acho que vou ser obrigada a te sequestrar e te fazer meu refém pelo resto da vida — eu falei e então comecei a chorar e ele me envolveu com seu corpo e beijou o topo da minha cabeça.

Então nos viramos para o resto da nossa família, que nos contemplava com rostos ora confusos, ora contentes, ora chocados. Dependia de para qual rosto se olhasse.

João segurou minha mão e me puxou, indo em direção ao seu pai — que era um dos chocados. João parou na frente dele com uma expressão determinada no rosto, uma expressão de quem não poderia ser detido por ninguém.

E disse:

— Um dia, pai, eu vou me casar com ela. E eu espero muito que tu possas nos dar a sua bênção. Mas, se não puder, ainda assim eu vou me casar com ela.

E o meu queixo com certeza cairia se eu descobrisse como é que se fazia para parar de derramar lágrimas.

Otávio ainda estava chocado demais para responder, mas minha mãe passou à sua frente e estendeu os braços para poder abraçar o João. Havia lágrimas nos seus olhos também, mas algo me dizia que não eram de tristeza.

— Bem-vindo de volta, meu querido — ela disse no abraço. Então o afastou para poder olhar pra ele e em seguida me encarou também e balançou a cabeça. — Acho que vocês encontraram um ao outro, não é? — disse ela, a eterna romântica, se rendendo à cena que acabou de presenciar.

E foi como se o peso de um pequeno país inteiro saísse de dentro de mim. Eu suspirei e abracei a minha mãe, e todo o resto da família saiu do transe inicial e veio abraçar e cumprimentar o João por ele estar de volta.

— Me desculpa por ter me apaixonado por ele, mãe — eu pedi a ela entre seus cabelos ruivos, agarrando-a forte com meus braços, com medo de soltá-la.

— Mas eu não vou mais tentar ficar longe dele. Eu não posso mais. Nós vamos juntos para a faculdade no Rio e vamos ficar juntos a partir de agora.

Minha mãe acariciou os meus cabelos e as minhas costas e disse:

— Eu sei, meu bem. Eu sei. Nós todos vamos aprender a lidar com isso. Eu prometo a você.

Nós nos separamos e a minha mãe secou a minha bochecha antes de beijá-la. João estava sendo agarrado pelas duas irmãs e pelas crianças ao mesmo tempo e todos sorriam e todos riam e todos cantavam as canções das pessoas felizes.

Ele olhou para mim e mais uma vez eu tive certeza de que era ali o meu lugar, era ali o meu lar: ao lado daquele garoto. E eu estava mais do que pronta para viver com ele todas as aventuras que a vida nos reservava pela frente.

Ele finalmente conseguiu se desvencilhar de todos e veio correndo para mim de novo enquanto Eduardo e Hélio pegavam a bagagem dele esquecida no chão. Nossos irmãos e irmãs tagarelavam alto, de um jeito que só onze vozes juntas poderiam conseguir. Seguimos todos juntos para o estacionamento do aeroporto, porque iríamos almoçar fora. Aquele era um dia para se comemorar.

Mas, antes disso, João me puxou e me fez esperar um segundo enquanto eles avançavam.

— Nossos planos. Eles continuam os mesmos, certo? Vamos juntos para onde tu quiseres ir, eu vou te seguir nem que seja para o Inferno — ele disse e soltou uma risada tão gostosa, tão feliz, que me fez gargalhar junto.

Eu segurei o rosto dele e ele me segurou pela cintura.

— E da próxima vez que você for viajar, vai ter que me levar contigo.

Os olhos dele brilharam de empolgação só com a ideia.

— Ah, ruivinha, eu tenho tanto pra contar. Eu vi tanta coisa, eu vivi tanta coisa... Só faltava mesmo tu comigo. Agora eu não me separo de ti nunca mais.

João Augusto beijou os meus lábios mais uma vez naquele dia e eu flutuei pelo universo, através das galáxias, em questão de segundos. Ele tocou minha testa com a sua, mantendo meu corpo ainda preso ao dele.

— Não importa aonde eu vá, é pra você que eu sempre vou querer voltar. Tu

és a minha casa.

Como é que eu poderia responder a isso senão assim:

— Você é o meu telhado debaixo da janela — eu disse e ele gargalhou alto.

— Fico feliz de ser o seu lugar preferido.

Ele beijou minha bochecha e eu beijei o seu queixo e ele beijou a minha testa.

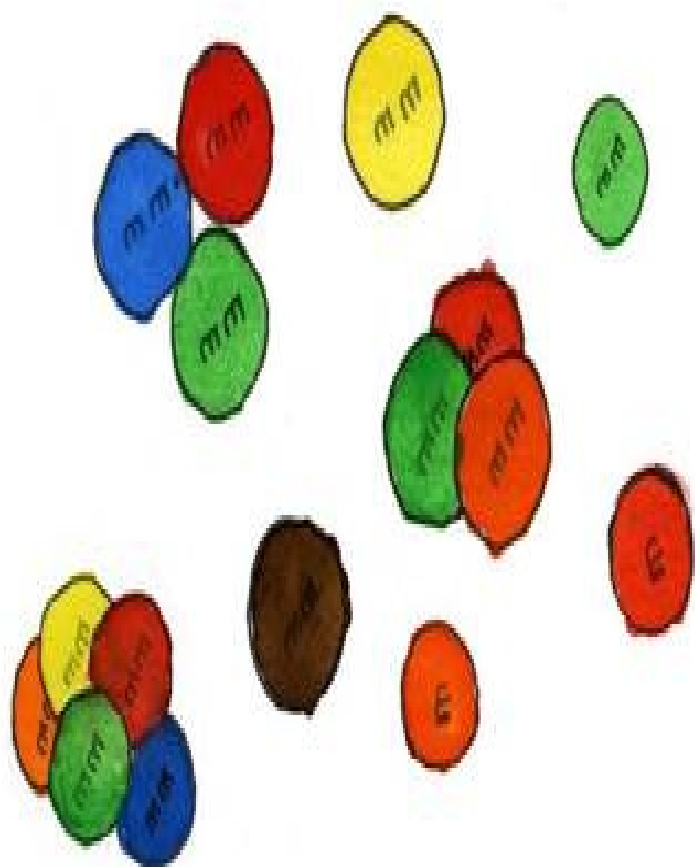
— No mundo inteirinho!

— Ah, ruivinha...

Então João e eu entrelaçamos nossos dedos unidos e andamos em direção à saída do aeroporto. Mas eu sentia como se estivéssemos fazendo uma caminhada muito mais longa, rumo a algum lugar que só saberíamos qual quando chegássemos.

Mas ele era o meu Norte, ele era a minha casa também. E enquanto eu estivesse com ele eu sabia que ficaria bem. Afinal, estávamos nessa juntos desde o início até o final, e o que sentíamos era forte o suficiente para sustentar o peso de nós dois.

E isso... Ah, isso ninguém, *já* *mais*, poderia tirar de nós.



Epílogo

Como grãos de areia em um deserto, os segundos eram contados.

Amontoavam-se uns sobre os outros, unidos em uma unidade que parecia indivisível a não ser que se olhasse de muito longe. Em meus dedos, os grãos de areia escorriam como veias do meu corpo, carregando o mesmo sangue que meu coração bombeava aos solavancos.

Derretiam-se pela minha pele, sem parar, sem sequer uma fração de dúvida não mecânica. O que havia ido, não mais voltaria. O que havia sido, outra vez jamais seria. E novos grãos de areia se arrastarão por entre o que somos e nos impulsionarão para frente.

Em minhas mãos, estava o tempo.

A ampulheta girava e o futuro e o passado se separavam como entidades diferentes. O futuro nada mais é do que grãos de areia que ainda não caíram, enquanto o passado são dunas inteiras, cheias de memórias verdadeiras e falsas. Mas, se tudo acontece no momento certo, quem é o responsável por determinar?

Eu nunca acreditei em coincidências. Eu acredito em oportunidades.

E então, assim, aprendi a manipular o tempo.

Por todos os grãos de areia que se esparramaram sobre mim, e me tornaram o que sou hoje e me levaram a lugares inimagináveis. Sou eu quem os determina? Sou eu, certamente, quem os aceita ou os deixa partir para desenhar o futuro de outro alguém.

Mas será que existe em mim alguma maneira de recusar o que já está escrito? Se é que algo se escreve antes mesmo de acontecer.

O tempo voa invisível e traz todas as respostas que existem, porém nem todas as perguntas têm uma resolução.

Ainda.

Quais serão os próximos grãos de areia reservados para mim? Ah, se eu pudesse vê-los! Será que mudaria alguma coisa? Será que eu tomaria um novo rumo e, ao fazer isso, transformaria toda a minha vida em algo que não era meu,

que não era pra ser?

Balancei a cabeça, rindo de mim mesmo. O tempo não foi feito para ser espiado adiante, somente para ser contemplado atrás. E, enquanto ele corre, eu posso senti-lo. Sentir suas engrenagens se movendo e modificando tudo ao meu redor, quase que imperceptíveis.

É preciso prestar muita atenção.

O tempo passa e ele muda tudo aquilo que somos, mas nem mesmo o tempo é força poderosa o suficiente para conseguir diluir os sentimentos verdadeiros.

Para mim, os sentimentos são como uma paleta de cores.

Eles são azuis como o alicerce que une a minha gigante e maravilhosa família. Amarelos como a amizade e todas as coisas verdadeiras entre pessoas que simplesmente se escolhem. São verdes como a generosidade e a capacidade de amar ao próximo. Também podem ser negros ou agrídoces, ou angustiantes como o cinza e o chumbo.

Mas, para ela, eles são sempre vermelhos.

Calíope Medina e seus cabelos rubros, a rainha dentre todas as Musas, a musa da poesia e da eloquência, a filha de Zeus. A pedra no meio do meu caminho, a melhor coincidência que já tive o prazer de aceitar em toda a minha vida.

Nós somos a prova viva do que o tempo é capaz. Da força que ele tem sobre nós e também da que não tem. *Só o tempo pode dizer*, era algo que sempre ouvia desde criança, na minha cidadezinha escondida dentro do Paraná. Antes de eu sair e ganhar o mundo, antes de eu me apaixonar, antes de eu saber o que hoje sei.

E o tempo me disse. O tempo sussurra e ele grita, preenche e sufoca como versos de uma poesia que se escreve muito lentamente. A maior poesia de todas; aquela que vivemos constantemente do instante em que abrimos os olhos para um novo dia até o momento em que os sonhos ganham a batalha contra a consciência.

E nos meus sonhos ela riu e eu ri e o mundo riu ao nosso redor e dentro de nós. Como a mais bela dentre as canções que o tempo carregará para longe,

E avante ele seguirá.

Agradecimentos

O processo de publicação desse livro, assim como tudo o que diz respeito a ele desde que comecei a postá-lo no Wattpad, foi *muito* especial. Quero agradecer primeiramente aos meus pais e irmã por todo o apoio emocional e por sempre acreditarem em mim. Agradeço imensamente ao time da Duplo Sentido (Juliana Sobreira Catalão, Marcele Cambeses, Tamara Soares e Vanessa S. Marine) por serem as melhores parceiras do mundo! Esse é o nosso primeiro bebê de muitos e eu mal posso esperar pelo que faremos a seguir.

Um obrigada mais do que especial à Gabriella Regina e à Vanessa Leal, por terem sido minha luz no fim do túnel quando mais precisei. Também à Lucia Riff e Miriam Campos, da Agência Riff, e aos herdeiros do Carlos Drummond de Andrade por terem me permitido a honra de usar o poema “No meio do caminho” na íntegra dentro desse livro. Obrigada aos amigos por todo o amor e confiança e, principalmente, obrigada a você, leitor, que acompanhou o crescimento de SOMT desde a internet. Você que fez SOMT se tornar o que é hoje e me deu a coragem necessária, quando eu menos esperava, para não desistir do meu sonho.

Obrigada por cada uma das nossas madrugadas cheias de alvoroço, pelos comentários mais incríveis, engraçados e fofos que já li na minha vida. Obrigada até mesmo por todas as ameaças de morte, pelas as idas à Cova Coletiva, pelas *hashtags* malucas, os *ships* e o sofrimento nosso de cada quinta-feira. Obrigada por cada declaração de amor e por terem me deixado entrar nas suas vidas em forma de palavras.

Agora somos uma família maior ainda do que os Medina-Becker e isso, meus queridos, ninguém *já* podrá tirar de nós. Leitores novos, sejam mais do que bem-vindos! Vejo vocês todos no próximo volume da série.

Beijos e queijos, câmbio desligo.

Sobre a autora



BRUNA FONTES

nasceu em 1993 durante uma baita tempestade de agosto, na cidade de Niterói. Começou a escrever quando descobriu o maravilhoso mundo das histórias online e depois disso nunca parou. É revisora, tradutora e professora, além de preguiçosa profissional. Em outra vida foi Anastásia

Romanov, ainda quer conhecer o mundo todo e a sua única certeza é a de que estará sempre preparando um próximo livro.



@queenbrubs

Conteúdo Extra

Já está com saudades dos personagens deste livro?

Calma, porque preparamos vários conteúdos extra pra você!

Leia os outros livros da série Medina-Becker:

1. Sob o Mesmo Teto
2. Sobre[o]postos
3. Superlativo
4. Submarino

Disponíveis em ebook e livro físico.

Baixe *gratuitamente* os spin-offs da série direto do nosso site:

www.duplosentidoeditorial.com

Escute também a playlist do livro do [Spotify](#).



@duplosentidoED

Próxima Parada

Bruna Fontes e outras 6 autoras nacionais se reuniram para compartilhar histórias inéditas. E o melhor? O livro é grátis!



Baixe agora gratuitamente direto no nosso [site](#).



[1] Personagem do livro *La La Land – O Sonho Americano*, também da autora Bruna Fontes.

[2] Trecho retirado de *Cough Syrup*, música da banda Young the Giant composta por Ehson Hashemian, parte do álbum *Young the Giant* distribuído no Brasil pela Warner Music

[3] Trecho retirado de *I Of the Storm*, música da banda Of Monsters and Men composta por Ragnar

Thorhallsson, Nanna Bryndis Hilmarsdottir e Arnar Rosenkranz Hilmarsson. Parte do álbum *Beneath the Skin*, distribuído no Brasil pela Universal Music.